



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

**FORMAÇÃO, CAPACITAÇÃO, CARREIRA E
INTERVENÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA
NA PERSPECTIVA DE TREINADORES PARALÍMPICOS
BRASILEIROS**

CLÁUDIO SILVÉRIO DA SILVA

Tese apresentada ao Instituto de
Biotecnologia do Campus de Rio Claro,
Universidade Estadual Paulista, como
parte dos requisitos para obtenção do título
de Doutor em Ciências da Motricidade.

**RIO CLARO
Estado de São Paulo – Brasil
2018**



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

**FORMAÇÃO, CAPACITAÇÃO, CARREIRA E INTERVENÇÃO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA DE TREINADORES PARALÍMPICOS
BRASILEIROS**

CLÁUDIO SILVÉRIO DA SILVA

Tese apresentada ao Instituto de
Biotecnologia do Campus de Rio Claro,
Universidade Estadual Paulista, como
parte dos requisitos para obtenção do título
de Doutor em Ciências da Motricidade.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Janotta Drigo

RIO CLARO
Estado de São Paulo – Brasil
2018

S588f	<p>Silva, Cláudio Silvério</p> <p>FORMAÇÃO, CAPACITAÇÃO, CARREIRA E INTERVENÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA DE TREINADORES PARALÍMPICOS BRASILEIROS / Cláudio Silvério Silva. – Rio Claro, 2019 230 p.</p> <p>Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro Orientador: Alexandre Janotta Drigo</p> <p>1. Formação profissional. 2. Desenvolvimento profissional. 3. Desporto paralímpico. 4. Treinadores. I. Título.</p>
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: Formação, capacitação, carreira e intervenção profissional em educação física na perspectiva de treinadores paralímpicos brasileiros

AUTOR: CLAUDIO SILVERIO DA SILVA


ORIENTADOR: ALEXANDRE JANOTTA DRIGO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE, especialidade: PEDAGOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA pela Comissão Examinadora:


Prof. Dr. ALEXANDRE JANOTTA DRIGO
Docente credenciado no PPG em Ciências da Motricidade / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP


Prof. Dr. LEANDRO CARLOS MAZZEI
Departamento de Saúde, Ciências do Esporte e Nutrição / UNICAMP - Faculdade de Ciências Aplicadas de Limeira - SP

Prof. Dr. RUI MANUEL COELHO RESENDE
Departamento de Educação Física e Desporto / Instituto Universitário da Maia - ISMAI - Portugal


Prof. Dr. LEONARDO JOSÉ MATARUNA DOS SANTOS
The American University in the Emirates / Dubai UAE


Prof. Dr. CIRO WINCKLER DE OLIVEIRA FILHO
Curso de Educação Física / Universidade Federal de São Paulo - SP

Rio Claro, 17 de agosto de 2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente:

À minha amada esposa Adriana Sampaio pela compreensão e apoio ao longo do doutorado;

Ao amigo e orientador Prof. Dr. Alexandre Janotta Drigo pela confiança em minha pessoa, dedicação e orientações fundamentais para o desenvolvimento dessa tese;

Aos colegas do GEPPEF (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Profissão Educação Física), quanto à disposição e colaboração;

Aos membros da banca examinadora pelas colaborações atentas ao estudo;

Aos treinadores paralímpicos do Comitê Paralímpico Brasileiro, os quais tive o prazer de conhece-los, e pelo aceite de participação de maneira gentil com essa pesquisa;

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001;

RESUMO

Esse estudo teve como objetivo, levantar na perspectiva de treinadores paralímpicos brasileiros, elementos de responsabilidade da formação inicial em Educação Física (EF); da capacitação profissional para intervenção no desporto paralímpico; as perspectivas de carreira profissional e as diferenças de intervenção profissional entre desporto olímpico e paralímpico. Quanto à metodologia foi utilizada a abordagem qualitativa de pesquisa, sendo o instrumento metodológico a entrevista semiestruturada e a análises dos dados através da Análise de Conteúdo (AC). Participaram do estudo catorze treinadores das seleções nacionais paralímpicas das modalidades: atletismo e natação. Os resultados demonstraram que o ingresso na carreira de onze participantes foi ocasional, e três ingressaram por opção. Quanto aos elementos de responsabilidade da formação inicial em EF, foram levantados: os conteúdos relacionados à classificação desportiva; deficiências; modalidades paralímpicas; prática; abrangência dos currículos de EF; isolamento do desporto paralímpico nos currículos; possibilidade de aproximação entre CPB e a Universidade; formação continuada através dos cursos da APB; experiências de contato com pcd, e o domínio da modalidade desportiva, desde que o treinador já tenha sido praticante da mesma. Os elementos para a capacitação segundo os participantes foram: certificação através dos cursos da APB; pós-graduação em nível superior; prática; conhecimentos específicos, sendo esses: a fisiologia, biomecânica e o treinamento desportivo. As perspectivas de carreira, foram consideradas, de maneira unanime, promissoras, nos seguintes aspectos: insatisfação com o desporto olímpico e migração para o paralímpico; possibilidade de ingressar na carreira por opção; desenvolvimento organizacional e técnico do desporto paralímpico nacional; valorização financeira; demanda de profissionais nesse campo de trabalho; ascensão profissional; investimento financeiro no desporto paralímpico e autonomia na gestão da carreira. Quanto às diferenças entre desporto olímpico e paralímpico os participantes ressaltaram a adaptação e a técnica enquanto expedientes da intervenção; conhecimentos sobre as deficiências e as relações com pais de atletas e entre treinador e atletas. Desta maneira, a partir dos dados analisados, propomos os seguintes encaminhamentos: Em relação à formação inicial em EF, no que tange à formação do bacharel, é necessária uma formação direcionada ao desenvolvimento das capacidades e habilidades à intervenção, definindo procedimentos, e propiciando ao graduando orientação para a construção de carreira profissional. A capacitação é o momento de aprimoramento, sendo assim, é necessário pensar em uma continuidade de formação, por exemplo, a residência, semelhantemente à médica e a pedagógica. No que tange à carreira, o desporto paralímpico, assim como o desporto convencional, dependem ainda dos investimentos privados e estatais. Para tanto, ambos, deveriam fazer parte de uma política de estado com melhor remuneração e valorização profissional de treinadores. No que diz respeito à intervenção profissional, essa deve ser favorecida pelas pesquisas aplicadas, aproximando ciência da realidade dos treinadores; democratização profissional através de concursos públicos; e comprometimento entre Ministério do Esporte, CPB e Universidade. No que tange, à conclusão da tese, destacamos que: o ingresso ocasional indica, além da ausência do desporto paralímpico na formação, a incipiente preparação das instituições formadoras quanto à orientação de construção de carreira no desporto paralímpico, pois uma formação adequada pode favorecer o ingresso por opção. A formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico, na perspectiva de disciplinas, é um limite que fragiliza a própria formação. As capacitações existentes é um encaminhamento,

porém pouco divulgadas, para que egresso em EF acessem as mesmas, sendo necessário formalizar parcerias entre Universidade e CPB. As perspectivas de carreira, embora tenha sido considerada promissoras, dependem de investimentos médio e longo prazo, e de mobilização política em torno do desporto paralímpico, enquanto política estatal. Em relação às diferenças de intervenção profissional entre desporto olímpico e paralímpico, conclui-se que as especificidades do desporto paralímpico demandam formação e capacitação dos treinadores com base em conhecimentos científicos, pedagógicos e tecnológicos na definição de procedimentos para a intervenção. Desta forma, a formação, capacitação, carreira e intervenção, são aspectos vinculados que propõe construção de carreira profissional, perspectivas ainda pouco explorados na área na EF e no desporto paralímpico, diferentemente das engenharias e tecnologias.

Palavras chave: Formação Profissional; Desenvolvimento Profissional; Desporto Paralímpico; Treinadores.

ABSTRACT

This study aimed to raise, from the perspective of Brazilian Paralympic coaches, elements of responsibility for initial training in Physical Education (PE); professional training for intervention in Paralympic sports; career prospects and differences in professional intervention between Olympic and Paralympic sports. As for the methodology, the qualitative research approach was used, and the methodological instrument being the semistructured interview and the analysis of the data through Content Analysis (CA). Fourteen coaches of the National Paralympic teams of athletics and swimming participated in the study. The results showed that the admission to the career of eleven participants was occasional, and three entered by choice. Regarding the elements of responsibility for initial training in PE, the contents related to the classification of sports were raised; type of impairment; Paralympic modalities; practice; comprehensiveness of EF curricula; isolation of paralympic sport in curricula; possibility of an approximation between CPB and the University; continuing training through APB courses; experiences of contact with person with impairment, and the mastery of the sport, in a way that has already been, or is a practitioner of the same. The elements for the training according to the participants were: certification through APB courses; postgraduate studies; practice; knowledge, including physiology, biomechanics and sports training. Career prospects were considered unanimously promising in the following aspects: dissatisfaction with Olympic sport and migration to the Paralympic; possibility of entering the career by choice; organizational and technical development of the national Paralympic sport; financial valuation; demand of professionals in this field of work; professional ascension; financial investments in Paralympic sport and autonomy in career management. As for the differences between Olympic and Paralympic sports, the participants emphasized adaptations and technique as intervention files; knowledge about disabilities and relationships with parents of athletes and between coaches and athletes. In this way, based on the data analyzed, we propose the following referrals: In relation to the initial formation in EF, in what concerns to the formation of the bachelor, it is necessary a formation directed to the development of the capacities and abilities to the intervention, defining procedures, and providing to the graduating orientation for the construction of professional career. The training is the moment of improvement, so it is necessary to think about a continuity of training, for example, the residence, similar to medical and pedagogical. Paralympic sports, as well as conventional sports, also depend on private and state-owned investments. To do so, both should be part of a state politics with better pay and professional appreciation of coaches. With regard to professional intervention, this should be favored by applied research, bringing science closer to the reality of coaches; professional democratization through public tender; and commitment between the Ministry of Sports, CPB and University. Regarding the conclusion of the thesis, we conclude that: the occasional admission indicates, in addition to the absence of Paralympic sport in the formation, the incipient preparation of the training institutions regarding the orientation of career building in the Paralympic sport, since adequate training can favor the ticket option. The initial training in EF in relation to Paralympic sport, from the perspective of disciplines, is a limit that weakens the training itself. The existing training is a referral, but little publicized, so that egress in EF access them, and it is necessary to formalize partnerships between University and CPB. Career

prospects, while considered promising, depend on medium- and long-term investments, and on political mobilization around Olympic and Paralympic sport as state policy. Regarding the differences of professional intervention between Olympic and Paralympic sports, it is concluded that the specificities of the Paralympic sport require the training and qualification of the trainers based on scientific, pedagogical and technological knowledge in the definition of procedures for the intervention. In this way, the training, qualification, career and intervention are related aspects that propose a professional career construction, perspectives still little explored in the EF and the Paralympic sport, unlike the engineering and technologies.

Keywords: Vocational Training; Professional Development; Paralympic Sports; Coaches.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABDEM	Associação Brasileira de Desporto de Deficientes Intelectuais
ABRADECAR	Associação Brasileira de Desportos em Cadeira de Rodas
ABRC	Associação Brasileira de Rugby em Cadeira de Rodas
ABT	Academia Brasileira de Treinadores
ANDE	Associação Nacional de Desporto para Deficientes
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
APB	Academia Paralímpica Brasileira
AC	Análise de Conteúdo
ASC	Australian Sport Commission
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CBBC	Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas
CAC	Coaching Association of Canadá
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBBd	Confederação Brasileira de Badminton
CBC	Confederação Brasileira de Ciclismo
CBH	Confederação Brasileira de Hipismo
CBDN	Confederação Brasileira de desportos na Neve
CBDV	Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais
CBO	Código Brasileiro de Ocupações
CBR	Confederação Brasileira de Remo
CBT	Confederação Brasileira de Tênis

CBT	Confederação Brasileira de Tiro com Arco
CBTM	Confederação Brasileira de Tênis de Mesa
CBTRI	Confederação Brasileira de Triathlon
CBVD	Confederação Brasileira de Voleibol para Deficientes
CENESP	Centros de Excelência Esportiva
CES	Câmara de Educação Superior
CFE	Conselho Federal de Educação
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNE	Conselho Nacional de Educação
CPB	Comitê Paralímpico Brasileiro
CONFED	Conselho Federal de Educação Física
CPISRA	Cerebral Palsy International Sport and Recreation Association
CREF	Conselho Regional de Educação Física
EF	Educação Física
EFA	Educação Física Adaptada
ICCE	International Council for Coaching Excellence
IBSA	International Blind Sports Federation
IES	Instituições de Ensino Superior
INAS	International Sports Federation for Athletes with Intellectual Impairments
IPC	International Paralympic Committee
IPDJ	Instituto Português de Deporto e Juventude
ISC	Irish Sport Council
ISMGF	International Stoke Mandeville Games Federation
IOB	Instituto Olímpico Brasileiro

IOSD	International Organizations of Sports for the Disable
IWAS	International Wheelchair and Amputee Sports Federation
JP	Jogos Paralímpicos
OMS	Organização Mundial da Saúde
MAS	Múltipla Atrofia dos Sistemas
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PCD	Pessoas com Deficiência
RU	Reino Unido
SORRI	Sociedade de Reabilitação e Reintegração do Incapacitado
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCB	Universidade Católica de Brasília
UGF	Universidade Gama Filho
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. Entidades filiadas ao CPB.....	22
TABELA 2. Entidades reconhecidas pelo CPB	23
TABELA 3. Instrumento de coleta de dados: Roteiro de entrevista semiestruturada.....	48
TABELA 4. Pareceres dos avaliadores.....	49
TABELA 5. Instrumento de coleta de dados reformulado após os pareceres dos avaliadores.	50
TABELA 6. Dados gerais dos participantes.....	57
TABELA 7. Perfil profissional e desportivo paralímpico dos treinadores participantes	59
TABELA 8. Ingresso no desporto paralímpico.....	61
TABELA 9. Histórico pessoal da formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico.....	64
TABELA 10. Elementos da formação inicial em EF para atuação no desporto paralímpico.....	67
TABELA 11. Elementos de uma capacitação profissional para a construção de carreira no desporto paralímpico.....	70
TABELA 12. Perspectivas para a construção de carreira no desporto paralímpico.....	74
TABELA 13. Diferenças entre desporto olímpico e paralímpico na intervenção profissional do treinador.....	77

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Problematização e Questões de estudo	13
1.2 Justificativa	16
1.3 Objetivos.	18
2. REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA	
2.1 Desporto Paralímpico e Jogos Paralímpicos	19
2.2 Desporto Paralímpico no Brasil: Histórico e Organização	21
2.3 Desporto Paralímpico: Características.....	24
2.4 Profissão e Declínio do Artesanato	25
2.5 Profissão e Ciência	27
2.6 Profissão Educação Física no Brasil.....	29
2.7 Formação Inicial em Educação Física e Desporto Paralímpico	32
2.8 Capacitação Profissional de Treinadores para o Desporto Paralímpico.	35
2.9 Carreira Profissional de Treinadores no Desporto Paralímpico	38
2.10 Intervenção do Treinador no Desporto Paralímpico	41
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	44
3.1 Participantes do estudo.....	46
3.2 Instrumento de pesquisa.....	47
3.3 Tratamento dos dados.....	52
4. RESULTADOS	55
5. DISCUSSÃO	79

6. APONTAMENTOS: Limites do estudo.....	103
7. ENCAMINHAMENTOS	103
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
9. CONCLUSÃO	111
REFERENCIAS	113
ANEXOS.....	128
APENDICES	135

APRESENTAÇÃO

Enquanto profissional de educação física, minha trajetória esteve vinculada, desde o início da carreira atuando junto a pessoas com deficiência (pcd) em instituições especializadas em reabilitação. A primeira foi a Associação de Pais e Amigos do Excepcional (APAE), e a segunda, a Sociedade de Reabilitação e Reintegração do Incapacitado (SORRI). Nestas instituições, a minha intervenção profissional tinha como um dos objetivos a ministração do desporto como um dos conteúdos aos clientes.

Sendo assim, motivado em aperfeiçoar minha intervenção profissional, trilhei caminhos para aquisição de conhecimentos e capacitações através de especializações curtas e a longo prazo, tendo em vista que a minha formação inicial não proporcionou possibilidades de conhecimentos necessários para atuar com pcd.

Neste sentido, um dos meus investimentos acadêmicos se deu com a oportunidade de ingressar no programa de pós-graduação em Ciências da Motricidade na linha de pesquisa: Formação Profissional e Campo de Trabalho em Educação Física e Esporte da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) de Rio Claro/SP no ano de 2009, e concluir o mestrado acadêmico no ano de 2011, tendo entregue a dissertação com o título: A Educação Física Adaptada (EFA) no Contexto da Formação Profissional: Implicações Curriculares para os Cursos de Educação Física, cujo objetivo foi o de verificar a disciplina curricular EFA e similar nos cursos de licenciatura e graduação/bacharelado em Educação Física e Esporte nas três Universidades públicas estaduais do estado de São Paulo/Brasil.

Dentro deste contexto, consideramos a representatividade quanto à excelência de ensino, pesquisa e extensão destas instituições referidas e de seus docentes em suas qualificações, bem como estas Universidades já apresentavam em seus currículos a disciplina EFA, mesmo antes da proposta curricular de 1987.

Os participantes foram seis docentes com larga experiência no ensino superior, e, após analisarem os resultados, os apontamentos principais foram que as disciplinas: se caracterizaram tendo como um dos conteúdos o modelo médico de deficiência; utilizavam estratégias de ensino através de vivências simuladas e do contato dos graduandos com pcd nas atividades de extensão universitária como suporte para o ensino e pelo caráter mais informativo do que formativo.

A partir destes apontamentos sugerimos os seguintes encaminhamentos, quais sejam, que o desenvolvimento de pesquisas aplicadas à intervenção fosse mais valorizado e a possibilidade de propostas de interação entre as disciplinas, por exemplo, fisiologia do exercício, teoria do treinamento e as disciplinas desportivas pudessem abordar, não de forma exclusiva, aspectos da treinabilidade de atletas com deficiência.

As influências deste estudo do mestrado, aliadas ao meu ingresso como docente no ensino superior na ministração de conteúdos de educação física adaptada para pcd, influenciaram para que eu pudesse dar continuidade no doutoramento tendo como projeto levantar elementos para o desenvolvimento de carreira para profissionais de educação física que atuam no desporto adaptado na vertente paralímpica.

Decidimos pelo desporto paralímpico no alto rendimento, pois tem alcançado resultados significativos em competições internacionais, fruto de investimentos públicos e privados e maior visibilidade midiática, os quais têm contribuído para o seu desenvolvimento.

Neste sentido, se buscou levantar na perspectiva de treinadores paralímpicos brasileiros de elite o que consideravam importantes para a formação profissional em educação física e capacitações de treinadores; quais especificidades quanto à intervenção profissional no desporto paralímpico em relação ao desporto convencional e as possibilidades de construção de carreira neste campo profissional.

A partir do início da coleta de dados, identificamos que os treinadores declararam sua habilitação em educação física, não havendo entre os mesmos nenhuma pcd ou ex-atleta paralímpico.

1. INTRODUÇÃO

As alterações nos âmbitos econômicos, políticos e sociais, os avanços tecnológicos, as terceirizações e o desemprego, demonstram uma tendência de instabilidade, de descontinuidade e horizontalidade no mundo do trabalho, aspectos que levam profissionais a gerenciarem suas carreiras com maior responsabilidade (BALASSIANO; VENTURA; FONTES FILHO, 2004).

Diante dessa perspectiva, não se pode descartar a necessidade de aprendizagem de novos conhecimentos e atualização, enquanto empreendimentos de uma formação profissional, condição eficaz para alcançar valorização, empregabilidade e permanência num mercado de trabalho cada vez mais exigente, o qual, além de especializado, se espera qualidade e agilidade na prestação de serviços (VELADA, 2007; NASCIMENTO, 2000).

Neste sentido, quando abordamos sobre formação profissional, de maneira ampla, esta tem apresentado evolução devido ao dinamismo dos elementos que a constituem, fundamentalmente, os clientes a serem atendidos, as instituições formadoras e os conteúdos que compõe a aprendizagem profissional (NASCIMENTO, 2006).

Fazendo um recorte em relação à formação profissional em educação superior¹, Freidson (1996) destaca, com o desenvolvimento na sociedade industrializada houve um significativo aumento de ocupações em posições de prestígio, seja no serviço público ou privado, assim como no mercado de trabalho de forma ampla, o qual exige este tipo de formação aos candidatos.

Dentro deste contexto, as etapas numa formação profissional em educação superior são distinguidas em: formação inicial, destinada à graduação de jovens e adultos, e a pós-graduação, cujo objetivo é o aperfeiçoamento e especialização (NASCIMENTO, 2002; 2006).

No entanto, além de uma formação profissional nos moldes de uma instituição de ensino superior, a aquisição de conhecimentos é um processo contínuo ao longo da vida, o qual pode ser realizado fora dos ambientes de aprendizagem das

¹No Brasil, a educação superior é uma modalidade de ensino que é ministrada em instituições de ensino superior, públicas ou privadas, com diferentes domínios e especializações, sendo seus ingressantes quem concluiu ensino médio ou equivalente e tenham sido aprovados em processo seletivo (CAVALCANTE, 2000, p.15).

Universidades ou Faculdades, como formação continuada, bem como, no modelo de capacitações no próprio ambiente de trabalho, o qual segundo Freschi, et. al. (2006) além do desenvolvimento das organizações, promovem o desenvolvimento de pessoas em suas potencialidades.

Neste cenário, se insere a formação profissional em Educação Física (EF), a qual a partir da Resolução CFE/03/87 (BRASIL, 1987a), propõe o bacharelado e a continuidade da licenciatura, buscando legitimar-se como as profissões modernas, ao compor-se de uma base de conhecimentos teóricos com fundamentos científicos. Além do âmbito acadêmico, no final da década de 1990, a EF alcançou status de profissão regulamentada através da Lei nº 9696 de 1998 (BRASIL, 1998b) com a criação do sistema: Conselho Federal de Educação Física/CONFED e Conselho Regional de Educação Física/CREF (NASCIMENTO, 2002; SOUZA NETO, et. al., 2006).

No entanto, essa busca por legitimação, na esfera acadêmica e profissional, fez com que a EF se enveredasse por diferentes subáreas, tais como o desporto, a educação escolar e a saúde e, ao mesmo tempo, ampliando as possibilidades de estudos, pesquisa e de intervenção profissional, o que trouxe à tona dificuldades quanto à definição do seu objeto de estudo no âmbito acadêmico (CESANA, 2011).

Ainda no Brasil, verifica-se, em meados da década de 1980 e 1990, questionamentos em relação à área, os quais caracterizaram, segundo Betti (1991), a verdadeira crise de identidade da EF, a qual na perspectiva de Lima (2000) teriam propósitos distintos, sendo o primeiro na década de 1980, uma crise ideológica e segundo, transitando para a década de 1990 como uma crise epistemológica.

Pode-se afirmar que, a partir de sua crise de identidade e pelo retorno de brasileiros que concluíram pós-graduação em EF no exterior, inicia-se uma trajetória de inovações no campo acadêmico da EF brasileira, com os primeiros cursos de pós-graduação no país, aumento de publicações especializadas e de eventos científicos da área (DAOLIO, 1997).

Paralelamente aos movimentos da EF, quanto a currículo e profissionalização, o acesso pela população a serviços relacionados à prática de atividades físicas, expansão do “fitness” através das academias, o exercício físico e o desporto, conseqüentemente aumentou a demanda de recursos humanos habilitados para atendimento nestes espaços de intervenção profissional (BARROS, 2006), sendo a

formação inicial (graduação) em EF, a chancela para atuação profissional, juntamente com a ampliação do mercado de trabalho, proporcionando oportunidades de desenvolvimento de carreira, nos serviços públicos e privados.

Dentre os diferentes campos de atuação dos profissionais de EF, o desporto de alto rendimento, se constitui em atrativo para construir carreira, embora seja bastante seletivo para oferecer vagas. Um segmento no qual, a ciência se faz cada vez mais presente, um momento oportuno para se fazer um recorte sobre o desporto paralímpico e atuação de treinadores.

Especificamente, o desporto paralímpico, deriva do desporto adaptado, pautando sua configuração no agrupamento de (pcd) semelhantes, e na organização das entidades desportivas com objetivos e contextos próprios, e o desporto adaptado constitui-se em atividades desportivas adaptadas para suprir as necessidades desta população, sejam essas de cunho recreativo, lazer até oportunidades de competição (MARQUES e GUTIERREZ, 2014; WINNICK, 2004; PACIOREK, 2004).

O histórico do desporto adaptado em terras brasileiras, inicia na década de 1950 com o basquetebol em cadeira de rodas, e posteriormente se estruturou em âmbito competitivo na década de 1980 com a criação de entidades representativas como, por exemplo, a ABRADCAR (Associação Brasileira de Desportos em Cadeira de Rodas).

No campo acadêmico, o desporto adaptado e a Educação Física Adaptada (EFA) foram sugeridos como disciplinas nos currículos dos cursos de graduação em EF no Brasil a partir do Parecer 215/87 com a nomenclatura: Educação Física e Esporte Especial para pcd (BRASIL, 1987c).

Não obstante, no início da década de 1980, algumas Universidades brasileiras já desenvolviam em seus programas curriculares disciplinas que envolviam Educação Física Adaptada (EFA) e o desporto adaptado, dentre elas, a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade de Minas Gerais (UFMG), a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e as Faculdades Integradas Castelo Branco (MAUERBERG-DECASTRO, 2005).

Desta forma, devido as dinâmicas no âmbito curricular no campo da EF desde o final da década de 1980, contribuiriam para uma flexibilidade curricular às Instituições de Ensino Superior (IES), fomentado por movimentos políticos de profissionais da área e das próprias pcd, influenciando a inserção na forma de disciplinas do desporto adaptado.

Em síntese, o desporto adaptado como espaço social representativo das pcd e de simpatizantes, desde a década de 1950, se estruturou no Brasil, anos mais tarde, sendo inserido na EF e se desenvolvendo como campo de atuação profissional de EF, ao passo que o desporto paralímpico é alavancado a partir do surgimento do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) em 1995.

Desta forma, entendemos que o desporto adaptado, contribuiu para que o desporto paralímpico² de alto rendimento, estivesse inserido na EF, haja visto a ascensão do movimento paralímpico brasileiro nas últimas duas décadas, pressupondo tal desenvolvimento, devido aos profissionais de EF, dentre eles, os treinadores, na constituição de uma manifestação desportiva com resultados competitivos expressivos de suas equipes e atletas, mesmo com os questionamentos e a “crise” instaurada no âmbito curricular e da formação profissional em EF.

O contexto do desporto paralímpico em sua estrutura foi, portanto, se delineando paralelamente à EF, porém, segundo Costa e Winckler (2012) devido à ausência de registros da história oral, de ações isoladas de grupos, indivíduos e de IES, oferecendo cursos de especialização de desportos para pcd, no início da década de 1980, e a iniciativa mais recente, a qual data do ano de 2010, que foi a criação da Academia Paralímpica Brasileira (APB), vinculada ao CPB, com o centro de formação de profissionais para o desporto paralímpico, compreendemos ser um terreno fértil para se investigar, além das capacitações, as perspectivas de carreira e intervenção de treinadores paralímpicos atuantes nesse campo.

Neste sentido, diante dessas alegações, tivemos o interesse em se investigar quais elementos constituem as relações entre EF e desporto paralímpico, no que tange à formação inicial (graduação); as capacitações enquanto processo de aprimoramento, desenvolvimento e perspectivas de carreira e intervenção profissional de treinadores paralímpicos brasileiros.

²Desporto paralímpico: Contexto restrito às vinte modalidades desportivas de verão e cinco de inverno, do programa paralímpico vinculado ao Comitê Paralímpico Internacional – International Paralympic Committee (IPC) e no Brasil ao CPB (COSTA; WINCKLER, 2012).

1.1 Problematização e Questões de estudo

A trajetória da formação profissional em EF no Brasil foi gradativa e evolutiva, iniciando na caserna com os métodos ginásticos tradicionais militarizados, o higienismo através da influência médica, no contexto escolar com tradição militarista, conquista de espaço no lazer, dança e ginásticas e, alcançando o status de profissão regulamentada com a Lei nº 9696 de 1998 (BRASIL, 1998b), um avanço quanto ao reconhecimento social e profissionalização (CESANA, 2011). No entanto, segundo a autora, a EF:

[...] continuou a enfrentar questionamentos em sua organização/profissionalização, currículo, área de estudos e campo de atuação - quer seja do mercado de trabalho, exigindo profissionais com perfil específico para os diferentes campos de atuação; quer seja dos adeptos da teoria crítica, que passaram a apontar os limites da sociedade capitalista, do neoliberalismo, do “descompromisso” do Estado com relação ao emprego, bem como em relação à implantação do “darwinismo social” no campo de trabalho. (p. 29).

Dessa maneira, a EF segundo Lovisolo (1997) é uma área que encontra dificuldades em relação a questões hegemônicas e paradigmáticas, as quais esbarram na constituição de sua legitimidade nos seguintes aspectos: a) Na sua construção de identidade como atividade acadêmica e curricular; b) Na delimitação entre a aplicação da produção de conhecimentos com a intervenção profissional, reflexo de uma formação fragmentada ou mosaica e c) No estabelecimento do seu objeto de estudo.

Não obstante, devido ao seu caráter multidisciplinar a EF enfrenta dúvidas quanto à formação profissional, no que diz respeito em mapear seu campo de intervenção, o que produz ‘insegurança’ aos egressos bacharéis e licenciados em relação ao campo de trabalho (DRIGO, 2009), conseqüentemente trazendo dificuldades aos mesmos, pois adentram ao mercado de trabalho de forma aleatória, não importando se irão atuar no contexto escolar ou fora dele, proporcionando uma construção de carreira desprovida de perspectivas que não seja a própria sobrevivência e aposentadoria.

Neste sentido, compreendemos como necessário haver comprometimento, desde a formação inicial, das instituições formadoras em orientar os futuros profissionais sobre as necessidades e perspectivas de carreira e do mercado de trabalho, para melhor encaminhamento para uma vida profissional de sucesso,

aspecto que não pode ser deixado ao acaso, pois segundo Lawson (1984) comprometer-se com a carreira e seu desenvolvimento, legitima profissionais a exercerem com autoridade sua profissão. Dentro deste contexto, pode-se afirmar que a EF é ainda imatura em relação à construção de carreira, processo que se inicia na graduação, ou até mesmo antes.

Desta forma, considerando o desporto de alto rendimento enquanto campo de atuação e de carreira profissional de profissionais de EF, conforme nosso recorte, o desporto paralímpico, é notório o seu desenvolvimento no contexto desportivo nacional, devido segundo Mendes e Codato (2015) da destinação de recursos financeiros advindos das políticas esportivas brasileiras oriundas da Lei nº 10.264/2001 (BRASIL, 2001d), conhecida como Agnelo-Piva, e a organização do campo esportivo a partir do desmembramento do Ministério do Esporte no mesmo ano em prol de investimentos no esporte de alto rendimento visando os megaeventos.

No cenário internacional, a visibilidade e o prestígio são destacados no desenvolvimento do desporto paralímpico, é também explícito, pois na Carta de Berlim (2013), é apontado uma mudança de paradigma do enfoque na deficiência para a ênfase no potencial esportivo (UNESCO, 2013).

Porém, embora o desporto paralímpico nacional tenha alcançado um estágio de desenvolvimento no âmbito competitivo, considerado como um dos dez primeiros no ranking internacional, e tenha sido vinculado, paulatinamente à formação inicial em EF, área que destina recursos humanos para o mesmo, ainda pouco se investigou sobre essa relação, formação inicial em EF e desporto paralímpico, ou seja, como essa formação têm estimulado e subsidiado aos seus egressos para intervenção nesse campo profissional.

Para além da formação inicial, as capacitações relacionadas ao treinador desportivo nesse segmento, qual seja, o desporto paralímpico, aparentemente têm sido uma iniciativa de confederações e federações desportivas, de certa forma isolada, o que nos instigou a investigar sobre os elementos que as constituem, ou seja, como capacitam treinadores que já estejam atuando.

Para tanto, compreendendo a carreira profissional, de maneira ampla, a qual se inicia na graduação, empreendida e aperfeiçoada pelas capacitações, entendemos haver aspectos que podem se constituir em perspectivas de carreira profissional na

função de treinador paralímpico, vislumbrando o ápice no desporto paralímpico de alto rendimento.

Finalmente, a intervenção do treinador paralímpico, enquanto processos e procedimentos, cuja base são os conhecimentos científicos, tecnológicos e pedagógicos, advindos da formação inicial e capacitações, compreendemos a necessidade de levantar quais são esses conhecimentos, haja visto, o aporte de componentes das ciências do desporto, como o treinamento desportivo, já bem estruturados no âmbito do desporto convencional.

Para tanto, a partir dessa problematização acima, elaboramos as seguintes questões de estudo: 1) Sendo a formação inicial (graduação) em EF no Brasil, a chancela para o exercício profissional de treinador desportivo, há elementos que podem compor uma formação adequada para a intervenção de futuros profissionais no desporto paralímpico? 2) E o que dizer das capacitações, quais elementos essenciais para capacitar treinadores que já adentraram no desporto paralímpico? 3) Há perspectivas de carreira para treinadores no desporto paralímpico? 4) Há uma base de conhecimentos específicos construída para a intervenção profissional do treinador no desporto paralímpico, ou esses conhecimentos advém do desporto convencional?

1.2 Justificativa

Tendo como referência a regulamentação da profissão EF, Lei 9696/98 (BRASIL, 1998b), um dos marcos de reconhecimento social para sua profissionalização, destacamos em seu artigo 3º, as competências atribuídas ao exercício do profissional de EF:

Art 1º. Compete ao Profissional de Educação Física coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas e do esporte.

Embora o artigo 3º seja muito amplo e deixa em aberto quanto à intervenção do profissional de EF, o esporte é indicado como campo de atuação. No entanto, no documento das Diretrizes Curriculares da EF, a Resolução CNE/CES 07/2004 (BRASIL, 2004e) quanto à formação ampliada e específica do profissional de EF, em seu artigo 7º e parágrafo 4º:

§ 4º As questões pertinentes às peculiaridades regionais, às identidades culturais, à educação ambiental, ao trabalho, às necessidades das pessoas portadoras de deficiência e de grupos e comunidades especiais deverão ser abordadas no trato dos conhecimentos da formação do graduado em Educação Física.

Neste sentido, se pode observar a indicação para que na formação do profissional de EF, sejam adquiridos conhecimentos referentes a um de seus públicos-alvo, as pcd, clientela dos desportos paralímpicos, o que nos leva a refletir sobre a necessidade de compreender, em específico, os treinadores, como intervém nesse campo de atuação profissional.

Portanto, para além de uma abordagem descrita em documentos legais, é importante ressaltar que o esporte paralímpico nos cursos de EF foi inserido gradativamente nos currículos dos cursos de EF, paralelamente à Educação Física Adaptada (EFA) em meados das décadas de 1980 e 1990 (MAUERBERG-DECASTRO, 2005).

Não obstante o esporte paralímpico já havia sido iniciado no país, e fora do contexto da EF desde 1950, por iniciativas das próprias pcd ou de treinadores, os quais muitas vezes realizavam um trabalho voluntário. De maneira a colaborar e aproximar EF e esporte paralímpico, desde a fundação CPB em 1995, foram

estabelecidas parcerias entre as Universidades: Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); Universidade Estadual Paulista (UNESP); Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) com a rede CENESP (Centros Nacionais de Excelência Esportiva) do Ministério do Esporte, na preparação dos atletas para os Jogos Paraolímpicos (JP) em Sidney e Atenas, 2000 e 2004 (COSTA; WINCKLER, 2012).

Além disso, com criação da Academia Paralímpica Brasileira (APB) desde 2010, estruturou-se vinculado ao CPB, um departamento para ações de pesquisa e de capacitação de profissionais, dentre eles, os treinadores paralímpicos.

Nesta perspectiva, entendemos a importância desse estudo em sua originalidade para a compreensão das relações entre formação em EF e desporto paralímpico, capacitação, perspectivas e intervenção profissional de treinadores paralímpicos, haja visto a inserção de profissionais nesse segmento nas últimas décadas, coincidindo com o seu desenvolvimento, seja no âmbito desportivo nacional e internacional.

1.3 Objetivos

Dessa maneira, considerando as questões de estudo e o interesse em explorar: formação, capacitação, carreira e intervenção do treinador no desporto paralímpico brasileiro, os objetivos deste estudo foram o de levantar:

- ✦ Elementos que consideram de responsabilidade da formação inicial em EF para intervenção no desporto paralímpico.
- ✦ Elementos essenciais de uma capacitação profissional de treinadores paralímpicos para intervenção no desporto paralímpico.
- ✦ Perspectivas de carreira profissional de treinadores para atuação no desporto paralímpico brasileiro de alto rendimento.
- ✦ Diferenças de intervenção profissional entre desporto olímpico e paralímpico.

2. REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA

2.1 Desporto Paralímpico e Jogos Paralímpicos

Conceitualmente, os desportos paralímpicos voltados para o alto rendimento, abrangem na atualidade, vinte e duas modalidades desportivas de verão e cinco de inverno. Seu surgimento, ocorreu no século XX após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), tendo como objetivo a reabilitação de combatentes que adquiriram deficiências neste conflito bélico. O pioneirismo destas ações foi iniciado pelo governo britânico com base no hospital de Stoke Mandeville para lesados medulares, em Aylesbury, na Inglaterra, em 1944, com a introdução do desporto como parte da reabilitação através do médico Ludwig Guttmann (DEPAUW & GAVRON, 2005; GORGATTI e GORGATTI, 2008; COSTA; WINCKLER, 2012).

Não obstante, anterior ao seu surgimento, já era praticado nos Estados Unidos, com início na década de 1870 em escola especiais com alunos surdos através da prática do beisebol, e em 1885 com o futebol americano. Ainda no país norte americano, após a Segunda Guerra Mundial, surgiram iniciativas de torneios de basquetebol em cadeira de rodas com ex-combatentes, e na Europa o goallball, modalidade desportiva criada para pessoas com deficiência visual, na Alemanha em 1946 (ARAUJO, 1998; MAUERBERG-DECASTRO, 2005).

Desta forma, os desportos paralímpicos em suas origens, foram desenvolvidos através de seu vínculo com a reabilitação terapêutica, pois era possível prevenir os efeitos secundários das deficiências, dentre eles, as atrofia musculares ou distúrbios de ordem ortopédica, oferecendo oportunidades de reinserção social e permitindo a experiência de empoderamento na aquisição de excelência em desempenho desportivo (MAUERBERG-DECASTRO; CAMPBELL e TAVARES, 2016).

Quanto aos termos: paraolímpico e/ou paralímpico, trazem subjacente uma perspectiva de identidade, a qual foi se constituindo na trajetória do movimento paralímpico. Segundo Costa e Sousa (2004) no ano de 1964 o termo paraolímpico foi utilizado nos Jogos Paralímpicos (JP) de Tóquio, significando a fusão dos termos: paraplegia e olímpico. Posteriormente, segundo Gold e Gold (2007) o significado de paraolímpico passou a designar os JP como evento paralelo aos Jogos Olímpicos, ao se separar o prefixo grego: “para”, que quer dizer: ao lado, do sufixo: “olímpico”. Entretanto, o termo no Brasil, no ano de 2011, foi alterado para paralímpico, com a

justificativa de padronização, haja visto que nas línguas inglesa e espanhola o “o” foi retirado, ficando somente o prefixo: “para” (PARSONS e WINCKLER, 2012). Porém, com o intuito de facilitar a leitura utilizaremos nesse estudo o termo: paralímpico, tendo em vista seu dimensionamento em nível internacional.

Antes de se tornarem JP, o evento era denominado de: Jogos de Stoke Mandeville, sendo a sua primeira realização em 29 de julho de 1948, data de abertura dos Jogos Olímpicos de Londres em 1948, com competições para atletas em cadeira de rodas, através do empenho do médico Ludwig Guttmann, envolvendo militares e mulheres que participaram da modalidade arco e flecha. Em 1952, ex-militares holandeses aderiram ao Movimento e aos Jogos Internacionais Stoke Mandeville, e fundaram a Federação Internacional dos Jogos de Stoke Mandeville – International Stoke Mandeville Games Federation (ISMGF) (IPC, 2018a).

No ano de 1960 é criado um Grupo Internacional de Trabalho em Desporto para Pessoas com Deficiência com o objetivo de estudar os problemas do desporto para essa população, resultando em 1964, com a criação da Organização Internacional do Esporte para Deficientes – International Organizations of Sports for the Disable (IOSDs) oferecendo oportunidades para atletas com deficiência que não podiam afiliar-se aos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville: deficientes visuais, amputados, pessoas com paralisia cerebral e paraplégicos (IPC, 2018a).

Segundo Scheid e Rocha (2012), com 16 países afiliados em seu início, o IOSDs empenhou-se em incluir atletas cegos e amputados nos JP no Canadá, na cidade de Toronto no ano de 1976, bem como atletas com paralisia cerebral em 1980 em Arnhem. Atualmente quatro organizações internacionais de desportos paralímpicos são membros do IPC, sendo essas:

- 1) Associação Internacional de Esporte e recreação para Paralisados Cerebrais – Cerebral Palsy International Sport and Recreation Association – (CPISRA).
- 2) Federação Internacional de Esportes para Cegos – International Blind Sports Federation (IBSA).
- 3) Federação Internacional de Esportes para Atletas com Deficiência Intelectual International Sports Federation for Athletes with Intellectual Impairments (INAS).
- 4) Federação Internacional de Esportes para Cadeirantes e Amputados - International Wheelchair and Amputee Sports Federation (IWAS).

No dia 22 de setembro de 1989, é fundado o Comitê Paralímpico Internacional – International Paralympic Committee (IPC), órgão máximo do esporte paralímpico, cuja responsabilidade é a de organização dos JP de verão e inverno logo após os Jogos Olímpicos (SCHEID e ROCHA, 2012).

No ano de 1960 em Roma, foram realizados os primeiros JP no mesmo local dos Jogos Olímpicos, apenas com atletas em cadeira de rodas. No entanto, as condições de acessibilidade eram ainda inadequadas. Porém, com o desenvolvimento do evento, ficou estabelecido que, um dos objetivos seria o de tornar o ambiente físico acessível à toda população com deficiência, após os Jogos Olímpicos (WINNICK, 2004; HOWE, 2008; BAILEY, 2008). Além disso, após os JPs de Roma 1960 e Tóquio em 1964, Seul, 1988 marca o retorno dos jogos à mesma cidade sede dos Jogos Olímpicos, com a utilização dos mesmos locais após vinte e quatro anos (BRITAIN, 2016).

2.2 Desporto Paralímpico no Brasil: Histórico e Organização

O desporto paralímpico no Brasil surgiu através do empenho de duas pessoas com deficiência, que buscaram tratamento e reabilitação de lesão medular nos Estados Unidos, sendo eles: Robson Sampaio de Almeida que fundou o clube do otimismo no Rio de Janeiro no ano de 1958 e, Sérgio Seraphin Del Grande, que no mesmo ano em São Paulo funda o Clube dos Paraplégicos (PARSONS; WINCKLER, 2012).

Após os Jogos Parapanamericanos de 1975 no México, foi criada a Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE) pelos próprios componentes da seleção brasileira com o objetivo de organizar o desporto paralímpico no país (MAUERBERG-DECASTRO, 2005).

Na atualidade o CPB, administra diretamente os desportos: atletismo, esgrima em cadeira de rodas, halterofilismo, natação e tiro esportivo. De maneira indireta os desportos: basquetebol em cadeira de rodas, bocha, ciclismo, futebol de 5, futebol de 7, goallball, hipismo, judô, remo, rugby em cadeira de rodas, tênis de mesa, tênis em cadeira de rodas, tiro com arco, vela e voleibol sentado. (CPB, 2018a).

No contexto nacional, o desporto paralímpico vem se desenvolvendo enquanto mercado de trabalho, devido entre tantos fatores, da destinação de recursos financeiros advindos das políticas esportivas brasileiras oriundas da lei n.

10.264/2001, conhecida como Agnelo-Piva, a qual repassa recursos das loterias do banco estatal: Caixa Econômica Federal, com 85% para o esporte olímpico e 15% para o CPB e, a organização do campo esportivo a partir do desmembramento do Ministério do Esporte em 2001 em prol de investimentos no esporte de alto rendimento visando os megaeventos (MENDES e CODATO, 2015).

Quanto às associações e confederações nacionais filiadas e reconhecidas pelo CPB, nas tabelas 1 e 2 abaixo:

TABELA 1. Entidades Desportivas Filiadas ao CPB

Associação Brasileira de Desporto de Deficientes Intelectuais – ABDEM

Associação Nacional de Desporto para Deficientes – ANDE

Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas – CBBC

Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais – CBDV

Confederação Brasileira de Tênis – CBT

Confederação Brasileira de Tênis de Mesa – CBTM

Confederação Brasileira de Voleibol para Deficientes - CBVD

Fonte: Comitê Paralímpico Brasileiro – (CPB,2018b)
http://gestaorecursos.cpb.org.br/info_confederacoes.php

TABELA 2. Entidades Desportivas Reconhecidas pelo CPB

Associação Brasileira de Rugby em Cadeira de Rodas - ABRC

Confederação Brasileira de Badminton - CBBd

Confederação Brasileira de Canoagem - CBCa

Confederação Brasileira de Ciclismo - CBC

Confederação Brasileira de Desportos na Neve – CBDN

Confederação Brasileira de Hipismo - CBH

Confederação Brasileira de Remo - CBR

Confederação Brasileira de Tiro com Arco - CBT

Confederação Brasileira de Triathlon - CBTri

Fonte: Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB, 2018b)
http://gestaorecursos.cpb.org.br/info_confederacoes.php

Em relação às modalidades desportivas paralímpicas desse estudo, o atletismo e a natação foram as que conquistaram mais medalhas em JP, sendo consideradas desportos carros-chefes do programa paralímpico brasileiro. O atletismo participa desde a primeira edição em Roma, somando 142 medalhas em JP com 40 de ouro, 61 de prata e 41 de bronze, sendo a primeira em número de medalhas (BRASIL, 2016f). Já a natação, está em segundo lugar, pois obteve um total de 102 medalhas em JP, sendo 32 de ouro, 34 de prata e 36 de bronze (BRASIL, 2016g).

O CPB na atualidade, desde 2017, é presidido por Mizael Conrado, ex-atleta de futebol de 5 (para cegos) e bicampeão paralímpico, para um mandato de quatro anos, tendo como primeiro e segundo vice-presidentes, respectivamente, Naíse Pedrosa e Ivaldo Brandão. Mizael Conrado é o primeiro medalhista paralímpico que assume o cargo de presidente do CPB, tendo em seu currículo desportivo: medalhas de ouro nos Jogos de Atenas, em 2004, e de Pequim, em 2008 e, foi o melhor jogador de futebol de 5 do mundo em 1998 (CPB, 2018c).

2.3 Desporto Paralímpico: Características

Caracteristicamente o desporto paralímpico em alto rendimento estabelece critérios de elegibilidade para que atletas com deficiência participem, de acordo com a classificação desportiva, sendo esses critérios no total de dez segundo o IPC: 1) potência muscular prejudicada; 2) amplitude reduzida de movimento; 3) amputados; 4) diferença de comprimento nos membros inferiores e/ou superiores; 5) baixa estatura; 6) hipertonia (rigidez muscular); 7) ataxia (ausência de coordenação de movimentos); 8) atetose (movimentos involuntários); 9) deficiência visual (DV) e 10) deficiência intelectual (IPC, 2018b).

Para que as competições fossem organizadas e tivessem critérios em relação aos tipos de deficiências, criou-se sistemas de classificação desportiva, cuja responsabilidade é das Federações Internacionais que regem o desporto, e são responsáveis pela revisão do sistema. Portanto, a classificação desportiva é um nivelamento para agrupar as deficiências de acordo com sua funcionalidade e equidade, com o objetivo de trazer para as competições a maior licitude possível (FREITAS e SANTOS, 2012; PACIOREK, 2004; IPC, 2018b).

Em relação à sua aplicabilidade, os sistemas de classificação desportiva estão configurados em:

- I. Classificação médica, na qual o profissional médico verifica a acuidade visual de atletas com deficiência visual; dos atletas com deficiência física os níveis de comprometimento de lesionados medulares e amputados;
- II. Classificação funcional, a qual através dos dados obtidos na classificação médica, verifica as habilidades específicas necessárias para o desporto no qual o atleta pertence (TWEEDY; VANDLANDEWIJCK, 2011; PACIOREK, 2004).

Com a participação de outros profissionais da área da saúde, além do médico, dentre eles, profissionais de EF, fisioterapeutas e treinadores, a classificação desportiva para atletas com deficiência tem na atualidade um caráter muito mais vinculado à área desportiva e não somente ao aspecto médico (FREITAS e SANTOS, 2012). Ou seja, tais procedimentos são especializados e demandam conhecimentos específicos, exigências de uma profissão.

2.4 Profissão e Declínio do Artesanato

Neste sentido, considerando que esse estudo irá abordar sobre formação, capacitação, carreira e intervenção profissional em EF e, com recorte no desporto paralímpico, entendemos que é pertinente trazer uma abordagem breve sobre o entendimento de profissão, numa perspectiva anglo-saxônica, e seu surgimento nas sociedades modernas, suas definições e evolução, aproximando-a enquanto elemento que norteia a recente regulamentação profissional da EF no cenário brasileiro.

Para tanto, no que se refere ao sentido de profissão no Brasil, este é um pouco confuso, haja visto que, se considerarmos a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), as profissões que exigem formação em nível de curso superior (graduação) e constituída por conselhos profissionais, estão na mesma categoria de profissões que não têm a mesma exigência (DRIGO e CESANA, 2011).

A palavra profissão vem do vocábulo latino *professio*, o qual significa declaração pública ou confissão, ao passo que, o termo em inglês: *profession* está relacionado às ocupações oriundas de uma educação em nível superior e especializada, ou seja, a graduação é a exigência para o seu exercício profissional (SOUZA NETO, et.al., 2004).

Com o decorrer do tempo, o termo profissão ganhou amplitude e veio a ser utilizado de forma bastante genérica vinculando-se a todos os tipos de ocupação, seja qual fosse o seu nível de exigência quanto a uma escolaridade superior ou não (FREIDSON, 1996).

O surgimento das profissões inicia com o processo de declínio da educação artesanal, uma das formas mais antigas de educação para o trabalho, estabelecendo-se nas sociedades modernas através da industrialização europeia (DRIGO e CESANA, 2011). Na Europa dos séculos XII ao XVIII as associações de artesãos, denominadas de corporações de ofício dispunham para o exercício de suas atividades o monopólio de um território e do ensino com as escolas de ofício, convencionalmente estruturado pelos mestres e aprendizes (RUGIU, 1998).

Enquanto características do ponto de vista histórico ressalta-se que, o artesanato europeu da pré-modernidade: a) antecedeu ao iluminismo, não havendo ainda o desenvolvimento da ciência, pois havia a predominância teocêntrica; b) foi

anterior à revolução industrial e c) os saberes da prática eram os fundamentos do artesanato, em contraposição ao fundamento científico, o qual sustenta a profissão (DRIGO, 2009).

Segundo Cunha (2000) a educação artesanal estabeleceu-se através da relação entre o mestre do ofício e o aprendiz, cujos métodos de ensino do ofício se davam de forma assistemática, na própria oficina, com os instrumentos e, por vezes o aprendiz também residia na casa do mestre de ofício. Neste sentido, três aspectos são importantes a destacar da educação artesanal, segundo Rugiu (1998), sendo esses: 1) O 'saber fazer', ou seja, o ofício se aprende fazendo; 2) a imagem do mestre era valorizada e 3) as atividades práticas eram consideradas tão informativas quanto as formais.

Com o desenvolvimento da indústria, a educação industrial em sua organização sistemática começa a se desenvolver em escolas de formação profissional especializadas e com as mesmas características no ambiente fabril, sendo este espaço e seu ferramental não pertencente aos trabalhadores, ao passo que na educação artesanal havia a possibilidade do aprendiz tornar-se mestre e possuir sua própria oficina (CUNHA, 2000).

O declínio da educação artesanal é também acompanhado pelo desenvolvimento das artes liberais, consideradas segundo Rugiu (1998), como atividades de um homem livre através dos cursos de trívio e quadrívio e, posteriormente Teologia e Direito, sendo as artes mecânicas como atividades braçais abaixo da escala social.

Desta forma, a indústria adentra ao cenário social, ocupando seu espaço, alterando as relações do homem com o trabalho e destituindo as corporações de ofício de sua função pedagógica e educativa, pois a indústria se centrava no lucro e não educava (RUGIU, 1998).

Com o advento da era industrial e do desenvolvimento das artes liberais os ofícios especializados se tornaram ocupações, no entanto as ocupações com práticas fundamentadas em conhecimentos científicos foram denominadas de profissão no modelo anglo-americano, ou seja, entra em cena a ciência como fundamento da profissão com o declínio do saber-fazer artesanal (DRIGO, 2009; DRIGO, et. al., 2011; FREIDSON, 1998).

2.5 Profissão e Ciência

Desde o início do século XX, a caracterização de uma profissão evidenciou muitas preocupações devido às grandes transformações sociais, e áreas como a medicina exigiam conhecimentos especializados, assim como nas engenharias, pois quando a sociedade era mais simples, o que lhe era indispensável era também mais simples, no entanto, as necessidades da sociedade na atualidade estão exigindo serviços profissionais cada vez mais especializados, pois a sociedade apresenta-se mais complexa (BARROS, 1993).

Não obstante, com as profissões evoluindo, tendo em vista as mudanças e exigências de uma sociedade cada vez mais numerosa e complexa, alguns critérios foram estabelecidos para que houvesse qualidade na prestação de serviços, segundo Barros (1993) apud Kroll (1982), dentre eles:

1. Uma profissão desenvolve atividades de cunho intelectual na elaboração, análise e ações decisivas quanto à aplicação de seus procedimentos profissionais.
2. Uma profissão através do intelecto é também uma atividade prática e está a serviço da sociedade, pois deve dominar conhecimentos que garantam a excelência na prestação de serviços.
3. Uma profissão deve atrelar à sua prática a atualização de conhecimentos sendo dinâmica na renovação de novas ideias e propostas que favoreçam o desenvolvimento dos serviços prestados.
4. Uma profissão deve ser organizada e sua organização reconhecida pela sociedade através de conselhos profissionais que estabeleçam códigos de ética e normativas.
5. Uma profissão deve se constituir de conteúdo que possa ser comunicado aos seus profissionais, ou seja, um corpo de conhecimentos que fundamente sua prática e que essa comunicabilidade seja conduzida através das instituições de ensino e acompanhadas por sua organização profissional.
6. Uma profissão é altruística, pois é uma característica profissional que é a razão de sua existência no que tange ao atendimento e prestação de serviços cada vez melhores à sociedade.

Nesta perspectiva, segundo Barros (1993), uma profissão é prática e fundamentada em conhecimentos, técnicas e habilidades, pois o que difere conforme Lawson (1984), os profissionais das pessoas que desenvolvem atividades

ocupacionais é o conhecimento e, devido ao seu dinamismo, os profissionais podem adaptar ou alterar a forma como desempenham suas atividades, haja visto que possuem domínio desse conhecimento, o qual deve ser desenvolvido por meio da pesquisa e utilizado para aprimorar a sua aplicação. Além do mais, ressalta Lawson (1984, p.2):

A profissionalização é especialmente fascinante porque ela envolve a relação dos profissionais com a sociedade. Na verdade, os membros da sociedade conferem a uma profissão o seu status especializado e a sociedade somente confere esse status quando a profissão já tenha estabelecido uma relação boa e apropriada com ela. Em outras palavras a sociedade julga, uma profissão/profissionais tendo como critérios a importância e a qualidade do serviço que os profissionais desta área de atuação prestam a ela.

Desta maneira, além de sua importância em seu processo de legitimidade social, a profissão se desenvolve tendo como suporte na prestação de serviços à sociedade, o conhecimento científico, considerado como o conhecimento primordial, conferindo autoridade e institucionalização de uma profissão (DRIGO, 2009; VENUTO, 1999).

Neste sentido, segundo Venuto (1999, p.2) os coletivos profissionais possuem uma função relevante, pois estabelecem um vínculo entre os sistemas cultural e social atuando através de suas especialidades, ou seja, as relações entre sociedade, grupos profissionais e as formas de institucionalização da profissão destacam-se como aspectos fundamentais no entendimento das profissões quanto ao seu papel e posição social, pois conforme a autora:

Primeiro, a incorporação da racionalidade científica e da competência técnica no treinamento profissional legitima a autoridade profissional e garante o *status* da profissão, diferenciando-a dos demais grupos ocupacionais. Segundo a vinculação das profissões com a universidade estabelece uma distinção entre os grupos profissionais, as empresas capitalistas e as organizações burocráticas.

Além dessas características da profissão, a autora conclui que:

Dentro dessas instituições, as profissões apresentam-se como grupos solidários, desligados do mercado e dissociados da ideia de busca pelo lucro. A ideologia moderna do serviço profissional (cuja competência técnica é validada por instituições legítimas e a funcionalidade medida pelo grau de satisfação com que resolvem os problemas demandados pela sociedade) cria distinção entre os grupos profissionais e os outros grupos ocupacionais que negociam no mercado. Da mesma forma, ao propagarem a ideia do trabalho em prol do bem comum, as profissões permitem a compatibilização entre o ideal altruísta e o interesse privado (em especial a busca pelo status e a recompensa econômica).

Sendo assim, com tais características apresentadas, se verifica a importância da ciência no processo de legitimação das profissões pós-revolução industrial, inaugurando sua trajetória ao controle e autonomia de mercado pela sociedade contemporânea (DRIGO e CESANA, 2011).

No contexto atual, portanto, concebe-se à ciência elemento legítimo de verificação da realidade em questões humanas de qualquer natureza, a ponto de que, se não há evidência científica sobre determinado assunto ou tema rotula-se como duvidoso e sem credibilidade, pois a ciência se contrapõe às crenças (PIZZA JUNIOR, 1990).

No âmbito da profissão, embora haja este reconhecimento do conhecimento científico como base de sua estruturação conferindo legitimidade e autoridade, por outro lado pode reduzir seu estudo somente a questões técnicas e formais podendo negligenciar outras dinâmicas que envolvem os processos de desenvolvimento de uma profissão, sendo que, outros conhecimentos específicos caso sejam considerados sem 'base científica' não conseguem adentrar ao campo profissional (VENUTO, 1999).

Conclui-se que, com a modernização da sociedade ocidental, o que antes era parte de grupos sociais, tais como as corporações de ofício, vão sendo substituídas pela comunidade científica, especialistas e por docentes que se distanciam das instâncias de produção de saberes, com os saberes técnicos e o saber fazer sendo sistematizados em conhecimentos abstratos, apartados dos grupos sociais e monopolizados entre especialistas e profissionais junto aos sistemas de formação (TARDIF, 2002).

Desta forma, se observa que no artesanato, uma das primícias era o 'saber – fazer', o qual dava suporte aos conhecimentos aplicados no trabalho. No entanto, no âmbito da profissão, esses conhecimentos são trocados pelos científicos no gerenciamento e suporte técnico – instrumental em relação à prestação de serviços à sociedade (DRIGO e CESANA, 2011).

2.6 Profissão Educação Física no Brasil

A EF no Brasil inicia seu processo a caminho de sua estruturação enquanto profissão com colonos, imigrantes, médicos e militares, através de atividades como

jogos, exercícios físicos e competições organizando-se dentro de um conjunto de conhecimentos. No entanto, é em 1939, quando a EF chega à Universidade, com o decreto Lei nº 1212, se inicia um processo de organização e regulamentação, na distinção entre leigos e não leigos e exigência de diploma em 1941 (SOUZA NETO, 1999).

No entanto, a exigência para adentrar ao curso de EF era ainda o antigo ginásio (ensino fundamental), caracterizando como curso técnico até 1957, sendo que, no final da década de 1960, com a reforma universitária em 1968, se propõe um modelo de Universidade com base científica e pós-graduação (SOUZA NETO, et. al. 2004).

Nos Estados Unidos da América do Norte, com o lançamento do satélite SPUTNIK³ pelos soviéticos, James Bryan Conant, então presidente da Universidade de Harvard, encomendou um estudo para reavaliar a formação de professores, incluindo os de EF. O diagnóstico demonstrou que, muitos programas e conteúdo não estavam adequados para fazerem parte do ensino superior e, sim para o ensino médio (SOUZA NETO, 1999).

No entanto, Franklin M. Henry da Universidade da Califórnia, em 1964 propõe os fundamentos epistemológicos da EF, enquanto área de conhecimento e pesquisa, para a investigação dos significados do movimento humano em suas diferentes manifestações, caracterizando a EF no campo acadêmico (TANI, 2011).

No Brasil entre 1969 e 1971, entra em cena o currículo mínimo com a formação em licenciatura e técnico desportivo, com os licenciados cursando uma ou duas matérias desportivas, o qual promoveu que os interesses do sistema desportivo fossem garantidos. No entanto, com o decorrer do tempo, surgiram insatisfações, pois não estavam formando profissionais para as questões pedagógicas da EF e sim para a prática desportiva (BETTI, 1991).

Nesta perspectiva, em busca de reconhecimento e caracterização, a EF chega à década de 1980 em crise, ou seja, não possuía uma identidade própria, sendo esse um dos obstáculos a superar, pois buscou consolidar-se em áreas com objetivos diferentes, tais como a educação escolar, desporto e saúde, ampliando seu campo de atuação, porém, gerando um impasse quanto ao seu objeto de estudo no âmbito acadêmico (CESANA, 2011).

³ O satélite Sputnik I foi o primeiro satélite lançado pela ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas no ano de 1957.

Dentro deste contexto, já havendo muitos questionamentos em relação à configuração da Resolução 69/69, começa-se a repensar os cursos de licenciatura em EF, a partir da urgência em se superar o currículo mínimo; atender a demanda de profissionais de EF além do contexto escolar e a necessidade de estabelecer a EF como um campo de atuação profissional com conhecimento científico (SOUZA NETO, et. al. 2004).

Com a promulgação da Resolução 03/87 (BRASIL, 1987a) a EF é a primeira área com formação em ensino superior a ter possibilidade da não necessidade de um currículo mínimo em nível nacional, propondo a graduação/bacharelado e manutenção da licenciatura (OLIVEIRA, 2006), a qual tinha como justificativa a diversificação do mercado de trabalho em EF para além do contexto escolar, porém o objetivo era o de uma nova proposta curricular, denominada: técnico-científica com a pretensão de estabelecer um corpo de conhecimentos teóricos (SOUZA NETO, et. al., 2004).

Além das alterações curriculares, a regulamentação profissional da EF através da Lei 9696/98 (BRASIL, 1998b), inicia seu processo de legitimação enquanto profissão com a criação do Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) e os Conselhos Regionais de Educação Física (CREFs), estabelecendo uma nova perspectiva de caracterização da área em suas competências, campo de intervenção e com uma identidade profissional (CESANA, 2011).

Porém, a regulamentação por si própria, embora tenha sido um avanço, outros fatores devem ser considerados em relação ao desenvolvimento da profissão EF, ou seja, é necessário que os profissionais tenham competências técnicas-científicas e comprometimento ético na prestação de seus serviços à sociedade. Além disso, a regulamentação traz maiores responsabilidades sociais, tanto para os profissionais, quanto para as faculdades e universidades em preparar profissionais competentes e comprometidos com a atualização dos conhecimentos para garantir uma prestação de serviços de qualidade (BARROS, 2000). Neste sentido, é possível verificar, segundo o autor, uma diferença significativa entre a carteira de trabalho, definida na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e a carteira de profissional ou registro profissional em EF.

Dentro deste contexto, é importante ressaltar que a regulamentação profissional da EF é ainda recente, o que demanda para a área uma trajetória a percorrer para

superar obstáculos e tempo para se consolidar não somente pelo reconhecimento legal, mas pelo reconhecimento da sociedade para que atinja o status de profissão (DRIGO, et. al., 2006).

Desta forma, se a EF está num processo de profissionalização, etapas devem ser percorridas, pois segundo Lawson (1984) somente profissionais podem estar comprometidos com uma carreira profissional. Para tanto, ingressar em um curso superior não é somente uma decisão, mas o primeiro passo para a construção de uma carreira profissional.

2.7 Formação Inicial em Educação Física e Desporto Paralímpico

Para tanto, compete à formação inicial em EF, com formação generalista, este delineamento com atenção ao mercado de trabalho, tendo cuidado segundo Drigo (2009), de que o corpo de conhecimentos que a compõe, seja concebido como um todo e não dicotomizado, fragmentado e reduzido ao estudo biológico dos exercícios físicos e das práticas corporais.

Não obstante, concordamos com Barros (1993) que a formação inicial em EF não deve se pautar apenas para que o profissional domine habilidades motoras, mas que se utilize de critérios profissionais na prestação de serviços com ampla visão da realidade social e domine conhecimentos específicos para sua intervenção atualizando-se devido à dinâmica social e do mercado de trabalho.

Porém, a formação inicial em EF não apresenta um modelo único ou geral, havendo uma ausência de caracterização da área, haja visto, a sua forte relação com a licenciatura e a incipiente definição das propostas dos cursos de bacharelado, bem como as 'formações' na área do desporto em confederações e federações desportivas, numa perspectiva artesanal (NASCIMENTO, 2006).

Desta forma, abordar sobre formação inicial em EF é um grande desafio, haja visto, segundo Nascimento (2006), o ingresso precoce no mercado de trabalho de maneira informal, por iniciativa dos próprios estudantes de graduação em EF, com a justificativa, muitas vezes, para cobrir as despesas com os gastos do curso, alimentação e vestuário, é prejudicial ao egresso, dificultando uma construção de carreira. Além disto, é ainda possível se verificar, abusos em relação à profissão EF em suas próprias competências, por exemplo, no desconhecimento de limites quanto

à intervenção que não são da EF, tais como prescrição de dietas e medicamentos (DRIGO, et. al., 2006).

Sendo assim, é fundamental o embasamento teórico e prático mediante preparação efetuada nas disciplinas, nas atividades de pesquisa, estágios e extensão. Não obstante, todas essas atividades em uma formação em nível superior pressupõem que esteja fundamentada em um corpo de conhecimentos específicos, os quais legitimam o reconhecimento social e profissional de uma profissão, sendo esses conhecimentos com base científica que irão sustentá-la academicamente (TANI, 2007).

Diante das amplas possibilidades de intervenção em EF e, devido à sua multidisciplinaridade, é dever da formação inicial orientar os graduandos quanto às possibilidades de inserção no mercado, pois é um momento fundamental para que os futuros profissionais de EF alcancem o sucesso profissional (ANGULSKI, 2012).

Nesta perspectiva, compreendendo a formação inicial em EF, não apenas como o início do processo de desenvolvimento de uma carreira profissional, é necessário haver uma configuração curricular, a qual possa abranger o desporto paralímpico, enquanto conteúdo específico e transversal, considerando suas implicações no âmbito de disciplinas, pesquisa, estágio e extensão, em aspectos relacionados, por exemplo, quanto ao treinamento desportivo para atletas com deficiência, especificidades das modalidades desportivas paralímpicas e o contexto histórico e sócio cultural em relação às pcd na sociedade.

Desta forma, observa-se que o primeiro documento que fazia referência sobre a EF para pcd é o parecer nº 1002/74 do Conselho Federal de Educação (CFE), com base no art.9 da Lei nº 5.692/71, observando que os cursos de graduação na área, deveriam compor um complemento curricular para tal finalidade, assim, foi na década de 1980 que a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e as Faculdades Isoladas Castelo Branco, deram início a programas de formação profissional e de pesquisa nos currículos quanto à EFA (PETTENGILL e COSTA, 1997).

Com o Parecer 215/87 faz-se a formalização de sugestão da disciplina: Educação Física e Esporte Especial para pcd: intelectual, física, auditiva, visual e múltipla (BRASIL, 1987c), oportunizando o ingresso gradual da EFA como disciplina nos cursos de EF, que na perspectiva de Duarte (1992), foi um avanço curricular,

entendendo que é na graduação que deve ocorrer uma boa fundamentação teórica e prática na mudança do perfil profissional.

No entanto, há poucos registros de iniciativas da inserção do esporte paralímpico nos cursos de EF no Brasil, enquanto conteúdo da EF. Porém, à guisa de exemplificação, podemos citar dois desses empreendimentos. O primeiro, foi o surgimento de um projeto de iniciação desportiva da UFU/MG no curso de licenciatura de EF, cujo objetivo era o de oportunizar a prática desportiva para crianças, filhos de trabalhadores, dentre elas, crianças com deficiência. E o segundo, no ano de 1994, a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) cria o Departamento de Estudos de Atividade Física Adaptada, e inicia sua trajetória como um dos pioneiros no campo da pesquisa e especialização em nível de pós-graduação, de profissionais de EF para atuação no esporte paralímpico (BORELLA, 2010).

Da perspectiva curricular compreende-se, portanto, que o esporte paralímpico engajado nos programas dos cursos de EF e da EFA, não como apêndice, mas fazendo parte das temáticas que envolvam o esporte de maneira ampla, possibilitaria um melhor dimensionamento da formação profissional para o trabalho com pcd.

Porém, Betti e Betti (1996), observam que a orientação técnica científico baseado numa concepção acadêmica da EF, propõe uma EFA, a qual, traz em seu bojo uma característica que se baseia no modelo médico, através de conteúdos que abordam a caracterização das deficiências e adentra as questões de necessidades especiais; como as atividades físicas voltadas para hipertensos e cardíacos, por exemplo. Como limitação, Mauerberg-DeCastro (2005), reflete que o modelo médico apresenta uma concepção de abordagem categórica, classificando os seres humanos, com tratamentos baseados na segregação e justificados pelas epidemias, sendo esta generalizada, e que não produziu efeitos positivos nas ações pedagógicas e na educação especial.

Destas observações, Silva e Drigo (2012, p. 42) refletem que:

Nesta perspectiva, é notório observar que as origens da disciplina tiveram um viés biológico, o que nos leva a considerar uma proximidade da EFA dentro de uma concepção tradicional de currículo enquanto uma área do conhecimento que propõe procedimentos especializados a uma determinada população, ou seja, uma concepção técnica de como fazer, a partir de condições especiais ou adaptadas.

Nessa perspectiva, assim como a EFA, o desporto paralímpico no início da década de 1990, na busca por uma identidade própria, se baseou em experiências semelhantes ao desporto convencional e de outros países (COSTA e WINCKLER, 2012), e adentram à formação profissional em EF, segundo Gonçalves (2002), devido ao início de mudança de paradigma na área, a qual possibilitou novas abordagens e currículos com vistas à intervenção profissional.

Desta forma, considerando que o desenvolvimento profissional, têm na formação inicial, uma etapa fundamental, a sua continuidade tem na formação continuada ou em serviço, o objetivo de aperfeiçoamento de conhecimentos, seja através da pós-graduação e/ou capacitações (COSTA e NASCIMENTO, 2012).

2.8 Capacitação Profissional de Treinadores para o Desporto Paralímpico

Embora sejam utilizadas diferentes terminologias sobre formação continuada, utilizaremos o termo capacitação para esse estudo, não como sinônimo simplesmente, porém com o objetivo de facilitar a leitura, agregando o entendimento de que, uma capacitação é parte do processo de uma formação continuada.

Neste sentido, capacitação envolve processos de aperfeiçoamento, aprofundamento e especialização de conhecimentos teóricos e práticos de uma profissão, durante o exercício profissional e, também enquanto realizado no próprio local de trabalho empresa (DANNEMANN, 2004).

No contexto de capacitação envolvendo profissionais de EF em exercício na função de treinadores desportivos, podem ocorrer em Universidades, faculdades ou centro universitários, na forma de pós-graduação, confederações e federações desportivas, congressos, simpósios e no próprio local de trabalho com os pares de maneira não formal.

Segundo Nelson, et. al. (2006) e Mallet et. al. (2009), a capacitação de treinadores pode ser classificada como formal, não formal e informal. A formal, diz respeito às capacitações realizadas por Universidades (pós-graduação) vinculados às ciências do desporto ou entidades dirigentes desportivas. A não formal pode ocorrer através da participação em conferências, congressos, seminários e cursos de curta duração em ambientes segregados dos educacionais. Por fim, a informal, diz respeito às experiências adquiridas no cotidiano profissional, nas relações e trocas entre

treinadores e atletas, e, na aquisição de conhecimentos por iniciativa própria, tais como, através de livros, revistas, manuais e internet.

Em nível internacional existem programas de capacitação em países como: Canadá - Associação de Treinamento do Canadá – Coaching Association of Canada (CAC); Reino Unido (RU) – Associação Treinador de Desportos do RU – Sports Coach United Kingdom; Austrália – Comissão Desportiva Australiana – Australian Sport Commission (ASC); Singapura – Desporto Singapura – Sports in Singapore; Irlanda – Conselho Irlandês de Desportos – Irish Sport Council (ISC); Portugal – Instituto Português de Deporto e Juventude (IPDJ) e associações internacionais como o Conselho Internacional de Excelência em Treinamento – International Council for Coaching Excellence (ICCE) (FALCÃO, et. al.; 2016; MILISTETD, et. al., 2014).

De forma ampla, é possível verificar que pesquisadores internacionais têm realizado estudos sobre a capacitação de treinadores (ROSADO e MESQUITA, 2007; JONES, 2009; CASSIDY, JONES e POTRAC, 2004; CUSHION; ARMOUR e JONES, 2003; NASH e COLLINS, 2006; MALLET, TRUDEL, LYLE e RYNNE, 2009).

Em muitos outros estudos, o enfoque em relação à capacitação de treinadores, tem sido sobre a percepção de competências, contextos de aprendizagem profissional e saberes profissionais, (EGERLAND et. al., 2013; BRASIL, et. al.; 2015; RAMOS et. al., 2011; MILISTETD, 2015; THIENGO, 2011; RODRIGUES, et. al., 2016), bem como, tem apontado a importância de um treinador possuir conhecimentos técnicos, pedagógicos e de gestão com base científica, necessários ao exercício desta função e, capaz de responder aos desafios impostos pelo desenvolvimento dos desportos na atualidade (MESQUITA, 2016; ROSADO; MESQUITA, 2007).

Em relação aos treinadores que atuam com desportos paralímpicos, Depauw e Gravon (2005) já apontavam a necessidade de pesquisas sobre estes profissionais, tendo em vista o desenvolvimento dos eventos desportivos, dentre eles destacamos os JP. Considerando que os estudos sobre a capacitação de treinadores paralímpicos no desporto de alto rendimento são escassos, tal argumentação evidencia a necessidade de mais investigações sobre esta temática (MCMASTER; CULVER; WERTHNER, 2012; DUARTE; CULVER, 2014). Corroborando com essas informações, Mauerberg-DeCastro (2005), destaca que, no Brasil, em 1981, no âmbito de publicações, se inicia de forma marcante a preocupação com a formação profissional na área de EFA com as edições das obras: “Atividade física para

deficiente” de 1981 e “Educação física para o excepcional” em 1982, diferentemente do que ocorre com desporto olímpico, cujas publicações são menos recentes, pois datam do início do século XX (PLATONOV, 2008).

Ainda no Brasil, a capacitação de treinadores desportivos, foi recentemente impulsionada pelo movimento olímpico através do Instituto Olímpico Brasileiro (IOB) e Academia Brasileira de Treinadores (ABT), com o curso de desenvolvimento e aperfeiçoamento desportivo, com dois anos de duração e 840 horas, estruturado nos módulos: presencial e à distância e, estágios nacionais e internacionais (RODRIGUES, et. al., 2016; MILISTETDT, et. al., 2015).

A exemplo do desporto olímpico, no paralímpico, as capacitações do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), realizadas pela Academia Paralímpica Brasileira (APB) desde 2010, com cursos divididos em níveis, sendo eles, níveis: I, II e III. O curso nível I tem duração de 30 horas presenciais e 100 horas de estágio ou de atuação profissional como treinador da modalidade logo após a conclusão do módulo; nível II com 40 horas presenciais e 300 horas de estágio/atuação profissional. (CBTRI, 2016). A capacitação do nível III em atletismo e natação iniciou em 2016 com carga horária de 40 horas, porém não se divulgou as horas de estágio (COSTA e WINCKLER, 2012; CPB, 2016d).

Em nível internacional, temos como exemplo, a IPC Academy (Academia do Comitê Paralímpico Internacional) oferece programas de aperfeiçoamento desenvolvendo cursos baseados em competências para treinadores, técnicos e classificadores, com o intuito de capacitação e certificação, para que se tornem educadores do IPC Academy (IPC, 2018c). Todos estes cursos já são existentes, e possuem chancela internacional pelo IPC, o qual possibilitou a existência de capacitação similares em outros países associados.

Finalmente Costa (1992), já apontava que, desde 1986 o Ministério da Educação e Cultura (MEC), se preocupava em suprir a falta de recursos humanos na área. Dentre as sugestões propostas se destacaram:

- Apoio aos profissionais que já estavam atuando junto às pessoas com deficiências, com cursos de atualização e reciclagem.
- Formação de novos profissionais;

- Incentivar às instituições de ensino superior para implantação de especialização em Educação Física Adaptada e de disciplinas específicas nos cursos de graduação em Educação Física.

Desta forma, além de concordar com o autor e as sugestões apontadas, considera-se que seja necessário apontar que as mesmas, ainda são atuais e que emergem para as mesmas dificuldades que persistem na área. Obviamente o quadro de 1986 se alterou positivamente com o passar dos anos, porém algumas falhas ainda são evidentes, principalmente no que tange a relação entre a Universidade Brasileira e as entidades desportivas.

2.9 Carreira Profissional de Treinadores no Desporto Paralímpico

A carreira profissional de treinador paralímpico no Brasil, geralmente teve relação com a prestação de serviços voluntários, pois como destaca Costa (2009) na maioria das vezes havia a ausência de treinadores habilitados e capacitados para intervir nas modalidades desportivas paralímpicas.

Segundo Marques e Gutierrez (2014) poucos treinadores paralímpicos no Brasil alcançam o ápice quanto à boas remunerações salariais, embora estejam buscando essa valorização e reconhecimento social. Ou seja, além das dificuldades que a área da EF encontra diante da orientação de carreira aos seus futuros profissionais, a inserção neste campo profissional ocorre, muitas vezes pelas dificuldades de inserção no desporto olímpico de alto rendimento.

Neste sentido, entendemos que a compreensão de carreira é fundamental, haja visto o desenvolvimento do desporto paralímpico, impulsionado pelos investimentos públicos. Desta maneira, compreendemos que é necessário que se tenha conhecimento basicamente sobre o conceito de carreira profissional.

Segundo Hall (2002), de maneira ampla, e de senso comum, carreira pode ser definida em duas perspectivas, a primeira num sentido abrangente, na qual carreira são as sequências de promoções e ascensões de cargos numa hierarquia relacionada ao trabalho, ou seja, uma noção de mobilidade vertical. A segunda é a vinculação de carreira com algumas profissões e com outras não. Por exemplo, um advogado pode se tornar de funcionário a sócio de um escritório de advocacia. São movimentos

regulares de um status para outro, o que não acontece com um manobrista de automóveis em estacionamento cuja atividade não é considerada como uma carreira.

Do ponto de vista das ciências comportamentais Hall (2002) ainda destaca que, ter uma carreira e alcançar cargos numa hierarquia de trabalho é independente do tipo de ocupação, sendo a mesma uma sequência de experiências na vida laboral a qual é avaliada e percebida pelo indivíduo com o passar do tempo de acordo através das experiências adquiridas, podendo alterar seus valores, motivações e atitudes.

Desta maneira, compreendendo que a formação inicial e capacitação, enquanto etapas a serem percorridas na construção de carreira, no que diz respeito ao desporto de alto rendimento, segundo Nunomura (2004), os cursos de formação profissional em EF e Desportos não preparam futuros profissionais para atuação nesse campo de atuação, havendo necessidade em sua perspectiva de uma formação mais especializada além da Universidade, pois o ex-atleta com sua experiência não é garantia de uma prestação de serviços adequadamente profissionais.

Além das questões que envolvem a formação profissional, embora a legislação específica, possa indicar o desporto enquanto campo de atuação do profissional de EF, conforme a Lei 9.696/98, Art. 3º (BRASIL, 1998a):

Compete ao Profissional de Educação Física coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas e do desporto. (BRASIL, 1998)

Há, no entanto, uma coexistência conflituosa com a regulamentação do desporto, a saber, a Lei Federal 9.615/98 (BRASIL, 1998h), que institui normas gerais sobre o Desporto, em seu artigo 20, a qual determina que:

As entidades de práticas desportivas (clubes) e as entidades nacionais de administração do desporto (Confederações, Federações e Ligas esportivas), de que trata o tal artigo, são pessoas jurídicas de direito privado, com organização e funcionamento autônomo, que têm suas competências definidas em seus estatutos.

Ou seja, tal ambiguidade e conflito, segundo Drigo (2009), nas relações legais em relação ao desporto, permitem que, haja agrupamento em entidades desportivas com direitos e autonomia com liberdade de ação perante os pressupostos apresentados do “saber fazer”, evidenciando as dificuldades para identificar as

necessidades do desporto nacional, no seu âmbito geral, determinando a emergência de fazê-lo como caráter prioritário ao entendimento da própria identidade da profissão Educação Física.

Dentro deste contexto, os profissionais de EF que atuam no desporto, especificamente treinadores, ficam sujeitos às decisões de dirigentes, muitas vezes 'amadores', bem como tendo seu espaço profissional ocupado por leigos, o que é inaceitável, prejudicando a construção de carreira, pois cabe aos profissionais decidirem autonomamente sobre quais ações e procedimentos na intervenção profissional, a qual deve estar fundamentada em conhecimentos científicos, pedagógicos e tecnológicos, haja visto, segundo Resende; Mesquita e Fernandes (2007) a destacada representatividade e reconhecimento social do treinador num contexto desportivo cada vez mais diversificado, dentre eles o desporto paralímpico de alto rendimento.

No desporto paralímpico, de forma específica, ainda possuímos alguns entraves na formação da carreira, Silva e Drigo (2012) apontam as dificuldades que se originam na formação inicial, tais como:

- Problemas de identidade (nome e ementa) das disciplinas relacionadas à EFA que, geralmente são frutos de modismos ou regionalidades que dificultam um padrão inicial de formação focado para uma identificação de carreira para o aluno;
- Falta de especificidade entre a formação para o bacharel e o licenciado, a fim de facilitar o trânsito de equivalência para as formações;
- Currículos ainda tradicionais e de difícil valorização do desporto adaptado em relação ao convencional;
- Dificuldades em relação às atividades de extensão voltadas para a EFA em IFS privadas.
- Disciplinas que seguem o modelo médico.

Outro fator que se destaca nos achados de Silva e Drigo (2012), referem-se ao perfil generalista de formação, onde aponta-se que as decisões curriculares são direcionadas pelo mercado de trabalho, com a preocupação do egresso em ter empregabilidade. Reflete-se o quanto tal indicativo de formação, dificulta a identidade do egresso em relação a carreira pretendida pois, segundo Schein (1996) o

desenvolvimento de carreira no trabalho, inicia-se anteriormente a entrada na Universidade. Desta forma, indagamos:

- Tal formação generalista terá que impacto no aluno?
- Como uma formação generalista pautada nos problemas apresentados pela área da EFA – como carga horária insuficiente, identidade, falta de extensão e estágio restritos, entre outros – poderá auxiliar na carreira do egresso para a área de desportos paralímpicos?
- Por fim, como uma formação generalista pode ser assim chamada, diante das pressões aos modismos que o mercado insere no contexto de formação?

Além disso, alerta-se que no mundo da estética, o trabalho com deficientes é o que terá menor perspectiva de interesse midiático.

Desta forma aponta-se que o problema na definição de carreira no desporto paralímpico, inicia-se na formação e percorre as outras fases da profissão devido as poucas informações e estudos disponíveis sobre o tema.

2.10 Intervenção Profissional do Treinador Paralímpico

O trabalho apresentado nesta Tese segue os rumos de estudos anteriores de Silva e Drigo (2012), corroborando com os dados encontrados e suas análises sobre repensar em possibilidades para um melhor entendimento, tanto da disciplina EFA, como na estrutura curricular da EF com enfoque na intervenção. Sendo assim, devido a EF ser uma área de aplicação de conhecimentos oriundos de ciências mães cujo objetivo é a aplicação na intervenção profissional, revisitando ainda Silva e Drigo (2012, p. 82 e 83) reeditam-se as demandas que ainda se considera necessária a formação para a intervenção através da:

- 1) Aproximação à prática profissional como um eixo norteador de encontrar tantos problemas relacionados a prática com as possibilidades da intervenção profissional. Pensando nisso verificamos que pesquisas na área de intervenção devam ser aplicadas como mediadoras entre a atuação profissional e a ciência criando uma ponte entre a própria teoria e prática onde estas pesquisas podem direcionar o avanço tecnológico levando à aplicabilidade ao professor/profissional de Educação Física. A ciência neste caso deve ser um reforço para a atuação, intervenção tanto na área de licenciatura quanto graduação/bacharelado, não vista apenas

como teoria que de certa forma acaba afastando ou mesmo negando a prática.

2) As disciplinas do currículo devem interagir para conquistar objetivos comuns. Pensamos que, neste caso, as disciplinas como, fisiologia e teoria do treinamento devem abordar, não de forma exclusiva, aspectos da treinabilidade de deficiências de modo específico em relação ao esporte ou para dinâmica da promoção de saúde que possibilite ou facilite a contextualização nas disciplinas específicas. Da mesma forma, as disciplinas esportivas podem contribuir no que se refere ao desporto adaptado como, por exemplo, a disciplina judô abordar em uma aula o conteúdo judô para cegos, o atletismo abordar as modalidades da paraolimpíada, e assim por diante. Já as disciplinas da área de humanas podem dar o contexto histórico e sócio cultural problematizando em nossa sociedade o trabalho com deficientes.

Os autores também constataram que o desenvolvimento da competência profissional em EFA, perpassa a extensão universitária e necessidade da aproximação para a prática dos graduandos dos cursos de EF. Neste estudo é sugerido a necessidade de pensar na absorção do conteúdo prático nos estágios supervisionados nas frentes de atuação profissional em EFA, bem como em cursos específicos de formação de pós-graduação. Também foi sugerido a residência, semelhante a médica, seguindo as características abordadas por Lima e Gonçalves (2002), a qual consiste no aperfeiçoamento do exercício da profissão em regime dedicação exclusiva e com supervisão de profissionais experientes em ambientes de atuação profissional, diferenciando-se dos atuais cursos de pós-graduação *Lato Sensu*, ou especialização, que se apresentam apenas como reforço teórico.

Dessa maneira, a aplicação desses conhecimentos acima supracitados, constituem a intervenção profissional, na qual formam em síntese, as ações e tomadas de decisão, baseadas nos mesmos, além da expertise do profissional adquirida durante a carreira, vinculada à capacitação, especialização e acúmulo de experiências profissionais.

Neste sentido, especificamente, quanto à intervenção do treinador desportivo, destacando sua representatividade e reconhecimento social, essa deverá estar calcada em alargados conhecimentos, competências e habilidades em relação ao contexto desportivo cada vez mais diversificado (RESENDE; MESQUITA e FERNANDES, 2007). Devido a este fator estudos científicos com base pedagógica se fazem necessários para o entendimento da realidade, do estado-da-arte, dos desafios e principalmente, do saber experiencial (TARDIF, 2002) que os técnicos com *expertise*

profissional consolidada apresentam. Desta forma esta Tese está pautada, em partes, nessa premissa.

Dessa forma, a intervenção treinador no desporto paralímpico, demanda conhecimentos especializados em relação às características que envolvem as deficiências, pois traz em seu bojo especificidades, dentre elas, a classificação desportiva, as regras, os equipamentos, ambiente acessível e as próprias modalidades desportivas. Para tanto, ressaltamos que a interação entre entidades paralímpicas e o CPB, necessitam formar parcerias com as Universidades e principalmente na formação dos já citados cursos de residência profissional, voltados ao desporto paralímpico. Sendo assim, acredita-se que o treinador paralímpico possa ser melhor dimensionado, desde sua formação, para a melhor qualidade de sua intervenção profissional.

Para tanto, compreendemos, a partir das perspectivas de treinadores paralímpicos, a necessidade de levantar quais são esses conhecimentos, advindos da formação inicial em EF e capacitações, bem como as perspectivas de carreira e se há conhecimentos específicos à intervenção profissional do treinador no desporto paralímpico, ou se esses conhecimentos advêm do desporto convencional.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o intuito de apresentar a metodologia utilizada, salientamos que a abordagem qualitativa de pesquisa foi considerada a mais adequada para atender aos objetivos propostos, pois este estudo atende suas características. Segundo Stake (2011), pesquisas de abordagem qualitativa apresentam-se de forma: interpretativa; naturalística, ao esforçar-se para não manipular os dados; situacional na busca mais a singularidade do que a semelhança. Enquanto método de coleta de dados utilizamos as entrevistas semiestruturadas e a análise de conteúdo para o tratamento dos dados.

Dentro deste contexto, com o intuito de responder aos questionamentos e objetivos do estudo, quais sejam, as compreensões dos sujeitos sobre a relação entre formação inicial em EF, capacitação de treinadores, carreira e intervenção profissional no desporto paralímpico, entendemos que a investigação de abordagem qualitativa a mais adequada, considerando segundo Souza Neto (1999); Godoy (1995); Resende (2016), as características “compreensiva” ou “interpretativa” deste tipo de pesquisa, a qual parte do pressuposto que as ações humanas são consequências das crenças, sentimentos, valores, percepções, criações e interpretações dos indivíduos e o que está à sua volta.

Sendo a compreensão de fenômenos e percepções humanas elementos relacionadas à pesquisa qualitativa, há três abordagens que podem auxiliar o pesquisador, sendo elas: a visão holística cuja essência é compreender os significados dos fenômenos e as inter-relações que emergem em determinado contexto; a abordagem indutiva, a qual o pesquisador de forma mais livre, na recolha e verificação dos dados, aponta dimensões e categorias de análise e a abordagem naturalística, a qual o pesquisador intervém minimamente na observação do cenário pesquisado (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998).

Além destes aspectos, as pesquisas qualitativas apresentam abordagens que emergem de diferentes áreas do conhecimento, tais como a antropologia, sociologia e psicologia e apresenta linhas de investigação específicas que a subdividem nas seguintes propostas:

Etnografia – compreender o mundo social de uma dada comunidade através da imersão nessa comunidade; Fenomenologia – que constructos os indivíduos usam na sua rotina diária para construir o sentido acerca do seu mundo; Interacionismo Simbólico –

exploração do comportamento e papéis sociais para compreender como os indivíduos interpretam e reagem ao seu ambiente; Construtivismo – acesso às múltiplas realidades construídas através dos significados partilhados. Arbitrariedade; Teoria Crítica – compreender o modo como as Condições materiais influenciam as crenças, os comportamentos e as experiências (RESENDE, 2016, p. 51,52).

Verifica-se que a investigação qualitativa é caracteristicamente diversa em sua teorização e aplicação, sendo o pesquisador um instrumento fundamental, pois estará em contato direto com o ambiente e os sujeitos, observando e retendo informações, tais como palavras, imagens e a análise feita de forma indutiva, recursiva, interativa com atenção nas perspectivas dos participantes (CRESWELL, 2007; ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998).

Tendo em vista a proposta deste estudo trata-se também de uma pesquisa do tipo exploratória, a qual segundo Merriam (2002) objetiva a compreensão de determinado fenômeno, sendo o processo indutivo o mais adequado para construir hipóteses ou teorias na forma de temas ou categorias que não advém de referenciais teóricos. Ou seja, estudos exploratórios objetivam o tratamento dos dados de pesquisas qualitativas no âmbito da descoberta de intuições e esclarecimento de questões ainda pouco conhecidas e não exploradas, norteada por iniciativas pelo pesquisador de verificações mais livres (RAUPP; BEUREN, 2003; GIL, 2002; ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998).

No entanto, é igualmente importante ao pesquisador reportar o que a literatura apresenta sobre o fenômeno em estudo, ou seja, realizar revisão prévia dos conhecimentos específicos pode significar a diferença entre uma investigação qualitativa bem ou mal executada (RESENDE, 2016).

Em face de a pesquisa qualitativa adequar-se ao nosso estudo objetivando compreender as perspectivas dos participantes, elaboramos um roteiro de questões na forma de entrevista semiestruturada, como já apontamos anteriormente, e utilizamos a Análise de Conteúdo (AC) para tratamento dos dados, pois segundo Bardin (1977) permite analisar as comunicações e a descrição dos conteúdos das mensagens e realizar inferências, dadas as circunstâncias em que foram produzidas.

3.1 Participantes do estudo

Entendendo a importância do desporto paralímpico brasileiro e sua proeminência em competições internacionais, em específico das seleções brasileiras paralímpicas de atletismo e da natação, carros-chefes do CPB, selecionamos de forma proposital, os participantes considerando que todos fossem treinadores de seleções brasileiras destas modalidades paralímpicas, presentes em uma ou mais paralimpíadas.

Desta forma, considerando a experiência profissional, expertise e ápice desses treinadores, enquanto treinadores de seleções nacionais, entendemos que, investigar as suas perspectivas, trariam apontamentos e esclarecimentos acerca das relações entre formação inicial em EF e desporto paralímpico, capacitação, perspectivas de carreira e intervenção profissional de treinadores paralímpicos.

Ao todo participaram do estudo catorze treinadores, todos do sexo masculino, sendo o mais jovem com 28 anos e o mais velho com 59 anos de idade. (Ver tabela 6: Dados gerais dos participantes).

3.2 Instrumento de pesquisa

Enquanto instrumento de pesquisa, utilizamos a entrevista do tipo semiestruturada, a qual segundo Bodgan e Biklen (1994), permite ao pesquisador coletar dados na forma de registros das falas dos entrevistados em sua linguagem própria, com as descrições sendo intuitivamente interpretadas pelo pesquisador.

A entrevista semiestruturada apresenta: um roteiro de questões; assemelha-se a uma conversa informal; permite ao pesquisador fazer questionamentos adicionais na falta de clareza nas respostas e possibilita a delimitação de informações (BONI e QUARESMA, 2005).

De maneira geral, as entrevistas semiestruturadas são organizadas em torno de um predeterminado conjunto de questões abertas, bem como, eventualmente podem emergir outras questões em seu transcorrer (RESENDE, 2016).

Com o objetivo de submeter o roteiro de questões para apreciação por pares, enviamos o mesmo para sete avaliadores, todos doutores em EF e com experiência acadêmica em pesquisa qualitativa. Estes avaliadores podem ser denominados de juízes externos, os quais devem ter experiência em investigações qualitativas, pois tem como papel avaliar as questões do roteiro de entrevistas, ou seja, a validação de seu conteúdo, verificando se estão adequadas aos propósitos do estudo (MANZINI, 2003; RESENDE, 2016).

O encaminhamento foi feito por e-mail com uma breve descrição, no corpo do mesmo, da seguinte questão de estudo: Como se configuram a formação em EF, a capacitação, carreira e a intervenção profissional para atuar no desporto paralímpico na perspectiva de treinadores paralímpicos das seleções brasileiras de atletismo e natação?

Recebemos quatro devolutivas, sendo que três deram seus pareceres sobre o roteiro e um opinou sobre a delimitação do problema, cuja opinião não foi exposta. O roteiro de questões da entrevista enviado aos avaliadores está descrito na tabela 3 a seguir:

TABELA 3. Instrumento de coleta de dados: Roteiro de entrevista semiestruturada

ROTEIRO DE QUESTÕES
1. Nome completo?
2. Sua idade?
3. Você possui formação em ensino superior? () sim () não
4. Em qual curso você se graduou?
5. Quanto tempo de formado?
6. Possui pós-graduação? () Sim () Não () Especialização () Mestrado () Doutorado
7. Por gentileza, especifique para cada curso de pós a sua especialidade?
8. Qual é a sua situação profissional atual?
9. Como foi a sua formação em relação ao desporto paralímpico?
10. Qual a formação que você considera ideal para atuar com desporto paralímpico?
11. Qual a capacitação que você considera ideal para trabalhar com desporto paralímpico?
12. O que você considera como principais diferenças na intervenção profissional entre o desporto paralímpico e desporto convencional?

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com a devolução do roteiro de questões com os pareceres dos avaliadores, realizamos um comparativo com sugestões acerca do instrumento de pesquisa, o qual ficou organizado na tabela 4 a seguir:

TABELA 4. Pareceres dos avaliadores

Questão	ROTEIRO DE QUESTÕES		
	Doutor 1	Doutor 2	Doutor 3
1	X	X	X
2	X	X	X
3	X	X	X
4	X	X	Bacharel ou Licenciado?
5	X	X	X
6	Especificar o ano de conclusão da pós-graduação.	X	X
7		X	X
8	Você acredita que os participantes tenham outro emprego?	X	X
9	X	A quanto tempo atua com esporte paralímpico?	X
10	X	X	Talvez propor categorias.
11	X	X	X
12	X	Aqui talvez valha a pena indicar a possibilidade de ele pensar em uma formação geral para o esporte paralímpico e uma formação específica para a modalidade a qual atua.	X
13	X	X	X

Fonte: Elaborado pelo autor.

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Com os pareceres em mão, adequamos o instrumento de pesquisa separando as questões nos blocos: A; B; C; D; E; F de acordo com os objetivos do estudo. Ressaltamos que as questões 10 e 11 foram sugeridas pela banca examinadora no exame de qualificação. Na tabela 5 abaixo segue o roteiro alterado.

TABELA 5. Instrumento de coleta de dados reformulado após os pareceres dos avaliadores

A. Dados Gerais

-
1. Nome completo?

 2. Sua idade?

 3. Você possui formação em ensino superior? () sim () não

 4. Em qual curso você se graduou? Bacharelado ou Licenciatura?

 5. Quanto tempo de formado?

 6. Possui pós-graduação? (). Sim () Não; () Especialização; () Mestrado; () Doutorado; Ano de Conclusão.

 7. Por gentileza, especifique para cada curso de pós a sua especialidade?

B. Caracterização da amostra

-
8. Qual é a sua situação profissional atual?

 9. A quanto tempo atua com desporto paralímpico?

 10. Quantas participações em Jogos Paralímpicos?

 11. Em qual ou quais?

 12. Quantas e quais medalhas conquistadas em Jogos Paralímpicos?

C. Ingresso e formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico

-
13. Como se deu o seu ingresso no desporto paralímpico?

 14. Como foi a sua formação em relação ao desporto paralímpico?

D. Elementos da formação inicial em EF para atuação no desporto paralímpico

-
15. Em sua opinião qual a formação você considera ideal para atuar com desporto paralímpico?

E. Elementos de uma capacitação profissional para a construção de carreira no desporto paralímpico.

-
16. Qual a capacitação você considera ideal para trabalhar com desporto paralímpico?

17. Em sua opinião é possível construir carreira no desporto paralímpico?

F. Diferenças entre desporto olímpico e paralímpico na intervenção profissional.

18. Em sua opinião o que você considera como principais diferenças na intervenção profissional entre o desporto paralímpico e desporto convencional?

Fonte: Elaborado pelo autor.

Enquanto procedimento para a realização das entrevistas foi feito um agendamento prévio por e-mail com os participantes, e no momento das mesmas, foi feita a apresentação para assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando a divulgação dos dados, sendo que as entrevistas se realizaram no local de trabalho dos mesmos, tendo como recursos para gravação um computador portátil e um smartphone, pois segundo Thomas; Nelson e Silverman (2008) é através da gravação que são feitos os primeiros registros na coleta de dados, com o objetivo de posterior transcrição e análise.

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo comitê de ética da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus de Rio Claro com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 40742114.3.0000.5465, ressaltando que foram feitas emendas ao projeto original, pois ampliamos o enfoque para as questões relacionadas à capacitação, carreira e intervenção profissional.

3.3 Tratamento dos dados

Tendo em vista as primeiras aproximações aos dados, realizamos as transcrições das entrevistas levando em consideração, segundo Resende (2016), a pontuação, a ortografia e a apresentação gráfica. Deste modo, as transcrições dos registros dos áudios foram realizadas na íntegra através do processo o qual se denomina *verbatim*.

Desta forma, após as transcrições, os primeiros dados a serem apresentados foram sobre: A. Dados gerais; B. Caracterização da amostra; C. Ingresso e formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico; D. Elementos da formação inicial em EF para atuação no desporto paralímpico; E. Elementos para capacitação profissional e construção de carreira no desporto paralímpico e F. Diferenças entre desporto olímpico e paralímpico na intervenção profissional.

A partir dos dados sobre: C. Ingresso e formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico, pois as questões para a recolha dos mesmos foram mais abertas e proporcionaram respostas livres, utilizamos para tratamento dos dados a análise de conteúdo e a abordagem indutiva na construção de categorias e subcategorias.

A análise de conteúdo é definida pelo seu campo, o qual é muito vasto, qual seja, o campo das comunicações, e se define como um conjunto de técnicas que realiza a análise das comunicações, recorrendo à inferência seja de dados qualitativos ou quantitativos (BARDIN, 1977).

Desta forma, a partir da análise de conteúdo, enquanto método para tratamento dos dados deste estudo, se estabeleceu na perspectiva de Bardin (1977) orientar-se por três fases cronológicas: a pré-análise; a exploração do material e o tratamento dos dados pela inferência e interpretação.

Na pré-análise organizamos o material realizando os seguintes procedimentos: a) leitura flutuante ao estabelecer o contato com as entrevistas para as primeiras percepções com o objetivo de conhecimento e análise dos textos; b) Agrupamento dos elementos que compõem as entrevistas, no nosso caso, os blocos de questões e c) transcrição em sua íntegra das entrevistas.

Cabe lembrar que, com o agrupamento dos dados se buscou o consenso entre os entrevistados, ou seja, quanto maior as opiniões convergentes no agrupamento, maior será a veracidade do dado apresentado perante o grupo estudado.

Quanto à exploração do material, identificamos as unidades de registros através de recortes com os trechos mais importantes das respostas dos participantes em relação ao objetivo do estudo.

Segundo Laville e Dionne (1999) uma das primeiras ações do pesquisador, é a de realizar os recortes dos conteúdos, para que, posteriormente possa agrupá-los em categorias de análise. Estes recortes são denominados de unidades de análise ou unidades de registro.

Para Bardin (1977) este trabalho de poda é uma delimitação em relação aos materiais a serem analisados, nos quais podem ser: [...] a palavra, a frase, o minuto, o centímetro quadrado.

Quanto à análise dos resultados, utilizamos a inferência e a interpretação, numa análise ainda mais aprofundada dos documentos classificando as unidades de registros em categorias de maneira não apriorística, ou seja, orientando-se por Creswell (2007) os dados foram analisados de maneira indutiva, recursiva e interativa com atenção nas perspectivas dos participantes, em seus pontos de vista, significados e objetivos.

Em se tratando de um estudo qualitativo e do tipo exploratório, o qual tem como característica segundo Merriam (2002) a descoberta e compreensão de determinados fenômenos e as perspectivas dos indivíduos do mundo à sua volta, a abordagem indutiva é a mais adequada, pois não provém de quadros teóricos estabelecidos antecipadamente.

Desta forma, considerando os procedimentos básicos acima citados, tivemos o cuidado de construir as categorias de análise com o intuito de, segundo Bardin (1977), classificar os elementos de um conjunto isolando-os e posteriormente reagrupando-os por conta das características comuns a estes elementos.

Segundo Laville e Dione (1999) categorias analíticas devem ser agrupadas por parentesco de sentido, principalmente se forem construídas de maneira indutiva, comum em investigações exploratórias, as quais segundo Campos (2004) são como grandes enunciados que abrangem temas variados de acordo com o grau de proximidade ou concordância e, as subcategorias, abarcam um número variável de

temas, segundo seu grau de intimidade ou proximidade, e que possam através de sua análise, exprimirem significados e elaborações importantes que atendam aos objetivos de estudo e criem novos conhecimentos, proporcionando uma visão diferenciada sobre os temas propostos, sendo primeiras interpretações da realidade as quais consistem em recortes dos conteúdos selecionados de maneira indutiva.

Enquanto procedimentos para maximizar a confiabilidade, utilizamos o questionamento por pares, o qual segundo Alves Mazzotti e Gewandsznajder (1998) consiste em solicitar a outros pesquisadores, os quais estejam trabalhando na perspectiva de pesquisa qualitativa e não envolvidos na pesquisa, como “advogados do diabo”, objetivando verificar e apontar falhas quanto à compreensão e vieses das interpretações.

4. RESULTADOS

Os resultados que serão apresentados, emergiram das respostas dos participantes às questões do roteiro de entrevista, o qual foi dividido nos blocos: A; B; C; D; E; F descritos abaixo:

- A. Dados gerais.
- B. Caracterização da amostra.
- C. Ingresso e formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico.
- D. Elementos da formação inicial em EF para atuação no desporto paralímpico.
- E. Elementos para capacitação profissional e construção de carreira no desporto paralímpico.
- F. Diferenças entre desporto olímpico e paralímpico na intervenção profissional.

A. Dados Gerais

Quanto aos dados gerais a identificação dos participantes (ver tabela 6), foi mantida em sigilo, de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para tanto, neste bloco constam as informações sobre:

- 1) Nome completo – A identificação do participante foi feita pela letra T (maiúscula), número e letras: A (maiúscula para Atletismo) e N (maiúscula para Natação).
- 2) Idade.
- 3) Formação em EF.
- 4) Formação em Bacharelado e/ou Licenciatura.
- 5) Tempo de formação.
- 6) Formação continuada em pós-graduação.
- 7) Especialidade.

Como se pode observar na tabela 4 abaixo, quanto à idade, o participante mais jovem tem 28 anos e o mais velho 59 anos de idade; o gênero masculino foi predominante e o tempo de formação em EF esteve entre 7 e 35 anos,

Quanto à formação inicial (graduação), observa-se que todos têm formação em EF, um indicativo de que o campo de trabalho para profissionais da área no desporto paralímpico, é uma tendência para construção de carreira.

Verificamos também, devido à faixa etária dos participantes e tempo de atuação profissional, que a conclusão de suas graduações se realizou em períodos distintos

sendo a maioria habilitados com a Licenciatura. Sendo assim, seis treinadores são formados entre 1980 e 1986, todos licenciados em EF; nove participantes formados entre 1998 a 2014, com duas habilitações: Licenciatura e/ou Bacharelado, considerando que o treinador T10N é o único do grupo que se formou em 1984 em Licenciatura, porém concluiu o Bacharelado em 2014.

Em relação à formação continuada em nível de pós-graduação, dos catorzes, onze são especialistas com *Lato Sensu* e um tem *Stricto-sensu* em nível de mestrado, havendo maior predominância de especializações em fisiologia do exercício. Dois participantes, T2A E T14N, realizaram suas especializações relacionadas à atividade física adaptada e ciência da saúde para pcd, ou seja, direcionado ao público alvo no qual atuam profissionalmente.

TABELA 6. Dados gerais dos participantes

Treinadores	Idade (anos)	Gênero	Formação/Ano de conclusão		Pós-Graduação	
			Licenciado	Bacharel	Especialista	Mestre
T1A	54	M	X/1980	-	Treinamento Desportivo	-
T2A	42	M	X/2003	-	Ativ. Motora Adaptada	-
T3A	59	M	X/1980	-	Treinamento Desportivo	-
T4A	42	M	-	X/1998	Biomecânica e Fisiologia do Exercício	-
T5A	50	M	X/1986	-	Fisiologia do Exercício	-
T6N	30	M	X/ 2007	X/ 2007	-	-
T7N	36	M	X/ 2007	-	Fisiologia do Exercício	-
T8N	32	M	X/ 2007	-	-	-
T9N	54	M	X/ 1986	-	Fisiologia do Exercício	-
T10N	54	M	X/ 1984	X/ 2014	Natação	-
T11N	37	M	X/ 2006	X/ 2006	Atividades Aquáticas	-
T12N	39	M	X/ 1999	-	Treinamento Desportivo	-
T13N	30	M	X/ 2008	X/ 2008	Treinamento Desportivo	-
T14N	28	M	X/ 2008	X/ 2008	-	Ciências da Saúde

Fonte: elaborado pelo autor.

B. Caracterização da amostra

Apresentados os dados gerais dos participantes, iremos expor um perfil dos treinadores com informações sobre a situação profissional na seleção brasileira; se possuem outra atividade laboral; tempo de atuação no desporto paralímpico e número de participações em Jogos Paralímpicos (JP), quais e quantas foram as medalhas conquistadas neste evento.

Para tanto, as questões do bloco B estão descritas abaixo e, as respectivas respostas na tabela 7 em seguida:

- 8) Qual é a sua situação profissional atual na seleção brasileira – treinador permanente ou não – e se você possui outra atividade laboral?
- 9) Há quanto tempo atua com desporto paralímpico?
- 10) Quantas participações em JP?
- 11) Em qual ou quais?
- 12) Quantas e quais medalhas conquistadas em JP?

Verificamos que, dos catorze treinadores entrevistados, seis são permanentes, três do atletismo e três da natação e oito não permanentes, sendo dois do atletismo e seis da natação. Os não permanentes além de prestarem serviços às seleções brasileiras destas modalidades, exercem outras funções laborais.

Quanto ao tempo de carreira, há treinadores com mais de trinta anos e outros com apenas um ano de atuação, com participações de ao menos um JP com conquista de medalhas. Nos últimos JP realizado no Brasil 2016, exceção do participante T_{4A}, todos estiveram presentes.

TABELA 7. Perfil profissional e desportivo paralímpico dos treinadores participantes

Treinadores	Situação profissional na Seleção Brasileira		Tempo no Desporto Paralímpico (anos)	Participações em JP
	Permanente	Não permanente		
T1A*	X		10	Pequim/2008 Londres/2012 Rio/2016
T2A*	X		10	Pequim/2008 Londres/2012 Rio/2016
T3A*	X		31	Seul/1988 Atlanta 1996 Sidney 2000 Atenas/2004 Pequim/2008 Londres/2012 Rio/2016
T4A#		X	7	Pequim/2008
T5A#		X	8	Rio/2016
T6N*	X		1	Rio/2016
T7N*	X		1	Rio/2016
T8N*	X		1	Rio/2016
T9N+		X	16	Pequim/2008 Londres/2012 Rio/2016
T10N#		X	9	Pequim/2008 Londres/2012 Rio/2016
T11N#		X	8	Pequim/2008 Londres/2012 Rio/2016
T12N#		X	5	Londres/2012 Rio/2016 Prata:4
T13N#		X	9	Rio/2016
T14N#		X	8	Rio/2016

Fonte: Elaborado pelo autor.

Legenda: Treinadores permanentes e treinadores não permanentes e suas outras atividades laborais dos treinadores não permanentes:

* Treinadores Permanentes da Seleção Brasileira de Atletismo e Natação.

+ Docente Universitário.

Treinadores de atletas com deficiência e TA4 atleta guia; TN11 empresário e T12N personal trainer.

Ainda na perspectiva de caracterização dos participantes, verificou-se sobre: o ingresso na carreira, do total de 14 participantes, 11 ingressaram ocasionalmente e 3 por opção, cujos dados foram identificados pelas categorias: Ingresso Ocasional e Ingresso Opcional, com a questão 13: Como se deu o seu ingresso no desporto paralímpico? conforme tabela 8 abaixo.

TABELA 8. Ingresso no desporto paralímpico

Categoria	Trechos das entrevistas
	<p><i>Há mais de dez anos, eu fui convidado para fazer uma arbitragem das competições da antiga Confederação de Desportos para Cegos. Então a empresa fez esta primeira arbitragem, e depois eles gostaram, depois fiz por mais dois anos. A partir deste momento a gente fez uma amizade. (Participante T1A).</i></p> <hr/> <p><i>Em 2006 o diretor do CPB me ligou: “Você tem interesse em fazer parte da equipe técnica da seleção brasileira?” Aceitei. E desde então foi assim que as coisas se deram. (Participante T9N).</i></p> <hr/> <p><i>Em 2006 quando eu ainda era atleta houve o convite para começar o projeto aqui em virtude da necessidade da cidade por conta dos jogos regionais e abertos, e aí eu comecei a fazer o trabalho com um atleta. (Participante T13N).</i></p>
Ingresso Ocasional	<p><i>Em um belo dia eu tive um convite para trabalhar com deficientes e confesso que fiquei meio assim assustado e tal, mas sempre gostei de desafios, aquela coisa toda né, aí eu falei assim: “Eu vou encarar isso aí”. No começo era um dia por semana só porque eles precisavam do profissional lá. (Participante T2A).</i></p> <hr/> <p><i>Foi por acaso, eu estava trabalhando com atletismo convencional e aí apareceram umas pessoas cegas lá e pediram ajuda. Aí ajudei eles em algumas áreas de treinamento, lançamentos, corrida e tal. (Participante T3A).</i></p> <hr/> <p><i>A primeira vez que eu trabalhei com alto rendimento foi em 2010. Na época eu fui convidado por um atleta da classe S10, para trabalhar com ele. (Participante T6N).</i></p> <hr/> <p><i>Eu nunca fui procurar um atleta. Um atleta paralímpico veio me procurar e desde 2011 a gente está junto. (Participante T12N).</i></p> <hr/> <p><i>Até tem a ver com o Head Coach da seleção brasileira. Ele foi convidado para trabalhar com um nadador paralímpico, e no final de 2010 ele falou: “Você não quer dar treino para o meu atleta paralímpico?” Falei: “Sim, vamos ver o que ele pode e o que ele quer.” (Participante T7N).</i></p> <hr/> <p><i>No paralímpico na verdade foi a convite do Head Coach da seleção. (Participante T8N).</i></p> <hr/> <p><i>O pai de um menino que nadava master comigo me apresentou o seu filho, ele tinha quatro anos de idade e tinha uma má formação em uma das pernas. (Participante T10N).</i></p>

Não foi por procura, foi por necessidade da instituição. Eles precisavam que um professor viesse para ocupar um lugar de uma professora de um centro de iniciação esportiva. Eu vim para este centro porque eu estava, digamos assim, num trabalho de iniciação do olímpico. Eu não estava muito satisfeito lá. E aí a minha insatisfação foi causa da própria clientela que não dava valor para aquilo que estava sendo oferecido. (Participante T5A).

A minha irmã é cega e desde criança ela já nada. Ela já participou de Atlanta 96, Sidney 2000, 2004 Atenas e 2008 na China, e eu era atleta profissional também de natação, só que eu parei e o último ano foi em 99. Tinha a irmã cega que ia para as competições, mas a gente não ia junto para as competições, não vivia isso. Em 2004 queria trabalhar mais com deficientes. E antes eu fazia engenharia eletrônica, e depois de 2004 aí fui fazer educação física. Não terminei engenharia eletrônica e fiz educação física. (Participante T11N).

Ingresso Opcional

Eu deixei muita coisa para trás, investi bastante, mudei de cidade, fechei um negócio meu para poder trabalhar com esporte paralímpico, para investir principalmente num talento único, quer dizer, a partir de um talento eu consegui me engajar dentro do movimento, participar de competições. (Participante T4A).

Eu participava de um projeto pela faculdade de Educação Física que era um projeto de atendimento a pessoas com deficiência. E aí eu fui convidado para direcionar o trabalho da equipe paralímpica regional. E aí eu fiquei até o final de 2008 lá, como técnico da equipe paralímpica. No outro ano eu fui contratado pelo clube, e aí depois eu fui convocado para participar de alguns eventos pela seleção em 2011, e em 2013 fui contratado pelo CPB. (Participante T14N).

Na questão 14: Como foi sua formação em relação ao desporto paralímpico? Foram levantados dados sobre: o histórico da formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico, os quais foram por nós interpretados através de três categorias e duas particularidades:

Categorias

1. Ausência do Desporto Paralímpico na Formação. Seis participantes: T1A; T3A; T5A; T9N; T10N e T7N relataram que, em seus períodos de graduação, não haviam disciplinas ou conteúdo em relação ao desporto paralímpico.

2. Presença superficial do Desporto Paralímpico na Formação. Essa categoria indicou nos relatos de cinco participantes: T6N; T8N; T11N; T12N; T13N e T14N, o desporto paralímpico na formação inicial não era a temática principal, sendo as disciplinas generalistas e superficiais.

3. Presença do Desporto Paralímpico na Formação. Dois participantes: T4A e T14N, relataram sobre a importância da instituição, das disciplinas, estágios e projetos de extensão universitária como elementos formadores. Iniciando pelo treinador T4A, relatou que seu ingresso foi motivado por causa de seu trabalho com uma atleta paralímpica com potencial desportivo em alto rendimento, inclusive, declarando que mudou de domicílio e deixou negócios profissionais para dedicar-se em seguir carreira no desporto paralímpico, motivado pela possibilidade de inserção no movimento paralímpico juntamente com sua atleta, um momento decisivo em sua trajetória para construir uma carreira como treinador paralímpico. Ainda nessa categoria, verificou-se no relato do participante: T11N, que sua opção pela carreira foi influenciada segundo o mesmo, pelo fato de um de seus familiares ser pcd e ter sido atleta paralímpica. Para tanto, decidiu deixar o curso de engenharia eletrônica para cursar EF.

Particularidades

1. Saberes experienciais. O participante T2A relatou que recebeu um convite e quando se deparou com a realidade foi buscar meios de aprendizagem, tais como recursos materiais advindos de publicações, porém ressaltou que o mais importante foi a iniciativa de aproximar-se, dialogar e obter informações junto aos próprios atletas com deficiência.

2. Socialização primária. O participante T4A a partir das experiências no convívio social junto ao seu familiar com deficiência, considerou-as significativas, embora ainda não houvesse ingressado na graduação e mercado de trabalho, etapas posteriores em sua história de vida.

Os recortes das respostas em relação ao histórico da formação inicial dos participantes estão expostos na tabela 9 abaixo.

TABELA 9. Histórico pessoal da formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico

Questão 14. Como foi sua formação em relação ao desporto paralímpico?

Categoria	Trechos das entrevistas
Ausência do Desporto Paralímpico na Formação	<i>Nada. Não tive nada. Então, eu não tive formação nenhuma na faculdade e não tive cursos na época. (Participante T1A).</i>
	<i>Na minha época não existia nada na área do desporto paralímpico. (Participante T3A).</i>
	<i>Nessa época não tinha. Não se falava nada de atividade adaptada. (Participante T5A).</i>
	<i>Nada. A descoberta, a descoberta foi por tentativa e erro. Publicações, o que que você vai encontrar? Em 1986 você não vai encontrar publicações. (Participante T9N).</i>
	<i>Lá trás de 82 a 84 não tinha nada, ninguém sabia o que era esporte paralímpico. Só agora tive aula de esportes adaptados. (Participante T10N).</i>
Presença Superficial do Desporto Paralímpico na Formação	<i>Na faculdade eu não tive uma disciplina paralímpica, né? Eu tive treinamento, tive algumas outras coisas, mas voltado só para o paraolímpico, eu não tive [...]. (Participante T7N).</i>
	<i>Eu tive a matéria educação física adaptada na faculdade, mas não era nada específico. (Participante T6N).</i>
	<i>Bem, sinceramente eu tive pouco contato com o paradesporto. Mesmo na faculdade, a gente estava conversando, na faculdade você tem um preparo muito superficial sobre técnico. Tive eu acho no 4º ano uma matéria semestral lá, então, muito pouco. (Participante T8N).</i>
<i>Teve só aquela de esporte adaptado. Assim, foi muito fraco. A gente sabia mais que os professores, principalmente na parte da natação. (Participante T11N).</i>	

Eu tive na faculdade. Eu me lembro que tive adaptada. Na universidade que eu fiz a adaptada tinha sempre que organizar um evento para pessoas adaptadas. Isso eu lembro muito bem, porque a gente trabalhou igual um “camelo”. (Participante T12N).

Eu tive esporte paradesportivo relacionado com atividade física adaptada. Estagiei num hospital psiquiátrico durante seis meses. Trabalhei numa escola só de Down. E salvo o projeto piloto que a gente fez na cadeira de psicologia do esporte, as outras disciplinas apenas deram umas pinceladas sobre o esporte adaptado, nada profundo. (Participante T13N).

A disciplina de Educação Física Adaptada foi ótima. A gente estudou esporte paralímpico, [...], esta disciplina também ajudou a me dar esta formação, porém com o passar dos anos, as outras possibilidades de eu trabalhar com outras modalidades, dança, atletismo, eu não tive a oportunidade de trabalhar formalmente com esporte paralímpico, mas sempre tive contato, né? Um pouco. (Participante T4A).

Presença do Desporto Paralímpico na Formação

Eu acredito que a Faculdade de Educação da ..., é muito diferente das demais, porque ela tem matérias específicas para o paradesporto. Então eu tive bastante orientação para trabalhar com a pessoa com deficiência desde o início da minha formação. E acho que facilitou bastante eu querer trabalhar com a área, porque eu sempre tive contato. Então vários estágios que a gente fez era com pessoas com deficiência, por conta desse projeto que tinha na faculdade. (Participante T14N).

Particularidades	Trecho da entrevista
Saberes experienciais	<i>A partir do primeiro convite, da primeira experiência, que eu falei assim: “Legal, é isso o que eu quero”. Fui tentar ler, buscar material, na prática também, conversar com os deficientes. [...] dentro da prática, conversar com os atletas, saber como é o dia a dia, as dificuldades que eles enfrentam, viver um pouquinho o lado deles e tentar achar as adaptações ali para as coisas acontecerem da melhor forma. (Participante T2A).</i>
Socialização Primária	<i>Então, pensando nisso, a minha formação começou com o meu primo. O meu primo mais velho nasceu com má formação. E a minha infância, a minha adolescência, eu cresci vendo que tudo é capaz, tudo é possível. Eu nunca me coloquei como um primo de um deficiente. Então eu acho que a minha formação começou aí. Mas foi quando aconteceu de eu atender uma moça deficiente visual que ainda hoje é atleta, que eu percebi um potencial muito grande, e eu falei não, este potencial não pode ser desperdiçado[...] (Participante T4A).</i>

Apresentando os resultados da questão 15 do bloco D: Em sua opinião, qual a formação em EF que você considera ideal para atuar com esporte paralímpico? O objetivo foi o de levantar, na perspectiva dos treinadores, elementos que consideram de responsabilidade da formação inicial em EF para intervenção no esporte paralímpico, representados pelas categorias e uma particularidade:

1. **Conteúdo específico.** Com a participação de quatro participantes, sendo T1A indicando a classificação desportiva como conteúdo que deva fazer parte da formação inicial em EF; T5A e T8N, destacando as características das deficiências e T10N, com o indicativo da necessidade de aquisição de conhecimentos acerca das modalidades desportivas paralímpicas.
2. **Relação teoria e prática.** Nessa categoria com duas participações: T2A e T14N os treinadores consideraram que a prática é um elemento formador, o qual deveria ser mais explorado na formação inicial, pois na perspectiva dos mesmos a teoria não consegue dar suporte ao trabalho cotidiano no esporte paralímpico.
3. **Limites da formação inicial em EF.** Três participantes: T6N; T9N e T13N, relataram que a formação inicial em EF é ampla, insuficiente com o esporte paralímpico isolado no currículo.
4. **Parcerias.** Finalizando com as categorias, dois participantes: T3A e T12N, consideraram que deveriam ser inseridas disciplinas sobre esportes paralímpicos na Universidade com a chancela do CPB.
5. **Formação Continuada.** Com duas participações: T2A e T7N, os treinadores consideraram que a formação continuada indicando os cursos de capacitação da APB como o mais adequado, pois pode auxiliar ao treinador ter uma formação mais específica do que na formação inicial em EF.
6. **Experiência.** Nessa categoria, dois treinadores: T4A e T11N, apontando a prática, a convivência e o saber – fazer como elementos de uma formação inicial ideal.

Na tabela 10 abaixo encontram-se descritos os recortes das respostas dos treinadores considerando suas perspectivas a uma formação inicial em EF ideal.

TABELA 10. Elementos da formação inicial em EF para atuação no desporto paralímpico

Categorias	Trechos das entrevistas
Conteúdo Específico	<i>Tenho que ter conhecimento das classes e das deficiências dos atletas. (Participante T1A).</i>
	<i>[...] na faculdade o aluno teria que aprender a conhecer as deficiências. Ele teria que aprender a fazer estudos dessas deficiências para ver as limitações. (Participante T5A).</i>
	<i>[...] é obvio que você tem que entender as deficiências, a gente precisa entender que alguns exercícios podem acelerar um processo degenerativo, [...] (Participante T8N).</i>
	<i>Quem está estudando tem quatro anos de bacharel. Nesses quatro anos a cada semestre tem que dividir as modalidades, [...] (Participante T10N).</i>
Relação teoria e prática	<i>[...] é a prática, é o dia a dia com os atletas, é o treinamento, é colocar tudo que conseguiu absorver dos cursos e das competições ali no dia a dia na prática mesmo com os atletas né. Acho que isso é o principal. Não ficar só preso na teoria. (Participante T2A).</i>
	<i>Então, eu acho que a prática leva muito a gente para adquirir o feeling para trabalhar com eles. Acho que a gente se prende muito na teoria. (Participante T14N).</i>
Limites da Formação	<i>A educação física de um modo geral tem muitas áreas de atuação. É muito amplo, muito amplo. Eu acho que em quatro anos, a universidade não consegue te dar uma experiência de todas as áreas. (Participante T6N).</i>
	<i>De maneira alguma. Nenhum currículo no Brasil possibilita assim uma formação digamos razoável para que ele atenda a contento às pessoas com deficiência. Nós damos o mínimo, mas o mínimo do mínimo, para que essa pessoa não saia crua da universidade. (Participante T9N).</i>
	<i>Em se tratando de esporte de alta performance eu acho que não tinha que ser separado não, porque quanto mais separado você trata o esporte paradesportivo, menos resultado você tem. Então, se tratando de esporte de alto rendimento eu acho desnecessário você ter uma separação, porque o treinamento é igual para todos. (Participante T13N).</i>
	<i>[...] eu acho que deveria ter esse curso (do CPB) dentro da graduação. [...] seria o melhor canal colocar isso dentro das faculdades. (Participante T3A).</i>

Parcerias

Eu acho que a formação ideal para trabalhar com esporte paralímpico teria que ter uma matéria ligada ao comitê e o comitê dando um suporte. Então, eu acho que teria que ter algo assim na universidade, um contato maior com o comitê paralímpico, [...] (Participante T12N).

Formação Continuada

Eu acho que tem que se capacitar, fazer os cursos técnicos. Essa linha que o CPB tem seguido agora que já é adotada pelo comitê olímpico de curso nível I, curso nível II, futuramente vai ter o nível III, é muito bacana para a pessoa se inteirar de que como funciona [...] (Participante T2A).

E hoje em dia existe o CPB, o comitê paralímpico e ele dá oportunidade junto com a academia paralímpica de cursos. Eles dão muitos cursos hoje em dia para ajudar profissionais de Educação Física a ingressar no esporte paralímpico. (Participante T7N).

Experiência

Então, primeiro é a convivência, [...]. Não adianta estudar os livros, fazer a disciplina atividade física adaptada. Fazer cursos se você não convive. Então, a primeira formação, não digo formal, é essa, tem que ter a convivência. (Participante T4A).

Eu sou muito suspeito, mas é, eu acho que se a pessoa for querer ser um professor de natação, para mim, ele tem que saber nadar, saber quais são as dificuldades, qual e o que ele tem que corrigir, o que ele tem que ensinar e como ensinar. Porque não tem como você ensinar uma coisa que você não sabe. (Participante T11N).

Iniciando o bloco E, questão 16: Qual a capacitação você considera ideal para trabalhar com esporte paralímpico? Tendo como objetivo, levantar elementos essenciais de uma capacitação profissional, enquanto formação continuada, emergiram quatro categorias:

1. Certificação. Com seis participações: T2A; T6N; T7N; T8N; T9N e T12N, foi ressaltado que a APB e seus cursos de capacitação, é o encaminhamento adequado para treinadores atuarem no esporte paralímpico.

2. Especialização. Para três participantes: T3A; T4A; T10N, a pós-graduação, enquanto capacitação para treinadores deve ter como lócus as universidades.

3. Experiência. Nessa categoria, com três participações emergiram os seguintes aspectos: primeiro, para o participante T1A, as experiências anteriores como atleta facilitam para intervir, ou seja, é uma forma de capacitação. Segundo aspecto, para o treinador T11N, a prática é primordial, bem como a experiência e contato com pcd. Terceiro, segundo o treinador T14N, o formato dos cursos de capacitação da APB é pouco prático e muito teórico.

4. Conteúdo. Quanto à essa categoria, dois participantes: T5A e T13N consideraram que uma capacitação ideal deve ser composta de conhecimentos sobre: características das deficiências, treinamento desportivo e fisiologia.

Na tabela 11 abaixo é possível visualizar os trechos das entrevistas que evidenciaram os resultados da questão 16 do bloco E.

TABELA 11. Elementos de uma capacitação profissional para a construção de carreira no desporto paralímpico

Questão 16. Qual a capacitação você considera ideal para trabalhar com esporte paralímpico?

Categorias	Trechos das entrevistas
Certificação	<p><i>Uma capacitação ideal, eu acho que a gente está perto dela com esse novo centro de treinamento que está sendo feito que é, e eu tive o prazer de visitar agora há uns dez dias atrás, é muito grande, uma estrutura muito boa, onde vai atender 15 modalidades num centro só, que é o único do mundo que atende todas essas modalidades. E ali acredito eu que será oferecido os cursos, e a gente vai ter dentro de um ano um centro de treinamento e a possibilidade de oferecer um curso, [...]</i> (Participante T2A)</p>
	<p><i>Acredito que a capacitação ideal é passar por esses cursos específicos, esses cursos que a academia hoje oferece.</i> (Participante T6N)</p>
	<p><i>Eu acho que esses cursos que a academia já dá para o pessoal, acho que capacita bem as pessoas para trabalhar com o esporte paralímpico.</i> (Participante T7N)</p>
	<p><i>Então eu acho que os cursos da academia. Estão bem adequados e completos [...]</i> (Participante T8N)</p>
	<p><i>A gente depende da academia paralímpica. Eu faço parte desse processo, dou curso na academia paralímpica de capacitação, fora isso não vejo outra.</i> (Participante T9N)</p>
<p><i>Eu acho que a academia brasileira paralímpica está num caminho certo.</i> (Participante T12N)</p>	
Especialização	<p><i>Dentro das próprias universidades, depois pode se criar cursos de aprimoramento para aqueles outros que não cursaram ou não tiveram.</i> (Participante T3A)</p>
	<p><i>Cursos de capacitação sempre, de aperfeiçoamento profissional, e se possível uma especialização, se possível um mestrado.</i> (Participante T4A)</p>
	<p><i>Treinamento de alto rendimento. Hoje tem pós, mestrado de treinamento, eu acho, isso aí é o que eu quero fazer também.</i> (Participante T10N)</p>
	<p><i>[...] se você não passou, não foi atleta, não trabalhou e nunca teve uma vivência com o atletismo, você tem que fazer alguns cursos de capacitação para o atletismo.</i> (Participante T1A)</p>

Experiência

Tem que ter a prática, se não tiver a prática você vai ficar um pouco de mão atada, sem saber qual a limitação e o que pode fazer para ele. Só o que eu falei, precisa da prática mesmo. (Participante T11N)

Eu acho que nesse curso de capacitação a gente tem muito pouco de prática. Acho que deveria ser mais prático e não tão teórico. (Participante T14N)

Conteúdo

A capacitação ideal é as pessoas conhecerem a deficiência. [...] nos aspectos: fisiológico, biomecânico e psicológico, você não tem dificuldade com nada. (Participante T5A)

Você tem de entender de treinamento desportivo e fisiologia para poder aplicar um treinamento mais eficiente para o seu comandado. (Participante T13N)

Quanto aos resultados sobre a construção de carreira, foi unânime a concordância que, sim, é possível construir carreira no desporto paralímpico, representada pela categoria: Valorização da Carreira e suas subcategorias:

1. **Insatisfação com o desporto paralímpico:** O participante T5A, afirmou que gostaria de ter iniciado a carreira no desporto paralímpico, no que inferimos ter havido insatisfações no desporto olímpico.
2. **Desporto paralímpico como opção de carreira:** Há mais oportunidade de construir carreira no desporto paralímpico na atualidade, segundo os participantes: T13N e T1A.
3. **Desenvolvimento estrutural e organizacional do desporto paralímpico:** De acordo com o participante T7N, o desenvolvimento do desporto paralímpico nacional têm sido em sua organização e estrutura, bastante significativo.
4. **Remuneração:** Na atualidade a possibilidade carreira, segundo o participante T9N, se deve à remuneração de treinadores que estejam vinculados ao desporto paralímpico.
5. **Campo de trabalho:** As associações para pcd, segundo o participante T3A, enquanto campo de atuação do treinador, são possibilidades para ingresso e construção de carreira profissional.
6. **Ascensão profissional:** Para o participante T6N, chegando à seleção brasileira, é possível alcançar cargos em outras esferas do CPB, dentre eles, cargos diretivos técnicos como diretor ou supervisor de modalidades.
7. **Profissionais formados e capacitados:** Para os participantes T2A e T12N é imprescindível formação e capacitação, pois é o que o desporto paralímpico necessita.
8. **Investimento financeiro:** Os participantes T10N; T11N e T14N entendem que o investimento financeiro no desporto paralímpico brasileiro pode incentivar a construção de carreira.

9. Desenvolvimento desportivo: Segundo T4A o desporto paralímpico nacional têm alcançado patamares de excelência estando os melhores em âmbito internacional.

10. Autogestão da carreira: A construção de carreira profissional segundo T8N não depende da organização, mas do empenho do profissional.

Na tabela 12 abaixo é possível visualizar os trechos das entrevistas que evidenciaram os resultados da questão 17 do bloco E: Em sua opinião é possível construir carreira no desporto paralímpico?

TABELA 12. Perspectivas para a construção de carreira no desporto paralímpico.

Questão 17.	Em sua opinião é possível construir carreira no desporto paralímpico?	
Categoria	Subcategorias	Trechos das entrevistas
Valorização da Carreira	<i>Insatisfação profissional com o desporto olímpico</i>	<i>Se eu tivesse a oportunidade de ter começado direto no paralímpico e não ter passado pelo olímpico, eu também diria para você que sim. (Participante T5A).</i>
	<i>Desporto paralímpico como opção de carreira</i>	<i>Então antigamente você tinha os profissionais trabalhando no paradesporto por não ter espaço no esporte convencional. Era um tapa buraco e não era uma escolha. (Participante T13N)</i>
		<i>Eu acho que, de uns três anos para cá, quatro anos, a chance de você construir uma carreira no paralímpico, está até maior do que no olímpico. (Participante T1A)</i>
	<i>Desenvolvimento estrutural e organizacional do desporto paralímpico</i>	<i>Então, com certeza dá para seguir carreira assim como todo mundo consegue no esporte olímpico. [...] eu trabalhei no olímpico e hoje estou no paralímpico, eu não vejo diferença nenhuma de estruturação, de apoio, não tem diferença nenhuma. (Participante T7N).</i>
	<i>Remuneração</i>	<i>Hoje sim. Hoje já se tem condições de sobreviver, não é uma maravilha, mas você consegue, hoje, há clubes, instituições que pagam profissionais para serem treinadores, [...]. Hoje existe um leque bastante acentuado, bastante grande de profissionais que vivem do paradesporto. (Participante T9N)</i>
	<i>Campo de trabalho</i>	<i>Todas as associações necessitam de mais de um profissional de Educação Física. (Participante T3A)</i>
	<i>Ascensão profissional</i>	<i>Sim. Eu venho do esporte convencional e quando optei pelo paraolímpico, vi exatamente a chance de ter um projeto de carreira, o que eu não tinha no esporte olímpico. Ele oferece uma chance para você começar como um técnico, um técnico de seleção, um técnico nacional que eles chamam, e depois almejar em ser um técnico que trabalhe full time no comitê e depois passar a ser um diretor, um coordenador de modalidades. (Participante T6N)</i>
<i>Profissionais formados e capacitados</i>	<i>Sim. Porque se precisa de bons profissionais trabalhando nessa área. (Participante T2A)</i>	
		<i>Sim. [...] a gente está no topo da pirâmide, mas eu vejo que tem como ter uma carreira atuando no trabalho com deficientes, e eu acho que quanto mais você é qualificado, mais você pode trazer novas ideias e conseqüentemente ser melhor remunerado. (Participante T12N)</i>

	<i>Com certeza. E no paralímpico sempre se investiu dinheiro, bem no lugar certo, bem centralizado, [...]</i> (Participante T10N)
<i>Investimento financeiro</i>	<i>Então, há um caminho. Hoje em dia tem também estes projetos que as associações têm com a ajuda do ministério, com o dinheiro que vem do ministério. Assim, existe essa possibilidade, muito mais do que antigamente, que não existia.</i> (Participante T11N)
	<i>Eu vejo as pessoas mais atentas a isso, principalmente na questão do investimento, que o esporte paralímpico está tendo um investimento muito grande.</i> (Participante T14N)
<i>Desenvolvimento desportivo</i>	<i>Acredito que sim. Está crescendo muito. Principalmente pelo fato do Brasil estar virando uma das potências no esporte paralímpico num desenvolvimento muito rápido.</i> (Participante T4A)
<i>Autogestão da carreira</i>	<i>Sem dúvida. Eu acho que não só no paralímpico. Eu acho que você constrói a sua carreira onde você estiver. Depende mais do profissional do que do lugar onde você está.</i> (Participante T8N)

Posterior aos aspectos sobre formação, capacitação e carreira profissional apresentaremos a seguir, na tabela 13, questão 18, o que os treinadores consideraram como diferenças na intervenção profissional no desporto paralímpico em comparação ao desporto olímpico. Segundo Soriano (2003), intervenção profissional, são ações as quais os profissionais utilizam, a partir das prerrogativas do conhecimento e da experiência profissional.

Nesta perspectiva, os resultados em relação às diferenças na intervenção profissional entre desporto paralímpico em comparação ao olímpico, segundo seis participantes: T2A; T3A; T13N; T6N; T8N e T12N, na categoria: **Procedimentos Profissionais** destacamos os seguintes aspectos: adaptação e técnica.

Também com seis participações: T1A; T5A; T9N; T11N; T7N e T4A a categoria: **Características dos Atletas com Deficiência**, teve como principal destaque pelos treinadores, a deficiência específica dos atletas como diferença na intervenção profissional, destacando-se os cuidados com alguns tipos de deficiência associadas a doenças degenerativas e a entrada de pcd já em fase adulta no desporto paralímpico.

Na categoria: **Relações Interpessoais** com duas participações, verificamos que um dos participantes: T10N teve experiências anteriores como treinador no desporto convencional e destacou que os relacionamentos com pais no olímpico é mais conflituoso do que no paralímpico. O participante T14N com menos experiência no desporto paralímpico apontou as relações treinador e atletas, destacando a representação por parte dos atletas em relação ao treinador como figura paterna.

TABELA 13. Diferenças entre desporto olímpico e paralímpico na intervenção profissional do treinador

Questão 18. Em sua opinião o que você considera como principais diferenças entre desporto paralímpico e desporto convencional?

Categorias	Trechos das entrevistas
Procedimentos Profissionais	<p><i>O que acontece são as adaptações, qual a adaptação que vou ter que fazer para determinada deficiência, para determinada prova. (Participante T2A).</i></p>
	<p><i>O que eu faço são as adaptações ao treino de cada indivíduo. Isso é a única coisa que diferencia. (Participante T3A).</i></p>
	<p><i>Eu não julgo como diferenças, eu julgo como algumas adaptações. (Participante T13N).</i></p>
	<p><i>Principalmente pela técnica, né? Uma coisa que eu aprendi depois que eu voltei a trabalhar aqui, no olímpico a gente tem o costume de dizer dos erros comuns, que se corrige a mesma coisa do atleta e a coisa que você corrige serve para todo mundo e para a equipe inteira. No paralímpico não. No paralímpico cada um tem uma técnica. (Participante T6N).</i></p>
	<p><i>Talvez eu destacaria algumas coisas, [...]. No paralímpico, na natação especificamente, [...] a técnica do nado é muito diferente, é extremamente diferente. Você pega um amputado que nada costas, você tem que adaptar a técnica dele, você tem que encontrar a melhor técnica para ele nadar, quer dizer, no olímpico a gente tinha um padrão de técnica. (Participante T8N).</i></p>
<p><i>Existe. [...] Carlos e Leticia são visuais. Às vezes você tem que pegar no cara. [...] a Camile, a diferença é que ela é amputada. A diferença são as séries de pernas, que são mais lentas. Então o trabalho técnico é diferenciado, né? Mas é isso, são essas as diferenças (Participante T12N).</i></p>	
Características dos Atletas com Deficiência	<p><i>Que ele tem é uma deficiência em relação ao outro. Ele tem uma deficiência maior em relação ao outro atleta paralímpico também. (Participante T1A).</i></p>
	<p><i>Existe sim. [...], por exemplo, [...] para você trabalhar com o visual. [...] você tem que tomar cuidado com a questão em volta para ele não se machucar, ele tem que conhecer o terreno. Outra coisa, quando você coloca alguém na cadeira de velocidade, você tem que prestar muita atenção, porque como eles não sentem a parte de baixo, se você deixar muito tempo você pode ter um problema de circulação, como também pode ter um problema de escaras. Então, nessa parte os amputados, você tem que tomar cuidado com questão de equilíbrio. Se você ver um amputado, dependendo da parte do corpo que ele perdeu, você perde o equilíbrio, você perde a coordenação. (Participante T5A).</i></p>
	<p><i>Você tem que entender primeiro essas deficiências porque elas vão interferir nas respostas que você quer de treinamento. Esses é um dos focos importantes. No</i></p>

convencional não né, no convencional você não tem que entender a deficiência, porque ele não tem. (Participante T9N).

Eu acho que existe, porque no paralímpico cada um tem uma certa deficiência. (Participante T11).

Na verdade, o que muda e o que acontece e o que que a gente tem que ter são alguns cuidados a mais que não temos com o olímpico, com o convencional. São atletas, por exemplo, com doenças degenerativas, então você aplica um treinamento que pode estar piorando a deficiência dessa pessoa. Então são alguns cuidados que você tem que ter, diferente do olímpico. (Participante T7N).

Então é eu acredito que a principal diferença na intervenção é, o treinador do olímpico busca na criança, no jovem, o talento. É saber que você vai trabalhar com uma pessoa adulta e também com uma pessoa jovem. Tem caso que se você pesquisar recordes mundiais, vai ver que até hoje são de pessoas de cinquenta e poucos anos, de arremesso de peso, algumas outras modalidades. De pessoas com deficiência, para cima de quarenta e muito mais. (Participante T4A).

**Relações
Interpessoais**

O convencional te traz vários momentos felizes, só que eu comecei a largar mão, porque eu tinha muito problema, principalmente com pai e mãe destes atletas convencionais, o que eu nunca tive com os paralímpicos. (Participante T10N).

Os atletas paralímpicos não veem a gente somente como treinadores. Eles enxergam na gente uma figura mais paternalista. As referências deles em relação a gente não são só de técnico, é muito de pai. (Participante T14N).

5. DISCUSSÃO

As categorizações das respostas dos informantes permitiram perceber diversas opiniões, as quais dificultaram encontrar consensos que formassem categorias mais consistentes. Essas divergências, demonstraram uma maior necessidade de compreensão acerca da área de formação de treinadores paralímpicos dentro do país, tanto em relação à formação inicial, quanto a capacitação, desenvolvimento de carreira e intervenção profissional.

Neste sentido, a discussão será constituída por cinco eixos: a) Ingresso e histórico de formação inicial em EF dos treinadores em relação ao desporto paralímpico; b) Elementos para uma formação inicial EF em relação ao desporto paralímpico; c) Elementos de uma capacitação profissional para o desporto paralímpico; d) Perspectivas de construção de carreira no desporto paralímpico e, e) Intervenção profissional do treinador paralímpico: diferenças entre desporto olímpico e paralímpico. Desta forma, reiteramos, desde já, a premência de maiores estudos, bem como, uma maior intersecção entre a Universidade brasileira e a prática profissional relacionada ao desporto paralímpico em sentido amplo, desde o comprometimento com a formação do profissional, até em estudos que possam facilitar/compreender a intervenção na área.

a) Ingresso e histórico de formação inicial em EF dos treinadores em relação ao desporto paralímpico.

Iniciando esse eixo, ao relacionarmos os aspectos: ingresso ocasional e histórico de formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico, consideramos apontar duas perspectivas.

A primeira, a saber, os entrevistados: T1A; T9N; T3A, T10N e T5A, formados na década de 1980, além da ocasionalidade de ingresso, assim como o participante T7N, formado em 2007, relataram que não tiveram em suas graduações, o desporto paralímpico como conteúdo, pois segundo Parsons e Winckler (2012), a sistematização do conhecimento sobre desporto paralímpico, iniciou nos cursos de graduação em EF no Brasil na década de 1990.

A segunda perspectiva, a partir dos relatos dos participantes: T13N; T2A; T6N; T12N; T8N, os quais também ingressaram na carreira ocasionalmente, embora tivessem tido algum conteúdo sobre desporto paralímpico, consideraram-no superficial e insuficiente. Desta forma, entendemos que a relação: ingresso ocasional e histórico da formação inicial com a ausência e/ou presença superficial e insuficiente do desporto paralímpico proporcionou a esses participantes que não enveredassem seu início de carreira nesse campo de atuação profissional, o que veio ocorrer pelas oportunidades que surgiram ao acaso.

Também vale a pena ressaltar que o desporto paralímpico apresenta ser uma alternativa, enquanto oportunidade de trabalho, em relação ao desporto convencional. Percebe-se nestes casos um acolhimento diferenciado e menos restritivo. Desta forma, em alguns casos pode-se entender que estes treinadores tiveram uma oportunidade perante uma realidade diversa da que imaginaram inicialmente.

Quanto ao ingresso opcional e histórico de formação inicial, verificamos nos relatos dos entrevistados: T11N, citando a influência familiar; T4A valorizando a disciplina EFA na graduação e T14N, a instituição formadora como diferencial, destacando as disciplinas e o contato com pcd através de projetos de extensão no atendimento a esse público. Nesta perspectiva, em relação aos projetos de extensão universitária, Silva e Drigo (2012) destacam em seus estudos sobre a disciplina EFA nas Universidades estaduais públicas paulistas (USP; UNESP e UNICAMP), de que as atividades de extensão universitária são utilizadas como estratégias vinculadas ao ensino pelos docentes titulares nessas instituições, enquanto suporte na relação teoria e prática.

Acerca das particularidades as quais emergiram no histórico de formação inicial, entendemos que são elementos pertinentes às situações que ocorrem na trajetória de vida e de carreira de treinadores desportivos. Iniciando pela aprendizagem informal, relacionando com o ingresso de carreira do participante T2A, a qual foi ocasional, pode-se afirmar que se enquadram nas situações não mediadas de aprendizagem, as quais segundo Milistetd, et. al. (2015) e Trudel, et. al. (2013) ocorrem quando há necessidade de aquisição de conhecimentos pelo treinador, quando o mesmo traça suas estratégias, conforme trecho do relato do participante:

Em um belo dia eu tive um convite para trabalhar com deficientes e confesso que fiquei meio assim assustado e tal, [...]. E fui tentar ler, buscar material, na prática também, conversar com os deficientes. [...]

dentro da prática, conversar com os atletas, saber como é o dia a dia, as dificuldades que eles enfrentam [...] (Participante T2A).

Ou seja, a ocasionalidade de ingresso, traz subjacente situações de confronto ou choque de realidade, pois o campo de atuação profissional é ainda um terreno 'desconhecido', motivando o treinador em buscar estratégias e recursos, por exemplo, por tentativa e erro, haja visto que não menciona a formação inicial em EF para tais intentos. Desta forma, a experiência de aprendizagem informal é segundo Rodrigues (2014), como uma socialização ocupacional, a qual se processa com bastante intensidade no início de carreira, com a inserção do indivíduo no ambiente de trabalho.

Nesta perspectiva, outros aspectos que podem caracterizar essa particularidade, segundo Nelson et. al. (2006) através das seguintes terminologias em relação à formação de treinadores : aprendizagem formal, cujas características remetem à formação em contextos formais, tais como, instituições de ensino e federações desportivas que certificam treinadores; aprendizagem não formal, realizadas em congressos, workshops e internet e a aprendizagem informal, caracterizando a particularidade apontada acima, nas experiências do cotidiano profissional nas relações com outros treinadores e atletas.

Quanto à particularidade: Socialização Primária, a qual emergiu remetendo as às experiências de vida com familiares, nos relatos dos treinadores T4A e T11N, seja influenciando o ingresso ou a formação, são aspectos a se considerar, como socialização primária, a qual conceitualmente segundo Tardif (2002); Jarvis (2006; 2009) consiste nas experiências formadoras na família, ou seja, um modelo de vivências, de aprendizagem e de vida, pois, mesmo antes de haver um desenvolvimento suficiente para se reportar às mesmas, seus vestígios são fortemente evidenciados na socialização profissional de treinadores

Não obstante, a socialização primária ocorre quando as crianças estão em interação com seus familiares ou cuidadores, sendo que, muito do que é aprendido permanece ao longo da vida, permitindo à pessoa em idade mais madura lidar com mais confiança nas mais diferentes situações, utilizando deste aprendizado advindos dessas experiências anteriores (JARVIS, 2009).

Em estudo de Callary, Werthner e Trudel (2012), os autores verificaram como as escolhas de carreira de cinco treinadoras canadenses foram influenciadas pela sua socialização primária. Os dados apontaram que a educação familiar, infância e

adolescência, experiências escolares e desportivas, influenciaram essas treinadoras a buscar uma carreira na área desportiva.

Desta forma, os autores recomendam que programas de formação de treinadores possam dar importância a estes componentes, pois acreditam auxiliá-los a se tornarem conscientes da influência de suas próprias experiências não formais durante suas vidas, como aspectos que desvelam sua opção pela carreira e as formas de abordagens durante o seu trabalho. Neste sentido, é recomendável também, que estudos futuros possam explorar tais aspectos relacionados aos treinadores de desportos paralímpicos, considerando sua pertinência quanto ao desenvolvimento de carreira.

Portanto, esses dados iniciais apontam a necessidade de se debater sobre as formas de ingresso na carreira no desporto paralímpico, considerando o quanto a formação inicial em EF pode influenciar neste direcionamento.

Encerrando esse eixo, o próximo irá discutir sobre questões mais específicas quanto aos elementos, os quais, na perspectiva dos treinadores podem constituir uma formação ideal em EF em relação ao desporto paralímpico.

b) Elementos para uma formação inicial EF em relação ao desporto paralímpico.

A diversidade de elementos teóricos e práticos, determinam uma boa formação ou captação profissional direcionada ao trabalho, e no caso do desporto paralímpico, são necessários conhecimentos baseados na individualidade da modalidade ou do atleta, além dos conhecimentos básicos pedagógicos e anátomo-fisiológico do treinamento desportivo. Desta forma, os discursos apresentaram os dados que foram considerados imprescindíveis para a formação na ótica dos entrevistados.

Os primeiros elementos, segundo quatro participantes: T1A: 1) A classificação desportiva; T5A e T8N: 2) As características das deficiências (sensoriais ou motoras) dos atletas e T10N 3) As modalidades paralímpicas, na formação inicial em EF relacionada ao desporto paralímpico, não são apenas, em nosso entendimento, conteúdo a constar no currículo, pois segundo Barros (1993; 1996) é conferido aos cursos de graduação, dentre os seus objetivos, a aquisição de conhecimentos

especializados (conteúdo específico), bem como, a aprendizagem de técnicas e habilidades caracterizando uma profissão.

Iniciando pela classificação desportiva, trata-se de um procedimento de nivelamento de atletas paralímpicos nos aspectos físicos e competitivos em relação às funcionalidades de movimentação, agregando-os em grupos determinados, com o intuito de equilibrar as competições. Para tanto, a classificação desportiva apresenta-se estruturada da seguinte forma: classificação médica para atletas com deficiência visual; classificação funcional para atletas com deficiência física e psicológica para atletas com deficiência intelectual (STROHKENDEL, 1996; FREITAS e SANTOS, 2012).

Segundo Marques e Gutierrez (2014) no Brasil, ainda é muito recente os processos de capacitação de classificadores, os quais se constituem em dois grupos, os capacitados pelo CPB e que seguem as normativas do IPC, e os capacitados pelas organizações monodesportivas e polidesportivas, também com protocolos aceitos IPC, mas sob a supervisão das Federações Internacionais.

Desta forma, sendo os classificadores, agentes de controle social, na medida em que desenvolvem, aplicam e mantêm o sistema de classificação, quando na ocorrência de equívocos nesse processo, podem prejudicar atletas e treinadores, pela desvantagem de serem alocados numa competição com atletas de classe mais alta, o que influencia diretamente na imparidade (WU, WILLIANS e SHERRIL, 2000; WU e WILLIANS, 1999).

Portanto, segundo Marques e Gutierrez (2014) entre treinadores e classificadores há uma luta, haja visto que as regras de classificação são passíveis de apelos aos resultados das avaliações, pois segundo Tweedy e Vanlandewijck (2011) considerando a configuração mais atualizada desse processo, como envolvimento de classificadores de diferentes áreas de atuação profissional, no caso dos treinadores, é de fundamental importância ter conhecimentos específicos sobre os sistemas de classificação desportiva.

Ou seja, com a evolução dos parâmetros a serem observados, quais sejam, a condição clínica e perspectiva médica, a inclusão da análise de movimento, permitiu aos profissionais de EF participarem deste procedimento, além do médico e do fisioterapeuta (MARQUES e GUTIERREZ, 2014; OLIVEIRA FILHO et. al., 2007; MAUERBERG-DECASTRO, 2005), proporcionando a necessidade no currículo da

formação inicial em EF, da classificação desportiva em seus aspectos básicos e também como uma das possibilidades de carreira no desporto paralímpico.

Quanto aos conhecimentos sobre as deficiências em sua pertinência, tais dados são corroborados pelo estudo de Cregan et. al. (2007) o qual disserta sobre o desenvolvimento de carreira de treinadores de nadadores paralímpicos, evidenciando que o conhecimento das deficiências é imprescindível para as adaptações ao treinamento, de acordo com as necessidades e características dos atletas com deficiência.

Em relação à deficiência, a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2003) a conceitua como perda ou anormalidade de parte de uma estrutura e função corporal, dentre elas as cognitivas, sensoriais e físicas. Em relação às deficiências elegíveis pelo Comitê Paralímpico Internacional (IPC, 2018b), essas pertencem a dez tipos, os quais foram identificados pela “Política de Deficiências Elegíveis no Movimento Paralímpico, para as competições dos Jogos Paralímpicos, sendo elas:

1. Potência Muscular Prejudicada: Atletas com força muscular alterada e com condição que reduz a capacidade de contrair-se de forma voluntária aos músculos para gerar força e deslocamento.
2. Atletas com movimento passivo prejudicado e com restrições em uma ou mais articulações para realizar movimentos com amplitude.
3. Atletas com ausência total ou parcial de membros como consequência de amputações ou doenças.
4. Atletas com encurtamentos ósseos, sejam eles, traumáticos ou congênitos que alteram o comprimento dos membros inferiores.
5. Atletas com baixa estatura têm um comprimento reduzido nos ossos dos membros superiores, membros inferiores e / ou tronco.
6. Atletas com tensão muscular aumentada e com reduzida capacidade de alongamento de um músculo, causada por uma condição neurológica, por exemplo, paralisia cerebral, lesão cerebral ou esclerose múltipla.
7. Atletas com ataxia, ou seja, incoordenação de movimentos musculares devido a uma condição neurológica, como paralisia cerebral, lesão cerebral ou esclerose múltipla.
8. Atletas com atetose, ou seja, apresentam movimentos involuntários desequilibrados e dificuldade em manter uma postura simétrica, devido a

uma condição neurológica, como paralisia cerebral, lesão cerebral ou esclerose múltipla.

9. Atletas com comprometimento visual na estrutura do olho, nervos ópticos ou vias ópticas ou pelo córtex visual.
10. Atletas com deficiência intelectual: Uma limitação no funcionamento intelectual e no comportamento adaptativo expresso em habilidades adaptativas conceituais, sociais e práticas, que se originam antes dos 18 anos de idade.

É possível, verificar mediante essa classificação, a diversidade e complexidade sobre os tipos de deficiências dos atletas e suas implicações para o desenvolvimento das modalidades paralímpicas, cujas especificidades são fundamentais serem conhecidas pelos profissionais de EF, dentre eles, treinadores paralímpicos.

Em relação aos conhecimentos sobre as modalidades paralímpicas, enquanto conteúdo, não devem ser tratados isoladamente, ou seja, devem ter uma costura com as disciplinas desportivas tradicionais, por exemplo, disciplinas como judô e atletismo, inserindo no ensino dessas modalidades, as características das mesmas relacionadas às pcd (SILVA e DRIGO, 2012).

Além dos conhecimentos acima supracitados, emergiu um dado sobre a carência de elementos práticos ou da prática na formação inicial em EF quanto ao desporto paralímpico, segundo os participantes: T2A e T14N, entrando em cena, a discussão da relação entre teoria e prática, a qual consideramos ser uma abordagem que envolve diferentes aspectos em sua amplitude.

Numa perspectiva conceitual, prática no senso comum tem um caráter rigorosamente utilitário, contrapondo-se a teoria na perspectiva do praticismo ou da prática sem a teoria, entendimento não muito diferente do pragmatismo ao evidenciar sua concepção de verdade ao inferir que a mesma se reduz ao útil.

[...] a prática não fala por si mesma, [...] sua condição de fundamento da teoria ou de critério de verdade não se verifica de modo direto e imediato. Devemos repelir essa concepção empírica da prática, já que não se pode utilizar esta como critério de verdade sem uma relação teórica com a própria atividade prática (VASQUEZ, 2007, p. 237).

Quanto ao termo: teoria, segundo Pereira (2017), tendo como referência os dicionários, seu conceito se restringe à contemplação ou abstração, porém abstrair é um dos processos para teorizar, o que não é simplesmente elaborar ideias. Para o autor, além de uma visão dicotômica na relação entre teoria e prática está a unidade

entre as mesmas, uma perspectiva somente possível quando o homem é o centro dessa relação, através de seu agir, o qual possui um significado cultural.

Portanto, para falar em teoria é necessário focalizar aquele significado cultural (antropológico) básico da ação. Mas não podemos esquecer que esta relação implica uma fundamental dependência da teoria com referência à prática. Uma dependência de fundamentação, já que a elaboração da teoria não pode dar-se fora do horizonte da prática. Só a prática é fundamento da teoria ou seu pressuposto. Em que sentido? No sentido de que o homem não teoriza no vazio, fora da relação de transformação tanto da natureza, do mundo (cultural/social) como, conseqüentemente, de si mesmo. (PEREIRA, 2017, p. 633).

Sendo assim, além da oposição entre teoria e prática ser uma perspectiva redutora e distante da realidade, sabe-se que a mesma somente existe devido às práticas produzidas pelos seus agentes, caracterizando uma integração com relações diretas, pois a prática como conhecimento da realidade deve ter um suporte de elementos teóricos (CANDAU e LELIS, 2010; VÁSQUEZ, 2007).

Um exemplo, quanto à dicotomia e dissociação entre teoria e prática, se verifica em duas perspectivas de currículos dos cursos de EF, a primeira segundo Betti e Betti (1996), a dos currículos com tradição desportiva, os quais iniciaram na década de 1960 e se consolidaram na década de 1970, sendo o conceito de prática com base na execução de habilidades motoras e capacidades físicas pelo graduando, em situações, por exemplo, de provas práticas e, a teoria no conteúdo em sala de aula, as denominadas disciplinas teóricas como, a fisiologia e a psicologia, sendo essa configuração curricular, ainda muito presente nas instituições privadas.

A segunda é a perspectiva do currículo de orientação técnico-científica, o qual consolidou-se no início da década de 1990, com a inserção das Ciências Humanas e filosofia como disciplinas teóricas e, a prática, através do ensinar com a aplicação de sequências pedagógicas. No entanto, prevaleceu a concepção dicotômica/dissociativa entre teoria e prática, com o conhecimento advindo da teoria para a prática, e a prática como aplicação da teoria, porém, a teoria tendo a primazia e a prática fica em segundo plano, ou seja, não há síntese entre ambas (BETTI e BETTI, 1996).

Portanto, na perspectiva dos entrevistados, a prática, enquanto elemento formador é ausente na formação, ao passo que a teoria se excede em sua presença. Ou seja, em nosso entendimento, a dicotomia entre teoria e prática, trata-se de uma das grandes dificuldades da formação inicial em EF, pois a fundamentação teórica é

desvalorizada, seja excessiva ou não, posto que a máxima é: 'Quanto mais prático um curso, melhor', em nosso entendimento, é um equívoco, provocado pela carência de contato com a realidade profissional dos graduandos através de estágios e projetos de extensão.

Neste sentido, compreendendo que a dissociação entre teoria e prática necessita ser superada, e considerando a importância desta relação, numa perspectiva de unidade, entende-se que a prática profissional demanda atividades pautadas no desenvolvimento científico (DRIGO e CESANA, 2011), ou seja, as atividades exercidas por profissionais de EF no que tange às técnicas aplicadas junto ao trabalho com atletas paralímpicos, demanda um domínio prático e específico em relação ao aprimoramento do serviço prestado, porém a fundamentação teórica se faz necessária para o trabalho ser profissional e não uma simples abordagem reprodutiva. Além da perspectiva da prática, foram citados os saberes advindos de experiências profissionais, representados pela categoria: Saberes Experienciais, cuja abordagem levaremos em consideração as similaridades entre as formações de treinadores e professores. Segundo Rosado e Mesquita (2007) e Rodrigues (2014), embora tal comparação possa ser feita, é necessário respeitar os devidos contextos em suas especificidades, porém, não se deve deixar de ser considerada a sua pertinência. No caso de licenciados/professores de EF escolar, esses promovem a prática pedagógica em relação aos conhecimentos das modalidades desportivas, dentre outras possibilidades de aproximação com o desporto e, os treinadores desportivos em sua prática, direcionam seu trabalho no desenvolvimento do desempenho atlético, tendo em vista competições desportivas em alto rendimento.

Ou seja, embora haja distinções, a trajetória profissional dos professores e a dos treinadores desportivos trazem subjacentes alguns aspectos notadamente semelhantes, dentre eles, os saberes experienciais, terminologia utilizada por Tardif (2002) que a conceitua como sendo saberes que não provêm das formações e dos currículos das instituições de ensino, ou seja, são saberes práticos, integrados à prática e interpretados como um conjunto de representações, as quais orientam o cotidiano da prática pedagógica docente, em situações concretas as quais exigem habilidades pessoais.

Desta forma, assim como na prática docente, na qual os professores constroem seus saberes experienciais, em meio às diversas obrigações com o seu trabalho e,

através das interações com os demais atores em sua prática, pois não atuam sozinhos (TARDIF, 2002), assim como o treinador também constrói seus saberes experienciais, no convívio com seus atletas, membros da equipe técnica e outros treinadores.

Em relação ao relato do participante T11N: [...] eu acho que se a pessoa for, querer ser um professor de natação, para mim ele tem que saber nadar, [...]. Ou seja, para o entrevistado um treinador deve dominar sua modalidade, enquanto ex-atleta, advinda de sua experiência desportiva anterior, ou seja, trata-se de uma perspectiva também relacionada a um saber experiencial, no entanto, já construído, advindo de experiências desportivas.

No entanto, embora tais saberes tenham sua importância, pressupomos que um atleta não necessita dominar aspectos teóricos e conceituais de sua modalidade e/ou produzir conhecimentos científicos sobre a mesma, sendo essa competência aos treinadores. Segundo Drigo (2009) ao explicitar sobre a semelhança entre as corporações de ofício e as federações desportivas de lutas, no controle das atividades dos desportos de lutas e das faixas, desde a iniciação como praticante, até o aval e reconhecimento da formação treinador (ex-lutador) como mestre da modalidade, pressupondo essa dinâmica em outros desportos de alto rendimento, embora nossos dados não tenha registrados, algum participante ex-atleta com deficiência.

Além disso, Tardif (2000) afirma, no caso dos professores os saberes são temporais e, quando os docentes se deparam com situações-problemas em seu cotidiano profissional, buscam recorrer às experiências anteriores como forma de solucionar-los, ou seja, a formação em nível superior pouco modifica as suas crenças.

Semelhantemente em relação aos treinadores desportivos, por exemplo, algumas crenças ainda perduram, tais como: “A prática é mais necessária do que a teoria”. “A experiência anterior como atleta é critério para tornar-se treinador”. Nada contrário à experiência anterior desportiva do treinador como atleta, no entanto, compreendemos que, a ausência de fundamentações criteriosas como a: científica, tecnológica e pedagógica, constitui-se num aparato à função de treinador, principalmente se é profissional de EF, pois a base de uma profissão é o embasamento científico, contrapondo-se ao saber artesanal.

Portanto, entendemos que uma formação inicial em EF em relação ao esporte paralímpico, na perspectiva dos participantes traz subjacente uma diversidade de elementos, porém outros emergiram, o que pode ser observado na categoria: Limites

da Formação, a qual pudemos na perspectiva dos participantes que a mesma é ampla, insuficiente e fragmentada.

Tal configuração, já afirmava Lovisolo (1997) é característica das denominadas grades curriculares de cursos de EF no Brasil, com disciplinas que vão [...] da mecânica à filosofia, passando pela fisiologia, a neurologia, a biologia, a sociologia, as ditas ciências da educação e a história entre outras áreas disciplinares (p. 19). Neste sentido, entende o autor, mesmo sendo a formação inicial em EF de caráter eminentemente multidisciplinar, não significa que haja consensos, o que corrobora os relatos dos treinadores em relação à amplitude, insuficiência e fragmentação.

Para tanto, segundo Nascimento (2006) tais limites advêm de aspectos mais amplos, tais como os econômicos e políticos, até os mais específicos, dentre eles, a organização e a estrutura de uma instituição de ensino superior, características pessoais de discentes e docentes, desenvolvimento científico e isolamento de disciplinas, evidenciando problemas entre os departamentos das instituições.

Ainda nessa compreensão, emergiu dos relatos, possibilidades, dentre elas, parcerias entre CPB/APB e Universidade, as quais pressupõe duas perspectivas, a primeira é com relação ao modelo de capacitação da APB ser adotado pela Universidade, e a segunda é a de inserção de disciplinas sobre desporto paralímpico sob a chancela e supervisão do CPB.

Na primeira perspectiva de parceria, Tani et. al. (2009), já apontavam que no Brasil a relação entre Universidade e o desporto de alto rendimento não é próxima, pois confederações, federações e comitês desportivos têm suas dinâmicas e objetivos próprios, inclusive para capacitação de profissionais. Porém, segundo os autores, a Universidade pode contribuir com o desporto de alto rendimento de forma mais ampla, a partir da:

1. Produção de conhecimentos científicos e tecnológicos pela Universidade em relação a equipamentos e instalações desportivas.
2. Formação de recursos humanos, (formação inicial e continuada) desde que, o contexto do desporto de alto rendimento no país reconheça a Universidade como aliada, assim como a Universidade deve traçar estratégias para diminuir a distância do desporto de alto rendimento.

3. Aplicação de conhecimentos através de consultorias e extensão, na detecção de talentos, na avaliação do treinamento organização de eventos desportivos.

Ou seja, as parcerias entre Universidade e desporto de alto rendimento, dentre esses, o paralímpico, é viável em nosso entendimento, podendo atender aspectos teóricos e práticos durante a formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico.

Quanto a segunda perspectiva de parceria, entendemos haver limitações, o que nos faz retomar a questão sobre o trinômio: ensino, pesquisa e extensão. Segundo Goulart (2004) com o nível cada vez mais baixo dos estudantes que adentram ao ensino superior, uma melhor formação, embora não haja todas as condições ideais, deve ser uma formação voltada para a produção de conhecimento, pois aulas de 50 minutos, pouco podem produzir na transformação do indivíduo como profissional crítico e atuante, ainda mais, sem o suporte da pesquisa, cuja inserção deve ser uma rotina ao estudante, assim como a extensão.

Ou seja, de acordo com o autor supracitado e retomando a questão da disciplinarização e conseqüente fragmentação na formação inicial em EF, entendemos que há uma carência de estágios, pesquisa e projetos de extensão que podem complementar a formação inicial em EF, principalmente com a disseminação de cursos de EF em instituições particulares.

Além disto, segundo Silva e Drigo (2012) a aproximação da Universidade com a prática profissional, através de pesquisas aplicadas na intervenção, como mediadoras entre a atuação profissional e a ciência, desmistificando a oposição entre teoria e prática, podem direcionar o avanço tecnológico quanto à aplicabilidade do profissional de EF, bem como as disciplinas podem e devem interagir para conquistar objetivos comuns.

Diante destas considerações, ainda na segunda perspectiva, a formação continuada emergiu como possibilidade, com os cursos de capacitação da APB e a pós-graduação. Ou seja, a continuidade da formação emerge, enquanto elemento, o que será tema do próximo eixo de discussão.

c) Elementos de uma capacitação profissional para o desporto paralímpico.

Esse terceiro eixo de discussão, trata sobre a perspectiva dos treinadores acerca de uma capacitação profissional ideal em relação ao desporto paralímpico, compreendendo capacitação, segundo Lampert (2005), enquanto um processo que pode se enquadrar como educação permanente, pois numa sociedade cada vez mais dinâmica, novos conhecimentos são gerados e transformados em tecnologias, demandando aos profissionais atualização constante, além do que foi adquirido na formação inicial, pois os desafios no âmbito do trabalho e profissão são cada vez maiores.

Ainda nesta perspectiva, capacitação é também um processo de formação continuada, cujo objetivo é o aprimoramento e atualização de profissionais em exercício, podendo ser realizada em IES ou em órgãos públicos e privados (NASCIMENTO, 2006).

No âmbito organizacional, segundo Lacombe e Heilborn (2010), a capacitação pode ocorrer no próprio ambiente de trabalho, ou seja, na própria empresa, como elemento indispensável ao aprimoramento, desde *trainees* (recém-formados) aos executivos em pleno exercício profissional.

Quanto à análise das categorias, iniciamos pela categoria: Certificação, representando a perspectiva dos treinadores, os quais ressaltaram novamente, os cursos do CPB, organizados pela APB.

No entanto, antes de adentrarmos à discussão dessa categoria, consideramos pertinente, considerar que a certificação da APB é caracteristicamente uma aprendizagem formal, pois está vinculado, segundo La Belle (1982), às exigências de pré-requisitos aos candidatos para que sejam aceitos, haja visto, que esse tipo de aprendizagem envolve frequência obrigatória e currículos padronizados. Nesse caso, para ser admitido nos programas de certificação da APB, é necessário ter graduação em EF, registro no CREF e habilitação nível I da própria APB (CPB, 2016c).

Desta forma, observando as reflexões de Nunomura (2004), segundo a autora, se faz necessário haver entendimento por parte das instituições e formadores sobre desenvolvimento de carreira profissional de treinadores desportivos, pois fica a cargo, em alguns casos da certificação, complementar o que foi ausente na formação inicial,

o que é um equívoco, pois seu papel é o aperfeiçoamento e preparação específica para o trabalho. Em outra frente, cabe refletir, se a certificação envolvida no contexto da aprendizagem formal, tenha sido reconhecida pelos participantes, é necessário se ter em conta segundo Mesquita (2017), que programas de certificação estejam calcados em:

[...] formar treinadores que se habituem a refletir, a ter sentido crítico, a problematizar a sua prática sendo, por via disso, impelidos a outorgar significado teórico à sua ação. Neste alcance, é premente o desenvolvimento de treinadores com “mente de qualidade”, o que requer a implementação de hábitos de reflexão, da resolução de problemas e partilha de conhecimento com os outros, base de uma formação orientada para a inovação e autonomia profissional (p.25).

Na esteira desse pensamento, na categoria: Especialização verificamos a menção à pós-graduação na Universidade, expressando uma perspectiva de continuidade da formação no contexto do ensino superior. No Brasil, segundo Kokubun (2003), a EF na pós-graduação tem objetivado formar mais recursos humanos para a docência no ensino superior, do que pesquisadores para produção e inovação de conhecimentos científicos, pedagógicos e tecnológicos para a área. Neste sentido, entendemos que o papel da pós-graduação, seja na EF ou em qualquer outra área, não deve ser restrito à docência no ensino superior, nem tão pouco o de enclausurar os pesquisadores nos laboratórios e com poucas pesquisas aplicadas à intervenção profissional.

Obviamente que a produção científica é a primazia na pós-graduação, sendo a docência no ensino superior uma das formas de multiplicar o conhecimento. No entanto, a pós-graduação em EF em nossa perspectiva deveria ir além, ou seja, produzir pesquisas, fortalecer laboratórios e formar pesquisadores docentes qualificados, porém produzir conhecimento que tenha proximidade com a realidade profissional, dentre elas, a dos profissionais de EF que atuam como treinadores do desporto paralímpico.

Dentro deste contexto, trazemos como exemplo, um estudo abordando sobre a produção de conhecimento sobre atividade física adaptada em programas de pós-graduação em EF no país, no qual se verificou, segundo Silva (2009), em programas de mestrado e doutorado reconhecidos e recomendados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) foi constatado dentre nove instituições pesquisadas sendo essas:

1. Universidade do estado de Santa Catarina (UDESC).

2. Universidade Federal do Paraná (UFPR).
3. Universidade Estadual Paulista (UNESP).
4. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
5. Universidade Católica de Brasília (UCB).
6. Universidade Gama Filho (UGF).
7. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),
8. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Somente a UNICAMP produziu 60% das pesquisas *stricto sensu*, enquanto somando todas as demais, tem-se 40%. Pois bem, essa diferença se deve à UNICAMP possuir uma linha de pesquisa específica em relação à atividade física adaptada, pressupondo o desporto paralímpico, o que consideramos ainda escasso, pois somente um programa no país detém a maior parte da produção de conhecimento, o que para nós é um limite no que diz respeito à capacitação em nível de pós-graduação.

A partir desse exemplo, nossa indagação é a seguinte: Considerando o desporto paralímpico, enquanto campo promissor de atuação do profissional de EF, está a EF, inserida na Universidade brasileira, no mínimo, desatenta à realidade desportiva nacional, por exemplo, do desenvolvimento do desporto paralímpico? Há indícios que sim, porém não é tão simples, a resposta ou as respostas, pois estaríamos advogando em causa própria, mas cabe a reflexão para que haja propostas e encaminhamentos.

Na categoria: Experiência, os dados são similares em relação ao eixo anterior sobre a formação inicial, na qual identificamos duas perspectivas, a primeira é sobre a vivência anterior como atleta ou treinador no desporto convencional e, a segunda, aponta para a prática elemento de uma capacitação com maior importância, do que a fundamentação teórica.

Novamente ao aproximarmos a formação de treinadores e professores nos reportamos a Tardif (2000) que afirma, no caso dos professores ao se depararem com situações-problemas em seu cotidiano profissional, buscam recorrer às experiências anteriores como forma de solucioná-los, ou seja, a formação em nível superior pouco modifica as suas crenças. Semelhantemente, os treinadores desse estudo que consideraram a experiência desportiva anterior como atleta da modalidade,

entendemos, a partir de suas perspectivas, que as mesmas capacitam, ao passo que a sua ausência pode ser suprida por uma capacitação formal.

Em estudo de Resende et. al. (2007) cujo objetivo foi o de verificar o perfil de treinadores de voleibol em Portugal, os autores verificaram que a experiência anterior com um desporto específico, enquanto atleta, tem sua influência para se desenvolver carreira posterior como treinador desportivo, porém os resultados apontaram que este não é o único critério de acesso, embora tenha sua importância.

Desta forma, compreendemos a capacitação como oportunidade, para certificar profissionais de EF treinadores experientes ou com pouca experiência desportiva, como preparação para um trabalho específico, seja essa capacitação promovida por instituições estabelecidas formalmente como a Universidade, órgãos dirigentes desportivos e no próprio ambiente de trabalho.

Na categoria: Experiência, emergiram diferentes perspectivas as quais consideramos estarem vinculadas aos seguintes aspectos: a) experiência anterior do treinador, enquanto atleta; b) prática, como saber fazer necessário e c) prática, enquanto aspecto relevante para uma capacitação.

Na perspectiva da experiência anterior do treinador como atleta, conforme relata T1A: [...] se você não passou, não foi atleta, ... você tem que fazer alguns cursos de capacitação para o atletismo. Nesse relato observamos que o passado do treinador enquanto atleta, ressoa como critério, porém a partir da reflexão de Marques (2000), tal perspectiva é questionável, pois segundo o autor, a experiência como atleta não está totalmente vinculada com a condição em estar capacitado para a função com a devida competência. A prática relatada pelo participante T11N, como um saber fazer para intervir, não observamos relação com a capacitação no depoimento desse participante, o que nos leva a inferir que não houve entendimento por parte do mesmo do questionamento. Já a prática citada pelo participante T14N, entendemos que, assim como foi discutido no eixo anterior na relação teoria e prática, emerge uma concepção isolada de prática, assim como o excesso de teoria numa capacitação, devem ser revistos e reavaliados.

Ainda refletindo sobre a última perspectiva acima, caso uma graduação em EF tenha dificuldades com elementos práticos, por exemplo, em relação às aulas práticas, caso as mesmas se assemelhem a treinamentos, pouco acrescentar para a formação. Além disso, entendemos que o problema não está na capacitação, mas nas

dificuldades da formação inicial em relação à ausência de: contato com pcd e treinadores com expertise que atuam no desporto paralímpico, seja através de projetos de extensão e estágios.

Em relação à categoria: Conteúdo, encerrando esse eixo, foi considerado como elemento pertinente para a capacitação, pois segundo Marques (2000); Mallett et. al. (2009) e Resende e Gilbert (2016), devido à complexidade de fatores envolvidos nos treinamentos, nas competições, na gestão das equipes e desenvolvimento dos atletas, a intervenção profissional do treinador requer conhecimentos com bases científicas além dos já adquiridos na formação inicial, sendo a capacitação, fundamental.

Desta forma, encerrando esse eixo discussão considerando a capacitação, não somente como continuidade na formação, indagamos aos treinadores paralímpicos, sobre as perspectivas de carreira no desporto paralímpico.

d) Perspectivas de construção de carreira no desporto paralímpico.

Ao indagarmos os treinadores se é possível construir carreira como treinador no desporto paralímpico, foi unânime a concordância com todos respondendo afirmativamente, o que nos levou a construir a categoria: Valorização da Carreira e subcategorias. Embora se inicie essa discussão, trazendo a questão apontada logo na primeira subcategoria: insatisfação profissional com o desporto paralímpico, não há como negar que no desporto olímpico a concorrência para vagas de treinadores é grande, devido a importação de treinadores estrangeiros e ex-atletas por exemplo. Porém, o desporto paralímpico têm alcançado resultados significativos nas competições internacionais o que pode significar uma tendência para que treinadores optem pela carreira no desporto paralímpico, ao invés do olímpico.

Outras perspectivas positivas de construção de carreira também foram apontadas pelos entrevistados, dentre essas: o desenvolvimento do desporto paralímpico nacional em sua estrutura e organização com a criação do CPB e sua filiação ao IPC; remuneração de treinadores, desvinculando o trabalho voluntariado com desporto paralímpico; possibilidades de associações e clubes para contratar treinadores; ascensão para outros cargos; necessidade de profissionais especializados e gestão da própria carreira, como consequência de investimento financeiro e técnico-competitivo.

A partir destes dados, a perspectiva de carreira no desporto paralímpico para os treinadores é favorável na atualidade, porém os entrevistados apresentam um panorama geral acerca das possibilidades de profissionalização e de desenvolvimento da carreira, sem relacioná-las com etapas da formação e capacitação profissional, no que inferimos se deve à ocasionalidade de ingresso na carreira.

Desta forma, embora pareça favorável a perspectiva de carreira no desporto paralímpico, entendemos que a sua construção, no caso da EF é ainda pouco clara, devido ao conservadorismo da EF em formar licenciados/professores, restringindo a noção de carreira para o contexto escolar; pela perspectiva da escassez de oportunidades de emprego no campo desportivo como treinadores, embora há o direito garantido pela Constituição brasileira, para a prática do desporto pela população, seja de participação, educacional e de lazer (BRASIL, 1988i), e/ou pela grande inserção de profissionais de EF em atividades, tais como o 'fitness'.

Conceitualmente, carreira num sentido mais tradicional segundo Hall (1976) tem como objetivo vislumbrar melhores condições salariais, promoções a cargos hierárquicos e status. Porém o autor através de pesquisas com trabalhadores e estudantes demonstrou que os indivíduos, já na década de 1970, apresentavam tendências para uma trajetória de carreira que fosse composta pela autorrealização, felicidade, satisfação pessoal e psicológica. Desta forma, Hall (1976) desenvolveu um novo conceito, a carreira proteana, uma analogia a Proteu uma figura da mitologia grega, o qual tinha a habilidade de alterar sua forma quando assim quisesse.

Neste sentido, carreira proteana, segundo Neves et. al. (2013), o indivíduo passa a valorizar a liberdade para enfrentar desafios profissionais, levando em consideração a realização pessoal e autogestão da carreira, ou seja, o próprio indivíduo assume a responsabilidade de adaptar-se a mudanças, sejam elas, pessoais ou de ambiente.

No que diz respeito às etapas de carreira por conta do desenvolvimento profissional em determinados períodos, há um continuum exigido pela própria profissão ou pelas necessidades de uma organização, ou seja: Um médico, por exemplo, deve fazer uma faculdade de medicina, estágio, residência, exames de especialização, etc. (SCHEIN, 1996, p. 19, 20).

Para tanto, entendemos que, para se construir uma carreira enquanto treinador desportivo, é necessário, conforme foi exemplificado:

1. Graduar-se em EF e, neste processo de formação profissional em nível superior, adquirir conhecimentos apreendidos através ensino, pesquisa, extensão e estágios;
2. Ingressar no mundo profissional de forma não aleatória, com etapas a percorrer, por exemplo, iniciar como auxiliar do treinador principal, seja nas categorias menores até a adulta;
3. Capacitação formal com pós-graduação e/ou informal no próprio ambiente de trabalho adquirindo conhecimentos específicos para o cargo que pretende exercer.

Sendo assim, a maioria dos participantes do grupo estudado teve uma determinada tendência, como já foi apontado, através da ocasionalidade de ingresso, ou seja, planejar uma carreira para atuar no desporto paralímpico expõe uma fragilidade da própria EF e dos próprios entrevistados quanto à noção de carreira.

Encerrando esse eixo, considerando também os eixos anteriores sobre formação inicial e capacitação enquanto processos de carreira, no próximo eixo a perspectiva é discutir sobre intervenção profissional no desporto paralímpico, tendo como enfoque a análise de diferenças de intervenção em relação ao desporto olímpico.

e) Intervenção profissional do treinador paralímpico: diferenças entre desporto Olímpico e paralímpico.

Iniciando esse eixo, emergiram dos dados, três categorias: Procedimentos Profissionais; Características dos Atletas com Deficiência e Relações Interpessoais, advindas das perspectivas dos treinadores acerca das diferenças na intervenção entre desporto olímpico e paralímpico.

Na categoria: Procedimentos Profissionais com seis participações, o primeiro aspecto a emergir, foi a adaptação, enquanto diferença, devido aos tipos de deficiências dos atletas e a técnica da modalidade específica. Para discutirmos esse primeiro aspecto, compreendemos que o uso do termo: adaptação em atividades físicas e desportivas que envolvem pcd é bastante utilizado.

Segundo Araújo (1998); Winnick (2004) desporto adaptado é o desporto modificado com o objetivo de atender determinado público alvo, por exemplo, as pcd.

Já o desporto paralímpico é o desporto do programa dos JP, ressaltando que sua prática envolve modalidade desportivas, objetivando a manifestação das potencialidades dos indivíduos, diante de suas condições, em eventos competitivos em alto rendimento.

A partir das definições dos autores acima supracitados, em específico ao desporto paralímpico, analisando o termo: adaptação, de maneira mais ampla, ressaltamos que, adaptar não é um procedimento exclusivo dos desportos paralímpicos, haja visto, que adaptações são também realizadas quanto ao treinamento e execução de modalidades desportivas de pessoas sem deficiência. Segundo Rodrigues (2006) conceitualmente, adaptação significa, realizar adequações quanto às tarefas em suas exigências considerando o nível de desempenho e envolvimento do indivíduo, podendo-as tornar mais complexas, seja no âmbito perceptivo, cognitivo e motor.

Neste sentido, a utilização do termo: adaptação, embora, seja designado para caracterizar o desporto adaptado e paralímpico e exclusivo para pcd, segundo Marques e Gutierrez (2014) numa perspectiva mais ampla do desporto enquanto um fenômeno social, democrático e de integração, há possibilidades de que desportos sejam praticados tanto por pcd isoladamente ou por pessoas com e sem deficiências integradas, o que também se exigirá de adaptação, sejam das regras, equipamentos e/ou organização.

Além dessas considerações, pressupondo que os procedimentos profissionais de um treinador desportivo, devidamente habilitado e capacitado e, além do mais, tenha planejado sua carreira para intervir com desporto paralímpico, diferentemente de um treinador que foi vinculado ao desporto olímpico/convencional e, ocasionalmente ingressou no paralímpico, indagamos: É possível afirmar que esse treinador devido preparado, consideraria seus procedimentos profissionais como adaptações, comparadas ao desporto convencional?

Desta maneira, podemos compreender que, adaptação não é exclusividade de desportos paralímpicos, porém o que o diferencia do olímpico são os recursos utilizados para atender as necessidades de um público específico, qual seja, as pcd, desde os equipamentos como cadeira de rodas ou auxílio de atletas guia, bem como, segundo Carvalho (2006), a superação de dificuldades, em relação às barreiras

arquitetônicas; transporte público, necessidade de dispositivos para auxiliar nas atividades de vida diária, apoio de cuidadores e de especialistas.

Ainda nessa categoria, emergiu o termo: técnica, como gestos desportivos padronizados das modalidades convencionais/olímpicas, e no paralímpico, gestos desportivos não padronizados, enquanto diferença entre ambos. Para tanto, objetivando compreender o conceito de técnica, consideramos pertinente citar o antropólogo francês Marcel Mauss, a partir do clássico texto: *Técnicas Corporais*.

Eu digo as técnicas do corpo, porque se pode fazer a teoria *da* técnica do corpo a partir de um estudo, de uma exposição, de uma descrição pura e simples *das* técnicas do corpo. Entendo por essa expressão as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo (MAUSS, 1974).

Ou seja, toda técnica corporal na perspectiva de Mauss, é uma ação carregada de tradição, sendo o corpo o seu instrumento, bem como é transmitida de geração a geração, sendo construídas socialmente de acordo com cada contexto, desde os gestos mais simples, até os mais específicos, por exemplo, os gestos desportivos.

Diante desta breve aproximação com os pressupostos de Marcel Mauss, podemos compreender que o entendimento de técnica, na perspectiva do gesto desportivo, envolve considerar o sujeito, o contexto social o qual pertence e sua historicidade. Segundo Daolio e Velozo (2008) na área da EF e dos desportos, é tradição quando se aborda sobre técnica desportiva, realizar sua análise nos aspectos biológicos e biomecânicos, sem dúvida um de seus domínios, no entanto, a abordagem é de forma instrumentalizada e padronizada.

Dentro deste contexto, a técnica desportiva no desporto paralímpico, na perspectiva dos participantes, embora considerem não padronizada, traz subjacente aspectos de uma perspectiva da EF e desportos no âmbito do tecnicismo, como foi citado acima. Para tanto, reiteramos a necessidade de ampliar a compreensão de técnica. Desta forma, ainda segundo Mauss (1974) estudar as técnicas corporais não exclui analisar sobre o corpo em sua totalidade:

[...] cabe dizer simplesmente: estamos lidando com *técnicas do corpo*. O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo (MAUSS, 1974).

Desta forma, compreendemos que a técnica, enquanto gesto desportivo, é específica de acordo com as condições dos atletas com deficiência, a qual pode

diferenciar de um atleta para outro, com o mesmo tipo de deficiência, ou seja, a diferença, embora notável, é ao mesmo tempo implícita, ou seja, expor a técnica como a diferença, em nosso entendimento, é desviar-se do corpo com deficiência, pois como afirma Silva (2006, p.427):

O corpo marcado pela deficiência, por ser disforme ou fora dos padrões, lembra a imperfeição humana. Como nossa sociedade cultua o corpo útil e aparentemente saudável, aqueles que portam uma deficiência lembram a fragilidade que se quer negar. Não os aceitamos porque não queremos que eles sejam como nós, pois assim nos igualaríamos. É como se eles nos remetessem a uma situação de inferioridade.

Neste sentido, a técnica é o aparente, o que é eficaz, ao passo que, o olhar para a deficiência que é apenas diferença, implicitamente traz o que é imperfeito e ineficaz. Segundo Silva (2006) nesse contexto de sociedade inclusiva, referindo-se ao convívio e processo de aceitação das pcd, ao mesmo tempo expõe nossas fragilidades, como um espelho, que reflete a possibilidade de que, o quanto cada um de nós pode, em algum dia, estar numa condição de deficiência motora ou sensorial.

Além da técnica, os tipos de deficiências foram expostos pelos participantes enquanto diferença na categoria: Características dos Atletas com Deficiência, ressaltando sobre a necessidade do pleno conhecimento da deficiência do seu atleta, bem como as especificidades com relação às condições, tais como, possíveis sequelas e doenças relacionadas à própria deficiência. Nesta perspectiva, segundo Costa e Winckler (2012) é necessário que o profissional de EF na função de treinador ou preparador físico de atletas com deficiência, tenha conhecimentos e competência acerca dos parâmetros de controle de carga e suas implicações para com a deficiência.

Ainda nessa categoria, para o treinador segundo T4A, a diferença está relacionada com as possibilidades de pcd já adultas adentram no desporto paralímpico, o que no âmbito do desporto convencional em relação ao fator: idade cronológica, é primordial. No entanto, na atualidade se verifica uma participação significativa de jovens e adolescentes no desporto paralímpico, pois como ressalta Silva (2017), através das Paralimpíadas Escolares, se verifica o alcance do desporto paralímpico no âmbito educacional, sendo que a cada edição desse evento, é fixada uma idade cronológica, tanto para a participação no evento, quanto para se inscrever em modalidades específicas. Segundo a autora, desde 2009 a idade máxima tem

diminuído, iniciando no referido com 22 anos, chegando a 2015 com 17 anos de idade, e a mínima mantendo-se a partir dos 12 anos de idade.

Porém, como a maior visibilidade do desporto paralímpico é com a categoria adulta, compreendemos que o desporto paralímpico traz aos seus praticantes a possibilidade de superação imposta pelas limitações e dificuldades das deficiências, por exemplo, deficiências adquiridas devido a traumas ou acidentes. Segundo Brazuna e Mauerberg-DeCastro (2001) competir tem um significado para atletas com deficiência, de superação da deficiência. Um exemplo a ser citado, é o caso da nadadora paralímpica Susana Schnarndorf, que no ano de 1995 foi diagnosticada com, MAS (Múltipla Atrofia dos Sistemas) uma doença degenerativa. Nos JP em 2016 foi medalha de prata no revezamento 4 x 50 juntamente com Daniel Dias, Clodoaldo Silva e Joana Silva. Susana iniciou sua carreira na natação paralímpica aos 40 anos de idade, e em decorrência da doença, ou seja, é uma história de superação conforme descreve Tonon (2016):

Ponto aqui a percepção de que Susana está sempre tendo que provar algo. Provar sobre a doença, porque muitas vezes foi acusada de estar fingindo. Provar que ama os filhos, ao se fazer presente o tempo todo com ligações e visitas mesmo que for para vê-los de longe no playground do prédio onde moram. Provar que mesmo com a limitação dos movimentos pode nadar e alcançar resultados. Provar que a natação é seu remédio diário. Provar que pode viver mais do que os médicos limitaram.

Segundo Ranieri e Barreira (2010) em seu estudo sobre a compreensão do desporto numa perspectiva existencial junto a quatro atletas com deficiência visual, o enfoque foi o de verificar a noção de superação, considerando os relatos de experiências vivenciais. Para os autores, a superação através do desporto trata-se de singular experiência para transpor obstáculos e, quando vencida traz marcas dos desafios impostos, seja nos domínios corpóreos, psíquicos ou espirituais. Ou seja, a experiência da superação através do desporto torna-se referência, uma das principais que envolvem fenômeno desportivo e sua prática, dando lugar para que objetividade e subjetividade se entrelacem e deem significado ao desporto na vida dos atletas com deficiência.

Na categoria: Relações Interpessoais, com verniz de particularidade, pois tiveram duas participações (T10N e T14N), dois aspectos emergiram, sendo o primeiro levantado pelo participante T10N sobre a relação: treinador e pais de atletas. Segundo o treinador quando atuava no desporto convencional citou que havia

cobranças dos pais, a seu modo de ver exageradas, quanto aos resultados de seus filhos nas competições. No entanto, no desporto paralímpico não enfrenta tal situação, sendo, portanto, uma diferença em sua perspectiva, entre desporto convencional e paralímpico quanto à intervenção do treinador.

Neste aspecto, Gomes (2010) compreende que os pais podem influenciar, no caso de jovens atletas, nas experiências desportivas dos mesmos em relação aos níveis de aprendizagem e rendimento e, caso essas influências sejam negativas, ao criarem expectativas distantes da realidade em relação ao rendimento desportivo de seus filhos, pode ocasionar desmotivação e aversão ao desporto.

No entanto, ainda destaca o autor, assim como há envolvimento demasiado dos pais de atletas, por exemplo, questionando de forma depreciativa o trabalho do treinador em sua competência, treinadores também afirmam que há pais desinteressados na trajetória desportiva dos filhos.

Quanto à influência dos pais de atletas com deficiência, no estudo de Cregan, et. al. (2007), foi verificado que a influência dos pais de nadadores paralímpicos é muito positiva, por exemplo, ao auxiliarem os treinadores acerca de informações importantes, tais como medicamentos, hábitos alimentares e fornecimento de transporte adaptado para locomoção aos treinamentos e competições.

O segundo aspecto foi apontado pelo participante T14N, é que atletas paralímpicos têm uma perspectiva do treinador enquanto figura paterna. Neste sentido, Resende e Gilbert (2016) afirmam que é importante no relacionamento entre atletas e treinadores, que se estabeleçam formas de condutas apropriadas, pois atletas podem ver o treinador e o relacionamento entre ambos, de forma inconsciente e distorcida.

Segundo Moreno e Machado (2004) as relações entre treinadores e atletas se constituem dinamicamente, pois se caracterizam pelas interações constantes, promovendo entre jovens atletas o desenvolvimento de simbolizações inconscientes em relação ao treinador como pai, líder e professor.

Nesta perspectiva, compreendemos que, estes últimos aspectos, considerados como diferenças entre desporto olímpico e paralímpico pelos participantes desse estudo, são temáticas que necessitam serem tratadas adequadamente no âmbito da formação de profissionais de EF que pretendem atuar no desporto paralímpico, pois é uma pauta de considerável importância.

6. APONTAMENTOS: Limites do estudo.

Enquanto limites desse estudo, ressaltamos alguns aspectos após as análises, os quais consideramos de serem observados em possíveis estudos posteriores, dentre eles:

- Uma diversidade de formação profissional dos participantes, em relação aos períodos que cursaram a graduação em EF;
- Ocasionalidade de ingresso na carreira, contrapondo-se à opção.
- Um ecletismo de opiniões em relação à formação, capacitação, carreira e intervenção, relacionados ao desporto paralímpico, caracterizando uma falta de consenso;
- A EF, enquanto área de conhecimento, ainda convive com o ecletismo de ideias, grupos, conceitos e ideologias. Neste sentido, a natureza teórica e a área de pesquisa têm-se sobressaído. Dessa forma, a intervenção profissional aplicada ao mercado de trabalho, carece de maiores cuidados. Ressalta-se também, a necessidade de pesquisas sobre intervenção profissional que reflitam na formação voltada ao mercado de trabalho. Assim ao identificar métodos e procedimentos específicos, neste caso, para o desporto paralímpico, é possível refletir na definição de uma identidade profissional mais clara para a EF.

7. ENCAMINHAMENTOS

Refletindo sobre os dados e suas análises, propomos encaminhamentos para um melhor entendimento dos elementos: formação, capacitação, carreira e intervenção profissional, na perspectiva de treinadores paralímpicos brasileiros.

Formação Inicial em EF: Em relação à formação inicial em EF, no que tange à formação do bacharel instruída pelas diretrizes curriculares, aponta que o curso deva ter uma identidade profissional, configurando uma formação generalista a qual esteja atenta ao mercado de trabalho e não induza a formação especializada. No entanto, ressaltamos, o egresso ao tornar-se profissional, o mercado de trabalho encontra-se aberto à especialidade da formação, quer seja no desporto paralímpico ou qualquer

área de domínio da EF. Dessa forma, mantendo-se a característica generalista, torna-se necessário uma formação direcionada ao conhecimento e desenvolvimento das capacidades e habilidades direcionadas a intervenção e prestação de serviços em EF, por isso é necessário:

- Definir as ferramentas, procedimentos, capacidades profissionais que o bacharel necessita para intervenção no mercado de trabalho e aplica-las durante a formação, quer seja na dimensão teórica quanto prática.
- Buscar a maturação do estudante para o interesse de sua trajetória evitando o discurso da empregabilidade em qualquer área, trocando pelo conceito de construção de carreira profissional.
- Oportunizar elementos curriculares extras, conforme já apresentados por Silva e Drigo (2012), como extensão voltada para atividades físicas adaptadas e desporto para pcd, voltado à formação dos estudantes interessados no assunto.
- Possibilitar que o estágio curricular supervisionado e o estágio não curricular sejam facilitados para a área do desporto paralímpico. Assim como o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) possa ser direcionado para o desporto paralímpico. Ressaltando-se que, em ambos os casos os elementos teóricos e práticos constituídos possuem características de início de carreira devendo ser estimulado pela instituição formadora e também pelo CPB (permitindo acesso para pesquisa, material humano e bibliográfico, além de interação com as Universidades).

Capacitação: A capacitação profissional é o momento de aprimoramento dentro do campo de trabalho. Nesse sentido, além das capacitações já existentes, por exemplo, as oferecidas pela APB e IPC Academy, a partir das reflexões de Silva e Drigo (2012), há a necessidade de se pensar em uma continuidade de formação, por exemplo, com a residência, semelhantemente à residência médica e a pedagógica, sendo a primeira segundo Lima-Gonçalves (2002) no aperfeiçoamento do exercício da profissão em regime dedicação exclusiva e com supervisão de profissionais experientes, no caso dos médicos em serviços hospitalares, e a segunda, o aperfeiçoamento de discentes oriundos de cursos de licenciatura, realizada em escola pública de educação básica (BRASIL, 2018j). Nesse caso, consideramos que o

envolvimento dos Governos: Federal e Estadual, Ministério da Educação, órgãos de fomento à pesquisa e pós-graduação, sistemas CONFEF/CREF, Universidade, confederações e clubes, como fundamental, promovendo fóruns de discussão sobre esse encaminhamento.

Carreira: A melhoria da formação e da capacitação são aspectos pertencentes ao desenvolvimento de carreira profissional, porém, o desporto paralímpico, assim como o desporto convencional, depende ainda dos investimentos privados e estatais, ambos sujeitos às oscilações econômicas, e da frágil estrutura política que rege tanto o desporto olímpico, quanto o paralímpico. Nesse sentido, carreiras são interrompidas, desmotivando futuros profissionais, sendo que, alguns aspectos, entendemos como fundamentais, dentre eles:

- O desporto olímpico e paralímpico, em todas as suas esferas, da participação ao alto rendimento, deveriam fazer parte de uma política de estado.
- Incentivo e atrativos, tais como remuneração e valorização profissional para treinadores ingressarem no desporto paralímpico.
- As políticas públicas de valorização do desporto nacional devem agir na direção de envolvimento de toda a comunidade no sentido da valorização do desporto enquanto bem público. Assim o envolvimento de setores, principalmente o midiático e de informações, devem corroborar com essas políticas proporcionando maior interesse de investimentos privados e visibilidade da população em geral.

Intervenção profissional: Favorecimento às pesquisas aplicadas à intervenção profissional, aproximando conhecimentos de bases científicas da realidade dos treinadores, formando assim, um banco de dados de pesquisadores, estudiosos e profissionais; democratização profissional que possibilite o acesso ao desporto paralímpico de alto rendimento, através de concursos públicos, diminuindo a contratação por afetividades, vínculos de parentesco, inclusive barrando possível tráfico de influência, ao se oferecer cargos e vagas a profissionais de talento para a área técnica e organizacional.

Além disso, considera-se emergencial para o país, uma aproximação/comprometimento entre as três instâncias que se relacionam com o desporto, o Ministério do Esporte, o CPB (em nosso caso) e entidades confederativas e federativas do desporto e, a Universidade. O relacionamento entre essas três instâncias, devem se inter-relacionar para proporcionar através da pesquisa, do investimento, da legislação e da gestão, os passos para o desenvolvimento do desporto paralímpico de forma mais profissional, sustentável e abrangente possível, cumprindo assim o que prevê a nossa constituição em relação aos direitos do cidadão.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo finalizado o processo de análise na discussão, buscamos nas considerações finais responder os objetivos propostos. No entanto, embora a relação: ingresso no desporto paralímpico e histórico de formação inicial dos treinadores, não tenha sido listada como tal, ressaltamos em primeiro plano que a ocasionalidade de ingresso foi o dado mais consensual. Diferentemente, o ingresso opcional esteve vinculado à influência familiar e iniciativa pessoal, porém se verificou que somente um participante citou os estágios e participação em projeto de extensão universitária com desporto paralímpico

Quanto ao ingresso opcional, as menções foram em relação à influência familiar e iniciativa pessoal, porém se verificou que somente um participante citou os estágios e participação em projeto de extensão universitária com desporto paralímpico.

Após inaugurarmos as considerações finais, o próximo passo é responder aos objetivos do estudo, ou seja, apresentar os elementos nas perspectivas dos participantes em relação a:

- I) **Formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico.**
 - **Os conhecimentos sobre classificação desportiva; tipologias das deficiências e modalidades paralímpicas**, foram os elementos que emergiram das respostas dos treinadores, os quais são pertinentes à formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico, ressaltando a necessidade de seu engajamento, seja nas atividades acadêmicas de ensino, pesquisa, extensão e estágios supervisionados.
 - **A prática**, foi citada como elemento mais ausente na formação inicial, expondo uma concepção ainda dicotômica na relação teoria e prática e que deva ser desconstruída numa formação inicial.
 - **As limitações dos cursos** de formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico foram:
 - A amplitude e insuficiência dos programas curriculares.
 - Isolamento do desporto paralímpico, enquanto conteúdo curricular.

- **As parcerias entre Universidade e CPB**, subsidiando a formação inicial no que diz respeito ao oferecimento à possibilidade de recursos humanos e materiais do CPB, no caso das atividades de ensino.
- **Formação continuada**, no engajamento de egressos com os cursos de capacitação da APB, elemento que indica a possibilidade de aperfeiçoamento, para recém-formados.
- **As experiências de socialização primária**, devido à proximidade dos participantes com familiares pcd, emergiram enquanto influência para adentrarem à carreira de treinador, bem como as experiências desportivas anteriores, como atletas da modalidade que atuam como treinadores.

II) **Elementos essenciais de uma capacitação profissional em relação ao desporto paralímpico.**

Em relação às perspectivas dos participantes sobre a capacitação profissional no desporto paralímpico, os elementos apresentados foram:

- **A capacitação da APB.** Vinculada ao CPB, a capacitação da APB, recente em sua implantação, na atualidade oferece cursos para treinadores das modalidades: atletismo, natação, halterofilismo e esgrima em cadeira de rodas. Desta maneira, é interessante ressaltar que, anterior ao surgimento da APB, o início do trabalho com o desporto paralímpico foi necessário um esforço pessoal do treinador para entendimento desta realidade, havendo pouca informação disponível ou cursos para tal fim. Nesse sentido, destaca-se que essas capacitações iniciam um processo de certificação e aprimoramento, em nível nacional, e também internacional com as capacitações chanceladas do IPC Academy.
- **A prática.** Semelhantemente ao eixo anterior sobre formação inicial, a prática emergiu como elemento, porém ainda numa perspectiva de dissociação de fundamentos teóricos.

- **Conteúdo específico.** Nesse elemento emergiram os tipos de deficiências, fisiologia do exercício e treinamento desportivo, como temáticas a serem tratadas numa capacitação em relação ao desporto paralímpico, enquanto conhecimentos necessários para a intervenção dos treinadores.

III) As perspectivas de carreira em relação ao desporto paralímpico.

Quanto às perspectivas de carreira no desporto paralímpico, os treinadores desse estudo foram unânimes quanto à uma perspectiva positiva de carreira, apresentando os seguintes elementos para esse consenso, sendo eles:

- Insatisfação com o desporto olímpico;*
- Desporto paralímpico como opção de carreira;*
- Desenvolvimento da estrutura e organização do desporto paralímpico nacional;*
- Valorização financeira;*
- Necessidade de profissionais de EF pelo campo de trabalho;*
- Ascensão profissional;*
- Investimento financeiro no desporto paralímpico;*
- Desenvolvimento desportivo e competitivo.*
- Autogestão da carreira;*

Embora tais elementos sejam razoáveis, os mesmos trazem uma perspectiva bastante generalista, haja visto, que os participantes estão estabelecidos em suas funções. Desta forma, entendemos que, enquanto tópicos para uma formação inicial em EF, podem auxiliar os graduandos na aproximação com a realidade do mercado de trabalho e possível ingresso na carreira de maneira intencional, não somente como treinadores, mas como classificadores e preparadores físicos.

IV) As diferenças na intervenção do treinador entre desporto olímpico e paralímpico, na perspectiva dos treinadores.

A intervenção profissional do treinador paralímpico, comparada ao desporto convencional/olímpico, segundo os participantes se diferencia nos seguintes aspectos:

- **Adaptação.** Esse elemento, vinculado ao contexto do desporto paralímpico emergiu pela necessidade relacionadas às especificidades das tipologias das deficiências dos atletas paralímpicos e das modalidades.
- **Técnica.** Em que pese o uso do termo: técnica em diferentes contextos, no caso do desporto paralímpico, para os treinadores representa o aprimoramento dos fundamentos desportivos considerando o atleta e sua condição de deficiência e performance, objetivando melhores resultados desportivos.
- **Características dos Atletas com Deficiência.** As deficiências em suas tipologias foram destaque, enquanto aspectos diferenciadores, pois sem conhecimento prévio das mesmas, pode haver dificuldades do treinador em sua intervenção profissional.
- **As relações interpessoais.** Dois aspectos emergiram como diferenciadores nessa categoria entre desporto olímpico e paralímpico. O primeiro considerado pelo treinador, teve como diferença um apontamento positivo devido à ausência de 'conflitos' entre treinador e pais e/ou responsáveis de atletas paralímpicos. O segundo, para o participante se deve à carência afetiva dos atletas no âmbito familiar, com o treinador sendo considerado como suporte, pela falta de apoio da família. Aspectos

9. CONCLUSÃO

No que tange, à conclusão da tese, pode-se afirmar que houveram conclusões, haja visto a diversidade dos dados. Em relação aos elementos: ingresso ocasional e trajetória de formação inicial, esses se relacionam com os seguintes aspectos:

- Período de formação dos treinadores, tendo em vista que o desporto paralímpico não fazia parte dos currículos de suas graduações;
- Superficialidade e falta de preparação das instituições formadoras quanto à orientação de construção de carreira para esse campo de atuação profissional, implicando em um início de carreira aleatória dependendo de oportunidades;

No entanto, entendemos que apesar da ocasionalidade, é possível construir carreira adentrando ao campo de trabalho pelo esforço pessoal e aprender trabalhando, construindo uma carreira. Em relação ao ingresso opcional, o seu vínculo se caracterizou pelas experiências anteriores na socialização primária dos treinadores e com um único depoimento declarando a influência acadêmica.

Dessa forma, a temática desporto paralímpico é ainda incipiente nos currículos da EF brasileira, seja pela falta de estrutura das instituições formadoras, bem como pela não aproximação dos graduandos com esse mercado de trabalho.

Quanto à formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico, concluímos que os dados gravitam numa perspectiva relacionada ao ensino na forma de disciplinas e limitações curriculares, e não é feita menção sobre a importância dos estágios, pesquisa e extensão, elementos fundamentais para uma formação de ensino superior. Portanto, atribuir somente às disciplinas curriculares uma formação adequada, fragiliza a formação e a construção de carreira, pois o egresso não estando preparado para o mercado de trabalho do desporto paralímpico, por vezes irá se valer de suas experiências como ex-atleta; cursos de final de semana e oportunidades ocasionais para ingressar nesse campo de atuação, ao passo que a busca de oportunidades devido ao direcionamento da formação inicial torna-se uma exceção.

Em relação à capacitação profissional para o desporto paralímpico, assim como a formação inicial em EF, ainda é restrita ao CPB e APB, no que concluímos que ainda há necessidade de que a formação inicial em EF contribua para esse encaminhamento com parcerias entre Universidade e CPB.

No tocante às perspectivas de carreira, concluímos que não há ainda no âmbito do desporto de alto rendimento muitas possibilidades de um plano de carreira, devido à dependência econômica do desporto, seja do poder público ou da iniciativa privada, contextos que sofrem de instabilidade financeira, o que compromete investimentos médio e longo prazo. Além disso, há outras barreiras a superar, tais como as poucas oportunidades de vagas no desporto olímpico, ocasionando a migração para o paralímpico sem planejamento prévio.

Em relação às diferenças de intervenção profissional entre desporto olímpico e paralímpico, concluímos que é uma temática possível, desde que haja interdisciplinaridade na formação inicial em EF, bem como de capacitações no desporto paralímpico, sendo a adaptação e a técnica, aspectos diferenciadores devido à condição de deficiência do atleta paralímpico e das especificidades das modalidades, cujas demandas exigem dos treinadores conhecimentos científicos, pedagógicos e tecnológicos na definição dos procedimentos de intervenção.

Destacamos que as conclusões do estudo apontaram para a formação, capacitação, carreira e intervenção, como elementos vinculados ao um ao outro, pois compõe um projeto de construção de carreira profissional, perspectivas ainda pouco explorados na área na EF, diferentemente das engenharias e tecnologias.

REFERENCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. & GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: Pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.

ANGULSKI, C. M. A disciplina de história da educação física na formação inicial em educação física. In: Gelcemar Oliveira Farias, Alexandre Folle e Jorge Both. (Org.). **Educação Física, formação e regulamentação profissional**. Chapecó/SC: Argos Editora da Unichapecó, 2012, v. 1, p. 35-53.

ARAUJO, P. F. **Desporto adaptado no Brasil**: origem, institucionalização e atualidade. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/INDESP, 1998.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAILEY, S. **Athlete first**: a history of the paralympics movement. West Sussex: John Wiley and Sons, 2008.

BALASSIANO, M.; VENTURA, E. C. F.; FONTES FILHO, J. R. Carreiras e cidades: existiria um melhor lugar para se fazer carreira? **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v.8, n. 3, p. 99-116, jul/set 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rac/v8n3/v8n3a06.pdf> > Acesso em: 16 jan. 2017.

BARROS, J. M. C. Educação Física e esportes: profissões? **Kinesis**, Santa Maria, v.11, p.5-16, 1993. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/8374/5067> > Acesso em: 15 jun. 2018.

BARROS, J. M. C. Educação física: perspectivas e tendências na profissão. **Revista Motriz**, Rio Claro/SP, V. 2, n. 1, p. 2-4, jun., 1996. Disponível em: < http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/02n1/V2n1_PON09.pdf >. Acesso em: 15 jun. 2018.

BARROS, J. M. C. Educação física, profissão regulamentada. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 21, n. 2, p. 108–109, jan/maio., 2000. Disponível em: < <http://www.oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/792/464> > Acesso em: 15 jun. 2018.

BARROS, J. M. C. Profissão, regulamentação profissional e campo de trabalho. In: SOUZA NETO, S; HUNGER, D. (Orgs). **Formação profissional em educação física: estudos e pesquisas**. Rio Claro: Biblioética, 2006, p. 245-250.

BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**: a educação física na escola brasileira de 1º e 2º graus. São Paulo: Editora Movimento, 1991.

BETTI, I. C. R. e BETTI, M. Novas perspectivas em formação profissional. **Motriz**, Rio Claro, v.2, n.1, p. 10-15, 1996.

BODGAN, R.; BINKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em educação**. Porto editora: Porto/Portugal, 1994.

BONI, V., QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica de Pós-Graduação em Sociologia Política**, v.2, n.1, p. 68-80, jan/jul, 2005. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976> > Acesso em: 17 jun. 2018.

BORELLA, D. R. **Atividade física adaptada no contexto das matrizes curriculares dos cursos de educação física**. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, 2010.

BRASIL, V. Z.; RAMOS, V.; BARROS, T.E.S.; GODTSFRIEDT, J.; NASCIMENTO, J. V. A trajetória de vida do treinador esportivo: as situações de aprendizagem em contexto informal. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 21, p. 815-829, 2015. Disponível em: < <http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/50773/35155> > Acesso em: 16 jun. 2018.

BRASILa, Conselho Federal de Educação. Resolução nº 03 de 16 de junho de 1987. Disponível em: < http://crefrs.org.br/legislacao/pdf/resol_cfe_3_1987.pdf > Acesso em: 17 jun. 2018.

_____b, Lei nº 9696 de 1 de setembro de 1998. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. Disponível em: < http://www.confef.org.br/extra/juris/mostra_lei.asp?ID=46 > Acesso em 14 nov. 2016.

_____c, Conselho Federal de Educação. Parecer 215/87 de 11 de março de 1987.

_____d, Lei Agnelo/Piva nº 10264 de 16 de julho de 2001. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10264.htm >. Acesso em: 09 nov. 2018.

_____e, Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/ CES nº 7, de 31 de março de 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Educação Física. Brasília, março de 2004. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0704edfísica.pdf> > Acesso em 17 jun. 2018.

_____f, Rede Nacional do Esporte. Medalhistas. Atletismo. Disponível em: < <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/megaeventos/paraolimpiadas/medalhistas> > Acesso em 15 jun. 2018.

_____g, Rede Nacional do Esporte. Medalhistas. Natação. Disponível em: < <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/megaeventos/paraolimpiadas/medalhistas> > Acesso em 15 jun. 2018.

_____h, Lei nº 9615 de 24 de 1998. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9615consol.htm > Acesso em: 16 jun. 2018.

_____i, Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. 496 p. Disponível em: <

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf > Acesso em: 17 jun. 2018.

_____, Residência pedagógica. Disponível em: <
<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica> >
 Acesso em: 15 nov. 2018.

BRAZUNA, M. R.; MAUERBERG-DECASTRO, E. A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento: uma revisão da literatura. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 7, n.2, p. 115-123, jul-dez, 2001.

BRITAIN, I. **The paralympic games explained**. 2ed. New York: Routledge, 2016.

CALLARY, B.; WERTHNER, P.; TRUDEL, P. How meaningful episodic experiences influence the process of becoming an experienced coach. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 4, n. 3, p. 420-438, nov., 2012. Disponível em: <
https://www.researchgate.net/publication/254353336_How_meaningful_episodic_experiences_influence_the_process_of_becoming_an_experienced_coach > Acesso em 17 jun. 2018.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 57, n. 5, p. 611-14, 2004. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf> > Acesso em: 17 jun. 2018.

CANAU, V. M.; LELIS, I. A. A relação teoria e prática na formação do educador. In: CANAU, V. M. (Org.). **Rumo à uma nova didática**. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

CARVALHO, J. V. Dimensões do desporto de alta competição para atletas com deficiência. In: RODRIGUES, D. (Organizador) **Atividade motora adaptada: a alegria do corpo**. São Paulo: Artes Médicas, 2006. p. 199-213.

CASSIDY, Y.; JONES, R. L.; POTRAC, P. **Understanding sports coaching**. New York: Routledge, 2004. Disponível em: <
<https://coachiwan.files.wordpress.com/2012/10/coaching.pdf> > Acesso em: 16 jun. 2018.

CAVALCANTE, J. F. **Educação superior: conceitos, definições e classificações**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2000. Disponível em: <
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000095.pdf> > Acesso em: 17 jun. 2018.

CESANA, J. **Práticas corporais alternativas e educação física: entre a formação e a intervenção**. 194f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2011.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO a. Modalidades paralímpicas. Disponível em: <
<http://www.cpb.org.br/modalidades> > Acesso em 26 ago. 2018.

b. Informações sobre confederações desportivas filiadas e reconhecidas pelo CPB. Disponível em: < http://gestaorecursos.cpb.org.br/info_confederacoes.php >. Acesso em 26 ago. 2018.

c. Novo presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro. Disponível em: < http://cpb.org.br/noticias/-/asset_publisher/IU3LNvrdeyoz/content/conheca-mizael-conrado-o-novo-presidente-do-comite-paralimpico-brasileiro?inheritRedirect=false > Acesso em: 15 jun. 2018.

d. Academia Paralímpica: Habilitação técnica nível III. Disponível em: < http://www.cpb.org.br/web/guest/noticias/-/asset_publisher/IU3LNvrdeyoz/content/academia-paralimpica-brasileira-abre-inscricoes-para-curso-de-habilitacao-tecnica-nivel-ii-para-tres-modalidades?inheritRedirect=false&redirect=http%3A%2F%2Fwww.cpb.org.br%2Fweb%2Fquest%2Fnoticias%3Fp_p_id%3D101_INSTANCE_IU3LNvrdeyoz%26p_p_lifecycle%3D0%26p_p_state%3Dnormal%26p_p_mode%3Dview%26p_p_col_id%3Dcolumn-3%26p_p_col_count%3D1%26_101_INSTANCE_IU3LNvrdeyoz_advancedSearch%3Dfalse%26_101_INSTANCE_IU3LNvrdeyoz_keywords%3D%26_101_INSTANCE_IU3LNvrdeyoz_delta%3D20%26p_r_p_564233524_resetCur%3Dfalse%26_101_INSTANCE_IU3LNvrdeyoz_cur%3D71%26_101_INSTANCE_IU3LNvrdeyoz_andOperator%3Dtrue > Acesso em: 16 jun. 2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TRIATHLON (CBTRI). Comitê Paralímpico Brasileiro oferece curso de capacitação e habilitação de técnicos. Disponível em: < http://www.cbtri.org.br/ver_new.asp?tipo=noticias&id=7524&pos_menu > Acesso em 07 out 2016.

COSTA, A. M. Formação de recursos humanos para educação física adaptada. In: IV SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA, 1992, São Paulo, **Anais...** São Paulo, 1992.

COSTA, A. M. Esporte Adaptado. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DO DESPORTO, 3; SIMPOSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO DESPORTO, 2., 2009, Campinas. **Anais...** Campinas: universidade Estadual de Campinas, 2009.

COSTA, A. M.; SOUSA, S. M. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração /inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 3, p. 27-42, maio, 2004. Disponível em: < <http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/viewFile/236/238> > Acesso em 17 jun. 2018.

COSTA, A. M.; WINCKLER, C. A educação física e o esporte paralímpico. In: MELLO, M. T.; OLIVEIRA FILHO, C. W. (Editores). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012.

COSTA, L. C. A.; NASCIMENTO, J. V. Contribuição da formação inicial e continuada para a prática pedagógica do professor de educação física. In: Gelcemar Oliveira Farias, Alexandre Folle e Jorge Both. (Org.). **Educação Física, formação e regulamentação profissional**. Chapecó/SC: Argos Editora da Unichapecó, 2012, v. 1, p. 135-157.

CREGAN, K.; BLOOM, G.A.; REID, C. Career evolution and knowledge of elite coaches of swimmers with a physical disability. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, Champaign, v.78, n. 4, p. 339-350, Sep. 2007.

CRESWELL, J. W. **Qualitativ inquiry & research design: Chosing among five approaches**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2007.

CUNHA, L. A. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. São Paulo: Editora UNESP, Brasília, DF: Flacso, 2000.

CUSHION, C. J.; ARMOUR, K. M.; JONES, R. L. Coach education and continuing professional development: experience and learning to coach. **Quest**, London, v. 55, n. 3, p. 215-230, 2003.

DAOLIO, J. **Educação Física brasileira: autores e atores da década de 80**. 107f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

DAOLIO, J.; VELOZO, E. L. A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a pedagogia do esporte. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 9-16, jan/jul., 2008. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/1794/3614> > Acesso em : 17 jun. 2018.

DANNEMANN, R. N. Atos e fatos da formação profissional. **Boletim técnico do Senac: Revista da Educação Profissional**, v. 30, n. 3, p. 1-16, 2004. Disponível em: < <http://www.bts.senac.br/index.php/bts/article/view/493> > Acesso em 17 jun. 2018.
DEPAUW K. P.; GRAVON, S. J. **Disability and sport**. 2nd Edition. Champaign: Human Kinects, 2005.

DRIGO, A. J.; SOEIRO, M. I. P.; CESANA, J. Intervenção profissional: limites e possibilidades. In: SOUZA NETO, S; HUNGER, D. (Orgs). **Formação profissional em educação física: estudos e pesquisas**. Rio Claro: Biblioética, 2006, p. 251 – 257.

DRIGO, A. J. Lutas e escolas de ofício: analisando o judô brasileiro. **Revista Motriz**, Rio Claro/SP, v.15, n. 2, p. 396-406, abr/jun, 2009. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/40624/WOS000270450900021.pdf?sequence=3&isAllowed=y> > acesso em: 17 jun. 2018.

DRIGO, A. J.; CESANA, J. Processo de reestruturação produtiva e econômica, da formação artesanal à industrial e a construção das profissões: recortes com a educação física brasileira. **Revista Educação Skepsis**, v. 3, n. 2, p. 1778-1819, jan/jul, 2011.

DRIGO, A. J.; SOUZA NETO, S.; CESANA, J.; TOJAL, J. B. A. G. Artes marciais, formação profissional e escolas de ofício: Análise documental do judô brasileiro.

Revista Motricidade, Portugal, v. 7, n. 4, p. 49-62, 2011. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/72721/2-s2.0-84855518160.pdf?sequence=1&isAllowed=y> > Acesso em: 17 jun. 2018.

DUARTE, E. Educação Física Adaptada: Especialização ou Formação? In: IV SIMPOSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FISICA ADAPTADA, 1992, São Paulo, **Anais...** São Paulo, 1992.

DUARTE, T., CULVER, D. M. Becoming a coach in developmental adaptive sailing: A lifelong learning approach. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 26, n. 4; p.441–456, 2014. Disponível em: < <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/10413200.2014.920935?needAccess=true> > Acesso em: 16 jun. 2018.

EGERLAND E. M.; SALLES, W. D. N.; BARROSO, M. L. C.; BALDI, M. F.; NASCIMENTO, J. V.; Potencialidades e necessidades profissionais na formação de treinadores desportivos. **Revista Ciência e Movimento**, v. 21, n. 2, p. 31-38, 2013. Disponível em: < <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/3302/2590> > Acesso em: 16 jun. 2018.

FALCÃO, W. R.; BENNIE, A.; BLOOM, G. A. Desporto de alto rendimento: formação e competências do treinador. In: In: RESENDE, R.; ALBUQUERQUE, A; GOMES, R. A. (Coordenadores). **Formação e saberes em desporto, educação física e lazer**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016. p. 37 – 63.

FREIDSON, E. Para uma análise comparada das profissões: A institucionalização do discurso e do conhecimento formais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 11, n. 31, p. 143-54, 1996. Disponível em: < http://www.cff.org.br/userfiles/60%20-%20FREIDSON%20E%20%20Para%20uma%20analise%20comparada%20das%20profissoes_1996.pdf > Acesso em: 17 jun. 2018.

FREIDSON, E. **Renascimento do profissionalismo**: teoria, profecia e política. Trad. Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

FREITAS, P.; SANTOS, S. S. Fundamentos básicos da classificação esportiva. In: MELLO, M. T.; OLIVEIRA FILHO, C. W. (Editores). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012.

FRESCHI, C. P.; SANTOS, B. R.; ANFE, M. A. A.; GOULART JUNIOR, E. FERNANDES, J. M. In: SIMPOSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO. 13., 2006, Bauru/SP. **Anais...** Bauru: UNESP, 2006. p. 1 -11. Disponível em: < http://www.simpep.feb.unesp.br/anais_simpep_aux.php?e=13 > Acesso em 15 jun. 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, A. S.; Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf> > Acesso em 16 jun. 2018.

GOLD, J. R.; GOLD, M. M. Access for all: the rise of the paralympic games. **Journal Royal of the Society for the Promotion of Health**, v. 127, n. 3, p. 133-41, 2007.

GOMES, A. R. Influência parental no desporto: a percepção de pais e jovens atletas portugueses. **Estudos de Psicologia**, Campinas, V. 27, N. 4, p. 491-503, out/dez, 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n4/07.pdf> > Acesso em: 17 jun. 2018.

GONÇALVES, V. O. **Estudo da disciplina educação física adaptada nas instituições de ensino superior do estado de Goiás**. 2002. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas - Campinas/SP, 2002.

GORGATTI, M. G.; GORGATTI, T. O esporte para pessoas com deficiência. In: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (Orgs). **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**, 2ed. rev. e ampl. Barueri/SP: Manole, 2008.

GOULART, A. T. A importância da pesquisa e da extensão na formação do estudante universitário e no desenvolvimento de sua visão crítica. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 60-73, 1º sem. 2004. Disponível em: < <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/580/611> > Acesso em: 17 jun. 2018.

HALL, D.T. **Careers in Organizations**. Califórnia: Goodyear Pub, Pacific Palisades, 1976.

HALL, D. T. **Career in and out of organizations**. Califórnia/USA: Sage Publications, 2002.

HOWE, P. D. **Sport, professionalism and pain: ethnographies of injury and risk**: New York: Routledge, 2004.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE a. Paralympics - History of the Movement. Disponível em : < <https://www.paralympic.org/the-ipc/history-of-the-movement> > Acesso em: 08 mai. 2018.

_____. b Explanatory guide to Paralympic classification paralympic summer sports. Set. 2015. Disponível em: < https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/150915170806821_2015_09_15%2BExplanatory%2Bguide%2BClassification%2Bsummer%2BFINAL%2B5.pdf > Acesso em: 15 jun. 2018.

_____. c. IPC Academy educator programe. Disponível em: < <https://www.ipc-academy.org/?view=ftf&academy=1&programme=43> > Acesso em 31 ago. 2018.

JARVIS, P. **Towards a comprehensive theory of learning**. London: Routledge, 2006.

_____. **Learning to be a person in society**. London: Routledge, 2009.

JONES, R. L. Coaching as Caring (The Smiling Gallery): Accessing Hidden Knowledge. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v.14, n. 4, p377-390, Oct. 2009.

KOKUBUN, E. Pós-graduação em educação física no Brasil: indicadores objetivos dos desafios e das perspectivas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 9-26, jan. 2003. Disponível em: < <http://citrus.uspnet.usp.br/eef/ephysis/wp-content/uploads/Kokubun2003RBCE.pdf> > Acesso em: 17 jun. 2018.

LABELLE, T. Formal, nonformal and informal education: a holistic perspective on lifelong learning. **International Review of Education**, v.28, p.159-175, 1982.

LACOMBE, F. J. M.; HEILBORN, G. L. J. **Administração: princípios e tendências**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010

LAMPERT, E. Educação permanente: limites e possibilidades no contexto da América Latina e Caribe. **Revista Linhas**, v. 6, n.1, p. 1-13, 2005. Disponível em: < <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1252/1064> > Acesso em: 17 jun. 2018.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LAWSON, H. **Invitation to physical education**. Champaign, Human Kinetics Book, p.5-17, 1984.

LIMA - GONÇALVES, E. **Médicos e ensino da medicina no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2002.

LIMA, H. L. A. Pensamento epistemológico da educação física brasileira: das controvérsias acerca do estatuto científico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 21, n. 2/3, p. 95-102, 2000. Disponível em: < <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/790/462> > Acesso em: 17 jun. 2018.

LOVISOLO, H. **Educação Física: a arte da mediação**. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

MALLET, C. J.; TRUDEL, P.; LYLE, J.; RYNNE, S. B. Formal vs informal coach education. **International Journal of Sports Science and Coaching**, Reino Unido, v. 4, n. 3, p. 325-334, 2009. Disponível em: < [https://www.coach.ca/files/22 Formal vs Informal Coach Education Mallet et al 2009.pdf](https://www.coach.ca/files/22%20Formal%20vs%20Informal%20Coach%20Education%20Mallet%20et%20al%202009.pdf) > Acesso em 17 jun. 2018.

MANZINI, E.J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.)

Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: Eduel, 2003. p.11-25.

MARQUES, A. T. As profissões do corpo: o treinador. **Revista Treinamento Desportivo**, v. 5, n. 1, p. 04-08, 2000.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L. **O esporte paralímpico no Brasil: profissionalismo, administração e classificação de atletas.** São Paulo: Phorte editora, 2014.

MAUERBERG-DECASTRO, E. **Atividade física adaptada.** Ribeirão Preto/SP: Tecmedd, 2005.

MAUERBERG-DECASTRO, E.; CAMPBELL, D. F; TAVARES, C. P. The global reality of the Paralympic Movement: Challenges and opportunities in disability sports. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.22 n.3, p. 111-123, jul/set. 2016. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/motriz/v22n3/1980-6574-motriz-22-03-00111.pdf> > Acesso em: 17 jun. 2018.

MAUSS, M. As técnicas corporais. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia.** Trad. Mauro W. B. de Almeida. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974.

MCMASTER S.; CULVER, D.; WERTHNER, P. Coaches of athletes with a physical disability: A look at their learning experiences. **Qualitative research in sport, exercise and health**, 4:2, p.226-243, 2012.

MENDES, A.; CODATO, A. 2015. The Institutional Configuration of Sport Policy in Brazil: Organization, Evolution and Dilemmas. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v.49, n. 3, p.563-93, mai/jun., 2015. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rap/v49n3/0034-7612-rap-49-03-00563.pdf> > Acesso em: 17 jun. 2018.

MESQUITA, I. Pedagogia e treino desportivo: implicações para a formação do treinador. In: RESENDE, R.; ALBUQUERQUE, A; GOMES, R. A. (Coordenadores). **Formação e saberes em desporto, educação física e lazer.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2016. p. 64-81.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research in practice: examples for discussion and analysis.** San Francisco: Jossey-Bass, 2002.

MILISTETD, M; TRUDEL, P.; MESQUITA, I.; NASCIMENTO, J. V.; Treinamento e Formação de Treinadores no Brasil. **International Sport Coaching Journal**, n.1, p. 165-172, 2014.

MILISTETD, M; DUARTE, T; RAMOS, V; MESQUITA, I. M. R.; NASCIMENTO, J. V. A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: desafios da formação inicial universitária em educação física. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 4, out./dez. 2015. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/34988/19800> > Acesso em: 16 jun. 2018.

MORENO, B. S.; MACHADO, A. A. O simbolismo inconsciente de jovens atletas frente à figura do técnico esportivo. **Revista Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.4, n.4/5, jan./dez. 2004. Disponível em: < <http://ferramentas.unipinhal.edu.br/movimentoepercepcao/viewarticle.php?id=11> > Acesso em: 17 jun. 2018.

NASCIMENTO, J. V. Profissionalização da área da educação física. In: NASCIMENTO, J. V. **Formação profissional em educação física: contextos de desenvolvimento curricular**. Montes Claros/MG: Editora Unimontes, 2002, p. 19-43.

NASCIMENTO, J. V. Formação do profissional de educação física e as novas diretrizes curriculares: reflexões sobre a reestruturação curricular. In: SOUZA NETO, S; HUNGER, D. (Orgs). **Formação profissional em educação física: estudos e pesquisas**. Rio Claro: Biblioética, 2006, p. 59 – 75.

NASH, C.; COLLINS, D. Tacit knowledge in expert coaching: science or art? **Quest**, v. 58, p. 465-477, 2006.

NELSON, L.; CUSHION, C. J.; POTRAC, P. Formal, nonformal and informal coach learning: a holistic conceptualization. **International Journal of Sports Science and Coaching**, Reino Unido, v. 1, n. 3, p. 247-259, 2006. Disponível em: < <http://excelsiorgroup.co.uk/wp-content/uploads/2015/04/Formal-Non-Formal-and-Informal-Learning-in-Coaches.pdf> > Acesso em: 17 jun. 2018.

NEVES, M. M.; TREVISAN, L. N.; JOÃO, B. N. Carreira proteana: revisão teórica e análise bibliométrica **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 13, n. 2, p. 217-32, maio/ago., 2013. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v13n2/v13n2a09.pdf> > Acesso em: 17 jun. 2018.

NUNOMURA, M. A formação dos técnicos de ginástica artística: os modelos internacionais. **Revista Ciência e Movimento**, Brasília, v. 12, n. 3, p. 63-69, 2004. Disponível em : < <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/576/600> > Acesso em: 17 jun. 2018.

OLIVEIRA, A. A. B. A formação profissional em educação física: legislação, limites e possibilidades. In: SOUZA NETO, S; HUNGER, D. (Orgs). **Formação profissional em educação física: estudos e pesquisas**. Rio Claro: Biblioética, 2006, p. 17 – 32.

OLIVEIRA FILHO, C. W.; ALMEIDA, J. J. G.; VITAL, R.; CARVALHO, K. M. M.; MARTINS, L. E. B. M. A variação da acuidade visual durante esforços físicos em atletas com baixa visão, participantes de seleção brasileira de atletismo. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 13, n. 4, p. 254-58, Jul/Ago., 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbme/v13n4/09.pdf> > Acesso em: 17 jun. 2018.

Organização Mundial da Saúde. **Classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde**. São Paulo: Edusp; 2003.

PACIOREK, M.J. Esportes adaptados. In: WINNICK, J.P. **Educação física e esportes adaptados**. Barueri: Manole, 2004. p.37-52.

PARSONS, A.; WINCKLER, C. Esporte e a pessoa com deficiência – contexto histórico. In: **Esporte paralímpico**. MELLO, M. T.; OLIVEIRA FILHO, C. W. (Editores). São Paulo: Editora Atheneu, 2012, p. 03-14.

PEREIRA, O. **O que é Teoria**. 1ª ed. eBook. São Paulo: Brasiliense, 2017.

PETTENGIL, N. G.; COSTA, A. M. A educação física e os desportos para pessoas portadoras de deficiência no Brasil no período de 1980 a 1992. In: CARMO, A. A.; SILVA, R. V. S. (Eds.) **Educação física e a pessoa portadora de deficiência**. Série especialização e monografia 2. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1997. p. 269-339.

PIZZA JUNIOR, W. Pontos críticos na ciência das organizações. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n.3, p. 142-61, maio/jul. 1990. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/viewFile/9042/8177> > Acesso em 15 jun. 2018.

PLATANOV, V. N. **Tratado geral de treinamento desportivo**. São Paulo. Phorte, 2008.

RAMOS, V.; NASCIMENTO, J. V.; GRACA, A. B. S.; SILVA, R. A aprendizagem profissional: As representações de treinadores desportivos de jovens: quatro estudos de caso. **Revista Motriz**: Rio Claro, v. 17, p. 280-291, 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/motriz/v17n2/07.pdf> > Acesso em: 16 jun. 2018.

RANIERI, L. P.; BARREIRA, C. R. A. A superação esportiva vivenciada por atletas com deficiência visual: análise fenomenológica **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v.3, n. 2, p. 46-60, julho/dezembro, 2010. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbpe/v3n2/v3n2a05.pdf> > Acesso em: 17 jun. 2018.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: BEUREN, I.M. (Coordenadores). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2003. p. 76-97.

RESENDE, R. Técnica de investigação qualitativa: ETCI. **Journal of Sport Pedagogy & Research**, Maia, Portugal, v.1, n. 2, p. 50-57, 2016.

RESENDE, R.; GILBERT, W. Desporto juvenil: formação e competências do treinador. In: RESENDE, R.; ALBUQUERQUE, A; GOMES, R. A. (Coordenadores). **Formação e saberes em desporto, educação física e lazer**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016. p. 15-36.

RESENDE, R.; MESQUITA, I.; FERNANDEZ, J. Concepções dos treinadores acerca dos conhecimentos e competências no exercício da função e de acordo com o gênero e a experiência. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE JOGOS DESPORTIVOS, 1., 2007, Porto. **Actas e resumos...** Porto: Universidade do Porto, 2007, p. 77.

RODRIGUES, D. As dimensões de adaptação de atividades motoras. In: RODRIGUES, D. (Organizador) **Atividade motora adaptada: a alegria do corpo**. São Paulo: Artes Médicas, 2006. p. 39-47.

RODRIGUES, H. A. **Formação e desenvolvimento profissional do treinador: um estudo sobre os treinadores de basquetebol, suas identidades e saberes**. 249f. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

RODRIGUES, H. A.; PAES, R. R.; SOUZA NETO, S. A socialização profissional do treinador esportivo como um processo formativo de aquisição de saberes. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, 509-521, abr./jun. de 2016. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/55346/37381> > Acesso em: 16 jun. 2018.

ROSADO, A. & MESQUITA, I. A formação para ser treinador. In: **Actas do 1º Congresso Internacional de Jogos Desportivos – Olhares e contextos da performance ao rendimento**, Secção conferências, [CDROM], 2007.

RUGIU, A. S. **Nostalgia do mestre artesão**. Campinas, SP: Editores Associados, 1998.

SCHEID, L.; ROCHA, E. A. COSTA, A. M.; WINCKLER, C. A educação física e o esporte paralímpico. In: **Esporte paralímpico**. MELLO, M. T.; OLIVEIRA FILHO, C. W. (Editores). São Paulo: Editora Atheneu, 2012, p. 35-42.

SCHEIN, E. H. **Identidade profissional: como ajustar suas inclinações a suas opções de trabalho**. São Paulo, Nobel: 1996.

SILVA, C. S.; DRIGO, A. J. **A Educação Física Adaptada no contexto da formação profissional: implicações curriculares para os cursos de Educação Física**. São Paulo: Cultura Acadêmica: 2012.

SILVA, E. A. G. **Projeto paralímpiadas escolares: intervenção, evolução, articulações e contribuições ao paradesporto educacional brasileiro**. 138f. Dissertação (mestrado) – Setor de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

SILVA, R. F. **Atividade motora adaptada: o conhecimento produzido nos programas Stricto Senso em Educação Física no Brasil**. 267f. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SILVA, L. M. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 33, p. 424-561, set./dez. 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbedu/v11n33/a04v1133.pdf> > Acesso em: 17 jun. 2018.

SORIANO, J.B. **A constituição da intervenção profissional em educação física: interações entre o conhecimento formalizado e a noção de competência**. 2003. Tese

(Doutorado) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

SOUZA NETO, S.; CESANA, J.; SILVA, J. J. Profissão, profissionalização e profissionalidade docente: as mediações entre teoria e a prática na demarcação ocupacional. In: SOUZA NETO, S; HUNGER, D. **Formação profissional em educação física: estudos e pesquisas.** (Orgs). Rio Claro: Biblioética, 2006, p. 215-244.

SOUZA NETO, S. **A educação física na universidade: licenciatura e bacharelado – as propostas de formação profissional e suas implicações teórico-práticas.** 334 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

SOUZA NETO, S.; ALEGRE, A. N.; HUNGER, D.; PEREIRA, J. M. A formação do profissional de educação física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal no século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n.2, p. 113 -128, 2004. Disponível em: < <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/viewFile/230/232> > Acesso em: 17 jun. 2018.

STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

STROHKENDL, H. **The 50th anniversary physical of wheelchair basketball: a history.** Munster; New York: Ed. by Armand Tip Thiboutot: Waxmann, 1996.

TANI, G. Avaliação das condições do ensino de graduação em educação física: garantia de uma formação de qualidade. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.6, n.2, p.55-70, 2007. Disponível em: < http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Educacao_Fisica/REMEFE-6-2-2007/art04_edfis6n2.pdf > Acesso em: 16 jun. 2018.

TANI, G.; MEIRA JUNIOR, C.; OLIVEIRA, J. A.; CORRÊA, U. C. O day after olímpico e a universidade. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 20, n. 4, p. 485-497, 4. trim. 2009. Disponível em: < <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/8021/5188> > Acesso em: 17 jun. 2018.

TANI, G. A educação física e o esporte no contexto da universidade. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.25, n. esp., p.117-26, dez. 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v25nspe/12.pdf> >. Acesso em: 15 jun. 2018.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, n. 13, p. 5-13, jan./abr. 2000. Disponível em: <

http://www.joinville.udesc.br/portal/professores/jurema/materiais/RBDE13_05_MAURICE_TARDIF.pdf > Acesso em: 17 jun. 2017.

THIENGO, C. R. **Os saberes e o processo de formação de futebolistas no São Paulo Futebol clube**. v.1. 284 f. Dissertação (Mestrado). - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro, 2011.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. São Paulo: Artmed, 2008.

TRUDEL, P; CULVER, D; WERTHNER, P. Looking at coach development from the coach learner's perspective: considerations for coach development administrators. In: POTRAC, P.; GILBERT, W.; DENISON, J. (Ed.). **Routledge handbook of sports coaching**. London: Routledge, 2013. p. 375-387.

TONON, L. Construindo memórias paralímpicas: A História de Vida da nadadora Susana Schnarndorf. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA ORAL, 13. 2016, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. p. 1-11. Disponível em: < http://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1461879909_ARQUIVO_construindoamemoriaSusana.pdf > Acesso em: 17 jun. 2018.

TWEEDY, S.; VANDLANDEWIJCK, Y. International Paralympic Committee position stad: background and scientific principles of classification in paralympic sport. **British Journal of Sports Medicine**, Londres, v. 45, p. 259–69, 2011.

VASQUEZ, Adolfo Sanchez. **Filosofia da Práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VELADA, A. R. R. **Avaliação da eficácia da formação profissional: factores que afectam a transferência da formação para o local de trabalho**. 2007. 192f. Tese (Doutorado) - Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Departamento de Psicologia Social e das Organizações. Lisboa/ Portugal, 2007.

UNESCO. Declaração de Berlim. In: International Conference of Ministers and Senior Officials Responsibles for Physical Education and Sport, 5. p. 1–20, 2013. Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002211/221114s.pdf> >. Acesso em 15 jun. 2018.

VENUTO, A. A astrologia como campo profissional em formação. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 42, n.4, p.761-801, 1999. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581999000400005&lng=en&nrm=iso > Acesso em: 15 jun. 2018.

WINNICK, J. P. **Educação física e esportes adaptados**. Barueri/SP: Editora Manole, 2004.

WU, S. K.; WILLIAMS, T. Paralympic swimming performance, impairment and the functional classification system. **Adapted Physical Activity Quaterly**, v. 16, p. 251-70, 1999.

WU, S. K.; WILLIAMS, T.; SHERRIL, C. Classifiers as agentes of social control in disability swimming. **Adapted Physical Activity Quaterly**, v.17, p. 421-36, 2000.

ANEXOS

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: A Formação Profissional para Intervenção em Alto Rendimento nos Esportes Paralímpicos

Pesquisador: Cláudio Silvério da Silva

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 40742114.3.0000.5465

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.111.004

Data da Relatoria: 19/05/2015

Apresentação do Projeto:

Trata de uma pesquisa que visa verificar a influência das atividades acadêmicas do curso de Educação Física na intervenção profissional do treinador de seleção brasileira paralímpica. Esta é uma pesquisa de Doutorado no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Motricidade, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade do discente Cláudio Silvério da Silva sob orientação do Professor Doutor Alexandre Janotta Drigo.

Objetivo da Pesquisa:

"O objetivo geral do projeto será o de verificar a influência das atividades acadêmicas do curso de Educação Física na intervenção profissional associada ao esporte paralímpico de alto rendimento." Como objetivos secundários o pesquisador descreve que pretende: "Verificar e analisar o discurso de treinadores relacionados ao esporte paralímpico: Sobre a influência das disciplinas específicas relacionadas a Educação Física Adaptada na atividade profissional; Considerar se a iniciação científica foi importante na formação destes treinadores; Verificar a importância dos projetos de extensão na formação destes treinadores; Verificar o papel do estágio supervisionado na formação destes treinadores; Apresentar outros elementos que se foram importantes no discurso destes treinadores para sua formação profissional."

UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL



Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Quanto aos Riscos o pesquisador informa que:

"Os riscos da pesquisa são mínimos, ou seja, não há possibilidade de que os dados obtidos através dos depoimentos dos pesquisados tragam aos mesmos danos invasivos de qualquer ordem. Porém, no caso de desconforto dos participantes em responderem às perguntas, pelo fato de fornecerem ao pesquisador informações as quais podem por ventura, ser de ordem pessoal ou alguma questão técnica ainda não compartilhada com os pares, o procedimento do pesquisador será o de consentir que o pesquisado não responda caso não queira, bem como irá prontamente interromper a gravação da entrevista e, caso seja necessário registrar em forma de anotações os depoimentos ou também, não efetuar qualquer outro procedimento de registro sem o consentimento do pesquisado."

Quanto aos Benefícios esclarece que:

"Os benefícios pretendidos pela pesquisa serão os seguintes: 1. Proporcionar aos treinadores paralímpicos atuantes no campo de trabalho reflexões quanto ao gerenciamento da carreira de treinador paralímpico, seja na formação de atletas paralímpicos, seja na produção de conhecimentos teóricos e práticos. 2. Contribuir para que novas propostas curriculares e de formação profissional em Educação Física atendam as demandas de intervenção de futuros profissionais que pretendam atuar como treinadores paralímpicos."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

"Com o crescimento do fenômeno esportivo contemporâneo a demanda de recursos humanos também vem aumentando tanto quantitativamente, quanto qualitativamente no sentido das exigências de formação para os profissionais que lidam com a preparação dos esportistas. Neste sentido, se exigirá do treinador esportivo paralímpico uma gama de conhecimentos, de busca de formação e aprimoramento. Considerando o esporte paralímpico e seu crescimento no Brasil e do sucesso de seus atletas em competições internacionais, cabe aqui indagarmos sobre os responsáveis por estas equipes paraolímpicas, seja no esporte individual ou coletivo, ou seja: Quem é este treinador do esporte paralímpico? Como faz para estabelecer suas estratégias? Como aprendeu a ser treinador? Neste sentido, com o desenvolvimento de pesquisas, publicações em atividade física, lazer e esporte para pessoas com deficiência e a realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos no Brasil em 2016, torna a construção deste projeto relevante para se verificar a formação profissional e curricular dos treinadores paralímpicos das seleções brasileiras de esportes

Endereço: Av.24-A n.º 1515

Bairro: Bela Vista

CEP: 13.506-900

UF: SP

Município: RIO CLARO

Telefone: (19)3526-9678

Fax: (19)3534-0009

E-mail: cepib@rc.unesp.br

UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL



paralímpicos de alto rendimento. Para tanto, o objetivo geral deste estudo será o de verificar a influência das atividades acadêmicas do curso de Educação Física na intervenção profissional associada ao esporte paralímpico de alto rendimento. E quanto aos objetivos específicos será verificado e analisado sobre a influência das disciplinas específicas relacionadas a Educação Física Adaptada na atividade profissional, considerando a iniciação científica, os projetos de extensão, o papel do estágio supervisionado entre outros elementos da formação profissional dos treinadores paralímpicos. Quanto à metodologia será adotada a pesquisa do tipo qualitativa e exploratória. Dentro deste contexto, para se efetivar a execução deste estudo serão selecionados treinadores de seleções brasileiras de modalidades esportivas coletivas e individuais do programa paralímpico, da administração direta e indireta do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), medalhistas nos últimos Jogos Paralímpicos de Londres/Inglaterra em 2012, sendo elas: Atletismo; Bocha; Esgrima em Cadeira de Rodas; Futebol de 5; Goallball; Judô e Natação. Dentre as etapas metodológicas para se desenvolver a pesquisa iniciaremos com o acesso ao campo apresentando o projeto, seus objetivos e o termo de consentimento livre e esclarecido aos participantes do estudo"

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Em parecer anterior o CEP apontou a necessidade das seguintes adequações:

"Nas IBP:

- Informar as formas de minimizar os riscos e não apenas minimiza-los pela recusa em responder.
- Apresentar os benefícios da pesquisa de forma clara e objetiva.

No TCLE:

- Apresentar o RG do pesquisador.
- Informar as formas de minimizar os riscos e não apenas minimiza-los pela recusa em responder.
- Informar os benefícios da pesquisa tal qual informados nas IBP.
- Informar devidamente os contatos telefônicos dos pesquisadores
- retirar os termos em negrito;
- retirar a assinatura do " representante legal";
- solicita-se retirar da frase " Neste sentido, pedimos gentilmente o seu consentimento", pois o TCLE já é um termo de consentimento;
- esclarecer a forma alternativa (se houver) de registro dos dados caso o participante não autorize a gravação.

Endereço: Av.24-A n.º 1515

Bairro: Bela Vista

UF: SP

Município: RIO CLARO

CEP: 13.506-900

Telefone: (19)3526-9678

Fax: (19)3534-0009

E-mail: cepib@rc.unesp.br

UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL



Na versão atualizada das IBP e do TCLE foram atendidas todas as solicitações.

Recomendações:

Alterar o termo " assinatura do pesquisado" para " assinatura do participante".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O CEP REFERENDA O PARECER DO RELATOR:

"Não há".

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto encontra-se APROVADO para execução. Pedimos atenção aos seguintes itens:

- 1) De acordo com a Resolução CNS nº 466/12, o pesquisador deverá apresentar relatório final.
- 2) Eventuais emendas (modificações) ao protocolo devem ser apresentadas, com justificativa, ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada.
- 3) Sobre o TCLE: caso o termo tenha DUAS páginas ou mais, lembramos que no momento da sua assinatura, tanto o participante da pesquisa (ou seu representante legal) quanto o pesquisador responsável deverão RUBRICAR todas as folhas, colocando as assinaturas na última página.

Endereço: Av.24-A n.º 1515

Bairro: Bela Vista

CEP: 13.506-900

UF: SP

Município: RIO CLARO

Telefone: (19)3526-9678

Fax: (19)3534-0009

E-mail: cepib@rc.unesp.br

UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL



RIO CLARO, 17 de Junho de 2015

Assinado por:
Débora Cristina Fonseca
(Coordenador)

UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: A Formação Profissional para Intervenção em Alto Rendimento nos Esportes Paralímpicos

Pesquisador: Cláudio Silvério da Silva

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 40742114.3.0000.5485

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio
UNESP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.479.545

Apresentação do Projeto:

Trata de uma emenda de uma pesquisa de Doutorado de Cláudio Silvério da Silva, que já foi aprovada pelo CEP em 2015, no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Motricidade, sob orientação do Professor Doutor Alexandre Janotta Drigo. A temática da pesquisa é "A Formação Profissional para intervenção em Alto rendimento nos Esportes Paralímpicos".

Objetivo da Pesquisa:

Não se aplica.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não se aplica.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Segundo informações do pesquisador, "a emenda se justifica por conta de acréscimos de informações necessárias ao projeto quanto à formação profissional dos treinadores paralímpicos, bem como a relevância dos participantes, no caso os treinadores do atletismo e natação considerados como os treinadores de maior sucesso em suas modalidades." A emenda não prevê alteração nos objetivos, no método, tampouco na composição de nova fase de coleta de dados.

Endereço: Av.24-A n.º 1515
Bairro: Bela Vista **CEP:** 13.506-900
UF: SP **Município:** RIO CLARO
Telefone: (19)3526-9678 **Fax:** (19)3534-0009 **E-mail:** cepib@rc.unesp.br

APÊNDICES

APENDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TCLE) (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12) UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA Instituto de Biociências – Campus de Rio Claro

Rio Claro, 2015.

Prezado Senhor (a),

Nós, Cláudio Silvério da Silva e Professor Doutor Alexandre Janotta Drigo, queremos convidá-lo (a) para colaborar com nossa pesquisa enquanto participante. Este estudo faz parte da elaboração de tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Motricidade, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) campus de Rio Claro, estado de São Paulo, a qual tem como título: “A Formação Profissional para Intervenção em Alto Rendimento nos Esportes Paralímpicos”.

O objetivo do estudo será o de verificar a influência das atividades acadêmicas do curso de Educação Física na intervenção profissional do treinador paraolímpico da seleção brasileira paraolímpica de atletismo.

Este estudo tem sua importância devido ao crescimento do esporte paralímpico brasileiro em nível nacional e internacional, o que demanda recursos humanos, mais especificamente de treinadores qualificados e com formação adequada para intervenção nas mais diferentes modalidades paralímpicas que estão disputando competições de alto rendimento.

Os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa serão as entrevistas semiestruturadas com questões abertas, as quais, caso no momento da entrevista lhe trazer algum desconforto dependendo do questionamento, iremos deixá-lo (lá) a vontade para que não responda qualquer questionamento se assim não quiser.

A resposta de sua entrevista será gravada, posteriormente transcrita e suas respostas analisadas para que possamos publicar em periódicos, livros ou divulgado em eventos ou reuniões científicas. Informamos ainda que, se porventura não quiser que sua resposta seja gravada, a gravação será prontamente interrompida, porém, caso consinta poderá ser registrada em anotações realizadas por nós pesquisadores.

Cabe lembrar-lhe que a qualquer momento o Senhor (a) poderá retirar seu consentimento livre e esclarecido e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa. Ressaltamos também que, o seu nome será mantido em sigilo, sendo utilizado como identificação um pseudônimo ou número.

Informamos também que o senhor (a) terá nenhuma despesa financeira ao participar da pesquisa, bem como não serão remunerados participar da mesma.

Desta forma, se o Senhor (a) se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, de seus objetivos, os eventuais riscos e dos benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o Senhor (a) e outra com o pesquisador (a).

Local/data _____ / _____ / _____ / _____.

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Pesquisado

Dados sobre a Pesquisa:

Título do Projeto: “A Formação Profissional para Intervenção em Alto Rendimento nos Esportes Paralímpicos”.

Pesquisador Responsável: Cláudio Silvério da Silva.

RG nº 16.242.220-9

Cargo/função: Doutorando em Ciências da Motricidade.

Instituição: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus de Rio Claro, estado de São Paulo.

Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP.

Dados para Contato: Número do telefone residencial: (14) 3222-6297 - Número do telefone móvel: (14) 99612-3935

E-mail: clausilver@hotmail.com

Orientador (a): Prof. Dr. Alexandre Janotta Drigo.

Instituição: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus de Rio Claro, estado de São Paulo.

Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP.

Dados para Contato: Número do telefone residencial: (19) 3024-1576 – Número do telefone móvel: (19) 99158-1247

E-mail: alexandredrigo@hotmail.com

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP.

Telefone: (19) 35269678

Dados sobre o participante da Pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

APENDICE B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

A. Dados Gerais

19. Nome completo?

20. Sua idade?

21. Você possui formação em ensino superior? () sim () não

22. Em qual curso você se graduou? Bacharelado ou Licenciatura?

23. Quanto tempo de formado?

24. Possui pós-graduação? (). Sim () Não; () Especialização; () Mestrado; () Doutorado;
Ano de Conclusão.

25. Por gentileza, especifique para cada curso de pós a sua especialidade?

B. Caracterização da amostra

26. Qual é a sua situação profissional atual?

27. A quanto tempo atua com desporto paralímpico?

28. Quantas participações em Jogos Paralímpicos?

29. Em qual ou quais?

30. Quantas e quais medalhas conquistadas em Jogos Paralímpicos?

C. Ingresso e formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico

31. Como se deu o seu ingresso no desporto paralímpico?

32. Como foi a sua formação em relação ao desporto paralímpico?

D. Elementos da formação inicial em EF para atuação no desporto paralímpico

33. Em sua opinião qual a formação você considera ideal para atuar com desporto paralímpico?

E. Elementos de uma capacitação profissional para a construção de carreira no desporto paralímpico

34. Qual a capacitação você considera ideal para trabalhar com desporto paralímpico?

35. Em sua opinião é possível construir carreira no desporto paralímpico?

F. Diferenças entre desporto olímpico e paralímpico na intervenção profissional

36. Em sua opinião o que você considera como principais diferenças na intervenção profissional entre o desporto paralímpico e desporto convencional?

[Empty response box]

APENDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS TRANSCRITAS

Treinador: T1A

A. Identificação pessoal – Dados Gerais

1. Idade: *54 anos.*
2. Você possui formação em ensino superior? (X) sim () não
3. Em qual curso você se graduou? Bacharelado () Licenciatura (X)?
4. Quanto tempo de formado? R: *35 anos. Ano de Conclusão: 1980.*
5. Possui pós-graduação? (X). Sim () Não; (X) Especialização; () Mestrado; () Doutorado; Ano de Conclusão: R: *Não soube informar.*
6. Por gentileza, especifique para cada curso de pós a sua especialidade? R: *Especialização em: Treinamento Esportivo*

B. Identificação ocupacional – Caracterização da amostra

7. Qual é a sua situação profissional atual? R: *Eu trabalho com atleta olímpico e paraolímpico. Então hoje sou funcionário da Prefeitura de São Caetano do Sul. Sou designado a trabalhar aqui no clube de atletismo da BMF & BOVESPA (Clube de Atletismo Bolsa de Mercadorias e Futuros & Bolsa de Valores de São Paulo). Sou funcionário público estadual também, da secretaria de esportes. E trabalho como treinador na área de lançamentos para o comitê paraolímpico brasileiro, aí já na área de atleta paraolímpico. Então são estes três caminhos que tenho como profissional.*
8. A quanto tempo atua com esporte paralímpico? R: *10 anos.*
9. Quantas participações em Jogos Paralímpicos? R: *3*
10. Em qual ou quais? *Pequim/2008; Londres/2012; Rio/2016.*
11. Quantas medalhas conquistadas em Jogos Paralímpicos? R: *Não soube informar.*

C. Início de carreira no desporto paralímpico

12. Como se deu o seu ingresso no desporto paralímpico? R: *Além de ser treinador, eu tenho uma empresa de arbitragem e há alguns anos atrás, mais de dez anos, eu fui convidado para fazer uma arbitragem das competições da antiga CBDC (Confederação de Desportos para Cegos). Então a empresa fez esta primeira arbitragem, e depois eles gostaram, depois fiz por mais dois anos. Aí*

teve uma outra competição em São Paulo já de um nível um pouco maior, se eu não me engano foi o Sergio Del Grande ou um outro evento paralímpico e um dos dirigentes hoje do comitê, ele estava na organização deste evento. Aí gostou e a partir deste momento a gente fez uma amizade. Então eu comecei realmente trabalhando com a equipe de arbitragem. E depois aí sim que eles souberam que além da equipe que eu também era um treinador, e aí foi unindo e até hoje.

D. Histórico pessoal da formação inicial em EF em relação ao esporte paralímpico

13. Como foi a sua formação em relação ao esporte paralímpico? *R: Nada. Não tive nada. É como eu te falei, eu me formei há muito tempo atrás. Então há 35 anos atrás não tinha nada, faculdade, universidade, e se tinha era muito pouco, muito escondido. Então eu não tive formação nenhuma na faculdade e não tive cursos na época. Então se me falassem na época o que era um atleta com deficiência um paraolímpico eu não sabia. Então o movimento paralímpico ele é uma coisa que hoje todo mundo realmente gente conhece, mas isso é de dez anos para cá que, apesar que estou há mais de dez anos, mas até então, sei lá, 5% da população nem isso saberia dizer que existe. Hoje não, uma grande massa da população sabe que existe o movimento paralímpico, que os jogos paralímpicos, as paralimpíadas. Mas há 30 anos atrás, pelo menos eu na FEFISA (Faculdade Educação Física de Santo André) não existia.... E eu lembro que na minha época que quando comecei a dar aula também, o atleta com qualquer deficiência era afastado. Estava dispensado da Educação Física. Essa era a regra. Hoje não, hoje já faz parte da Educação Física. Então eu lembro que quando comecei a dar aula qualquer deficiência que fosse ele era dispensado das aulas de Educação Física. Não tinha Educação Física e na faculdade não tinha nada que pudesse, então nós não éramos os culpados por não dar aulas para eles. Não deram aula para poder repassar.*

E. Elementos da formação inicial em EF para atuação no esporte paralímpico

14. Em sua opinião qual a formação você considera ideal para atuar com esporte paralímpico? *R: Olha, antes da formação ideal, eu acho que você precisa gostar, para estar trabalhando com o paralímpico. É o que eu falei, apesar de ser uma coisa ao meu modo de ver basicamente igual ao olímpico, tem algumas deficiências que são mais severas e que você precisa de um cuidado maior, você precisa de um apoio para estar junto de você dependendo da classe que o atleta tem. Mas a formação para que você trabalhe com o paralímpico é a mesma que uma formação de um olímpico. Então você vai ter que saber se adaptar à deficiência daquele atleta. Então o que eu tenho que ter a mais? Tenho que ter conhecimento das classes e das deficiências dos atletas. Então basicamente é saber que um atleta, por exemplo, um PC (Paralisado Cerebral) quando está mais frio, ele se contrai mais quando tem uma competição.*

F. Elementos de uma capacitação profissional para a construção de carreira no esporte paralímpico.

15. Qual a capacitação você considera ideal para trabalhar com esporte paralímpico? *R: Então eu acho que é isso, você tem que ter a formação, a formação acadêmica que isso é uma grande base. E se você não tem ou não passou, estamos falando do atletismo, se você não passou, não foi atleta, não trabalhou e nunca teve uma vivência com o atletismo, você tem que fazer alguns cursos de capacitação para o atletismo. Então, esses cursos hoje o comitê... que o que a gente tem e tinham muito mais são abnegados ou pessoas que gostam, ou estão ali por algum: "Ah não tem ninguém vai você." A maioria das vezes são abnegados que talvez não tenham o conhecimento muito grande do esporte ou do atletismo, mas estão ali no dia a dia, que brigam, que vão atrás. Então, às vezes este treinador ou essa pessoa, ela é muito mais, ela consegue dar uma confiança muito maior para aquela pessoa de tantas outras coisas que ela faz para chegar ali, que às vezes aquela falta de um conhecimento para você segurar o dardo ali para lançar, ela vai ser pequena em relação a tudo que ele fez. Então se essa pessoa que gosta, que está ali, que brigou, que está a vida toda com aqueles atletas tiverem um conhecimento*

maior, então é essa a nossa ideia de passar esse conhecimento com certeza ele vai conseguir render muito mais para ele e conseqüentemente para os atletas. Então a base é a faculdade e a universidade e depois, ou se ele foi um atleta e ex-atleta, e a experiência que ele teve ou eu tenho que buscar de alguma forma essa experiência, e essa experiência só vem através desses cursos de capacitação.

16. Em sua opinião é possível construir carreira no desporto paralímpico? Por que?

R: Eu acho que sim. Eu acho que, de uns três anos para cá, quatro anos, eu acho que a chance de você construir uma carreira no paralímpico, ela está até maior do que no olímpico. Então eu acho que o campo de trabalho hoje, porque o movimento paralímpico é uma coisa nova, apesar de ser muito antigo e nova aqui para a gente em relação à visibilidade, é saber que existem pessoas com deficiência. Até há alguns anos atrás os deficientes né, eles eram escondidos pelas famílias, hoje não, graças a lei e um monte de outras coisas aí está aparecendo. Então hoje é possível sim. Então eu vejo que há mais campo de trabalho no paralímpico do que no olímpico, por ser um movimento eu acredito que tenha muita esperança de campo de trabalho para essas pessoas. Na minha época não tinha o adaptado e hoje já tem, quer dizer, é mais um professor, e isso vai desencadeando várias coisas.

G. Diferenças entre desporto olímpico e paralímpico na intervenção profissional

17. Em sua opinião o que você considera como principais diferenças na intervenção profissional entre o esporte paraolímpico e esporte convencional?

R: Eu gosto e eu consegui pelo menos passar isso para o grupo, e hoje a base da seleção brasileira ela treina aqui em São Caetano usando a nossa estrutura. Então no começo até quando veio esta turma para cá, existia até um receio: “Puxa uma pessoa paralímpica ali, será que vai ter isso e não vai ter aquilo.” Hoje convive-se o olímpico e o paraolímpico aqui igual. Não tem distinção, usa-se o mesmo espaço, a mesma academia, usa-se os mesmos blocos, colchão, então inclusive tem alguns atletas que tem uma deficiência muito pequena que, às vezes vem uma pessoa de fora: “E aquele atleta ali, o que ele é?” Então

não sabe é olímpico ou não, que é uma deficiência muito pequena, porque às vezes você tem um 13 ou um PC com uma deficiência muito pequena que confundem. Então quer dizer, essa confusão isso é bom, por que? Porque não tem que existir uma diferença aqui. Então, atleta é atleta, não tem coitadinho e não tem nada. Que ele tem é uma deficiência em relação ao outro. Ele tem uma deficiência maior em relação ao outro atleta paralímpico também. Quanto mais a gente tiver essa Não tiver essa diferença vai ser melhor. Então o treino, o dia a dia é igual. Pelo menos para mim o que eu tento passar é que não tem essa diferenciação não. São todos atletas e todos têm de ser submetidos aos treinamentos.

Treinador: T_{2A}**A. Identificação pessoal – Dados Gerais**

1. Idade: *42 anos.*
2. Você possui formação em ensino superior? (X) sim () não
3. Em qual curso você se graduou? Bacharelado () Licenciatura (X)?
4. Quanto tempo de formado? *R: 12 anos. Ano de conclusão: 2003.*
5. Possui pós-graduação? (X). Sim () Não; (X) Especialização; () Mestrado; () Doutorado; Ano de Conclusão: *2005.*
6. Por gentileza, especifique para cada curso de pós a sua especialidade? *R: Atividade Motora Adaptada.*

B. Identificação ocupacional – Caracterização da amostra

7. Qual é a sua situação profissional atual? *R: Sou técnico nacional do CPB do comitê olímpico brasileiro, sou diretor de atletismo da federação paulista de atletismo para cegos (FPDC). Sou diretor técnico do centro de treinamento de Limeira paralímpico e coordenador técnico de atletismo da APC que é Associação Paralímpica de Campinas.*
8. A quanto tempo atua com esporte paralímpico? *R: 10 anos.*
9. Quantas participações em Jogos Paralímpicos? *R:3.*
10. Em qual ou quais? *Pequim/2008; Londres/2012; Rio/2016.*
11. Quantas medalhas conquistadas em Jogos Paralímpicos? *R: 2 em Pequim/2008; 1 em Londres/2012; 2 no Rio/2016.*

C. Início de carreira no desporto paralímpico

12. Como se deu o seu ingresso no desporto paralímpico? *R: Aí um belo dia eu tive um convite para trabalhar com deficientes e confesso que fiquei meio assim assustado e tal, mas sempre gostei de desafios, aquela coisa toda né, aí eu falei assim: “Eu vou encarar isso aí. ” No começo era um dia por semana só porque eles precisavam do profissional lá. Eu fui, fiz esse dia, daí parei e falei assim: “ Eu não vou assumir um negócio sem me inteirar de como é que é, para não fazer besteira enfim, não gosto de assumir uma coisa sem estar em condições de fazer a coisa bem-feita né. Daí eu fui buscar, fui estudar, fui buscar material, buscar informações sobre como trabalhar com deficientes e acabei gostando.*

Acabei gostando da coisa. Trabalhava pela prefeitura na época é, fui me envolvendo cada vez mais, de um dia por semana, passei a ir dois, três, e daí comecei a trabalhar semana inteira e quando eu vi só estava trabalhando com isso. Sentia a necessidade de ampliar o trabalho. Saí da prefeitura, montei uma associação aqui em Limeira, fundei uma associação, voltada só para o esporte e algumas modalidades, e fui me identificando sempre com atletismo. A gente acabou tendo alguns atletas de destaque, fui fazer a pós-graduação, enfim fui estudar, estudar bastante atletismo, e daí acabei tendo o convite também do comitê paraolímpico para participar de uma competição internacional. Fui participei. Aí teve outro convite e outro convite, e quando eu vi, fui convidado para integrar, fazer parte da comissão técnica mesmo oficial ali do CPB, e me deixou muito feliz e hoje eu estou completamente envolvido com o desporto paralímpico. Tudo que eu faço é em função disso daí, como técnico nacional do CPB do comitê olímpico brasileiro, sou diretor de atletismo da federação paulista de atletismo para cegos (FPDC). Sou diretor técnico do centro de treinamento de Limeira paralímpico e coordenador técnico de atletismo da APC que é associação paralímpica de Campinas. E é isso aí. A minha formação inicial, assim como eu falei na primeira pergunta, mas no começo quando a gente estava cursando a universidade eu não tinha essa ideia de que eu iria trabalhar com deficientes. Que nem eu falei. A partir do primeiro convite, da primeira experiência, que eu falei assim: "Legal, é isso que eu quero." Antes tinha muita aquela questão do voluntariado. Para você trabalhar com deficientes você tinha que ser voluntário. Trabalhei muito de voluntário, inclusive na associação que eu fundei aqui em Limeira, muito tempo de voluntário. Hoje em dia já tem uma recompensa maior para essas pessoas que trabalham na área com deficiência. E fui tentar ler, buscar material, na prática também, conversar com os deficientes. Saber entender um pouquinho o outro lado também e não ficar preso na leitura e no que tem publicado, e nos livros que tem hoje e que também não tem muita coisa. A gente está tentando colaborar com isso e enriquecer um pouquinho essa área. Mas, é dentro da prática, conversar com os atletas, saber como é o dia a dia, as dificuldades que eles enfrentam, viver um pouquinho o lado deles e tentar achar as adaptações ali para as coisas acontecerem da melhor forma. A especialização que fiz na UNICAMP foi bem bacana. Os

professores bem experientes na área, enfim toda aquela turma ali da UNICAMP que ajudou também e colaborou bastante para firmar na área.

D. Histórico pessoal da formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico

E. Como foi a sua formação inicial em relação ao desporto paralímpico? *R: Resposta: Eu comecei, foi em 2001 foi a minha primeira experiência com adaptada. Foi um negócio que caiu meio de para queda, meio de surpresa que até fiquei meio assustado na época porque eu fui atleta de basquetebol né, por muito tempo desde moleque e até quando estava fazendo a faculdade fui atleta de basquete, aí eu acabei tendo que fazer uma cirurgia, duas cirurgias, abandonei o esporte e como já estava na faculdade, lidando, dando aula né, trabalhando como professor de escolinha de basquete, eu abandonei e parei de jogar.*

F. Elementos da formação inicial em EF para atuação no desporto paralímpico

13. Em sua opinião qual a formação você considera ideal para atuar com esporte paralímpico? *R: Resposta: Formação ideal? Eu acho que tem que se capacitar, fazer os cursos técnicos. Essa linha que o CPB tem seguido agora que já é adotada pelo comitê olímpico de curso nível I, curso nível II, futuramente vai ter o nível III, é muito bacana para a pessoa se inteirar de que como funciona e fora isso é a prática, é o dia a dia com os atletas, é o treinamento, é colocar tudo que conseguiu absorver dos cursos e das competições ali no dia a dia na prática mesmo com os atletas né. Acho que isso é o principal. Não ficar só preso na teoria. Conseguir transportar isso no dia a dia e viver ali na prática, porque a prática ensina muito a gente. É o dia a dia mesmo.*

G. Elementos de uma capacitação profissional para a construção de carreira no desporto paralímpico.

14. Qual a capacitação você considera ideal para trabalhar com esporte paralímpico? *R: Uma capacitação ideal, eu acho que a gente está perto dela com esse novo centro de treinamento que está sendo feito que é, e eu tive o prazer de visitar agora há uns dez dias atrás, é muito grande, uma estrutura muito boa, onde vaia tender 15 modalidades num centro só que é o único do mundo que atende todas essas modalidades. E ali acredito eu que será oferecido os cursos, e a gente vai ter dentro de um ano um centro de treinamento e a possibilidade de oferecer um curso e a pessoa vivenciar na prática ir lá fazer uma visita e ver como é o trabalho e conhecer mais a fundo. Então eu acho que o ponto da capacitação vai ficar mais completo, conseguindo ligar bem esta questão da teoria, com profissionais capacitados para poder passar um conteúdo. E a pessoa ter ali também a possibilidade de ver e participar de todas as modalidades, ver na prática como que acontece, não só o atletismo, mas todas as modalidades. Então eu acho que vai ser um espaço assim enriquecedor para esta questão não só do treinamento, mas a questão da pesquisa, a questão da capacitação eu acho.*

15. Em sua opinião é possível construir carreira no desporto paralímpico? Por que? *R: Sim. Lógico. Se não eu estaria contra tudo que eu fiz. Que nem eu falei eu sou completamente ligado no desporto paralímpico e não vejo assim porque sair. Porque precisa de bons profissionais trabalhando nessa área. É uma coisa que está crescendo bastante. E falo bom profissional aquele que se envolva realmente com o trabalho. E eu acho que sim. Não tem porque não apostar nisso.*

H. Diferenças entre desporto olímpico e paralímpico na intervenção profissional

16. Em sua opinião o que você considera como principais diferenças na intervenção profissional entre o esporte paraolímpico e esporte convencional? *R: Existe, existe as diferenças sim. A questão do treinamento em si é o mesmo, tanto para um quanto para outro. A questão da periodização e os conceitos do treinamento eles são mesmos, a base é a mesma. O que acontece são as adaptações que a gente*

tem de buscar, o ideal e qual a adaptação que vou ter que fazer para determinada deficiência, para determinada prova. O deficiente visual, qual a adaptação que vou ter que fazer para que ele chegue no mais próximo do atleta convencional. Porque a gente quer o rendimento dele, a gente quer o melhor rendimento dele. O atleta convencional vamos dizer assim, ele não tem nenhuma limitação para realizar todo aquele trabalho que a gente sabe que é necessário. O deficiente visual ele vai ter algumas limitações para realizar aquele trabalho. A gente quer que ele chegue num resultado próximo do olímpico. Então a gente vai ter que arrumar algumas adaptações para que ele realize um maior número de atividades possíveis é, de uma pessoa que não tenha deficiência. Ela precisa fazer um trabalho de coordenação? Ela precisa fazer um trabalho de coordenação. Vamos fazer as adaptações para ele fazer esse trabalho de coordenação. É orientação, estímulo sonoro, vamos fazer um reconhecimento tátil do movimento, vamos trabalhar um pouco mais de equilíbrio com ele porque tem deficiência visual. Então ele não tem o ponto de equilíbrio por causa da visão. Então ele tem um pouco mais de desequilíbrio do que uma pessoa que enxerga. Então fazer estes ajustes de acordo com a deficiência. Isso falando do deficiente visual. O deficiente físico é a mesma coisa. O paralisado cerebral tem um pouquinho mais de dificuldade de coordenação, um pouquinho não, ele tem bem mais dificuldade de coordenação, vamos trabalhar uma coordenação diferenciada. A questão do equilíbrio que é bem comprometida. Então a gente saber compensar essa questão da deficiência, e saber lidar com isso. E fazer as adaptações para que se chegue mais próximo possível da pessoa que não tem deficiência.

Treinador: T_{3A}**A. Identificação pessoal – Dados Gerais**

1. Idade: *59 anos.*
2. Você possui formação em ensino superior? (X) sim () não
3. Em qual curso você se graduou? Bacharelado () Licenciatura (X)?
4. Quanto tempo de formado? *R: 34 anos. Ano de conclusão: 1981.*
5. Possui pós-graduação? (X). Sim () Não; (X) Especialização; () Mestrado; () Doutorado; Ano de Conclusão: *R: Não soube informar.*
6. Por gentileza, especifique para cada curso de pós a sua especialidade? *R: Treinamento de Alto Rendimento.*

B. Identificação ocupacional – Caracterização da amostra

7. Qual é a sua situação profissional atual? *R: Técnico Nacional do COMITE PARALÍMPICO BRASILEIRO.*
8. A quanto tempo atua com esporte paralímpico? *R: 31 anos.*
9. Quantas participações em Jogos Paralímpicos? *R:7.*
10. Em qual ou quais? *R: Seul/1988; Atlanta/1996; Sidney/2000; Atenas/2004; Pequim/2008; Londres/2012; Rio/2016.*
11. Quantas medalhas conquistadas em Jogos Paralímpicos? *R: Ouro 4: Pequim/2008; 4: Londres/2012; 3: Rio/2016; Prata 1: Atenas/2004; 1: Pequim/2008; 2: Londres/2012; 7: Rio/2016; Bronze 1: Seul/1988; 1: Atenas/2004; 1 em Pequim/2008; 4: Rio/2016.*

C. Início de carreira no desporto paralímpico

12. Como se deu o seu ingresso no desporto paralímpico? *R: Foi por acaso, eu estava trabalhando com atletismo convencional e aí apareceram umas pessoas cegas lá e pediram ajuda. Eu era na época um auxiliar técnico, aí o chefe chamou e falou: “Você pode ajudar eles ali?” Aí esse foi o primeiro contato. Aí ajudei eles em algumas áreas de treinamento, lançamentos, corrida e tal. Aí eles gostaram. E um período depois, dois anos depois, eles pediram se eu não podia trabalhar diretamente com eles. E como em Santa Catarina existe a possibilidade de você pedir, se você é efetivo, pedir para trabalhar numa área, desde que haja disponibilidade você pode ser emprestado para a associação.*

Eu era professor formado e trabalhava no estado por quarenta horas, aí fui emprestado para eles para trabalhar com os cegos.

D. Histórico pessoal da formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico

13. Como foi a sua formação inicial em relação ao desporto paralímpico? *R: Na minha época não existia nada na área do desporto paraolímpico. Hoje na própria universidade que formei que é em Joinville já existe uma área que trabalha dentro dos cursos lá, que trabalha com a área de formação e te dá toda a orientação quais são as áreas de deficiência e como trabalhar, mas não existe especialização. Fora da graduação só existe se você está na área, ou seja, o comitê tem cursos formadores para treinadores de atletismo durante o ano no circuito, três vezes ao ano não tem curso de formação. Mas fora isso é bem esporádico isso. Hoje em dia tem muita palestra. Hoje está difundido assim, alguém vai lá e dá uma palestra e não cursos de formação. Não existe, tirando o comitê paralímpico que tem esse projeto, que tem a academia paralímpica de formação de treinador de atletismo. Eu não vejo nas universidades nada específico para isso.*

E. Elementos da formação inicial em EF para atuação no desporto paralímpico

14. Em sua opinião qual a formação você considera ideal para atuar com esporte paralímpico? *R: Eu acho que, além lógico de ser professor formado em Educação Física. Eu acho que estão se construindo bem hoje é esse modelo de curso de formador que existe no paraolímpico. Porque além de serem pessoas que já trabalham com o esporte paraolímpico, tem doutores inclusive que já estão lá e tem várias formações, seria o melhor canal, seria colocar isso dentro das faculdades. Eu acho que isso seria interessante dentro de um curso da faculdade. Quando fiz faculdade eram os três anos normais. Agora tem bacharelado, estou mais perdido do que andar para trás agora. Quem for da área de formador de treinador, eu acho que deveria ter esse curso dentro da graduação. Porque ali faz a divisão por áreas de deficiências né porque na nossa área hoje além de ser especial, veja bem um treinamento de um cego é*

diferente de um cadeirante, de um paralisado cerebral. Então, não é que é diferente, as valências físicas são as mesmas, mas você tem que fazer adaptações. Então essas adaptações são diferentes. Então tem que ser bem especializado e deveria estar num curso de graduação de universidade.

F. Elementos de uma capacitação profissional para a construção de carreira no desporto paralímpico.

15. Qual a capacitação você considera ideal para trabalhar com esporte paralímpico? *R: Então eu acho que o ideal primeiro é difundir, como eu disse para você. A primeira proposta minha, que eu acharia, que eu gostaria que funcionaria para o desenvolvimento, é isso ser incluído nas universidades, não tem outra maneira de você capacitar. Dentro das próprias universidades depois pode se criar cursos de aprimoramento para aqueles outros que não cursaram ou não tiveram. Eu como outros não tive cursos na faculdade disso. Então talvez você não deva ter tido também.*

16. Em sua opinião é possível construir carreira no desporto paralímpico? Por que? *R: Hoje sim. Hoje sim. Quando eu comecei não. Era voluntário, altruístico. Hoje é possível. Porque, é uma dificuldade muito grande porque quem vai para esse lado do treinador paraolímpico é uma associação para pessoas com deficiência. Mas essas associações são altruísticas, certo? Então quando eu disse em minha palavra anterior que deveria ter nas universidades, isso seria uma corrente. Iria ser obrigado a ter profissionais e um profissional. Então ele não passa mais a fazer serviços altruísticos. O governo tem que ver isso de uma forma que ele tem que contratar esse profissional para as associações, não para as escolas, para as associações. Todas as associações necessitam demais de um profissional de Educação Física. Porque o que recupera a pessoa que sofre um acidente, ou que ficou cego, ou por algum momento está com uma deficiência, que retorna ele é uma atividade física, é um esporte, leva ele de volta para a vida. Eu acho isso fantástico. É o que me motivou a trabalhar tanto tempo altruisticamente. Porque eu via muitos voltarem para a vida e ter a alegria de viver. Hoje eu vejo um aluno meu presidente de uma associação, falando*

com o prefeito, falando com o governador. Me enche de orgulho, não fui o responsável, mas eu colaborei. Acho que a Educação Física tem que ter isso e faz isso. Ela tem essa força.

G. Diferenças entre desporto olímpico e paralímpico na intervenção profissional

17. Em sua opinião o que você considera como principais diferenças na intervenção profissional entre o esporte paraolímpico e esporte convencional?

R: Profissionalmente eu acho que não existe uma intervenção. Da mesma forma que eu trabalho no olímpico eu trabalho no convencional. Então não existe diferença no meu trabalho e nem na forma de eu agir. O que eu faço são as adaptações ao treino de cada indivíduo. Isso é a única coisa que diferencia. Então se o meu atleta convencional ele salta barreira, o cego não enxerga, e eu tenho que criar alternativa para que ele salte barreira. Eu faço o trabalho de salto sobre barreira, então é essa a intervenção que a gente faz entendeu? É você adaptar o trabalho, mas o trabalho é o mesmo. Os objetivos sempre são os mesmos, é treino e rendimento. Na minha aula de Educação Física eu adaptava procurando fazer as mesmas coisas que dava numa aula normal para um atleta paraolímpico ou para a pessoa portadora de deficiência, portadora não, não tem mais o termo portador, tem que ficar atualizando também, pessoa com deficiência. Então tinha que estar lá. Então tinha que criar. Então a intervenção é você criar algo diferente. E isto não tem em literatura. Aí é que nós somos falhos, tem experiência. Eu sou muito cobrado para colocar isso em papel para poder repassar para os outros entendeu? Então você faz estas intervenções, estas adaptações, mas o teu objetivo é sempre o mesmo, o trabalho é sempre o mesmo e não muda nada.

Treinador: T4A**A. Identificação pessoal – Dados Gerais**

1. Idade: *42 anos.*
2. Você possui formação em ensino superior? (X) sim () não
3. Em qual curso você se graduou? Bacharelado (X) Licenciatura ()?
4. Quanto tempo de formado? *R: 17 anos. Ano de conclusão: 1998.*
5. Possui pós-graduação? (X). Sim () Não; (X) Especialização; () Mestrado; () Doutorado; Ano de Conclusão: *R: 2010.*
6. Por gentileza, especifique para cada curso de pós a sua especialidade? *R: Biomecânica e Fisiologia do Exercício e Atividade Física e Saúde Humana.*

B. Identificação ocupacional – Caracterização da amostra

7. Qual é a sua situação profissional atual? *R: Hoje eu trabalho como Professor de Educação Física aqui no Clube de Campo Lago Azul. Tenho a função dentro do departamento de esporte, a função burocrática de organizar torneios. Também dou aula de alongamento né, e faço o trabalho dentro da sala de musculação também. Tenho uma consultoria informal, e passo treino para o pessoal que eu consigo atender ou eles me procuram. A gente monta um programa, eu acompanho pelo menos uma vez por semana. Tenho atletas aqui em Penápolis também, mas tudo informal, porque os projetos ainda não conseguiram alavancar, ficar aquela coisa formal. Atualmente meu trabalho como técnico é realmente nessa... não digo informalidade, mas não tem nada formal, com contrato com nada. **E no comitê paralímpico?** *R: No comitê paralímpico atualmente eu estou como atleta guia.**

C. A quanto tempo atua com desporto paralímpico? *R:9*

8. Quantas participações em Jogos Paralímpicos? *R:1.*
9. Em qual ou quais? *R:Pequim/2008.*
10. Quantas medalhas conquistadas em Jogos Paralímpicos?

D. Início de carreira no desporto paralímpico

11. Como se deu o seu ingresso no desporto paralímpico? *R: Foi difícil hein, porque eu tive que é..... Eu tive que desfazer de bastante coisa, de muitos trabalhos*

até. Deixei de trabalhar em áreas que me levariam à um crescimento profissional maior. Só que foi investimento e foi um investimento que deu certo porque Vou dar um exemplo prático mesmo. Gosto de dar exemplo, como a gente é da área e pode conversar, gosto de dar exemplo diferente da área do meu aluno: “Você trabalha com que?” Então eu levo e relaciono para poder explicar e a pessoa entender, mas no seu caso você vai entender. Quando você trabalha com uma pessoa com deficiência com algum tipo de limitação, quando vem uma pessoa convencional que enxerga e tem as pernas e pensa direito, não pode esquecer dos intelectuais fica muito mais fácil. A rampa facilita a vida para todo mundo, não só para o cara que tem cadeira de rodas. Então assim quando eu me engajei no movimento do esporte paraolímpico, eu investi na minha formação como profissional. Porque agora toda pessoa pode ser meu aluno. Então, eu construí essa minha formação a partir disso. Eu deixei muita que fazer, investi bastante, mudei de cidade, fechei um negócio meu para poder trabalhar com esporte para investir principalmente num talento único que era o da Ana, mas ao mesmo tempo né entrando numa instituição lá em Rio Preto que é grande, tem e trabalha com basquete com cadeira de rodas, atletismo, natação, agora tem o ciclismo, o judô para cegos. Quer dizer, essa coisa de eu me.... A partir de um talento eu consegui me engajar dentro do movimento, participar de competições, cheguei a ser diretor de esportes do clube, realmente organizando e até ajudando na No direcionamento da carreira do atleta, que isso é muito importante, porque entra a parte social da pessoa ganhar bolsa atleta e fica muito mais fácil a coisa entendeu? A gente não pode esquecer disso, da parte que é prática e de vida mesmo que muda bastante, quer dizer, então a minha formação foi assim, largar tudo praticamente para poder me engajar e entrar de cabeça, e hoje em dia ter um conhecimento que me permita, vamos dizer assim, visualizar num âmbito geral como é que está o movimento, saber as possibilidades, descobrir talentos, que é a coisa mais gratificante do trabalho é este, descobrir um talento. Não vou dizer que vou salvar a vida dele e tirar ele do ostracismo, mas é mostrar para ele que existe um caminho muito bom dentro do esporte. Um caminho que a pessoa se transforma, a vida dela transforma, transforma a vida da família, transforma a vida da sociedade. Coloca a cidade no mapa do esporte, porque algumas

idades não tem um atleta convencional de renome e tal, mas tem um atleta com deficiência porque ainda a possibilidade é grande, quer dizer, foi por isso que valeu apenas largar muita coisa para poder entrar de cabeça no movimento e poder fazer este trabalho agora.

E. Histórico pessoal da formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico

12. Como foi a sua formação inicial em relação ao desporto paralímpico? *R: Como a gente trabalha com pessoas diferentes, não diferentes pela condição física, mas diferentes pela condição é... até... nem emocional, de personalidade, porque a pessoa quando ela tem uma condição física diferente, a personalidade dela é diferente, ela tem que se adaptar de alguma maneira. Então pensando nisso a minha formação começou com o meu primo. O meu primo mais velho nasceu com má formação né. E a minha infância, a minha adolescência, eu cresci vendo que tudo é capaz, tudo é possível né. Todos são capazes e tudo é possível porque ele dirigia trator, jogava no gol, nadava sem um braço, quer dizer sem um braço... sem os dedos da mão, só o polegar e sem uma perna direita, a perna mesmo, ele tinha até... o joelho não tinha patela, tinha até o fêmur né, má formação, e o dedo mínimo do pé esquerdo ele não tinha. Isso nunca impediu dele fazer nada e a gente tinha uma vida normal. Eu nunca me coloquei como um primo de um deficiente. Então eu acho que a minha formação começou aí. Foi o que me ajudou muito porque, o baque é muito grande quando a pessoa se vê até mesmo na obrigação de trabalhar com deficiente, e acontece muito com o professor na escola, e até abro um parêntese, eu acho errado, eu acho que o professor na escola não é que deve lhe dar só com pessoas normais, mas ele não ta preparado e o baque é muito grande, a atenção é redobrada, e os alunos convencionais entre aspas, eles ficam de lado. Então eu acho que cada coisa é cada coisa né. A APAE não deve fechar (risos) dentro do parêntese também, outro parêntese. Então, a minha formação começou aí. Aí continuou com um bom curso de Educação Física que eu tive. A disciplina de Educação Física Adaptada foi ótima. A gente estudou esporte paralímpico, estudamos as olimpíadas de 92 que foi Barcelona né. Foi quando conheci todo aquele povo*

lá... que conheço até hoje e é amiga íntima, e é muito legal isso. Então assim, esta disciplina também ajudou a me dar esta formação, porém com o passar dos anos, as outras possibilidades de eu trabalhar com outras modalidades, dança, atletismo, eu não tive a oportunidade de trabalhar formalmente com esporte paralímpico, mas sempre tive contato né um pouco. Mas foi quando aconteceu de eu atender uma moça deficiente visual que ainda hoje é atleta, que eu percebi um potencial muito grande, e eu falei não, este potencial não pode ser desperdiçado porque aqui em Penápolis não tem, até hoje também não tem uma coisa organizada pela prefeitura, uma instituição que faça este trabalho, e a gente teve que se mudar daqui para poder fazer este trabalho e aproveitar essa condição dela que era muito boa né. E aproveitar a época que o esporte estava crescendo bastante né, e as possibilidades muito grandes, e foi quando eu comecei mesmo a entrar na área e estou até hoje. Por causa de uma atleta que me levou para este processo de estar conhecendo o movimento. Fazer os cursos de formação técnico de atletismo. E então foi o que me traz até hoje né. É claro que, por causa da..., daquela coisa do ..., de você ter que trabalhar e você ter uma renda e tal, a gente ainda não consegue viver especificamente do esporte livremente, poder viajar a hora que você pode. Fazer os cursos que você quer. Então a gente não tem esta condição por causa das instituições no Brasil, não tem tanta instituição ainda. E também no esporte convencional também não é diferente né. Muito difícil você viver especificamente e totalmente do esporte, mas isso nunca me atrapalhou.

F. Elementos da formação inicial em EF para atuação no desporto paralímpico

13. Em sua opinião qual a formação você considera ideal para atuar com esporte paralímpico? *R: A ideal? Meu Deus. Eu acho que é convivência. Primeira coisa é a convivência. Tem que conviver com pessoas. Você tem que entender que elas têm limitações, mas ao mesmo tempo são pessoas normais, pessoas que tem sonhos, pessoas que choram, que vive, que trabalha, que né.... Então, primeiro é a convivência, é..., essa convivência é muito importante, por que você tem que tirar o estigma da cabeça que a gente tem na sociedade ainda né. Então, a primeira formação, não digo formal é essa, tem que ter a*

convivência. Não adianta você está é.... Estudar os livros, fazer a disciplina atividade física adaptada. Fazer cursos se você não convive. A convivência é extremamente importante. É a base da formação do profissional que trabalha com esporte paralímpico.

G. Elementos de uma capacitação profissional para a construção de carreira no desporto paralímpico.

14. Qual a capacitação você considera ideal para trabalhar com esporte paralímpico? *R: Não é diferente de nenhuma outra área, de nenhum outro lugar do mundo. É estudar, fazer uma faculdade, e de preferência fazer uma faculdade que tenha uma disciplina muito boa em atividade física adaptada e também em relação às outras áreas do conhecimento. Cursos de capacitação sempre, de aperfeiçoamento profissional, e se possível uma especialização, se possível um mestrado que, eu ainda não tive a oportunidade de fazer especificamente na área que é difícil no Brasil, não tem uma formação ainda..., eu acho que a necessidade do Brasil é a formação técnica. A gente não pode... acredito que... vamos colocar a palavra certa, viajar naquela coisa do científico nesse momento não é legal para o Brasil. O Brasil precisa crescer profissionalmente, tecnicamente para até quando começar a parte de formação mesmo científica a gente está mais embasado.*

15. Em sua opinião é possível construir carreira no desporto paralímpico? Por que? *R: Acredito que sim. Está crescendo muito. Principalmente pelo fato do Brasil estar virando uma das potências no esporte paralímpico num desenvolvimento muito rápido né. É Eu acho é possível sim. Só que isso tem que vir junto, infelizmente, com o apoio do governo federal e, juntamente, principalmente, que a gente tem que pensar que o atletismo é o atletismo. Então você é técnico de atletismo. Então, ao mesmo tempo você pode ter seus atletas com deficiência, principalmente no alto rendimento, que isso fica bem junto né. Na formação não tem jeito. Na formação você tem que ter uma turminha separada assim, mas hoje em dia acredito que sim, porque o Brasil é uma potência, um espelho para as instituições que trabalham com os esportes né, com as modalidades para realmente ter uma..., vamos dizer assim, uma turma, uma*

divisão dentro da instituição para trabalhar com esporte paraolímpico. Então, há necessidade de ter profissionais, e o Brasil está vendo isso, por isso é coisa, o comitê faz a formação, a academia paralímpica né. Com o advento de um curso de mestrado né, essas coisas vão ajudar bastante. Hoje... há quinze anos atrás ninguém pensava nisso. Hoje é possível se pensar sim, ter uma carreira dentro do.... Tanto que eu nunca perdi a Nunca vou perder a oportunidade de colocar aqui dentro do clube onde eu trabalho e que tem um espaço muito grande, ter uma divisão para equipes, ter atletas com deficiência aqui dentro. Como eu falei para você. O que estaria unindo as áreas né. Claro que dá para ter uma formação, um crescimento profissional especificamente dentro da área com deficiência. A partir do momento que eu tenha uma instituição que tenha uma divisão dentro dela aqui para trabalhar com deficiência, ou até mesmo junto com todo mundo e acaba sendo integrado.

H. Diferenças entre desporto olímpico e paralímpico na intervenção profissional

16. Em sua opinião o que você considera como principais diferenças na intervenção profissional entre o esporte paraolímpico e esporte convencional?
- R: No profissional intervir e atuar na Têm bastante. Eu acho que eu consigo listar umas cinco ou seis diferenças, mas a principal que eu acredito, e até mesmo pensando naquela estruturação do movimento né, e até uma meta, fazer com que o Brasil se torne uma das principais. Já está se tornando, mas ainda não é.... A gente está vivendo muito de talentos momentâneos. Está aparecendo talentos momentâneos. Mas a gente não pode depender disso por muito tempo. A gente tem que ter a base da formação como os países de tradição tem no esporte e no esporte em geral. Então é.... eu acredito que a principal diferença na intervenção é, o treinador do olímpico ele busca na criança, no jovem, o talento. Aquela coisa de que, primeiro o esporte é mais organizado a mais tempo. Já se criou essa ideia bem fixa né, de que, o talento está na infância. E nenhum treinador é louco hoje: “Eu vou buscar cara de 30 anos para ganhar medalha na olimpíada. ” Começa por aí. Diferente do paraolímpico. O seu talento pode estar na esquina daqui há dez minutos. Numa batida de carro, ou no trabalho ficou cego. Então, essa intervenção ela tem que*

ser.... o técnico já até aproveitando, o técnico pode ser técnico de atletismo, técnico de natação. Não importa a condição da pessoa, ele é técnico de atletismo. Então ele tem que se adaptar ao seu pupilo, à sua..., vamos dizer assim..., à sua matéria prima. Seja ela jovem, seja ela adulta ou até quase idosa. Tem caso se você puxar recordes mundiais, que até hoje é de pessoas de cinquenta e poucos anos, de arremesso de peso, algumas outras modalidades. De pessoas com deficiência, para cima de quarenta e muito mais. Então, o técnico do paraolímpico, do esporte paraolímpico tem que ter essa visão. Claro que ao mesmo tempo buscar os jovens, porque a gente tem que formar essa base para o esporte no Brasil através dos jovens. Só que ao mesmo tempo na sociedade as famílias ainda não estão muito preparadas: “ Pô meu filho não enxerga, você vai correr? Você vai se machucar! ” Então, é uma bola de neve assim, uma coisa muito misturada, ao mesmo tempo você tem que estar tudo certinho. Bom profissional que de garantia para mãe e para o pai que eu vou trabalhar com esse jovem com segurança. Para você fazer como faz o convencional. Para você intervir no esporte e trabalhar dentro do esporte da maneira como o convencional, igual. Então uma das diferenças nessa intervenção é essa. É saber que você vai trabalhar com uma pessoa adulta e também com uma pessoa jovem. Que o talento pode estar lá né. Fora as outras em termos de adaptação de material, entender de regulamento, de regras né. E acho que as coisas são muito práticas, muito técnicas e a gente consegue isso muito fácil até em comparando regulamento, comparando regra, comparando modalidades que são criadas só para o deficiente, golbol que é criada só para deficiente, que mais? Acho que é a única. Única modalidade de criada para deficiente. Eu acho é o golbol só. Oh que coisa!! Que as outras são adaptadas né. Está vindo o Ruby que está crescendo bastante. O handebol não é ainda Não é ainda modalidade oficial, mas tem muito lugar que se joga isso. Eu acho que é. Então quer dizer, modalidades e regras, você já vê a diferença nesta intervenção porque um cego correr é diferente do convencional correr porque tem um guia junto sabe? O espaço é diferente, toda técnica de coordenação né. Até mesmo um cadeirante. A cadeira de rodas do atletismo treina com a do ciclismo e não do atletismo porque o “cara roda”, aí você entra a biomecânica né. Então nesta parte técnica existe diferença de intervenção. E

eu acho que a principal é a coisa da idade que faz a diferença na mentalidade do técnico. Se ele vem do convencional ele tem essa mentalidade que tem que ser o jovem. Só consigo formar um atleta de alto rendimento a partir de que ele seja jovem. Se ele aparece velho pode parar: “Descartei.” E no paraolímpico não, isso pode acontecer. A gente tem que ter esse pensamento do jovem para formar a base, mas pode cair um talento na sua mão com 38 anos e você não pode descartar.

Treinador: T5A

A. Identificação pessoal – Dados Gerais

1. Idade: *50 anos.*
2. Você possui formação em ensino superior? (X) sim () não
3. Em qual curso você se graduou? Bacharelado () Licenciatura (X)?
4. Quanto tempo de formado? *R: 29 anos.* Ano de conclusão: *1986.*
5. Possui pós-graduação? (X). Sim () Não; (X) Especialização; () Mestrado; () Doutorado; Ano de Conclusão: *R:2005 .*
6. Por gentileza, especifique para cada curso de pós a sua especialidade?
R:Fisiologia do Exercício.

B. Identificação ocupacional – Caracterização da amostra

7. Qual é a sua situação profissional atual? *R:Treinador de atletismo de pessoas com deficiência. Eu trabalho com todos. Eu trabalho com visual. A física e a física vão englobar amputados e cadeirantes. Eu trabalho, ah e intelectual. Na verdade, a gente coloca assim, visual, físico, intelectual e o auditivo também. Isso, visual, intelectual, auditivo e físico. Então são as quatro.*
8. A quanto tempo atua com desporto paralímpico? *R:8 anos*
9. Quantas participações em Jogos Paralímpicos? *R:1.*
10. Em qual ou quais? *R:Rio/2016.*
11. Quantas medalhas conquistadas em Jogos Paralímpicos?

C. Início de carreira no desporto paralímpico

12. Como se deu o seu ingresso no desporto paralímpico? *R: Não foi por procura, foi por necessidade da instituição. Eles precisavam que um professor viesse para ocupar um lugar de uma professora de um centro de iniciação esportiva.*

Eu vim para este centro porque eu estava, digamos assim, num trabalho de iniciação do olímpico. Eu não estava muito satisfeito lá. E aí a minha insatisfação é por causa, assim da própria clientela que não dava valor para aquilo que estava sendo oferecido. Então aí eu peguei fui passar acho que quatro meses lá. Aí no final, no final desse período eles me convidaram para ficar no centro de iniciação desportiva. Aí eu fiquei no centro de iniciação desportiva, acho que, acho que não fiquei uns 2 meses. Aí eles me convidaram para poder vim para o centro de referência deles. Aí quando eu vim para o centro de referência eu já peguei e comecei a trabalhar direto.

D. Histórico pessoal da formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico

13. Como foi a sua formação inicial em relação ao desporto paralímpico? *R: Para mim são fases. Na época que eu fazia Educação Física eu jogava pela segunda divisão pelo São Carlense. Então eu estava mais destinado ao futebol do que realmente a outra modalidade. Então nessa época o que você percebia dentro da própria ali da instituição, é que, por exemplo, quem jogava voleibol fazia educação física para ser treinador de voleibol, quem era do futebol destinava e coisa. Então eu tinha vindo atletismo e jogava futsal e jogava futebol de campo. Então, o que que aconteceu? Quando eu saí da faculdade a primeira coisa que eu fiz foi procurar a pós-graduação. Nessa época eu fui para Ribeirão Preto e estava fazendo mestrado lá. Só que aí a faculdade é meio complicada e enrolou a gente muitos anos. Nesse interim eu vim para Brasília. Então foi aí que eu comecei. Agora em termos de faculdade, ela não me deu visão de muita coisa não. Não deu não.*

E. Elementos da formação inicial em EF para atuação no desporto paralímpico

14. Em sua opinião qual a formação você considera ideal para atuar com esporte paralímpico? *R: O ideal para a gente e para todos que vão trabalhar nessa área, às vezes não é o ideal para a faculdade, por que? Porque na faculdade ele teria que aprender a conhecer as deficiências. Ele teria que aprender a fazer estudos dessa deficiência para ver as limitações. Ele teria que junto a isso fazer*

uma parte de psicologia para entender como deve ser feita e ter um conhecimento muito grande em termos, como é que podemos dizer assim, de trabalho de coordenação, de trabalho de preparação física e orgânica para trabalhar em cima disso. Eu não sei se vai ter alguma pergunta a respeito disso, mas eu adquiri muito isso depois que eu fui trabalhar. E outra coisa, os estágios né. Os estágios têm que ser supervisionados e obrigatórios. Por pessoas assim que tenham consciência daquilo que o formando tem que fazer. Não é simplesmente pegar e assinar não. O cara tem que trabalhar ali, e também uma coisa que é muito importante, você, por exemplo, fazer visitas a hospitais que trabalham com traumatizados.

F. Elementos de uma capacitação profissional para a construção de carreira no desporto paralímpico.

15. Qual a capacitação você considera ideal para trabalhar com esporte paralímpico? *R: A mesma que eu falei para você. A capacitação ideal é as pessoas conhecerem a deficiência. Então a partir do momento que você estuda a deficiência e você estuda ela no aspecto fisiológico, biomecânico e psicológico, você não tem dificuldade com nada. Você não tem dificuldade. São três coisas que são muito simples. Então hoje o que nós temos né, assim, peço desculpas por isso, às vezes pode ser uma coisa muito antiética, mas eu acho que tem muito curioso. Acho que tem muito curioso. Tem muito daqueles caras que, na verdade, nós não temos treinadores, nós temos treiteiros. O que acontece? Eles já pegam um sujeito que assim, no meio da gente não é, não pode dizer muita coisa, mas o sujeito já não tem um esquadro perfeito, e tem gente que consegue entortar mais do que já está. Então ele não conhece sobre a deficiência, ele não conhece sobre a mecânica da deficiência, não conhece sobre a degeneração daquela deficiência, e ele não conhece quais os meios que ele pode utilizar para preparar aquilo. Às vezes ele vem de um treinamento de escola, de escola olímpica. A gente fala olímpico porque não fala regular. Então é olímpico ou paralímpico. Não significa que é alto rendimento. Eles têm aquela noção da coisa e não se estuda. Então isso que é importante na minha formação, porque a minha instituição toda a semana nós temos reunião e ela nos obriga a estudar cada elemento que entra.*

16. Em sua opinião é possível construir carreira no desporto paralímpico? Por que?

R: É. Isso depende do objetivo e do idealismo da pessoa. Hoje se você falar para mim se eu quero voltar para o olímpico, eu digo para você que com certeza, não. Entendeu? Se você disser para mim se eu tivesse a oportunidade de ter começado direto no paralímpico e não ter passado pelo olímpico, eu também diria para você que sim. Eu gostaria de ter começado sempre dentro do paralímpico. Agora é aquilo, quem vê idealismo, quem vê assim, quem gosta da profissão e vai se contentar com aquilo que eles oferecem em termos financeiros e tudo mais é uma profissão que você trabalha tranquilamente. É assim como a informática ela não para. Todo o dia você tem uma informação, porque um amputado do mesmo membro e até da mesma altura não reage igual a um outro amputado na mesma sessão. Então, ou seja, para cada atleta que eu tenho é um treinamento diferente. Mesmo ele sendo da mesma deficiência do outro.

G. Diferenças entre desporto olímpico e paralímpico na intervenção profissional

17. Em sua opinião o que você considera como principais diferenças na intervenção profissional entre o esporte paraolímpico e esporte convencional?

R: Existe sim. Para mim existe. Na questão, por exemplo, do estímulo, da carga de trabalho que você tem que fazer um monte de cálculo. Então veja bem, o tanto que ele anda para chegar até lá, se ele vai de cadeira de rodas, se ele vai de muleta, né. Então você tem de fazer um apanhado geral disso. Você, por exemplo, eu falo dessa forma porque a gente acha que a gente trabalha num nível um pouco melhor. Nós tiramos pressão, nós vemos frequência cardíaca, nós estamos vendo hidratação. Então, você tem, por exemplo, a intervenção, é muito diferente para você trabalhar com o visual. Como você vai passar o movimento, se ele não enxerga, e ele não tem experiência com aquilo? Então você tem de arrumar modos de ele pegar em alguém ou você tocar nele para ensinar. Então isso já são maneiras, digamos assim, sensíveis. Você tem que tomar cuidados diferenciados para quem veja e para quem esteja recebendo treinamento e não tomar aquilo como assédio ou alguma coisa. Então é dentro da área de visual. Dentro da área de cadeirante você tem que prestar atenção

porque o pessoal pode fazer cateterismo. Tem bolsa. Ele tem que parar às vezes para ele retirar a urina. Então dentro deste questionamento você tem que olhar muito porque ele não pode fazer este cat, a chama de cat, em qualquer lugar. Outra coisa, quando você coloca alguém na cadeira de velocidade, você tem que prestar muita atenção, porque como eles não sentem a parte de baixo, se você deixar muito tempo você pode ter um problema de circulação, como também pode ter um problema de escaras. Então, nessa parte os amputados, você tem que tomar cuidado com questão de equilíbrio. O próprio visual você tem que tomar cuidado com a questão em volta para ele não se machucar, ele tem que conhecer o terreno. Você tem que dar muita segurança para ele porque você é os olhos dele. Qualquer coisa ele se arrebenta. Então isso aí é um aspecto. Outro aspecto é o que eu estou falando para você. Eles tomam medicamentos que modificam em muito a reação fisiológica, hemodinâmica, um monte de coisa. Então a intervenção, é o que eu falo, você pode ser um bom técnico olímpico, mas não paralímpico. Agora se você for um bom paralímpico, você não tem problema em trabalhar no olímpico. Porque a primeira providência hoje que nós temos é a seguinte, é você passar pelo olímpico, porque você tem que ter aquela gama de conhecimento de movimentos né, de técnicas. Aí quando você sai de lá você tem que passar a estudar muito dentro do paralímpico, porque ele não faz o mesmo movimento. Se você ver um amputado, dependendo da parte do corpo que ele perdeu, você perde o equilíbrio, você perde a coordenação. Ele não tem aquela parte e você tem de suprir dentro do treinamento sem ocasionar mais lesões por causa de compensações que ele pode fazer com uma perna só ou com uma lamina chita embaixo, pode. Mas aí é o seguinte, olha o tamanho, você tem de regular essa lâmina para ele ter uma corrida próxima do ideal. Ele vai saltar com a lâmina, se ele vai saltar com a lâmina, quais as implicações que você tem no coto que está suportando esta lâmina onde foi amputado. Se ele salta com a outra, como que ele cai. Se tem equilíbrio. Se ele vai conseguir compensar esta lamina. Então você tem de fazer muito estudo em cima disso. Então você tem a interferência do olímpico para o paralímpico é muito diferente. Desde a parte fisiológica, desde a parte psicológica e a de estímulo.

Treinador: T_{6N}**A. Dados Gerais**

1. Idade: 30 anos.
2. Você possui formação em ensino superior? (X) sim () não
3. Em qual curso você se graduou? Bacharelado (X) Licenciatura (X)?
4. Quanto tempo de formado? R: 8 anos. Ano de Conclusão: 2007 .
5. Possui pós-graduação? (). Sim (X) Não; () Especialização; () Mestrado; () Doutorado;

B. Identificação: ocupacional, tempo de carreira e participações em Jogos Paralímpicos (JP) – Caracterização da amostra

6. Qual é a sua situação profissional atual? R: (Head Coach) Treinador Nacional do Comitê Paralímpico Brasileiro.
7. A quanto tempo atua com esporte paralímpico? R: 5 anos.
8. Quantas participações em Jogos Paralímpicos? R:1.
9. Em qual ou quais? Rio/2016.
10. Quantas medalhas conquistadas em Jogos Paralímpicos? R: Aguardando resposta.

C. Início de carreira no desporto paralímpico

11. Como se deu o seu ingresso no desporto paralímpico? R: *Eu tive e a primeira vez que eu trabalhei com alto rendimento foi em 2010. Na época eu fui convidado por um atleta da classe S10, para trabalhar com ele. Então fiquei um ano com ele e durante este ano de 2010. Depois teve o campeonato mundial na Holanda e depois do campeonato mundial na Holanda eu passei a ser técnico também e passei a fazer parte da comissão técnica da seleção. Então foi o primeiro contato em alto rendimento que eu tive. Primeiro só com esse atleta na preparação dele para o campeonato mundial, do campeonato mundial eu fui para a seleção. E eu conheci outros atletas com outras deficiências e outras classes. E depois deste campeonato mundial eu fiquei trabalhando como técnico da seleção. Então foi onde me aprofundei mais para conhecer os atletas. Antes disso eu tive algumas experiências isoladas em alguns outros lugares que eu trabalhei, quando fiz estágio. Em 2009 eu trabalhei num clube*

que tinha dois atletas também com deficiência, mas não em nível de alto rendimento. Nadavam e competiam em nível nacional, mas em 2010 com o André foi a primeira vez que trabalhei com alto rendimento.

D. Histórico pessoal, da formação inicial em EF em relação ao esporte paralímpico

12. Como foi a sua formação em relação ao esporte paralímpico? *R: Eu comecei e não pensava em trabalhar com esporte paralímpico. Eu tive a matéria educação física adaptada na faculdade, mas não era nada específico igual a treinamento de alto rendimento de atleta paralímpico, não tinha isto. Era mais de um modo geral, com grupos especiais, falava de terceira idade, falava de hipertensos, enfim, mas muito pouco sobre principalmente o perfil do atleta paralímpico. Mas já na prática quando eu era estagiário eu já tive uma experiência com uma aluna que era cadeirante e eu não lembro ao certo qual era a deficiência dela. Eu lembro que era cadeirante, não lembro se era mielo ou se era lesado medular, não me lembro, mas eu sei que ela era cadeirante e foi a primeira oportunidade que eu tive de ensinar a alguém a nadar, é, uma pessoa com deficiência a nadar. E aí depois só os contatos que eu tive depois de formado já na verdade. Minha formação é toda voltada para o esporte convencional. Então desde o segundo ano de faculdade eu já trabalhava na área. Eu fui estagiário de um clube grande daqui de São Paulo, mas trabalhando com convencional sempre no convencional. E até quando eu tive a oportunidade de trabalhar com o atleta paralímpico que falei em 2010 que eu conheci um pouco mais, não tive nenhuma experiência com o paralímpico. Não tive uma escola para aprender a trabalhar com o paralímpico. Foi na prática. Na prática as oportunidades foram aparecendo, fui encaminhando e principalmente neste ano de 2010, esse atleta que tem uma deficiência muito leve na perna direita, uma sequela de meningite muito leve. Então o treinamento é muito semelhante ao convencional. E depois que eu fui para a seleção lá na Holanda no mundial, depois que eu fiquei mais um período trabalhando como técnico da seleção e um dos trabalhos era observar os atletas nas competições pelo Brasil. Trabalhar um pouco na detecção de novos talentos e tal, foi aí que eu comecei a entender um pouco mais, ver como é que era, ver como era o trabalho, como eles trabalhavam com os diversos tipos de deficiência, mas tudo na prática, não tive nenhuma formação.*

Hoje em dia, eu fiquei um tempo afastado e em 2011 eu saí do esporte paralímpico, e voltei só ano passado em 2014. E quando eu voltei é eu vi uma outra realidade que até que agora eu estou participando que são os cursos de capacitação para treinadores paralímpicos. Que é uma coisa que não existia e hoje existe. Muito legal assim. É um projeto da academia brasileira paralímpica que é um órgão do CPB, é um ramo, é um departamento do comitê paralímpico que cuida do desenvolvimento de, da parte científica, da pesquisa ou da formação de treinadores no Brasil. Então hoje todos os técnicos que atuam no esporte paralímpico ou que tenham a intenção de trabalhar, ou que esteja no último ano de faculdade, mas que tenha a intenção de trabalhar ou que já tenha alguma coisa na prática, eles têm essa oportunidade de ter um curso de capacitação para o esporte paralímpico. Então é muito legal. É um projeto muito legal que se divide em níveis. Tem do nível I ao nível III. Nível I que é para quem está terminando a faculdade, para quem é recém-formado, para quem nunca viveu, nunca teve experiência com este mundo do esporte paralímpico. Então, ensina coisas básicas, de explicar os tipos de deficiências, explicar medidas de segurança, como trabalhar, como abordar um cadeirante, como abordar um cego, como abordar um amputado, o que que você tem de fazer, como é o processo pedagógico para diversos tipos de atleta, alunos com deficiência. Aí depois parte para o nível II que é mais para o treinamento. Então fala mais sobre treinamento, sobre um pouco de fisiologia, um pouco de psicologia, periodização mais voltado para o treinamento. E o nível III que é o próximo passo. Este ano vai ser a primeira turma de nível III que vai ter, que são para treinadores que já passaram pelos outros níveis e que chegam com atleta na seleção ou com uma equipe muito grande de atletas e que já está num nível mais de alto rendimento. Então é uma oportunidade que eu tive na época e que não existia. E que, quando eu voltei eu vi uma diferença muito grande. Então todos os técnicos que trabalham no circuito nacional, por exemplo, no circuito que é nosso campeonato nacional, eles tem pelo menos o nível I e assim por diante. A ideia depois de 2016 para você ter a credencial para trabalhar no circuito você tem que ter pelo menos o nível II. Então isso vai melhorar muito a capacitação de nossos técnicos.

D. Elementos da formação inicial em EF para atuação no desporto paralímpico

13. Em sua opinião qual a formação você considera ideal para atuar com esporte paralímpico? *R: A educação física de um modo geral ela tem muitas áreas de atuação né. É muito amplo, muito amplo. Eu acho que quatro anos a universidade não consegue te dar uma experiência de todas as áreas. Tem muita coisa e muitos esportes, e cada esporte tem a sua particularidade. Acredito que pudesse ser um pouco mais trabalhado o esporte paralímpico porque vem crescendo muito. É uma..., são modalidades que vem crescendo muito em número de participantes e em grandes eventos no país como teve o Parapan em 2007, e agora vai ter a paralímpiada no ano que vem. Então vai chamar muito a atenção e poderia ter um pouquinho mais de atenção para isto daqui. Mas por outro lado eu acho que os cursos, esses cursos que eu falei da academia ele vem suprir. Então ele tem uma formação básica na faculdade, e se ele quer seguir a carreira, se ele quer trabalhar no esporte paralímpico, que vá fazer os cursos de aperfeiçoamento de capacitação na área mesmo. Então neste sentido acredito que está bem servido. Acho que este tipo de formação dá para o profissional terminar a faculdade, pelo menos com o nível I de técnico do paradesporto, e já vai sair legal para iniciar um trabalho. E depois a parte dele de estudar, de procurar, ou fazer uma pós-graduação em esporte adaptado que tem bastante, ou mesmo seguir específico um curso de treinador, de classificador, que é importante, de árbitro para saber as regras. Acho que tem a oportunidade, a oportunidade tem já. Precisa ser talvez mais divulgado, por outro lado penso que é uma formação boa para quem quer fazer, para quem quer participar.*

E. Elementos de uma capacitação profissional para a construção de carreira no desporto paralímpico.

13. Qual a capacitação você considera ideal para trabalhar com esporte paralímpico? *R: Acredito que a capacitação ideal é passar por todo este processo e depois esses cursos específicos, esses cursos para a natação paralímpica, atletismo paralímpico ou qualquer que seja a modalidade. Fazer estes cursos para saber, conhecer e saber o que é o esporte paralímpico. Saber*

as particularidades dos atletas, mas enfim tudo isso daí e acredito que essa é uma boa, um bom caminho, talvez a melhor formação. E depois estudar as coisas específicas. Você tem que estudar um pouco da fisiologia específica, um pouco da biomecânica específica, um pouco da técnica, do nado específico e você ir estudando. Mas tem esse básico que é a graduação e esse curso que a academia hoje oferece de formação e de capacitação mais especializado.

14. Em sua opinião é possível construir carreira no desporto paralímpico? Por que?

R: Sim. Eu venho também do esporte convencional e posso dizer que eu vi no esporte paralímpico, quando eu optei pelo esporte paralímpico exatamente a chance de você ter um projeto de carreira, o que eu não tinha no esporte olímpico, no esporte convencional. Porque hoje o comitê paralímpico que administra os esportes como a natação, que é o nosso caso. Ele oferece uma chance para você começar como um técnico, um técnico de seleção, um técnico nacional que eles chamam, e depois almejar em ser um técnico que trabalhe full time no comitê e depois passar a ser um diretor, um coordenador de modalidades, você subindo os cargos, mudando o cargo, mas crescendo no comitê com a modalidade. E ao mesmo tempo trabalhar com metas, trabalhar com metas estabelecidas e você ter uma, um aumento de salário, uma bonificação pelas metas atingidas. Então isso é uma coisa que não, que eu não vi muito no esporte convencional, na natação olímpica. E eu vi a chance disso no paralímpico. E fora que o projeto é muito grande né. O projeto é muito grande. Agora estão construindo um centro de treinamento aqui na rodovia imigrantes para dezessete modalidades. Isso vai abrir um campo de trabalho muito grande. Vai abrir muitas, vai abrir para vários projetos. A chance de dar aos clubes de participar da academia, de dar os cursos e estar participando da formação é um outro campo que abre. Então abriu muitos campos. Além do trabalho por metas até com o trabalho até de cargos dentro do comitê, você abre muitas portas, de poder trabalhar com a formação dos treinadores, de você ter um centro de treinamento que é espetacular o projeto e você ter milhões de oportunidades poderão e projetos que poderão ser tocados dentro deste centro, trabalhar com formação, trabalhar com alto rendimento, trabalhar com desenvolvimento das classes que ainda estão deficientes no Brasil. Então

é, acredito que dá para fazer, não é fácil, não vou falar que é, tem muita gente que está há muitos anos também trabalhando e talvez não vislumbre isso, não tenha tão claro esta chance de subir, de crescer, de seguir carreira, mas hoje eu vejo que dá para fazer isso, que tem a possibilidade, depende do trabalho lógico, depende do resultado, mas que tenha a oportunidade. E aí vai caber a seguir, a conseguir atingir as metas, conseguir fazer bons trabalhos para ir crescendo. E foi o motivo principal para ter vindo trabalhar no parolímpico.

F. Diferenças entre esporte olímpico e parolímpico na intervenção profissional

15. Em sua opinião o que você considera como principais diferenças na intervenção profissional entre o esporte paraolímpico e esporte convencional?

R: Sim. Principalmente pela técnica né. Uma coisa que eu aprendi depois que eu voltei a trabalhar aqui, no olímpico a gente tem o costume de dizer dos erros comuns, que se corrige a mesma coisa do atleta e a coisa que você corrige serve para todo mundo e para a equipe inteira. No parolímpico não. No parolímpico cada um tem uma técnica. Cada um tem uma forma de concorrer. Cada um tem uma deficiência. Os erros não são comuns, cada um tem o seu, cada um tem sua especialidade, cada um tem sua especificidade. Então isso é o que muda muito. É o jeito que você, é a intervenção técnica. E depois você acaba pensando que no convencional também não é tudo igual. A gente generaliza, mas um maior, um tem uma envergadura maior, outro é mais baixo, outro é mais curto, mais pesado, mais magro. Então talvez cada um tenha o seu padrão, o mesmo padrão, as pessoas serem do mesmo padrão você acaba generalizando. No parolímpico não tem como você fazer isso. Você passar os mesmos exercícios de correção de nado porque às vezes o cara não tem o braço. O outro não tem os dois. O que tem os dois não tem o movimento da perna. Então é bem complexo. E o visual para você explicar não adianta você falar para ele. Você tem que pegar, tem que mostrar, fazer o gesto. Então esta intervenção principalmente na prática e no treinamento é bem diferente.

Treinador: T7N**A. Identificação pessoal – Dados Gerais**

1. Idade: 32 anos.
2. Você possui formação em ensino superior? (X) sim () não
3. Em qual curso você se graduou? Bacharelado () Licenciatura (X)?
4. Quanto tempo de formado? R: 8 anos. Ano de Conclusão: 2007 .
5. Possui pós-graduação? (). Sim (X) Não; () Especialização; () Mestrado; () Doutorado;

B. Identificação: ocupacional, tempo de carreira e participações em Jogos Paralímpicos (JP) – Caracterização da amostra

Qual é a sua situação profissional atual? R: *Treinador Nacional do Comitê Paralímpico Brasileiro.*

6. A quanto tempo atua com esporte paralímpico? R: 1 ano.
7. Quantas participações em Jogos Paralímpicos? R:1.
8. Em qual ou quais? *Rio/2016.*
9. Quantas medalhas conquistadas em Jogos Paralímpicos? R:*Prata: 2; Bronze:4.*

C. Início de carreira no desporto paralímpico

10. Como se deu o seu ingresso no desporto paralímpico? R: *No paralímpico na verdade foi a convite do Head Coach da seleção. Eu sempre trabalhei no olímpico. A minha formação sempre foi no olímpico, e quando apareceu o convite Head Coach há um tempo atrás, e ele teve a oportunidade de retornar para o paralímpico, e ele montar a comissão técnica dele que ele achava que seria a ideal, aí ele me chamou para fazer parte deste projeto. Antes treinamento com paralímpico eu nunca tive.*

D. Histórico pessoal da formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico

11. Como foi a sua formação em relação ao esporte paralímpico? R: *Na faculdade eu não tive uma disciplina paralímpica né. Eu tive treinamento, eu tive algumas outras coisas, mas voltado só para o paralímpico eu não tive na minha matéria.*

A nossa vivência na verdade é, ou estagiando ou depois quando se forma né. Então você acaba sendo professor de academia. Então você acaba tendo alunos de todos os tipos na verdade, adulto, criança, deficiente. Então na verdade a minha vivência com o paralímpico e com atletas com deficiência foi mesmo, eu não tive muita prática na faculdade, na teoria quis dizer na faculdade. Tive mais na prática no dia a dia mesmo.

E. Elementos da formação inicial em EF para atuação no desporto paralímpico

13. Em sua opinião qual a formação você considera ideal para atuar com esporte paralímpico? *R: No esporte paralímpico, primeiro é gostar do que faz. Acho que isso é muito importante, gostar do que você faz. Não ir porque, apareceu ali e você vai. Se você não gostar do que faz. E hoje em dia existe o CPB, o comitê paralímpico e ele dá oportunidade junto com a academia paralímpica de cursos. Eles dão muitos cursos hoje em dia para ajudar profissionais de Educação Física a ingressar no esporte paralímpico. Hoje tem muito isso. Hoje tem muito fácil isso. Hoje a internet e o comitê têm o site que é muito você pode se inscrever para ser um treinador ou um professor do esporte paralímpico. Hoje está muito mais fácil.*

F. Elementos de uma capacitação profissional para a construção de carreira no desporto paralímpico.

14. Qual a capacitação você considera ideal para trabalhar com esporte paralímpico? *R: Eu acho que esses cursos que o, que a academia já dá para o pessoal, acho que capacita bem as pessoas para trabalhar com o esporte paralímpico. Lógico que tudo que você aprende na prática se você não tiver a força de vontade ali na prática e só na teoria aquele negócio acaba não fluindo, mas eu acho que com esses cursos que a academia já dá você consegue ter uma base boa para conseguir trabalhar com esporte paralímpico.*
15. Em sua opinião é possível construir carreira no desporto paralímpico? Por que? *R: Com certeza, com certeza. Eu acho que infelizmente não é muito divulgado o esporte paralímpico e muitas não conhecem como que funciona a estruturação do esporte paralímpico, tudo eu estou falando, desde o comitê e*

até os profissionais. E assim, você estando dentro, o negócio é muito profissional. Não é um catado de gente e vem fazer algumas coisas aqui e negócio acontece. Hoje o profissionalismo é muito grande, desde o presidente do comitê e vai ramificando com as pessoas que trabalham. Então é com certeza dá para seguir carreira assim como todo mundo consegue no esporte olímpico. Se você conseguir fazer um trabalho bem feito é, não só de resultados, mas o trabalho bem feito que eu digo é: respeitando as pessoas, trabalhando direitinho, você fazendo as coisas bem-feitas, você com certeza consegue ter uma sequência no esporte paralímpico tranquilamente, tranquilamente. Hoje é muito profissional. A gente quando entrou no paralímpico, a gente conhece um pouco da história, antigamente era bem, era bem, não é largada a palavra, era muito amador. Então era bem mais difícil as coisas acontecerem. O olímpico estava bem na frente, era uma coisa mais organizada e mais profissional. Hoje, eu trabalhei no olímpico e hoje eu estou no paralímpico, eu não vejo diferença nenhuma de estruturação, de apoio, não tem diferença nenhuma. O apoio é muito grande, o profissionalismo é muito grande no paralímpico. Então não tem diferença nenhuma para mim.

G. Diferenças entre desporto olímpico e paralímpico na intervenção profissional

16. Em sua opinião o que você considera como principais diferenças na intervenção profissional entre o esporte paraolímpico e esporte convencional?
R: Quando eu entrei no esporte paralímpico eu pensei que a diferença era maior. Eu digo a diferença assim, o método de treinamento e o esquema de treinamento ia ser muito diferente. Na verdade, o sistema de treino e os sistemas de treino são iguais. Não tem diferença nenhuma. Na verdade, o que muda e o que acontece e o que que a gente tem que ter são alguns cuidados a mais que não temos com o olímpico, com o convencional. São atletas, por exemplo, com doenças degenerativas, então você aplica um treinamento que pode estar piorando a deficiência dessa pessoa. Então são alguns cuidados que você tem que ter diferente do olímpico né. Mas os sistemas de treinamento, blocos de treinamento, periodização é a mesma, não muda muita coisa. Só esses cuidados, por exemplo, atletas visuais você tem que se preocupar com

o ambiente da piscina, se tem coisa jogada, se tem uma escada lá no meio da piscina, tudo isso aí influencia, material jogado dos atletas. Então essas coisas que mudam né. Agora em treinamento em si na água a diferença é mínima.

Treinador: T_{8N}

A. Identificação pessoal – Dados Gerais

1. Idade: 36 anos.
2. Você possui formação em ensino superior? (X) sim () não
3. Em qual curso você se graduou? Bacharelado () Licenciatura (X)?
4. Quanto tempo de formado? R: 12 anos. Ano de Conclusão: 2002 .
5. Possui pós-graduação? (X). Sim () Não; (X) Especialização; () Mestrado; () Doutorado; Ano de Conclusão: R:2006.
6. Por gentileza, especifique para cada curso de pós a sua especialidade?
R: *Especialização em Fisiologia do Exercício.*

B. Identificação: ocupacional, tempo de carreira e participações em Jogos Paralímpicos (JP) – Caracterização da amostra

7. Qual é a sua situação profissional atual? R: *Treinador Nacional do Comitê Paralímpico Brasileiro.*
8. A quanto tempo atua com esporte paralímpico? R: *1 ano e meio.*
9. Quantas participações em Jogos Paralímpicos? R: *1.*
10. Em qual ou quais? R: *Rio/2016.*
11. Quantas medalhas conquistadas em Jogos Paralímpicos? R: *Aguardando resposta.*

C. Início de carreira no desporto paralímpico

12. Como se deu o seu ingresso no desporto paralímpico? R: *Eu trabalhei durante seis anos num clube antes do paralímpico. Nestes seis anos nesse clube, eu atuava como técnico e preparador físico. O Head Coach da seleção já tinha trabalhado no comitê em 2010. E em 2013, 2012 ou 2013 ele foi para o Corinthians e lá nos conhecemos. E em 2014 ele teve o convite do comitê paralímpico para voltar e assumir a seleção brasileira para desenvolver um trabalho para o Rio em 2016 que é ano que vem. E aí ele me convidou. A gente se conheceu lá. Nosso trabalho casou muito bem. A gente tinha uma afinidade*

boa. Os atletas deram excelentes resultados, e ele sentou comigo e falou: “Eu vou aceitar só se você for comigo.” E aí eu avaliei a proposta, não só financeira obvio, mas a expectativa de crescimento profissional e pessoal enfim. E aí eu aceitei e estou aqui desde janeiro do ano passado.

D. Histórico pessoal da formação inicial em EF em relação ao esporte paralímpico

13. Como foi a sua formação em relação ao esporte paralímpico? *R: Bem sinceramente eu tive pouco contato com o paradesporto. Mesmo na faculdade, a gente estava conversando, na faculdade você tem um preparo muito superficial sobre técnico. Tive eu acho no 4º ano uma matéria semestral lá, então muito pouco. Mas enfim, como havia ti falado também. Nós hoje no comitê trabalhamos com uma equipe multidisciplinar muito boa, muito grande, muito competente. Nós temos dois fisioterapeutas, psicólogo, um nutricionista. De certa forma não me exige que me aprofunde na deficiência dos atletas. Porque isso quem vai fazer são os médicos e os fisioterapeutas, que estão no dia a dia conosco. Você viu aqui na preparação física o fisioterapeuta. Então diariamente ele está comigo. E diariamente ele tem contato com o médico. Então para você entender assim, se eu ficar focado na deficiência eu não consigo desenvolver o atleta para o alto rendimento. É óbvio que a gente deve tomar uma série de precauções e cuidados principalmente em algumas lesões específicas, em algumas deficiências específicas, porquê, por exemplo, um amputado você faz uma adaptação, mas você não tem um problema que pode ser agravado, um problema que vá interferir na vida do atleta. Algumas lesões específicas que devem ser olhadas com este cuidado maior a gente tem esse respaldo dos médicos e dos fisioterapeutas. Então isso dá uma tranquilidade muito grande para a gente. Na verdade, quando eu avaliei e eu decidi trocar, o olímpico para o paralímpico, eu só aceitei porque existia essa possibilidade. Eu não tenho conhecimento aprofundado das deficiências, sendo bem sincero com você. Mas aqui como a gente tem essa equipe que estava te falando, a gente está sempre discutindo estas questões, e eles estão sempre passando por avaliações, eu consigo desempenhar e desenvolver meu trabalho com mais tranquilidade né. Então é o que eu te falei, essa não é a realidade da maioria*

dos clubes tem por aí, porque com certeza não é, mas é a nossa realidade, e isso dá um conforto maior, uma tranquilidade maior para desenvolver o nosso trabalho.

E. Elementos da formação inicial em EF para atuação no desporto paralímpico

14. Em sua opinião qual a formação você considera ideal para atuar com esporte paralímpico? *R: Pelo que eu tenho visto na prática, é obvio que tem muitas coisas que você tem que adaptar para os atletas, muitas coisas, muitos exercícios principalmente eu aqui na parte física ou aqui na musculação ou quando eu dou funcional, eu tenho que adaptar muitas coisas, mas é uma adaptação. O princípio do treinamento é o mesmo, os princípios do treinamento desportivo são os mesmos, a lei da adaptação, compensação, estes princípios, recuperação. Então tudo isso é a formação esportiva, a formação da Educação Física normal. Além disso, é obvio que você tem que entender as deficiências, a gente precisa entender que alguns exercícios podem acelerar um processo degenerativo, por exemplo. Algumas séries de academia ou de treino mesmo de intensidade ou volume, intensidade ou volume podem interferir acelerar este processo. Eu acho que o que vai complementar e o que precisa ser feito para um profissional ser mais completo é entender principalmente essas doenças degenerativas para que você não cause nenhum dano ao atleta, que você não cause nenhum prejuízo ao atleta. O esporte de alto rendimento, já é sabido que não é, certamente não é algo que vá gerar saúde, isso já é um consenso, todo mundo já sabe. E no paralímpico é da mesma forma, porque você trabalha com cargas elevadas e você tem o objetivo de rendimento, de performance. Isso algumas vezes, ou na maioria das vezes vai ter algum prejuízo de saúde, obviamente. E é uma escolha que o atleta faz, uma escolha que não só o para atleta, mas o atleta olímpico também. Então a gente tem que estar sabedor disso né. Para trabalhar com esporte de alto rendimento você não necessariamente está preocupado, é difícil falar isso né, tem que tomar cuidado para falar isso. Existe uma linha de pensamento, de trabalho, defende que o esporte ele tem que voltar para a saúde, para a educação, e no alto rendimento a gente sabe que um pouco mais complexo, um pouco mais complicado. A*

gente procura sempre estar avaliando e monitorando, é a questão da carga, do estímulo e da recuperação para a gente não entrar naquilo que nós conhecemos como over training ou overreaching. Essa preocupação a gente constante. E aqui no comitê a gente tem este respaldo e de tempos em tempos a gente vai fazendo avaliações de sangue, para saber níveis de cortisol. E aí os médicos fazem esta avaliação justamente para não estar exagerando na carga, no volume e por aí vai.

F. Elementos de uma capacitação profissional para a construção de carreira no desporto paralímpico.

15. Qual a capacitação você considera ideal para trabalhar com esporte paralímpico? *R: Eu acho que ela está adequada. Acredito. Porque inclusive eles têm um módulo que é voltado só para classificação funcional. Um módulo inteirinho só para isso. Então eu acho que está bem adequado, bem completo, acho que, como eu te falei, o profissional de Educação Física ele que queira trabalhar no paradesporto, é só ele começar pelo nível I, passar pelo nível II, nível III, que com certeza ele estará apto a trabalhar.*
16. Em sua opinião é possível construir carreira no desporto paralímpico? Por que? *R: Sem dúvida. Sem dúvida nenhuma. Eu acho que não só no paralímpico. Eu acho que você constrói a sua carreira aonde você estiver. Eu acho que depende mais do profissional do que do lugar aonde você está. É óbvio que você precisa ter condições para isso obviamente. Mas eu não procuro pensar muito nisso, sinceramente. Procuro desenvolver meu trabalho no mesociclo que nós definimos e nas metas que nós definimos. Eu acho esta carreira ela está sendo construída aos poucos e com tranquilidade, com competência, com dedicação, com entrega. Não acredito que, eu pelo menos não fico pensando em construir uma carreira, tanto que estava no olímpico, vim para o paralímpico, e se eu precisar voltar para o olímpico eu vou voltar porque, a minha paixão é o esporte, a minha paixão não é o atleta. A minha paixão é o esporte, eu trabalho para o esporte. Se for com paralímpico, se for com olímpico, se for..., a minha vida é o esporte e a natação especificamente. Então eu não procuro pensar muito nisso, porque o que a gente tem objetivo hoje é trabalhar para o Rio 2016. A hora que encerrar o Rio 2016 a gente vai ver qual será o próximo passo. Porque*

muitas coisas mudam. A gente estar no CPB hoje, eu não sei o ano que vem, quem vai ser o presidente da república, se o cara vai continuar incentivando ou não. Eu não sei quem vai ser o presidente do comitê, se ele vai querer trocar todo mundo. Eu sou impotente com relação a isso. Então eu procuro fazer o meu trabalho da melhor forma possível dentro do que foi programado. E agora a nossa meta é Rio 2016. A hora que terminar Rio 2016 vamos sentar: “Vai até 2020, vai. Então nós vamos o trabalha até 2020.” Mas com certeza dá para construir uma carreira forte, um trabalho sério, sem dúvida nenhuma dá.

G. Diferenças entre desporto olímpico e paralímpico na intervenção profissional

17. Em sua opinião o que você considera como principais diferenças na intervenção profissional entre o esporte paraolímpico e esporte convencional?

R: Nenhuma diferença. Acho que é, a mesma importância que o técnico olímpico tem com o atleta olímpico, o técnico paralímpico tem para com o atleta paralímpico. A mesma importância. Talvez eu destacaria algumas coisas, algumas observações que a gente faz no dia a dia. No paralímpico, na natação especificamente, que é o esporte que a gente trabalha, a técnica do nado é muito diferente, é extremamente diferente. Você pega um amputado que nada costas, você tem que adaptar a técnica dele, você tem que encontrar a melhor técnica para ele nadar, quer dizer, no olímpico a gente tinha um padrão de técnica né. Que tem também não serve a todos, mas você tem um padrão. No paralímpico não, no paralímpico, por isso é aquilo que eu te falei né, a gente hoje tem um biomecânico na seleção que é o Augusto, que é extremamente competente. E é com ele que a gente está definindo a forma de cada um nadar, a melhor forma de cada um nadar. Então talvez olhando por este ângulo, eu acho que o técnico ele tem uma participação mais efetiva no paralímpico em relação ao olímpico. Por exemplo, a gente fez um trabalho muito forte de abdome com um atleta, porque o quadril dela ficava muito fundo, e ela é uma S4, então, ela nada costas principalmente, então o quadril dela era muito fundo. Então nós fizemos um trabalho de fortalecimento de abdominal, de controle e tal, e isso melhorou muito a mecânica de nado dela. Então eu acho que, olhando por este lado, eu acho que o técnico paralímpico ele tem uma função

aí um pouco maior que é definir junto ao atleta a melhor forma, a melhor mecânica de nado, isso com certeza é uma diferença boa, uma diferença grande do olímpico do paralímpico. Na água o atleta paralímpico ele vai nadar da melhor forma para ele e nem sempre é aquele padrão, por exemplo, um nadador nosso que nada peito só com os braços, ele não utiliza pernas, é um SB5. Então, a gente tem que adaptar a forma dele, porque ele dá muito mais braçadas. Ou seja, nos 100 metros se ele faz um minuto e trinta e cinco, só comparando, não sei se é este valor, um olímpico vai dar cinquenta braçadas, ele vai dar cem. Então em um minuto e trinta e cinco ele vai dar cem braçadas, quer dizer, a preparação dele é muito diferente.

Treinador: T_{9N}**A. Identificação pessoal – Dados Gerais**

1. Idade: *54 anos.*
2. Você possui formação em ensino superior? (X) sim () não
3. Em qual curso você se graduou? Bacharelado () Licenciatura (X)?
4. Quanto tempo de formado? R: *29 anos.* Ano de Conclusão: *1986 .*
5. Possui pós-graduação? (X). Sim () Não; (X) Especialização; () Mestrado; () Doutorado; Ano de Conclusão: *1988. R:27 anos.*
6. Por gentileza, especifique para cada curso de pós a sua especialidade?
R:*Especialização em Fisiologia do Exercício.*

B. Identificação: ocupacional, tempo de carreira e participações em Jogos Paralímpicos (JP) – Caracterização da amostra

7. Qual é a sua situação profissional atual? R:*Treinador nacional do CPB sem vínculo empregatício e professor do departamento de educação física de uma universidade particular.*
8. A quanto tempo atua com esporte paralímpico? R:*16 anos.*
9. Quantas participações em Jogos Paralímpicos? R: *Pequim/2008; Londres/2012; Rio/2016.*
10. Em qual ou quais? Quantas medalhas conquistadas em Jogos Paralímpicos?
R:*Aguardando resposta.*

C. Início de carreira no desporto paralímpico

11. Como se deu o seu ingresso no desporto paralímpico? R: *Foi por conta de uma oferta de estágio quando ainda acadêmico na universidade, e ela recém inaugurou a piscina, e o diretor sabia que eu trabalhava, fazia estágio com a nataçãõ, e me perguntou diretamente: “Você quer trabalhar com nataçãõ?”*
Participante: *“Claro. Aqui? Pode ser.”* E um belo dia desses assim, foi em 85, em 86 apareceu a primeira pessoa com deficiência intelectual, síndrome de Down. A mãe apavorada porque o médico aconselhou que ele fizesse atividade física e ele não, as academias e os clubes naquela época ninguém pensava em fazer atividade física para pessoa com deficiência, e o diretor disse: *“Você atende?”*, Participante: *“Atendo, vamos embora, vamos ver no que que vai dar.”*

Não tinha experiência nenhuma, não tinha vivência nenhuma, mas eu sempre gostei um pouco dessa, desse mote né das coisas novas, das descobertas. E eu gostei, foi legal, foi bom. Esse menino permaneceu por um tempo e nem lembro mais porque que ele acabou saindo e assim acabou, e eu acabei sendo a referência do setor esportivo da prática da natação. E assim esporadicamente um visual, um intelectual, e aparece, mas assim mais esporádico. Em 99 apareceu um atleta que por acaso era do basquetebol e a Universidade acabou assumindo essa equipe de basquetebol e ele já era nadador e precisava treinar. E ali nós já começamos o alto rendimento, porque ele já era um atleta de alto rendimento, mas seis meses depois por conta dele nós convidamos mais outros dois meninos para iniciação desportiva porque eles não nadavam, e criou-se então uma espécie de um clube dentro da universidade, uma parceria. E desde então desde 99 trabalho com atletas de rendimento. Em 2005 eu tive a oportunidade de trazer um atleta já em 2004, que foi para a paraolimpíada, para Atenas. E em 2005 por um descuido político dos outros técnicos sobrou só eu para atender juntamente com outro técnico a seleção brasileira, mas não era CPB na época era ABRADecAR, era o mundial da IAAS no Rio de Janeiro. Em 2006 o diretor do CPB me ligou: “Você tem interesse em fazer parte da equipe técnica da seleção brasileira?” Aceitei. E desde então foi assim meu convite e foi assim que as coisas se deram. E aí as coisas começaram a crescer e seleção brasileira, e a equipe lá continuou e acabou crescendo também.

D. Histórico pessoal da formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico

12. Como foi a sua formação em relação ao esporte paralímpico? *R: A descoberta, a descoberta foi por tentativa e erro. Publicações, o que que você vai encontrar? Em 1986 você não vai encontrar publicações. Mas foi muito interessante por conta disso talvez de tentar descobrir né.*

E. Elementos da formação inicial em EF para atuação no desporto paralímpico

13. Em sua opinião qual a formação você considera ideal para atuar com esporte paralímpico? *R: De maneira alguma. Nenhum currículo no Brasil possibilita*

assim uma formação digamos razoável para que ele atenda a contento as pessoas com deficiência. Então hoje nós estamos muito impregnados ainda com uma disciplina chamada antiga PNE ou atividades físicas para pessoas com deficiência. Ela está na mão de duas pessoas ou uma pessoa no máximo. Quando que o professor de voleibol tem que estar preparado para atender o voleibol sentado também. Para que o seu aluno do voleibol entenda o voleibol sentado. E não é a pessoa, o professor da disciplina específica que vai atender as pessoas com deficiência. Ela tem uma característica específica esta disciplina na minha visão. Ela tem uma característica de fundamentação, de global, de entender o que que é a deficiência, quais são as deficiências. Agora o atletismo, o basquetebol, a natação, a musculação é de responsabilidade específica do professor da musculação que atende e que vai falar da disciplina de exercícios com pesos ou exercícios resistidos, ele tem que ter já no seu currículo, no seu planejamento instruir os seus alunos para isso. Porque as disciplinas não suficientemente competentes, não é de competência da disciplina específica, “Ah, eu quero atender um aluno na musculação.” A disciplina PNE ou a disciplina atividade física para pessoa com deficiência ela atende isso? Não atende. Ela não atende isso. Quem tem que atender é o professor específico. E aí nós começamos a entrar no problema, nós não formamos pessoas capazes. Nós damos o mínimo, mas o mínimo do mínimo, para que essa pessoa não saia crua da universidade. E é claro, vai depender muito da pessoa, do aluno, se ele vai se empenhar mais, vai buscar mais. Na minha universidade nossa disciplina ela é frágil demais. Ela dá uma noção, como você desse um curso, um cursinho, uma palestra grande sobre o que que acontece com a pessoa com deficiência. E eles tem o privilégio daí então de talvez fazer alguma coisa comigo. Porque eles vão vivenciar o aluno na borda da piscina, lá na sala do cross fit, fora da piscina. Aquele que desejar passar pelo estágio obrigatório vai ter um pouquinho além. E aí eu vejo que aí nós temos um problema na formação dessas pessoas, se ele estiver condições de encarar ou encontrar uma pós-graduação, uma especialização na área, talvez ele tenha uma formação um pouquinho mais complexa, um pouquinho melhor, mas eu acho que ainda falta muito, essa é a minha visão, é o que eu vejo hoje dentro do meio, e é o que eu estou vendo por aí.

F. Elementos de uma capacitação profissional para a construção de carreira no esporte paralímpico.

14. Qual a capacitação você considera ideal para trabalhar com esporte paralímpico? *R: Eu diria que, na natação e atletismo, se não fosse por conta da academia paralímpica, nós teríamos quase nada de capacitação. Porque o que acontece são muitas vezes são cursos isolados, muito isolados. De algum profissional, algum técnico, algum professor de alguma universidade que trabalhe com alguma modalidade paralímpica e tenha interesse em passar estas informações para outros. Então eu acho que ainda é muito frágil, muito pobre, muito, a formação ainda se dá ou nas especializações como acontece e que são muito poucas no país. Eu ministro, eu ministrei recentemente lá em Curitiba numa especialização em atividade física para pessoas com deficiência ou não é exatamente este o título da especialização, mas por interesse da professora que trabalha com a disciplina não é, mas também no âmbito geral. Então fui eu lá, 15 horas falar sobre a natação. Aí foi outro professor falar sobre o atletismo. Quer dizer já é bom. Já dá uma formação um pouquinho ampla, mas capacitação de fato para uma modalidade específica que você precisa de mais tempo é ainda muito frágil ainda. A gente depende da academia paralímpica. Eu faço parte desse processo, dou curso na academia paralímpica de capacitação, mas fora isso não vejo outra. Eu acho que o caminho que está sendo traçado hoje dentro da academia nessa capacitação na qual eu, não posso falar do atletismo, mas eu acho que é mais ou menos por aí, eu acho que nós estamos no caminho adequado. Uma coisa complexa, como anteriormente nós falamos não é, a formação destes profissionais, muitos deles que estão hoje no paradesporto, estão hoje na natação paradesportiva, na natação paralímpica, não tiveram absolutamente nenhuma formação neste nível. Eles tiveram que construir aos poucos a sua formação. E muito menos, a formação para treinadores. Então são dois problemas, estes técnicos muitos deles que hoje, hoje graças a Deus estão, mas não estavam, eles não tiveram nenhuma formação adequada ou uma capacitação maior para trabalhar com a pessoa com deficiência. E quanto mais uma capacitação técnica, para serem técnicos, preparadores de alto rendimento. Então você imagina o problema que se cria né. Ele não tem a capacitação para trabalhar com a pessoa com*

deficiência, mal conhece a pessoa, e também não tem a formação de técnico. Hoje talvez o maior problema esteja aqui, porque pela experiência e pela vivência destes treinadores, dois anos, três anos, trabalhando com seus atletas e tanto faz se é com natação ou atletismo ou outras modalidades. O que ainda falta é a capacitação técnica. O respaldo de treinador, e eu acho que é aí que nós temos que atacar hoje. Principalmente é a formação do técnico. Saber elaborar os planejamentos, entender os planejamentos, saber avaliar, interpretar as avaliações, e poder usar as avaliações das quais eles fazem com seus atletas para que isso possa ser utilizado em um bom planejamento, uma periodização adequada, entender da parte bioquímica, entender da parte de psicologia, não que ele vá tratar, mas entender a psicologia esportiva, a parte bioquímica. Aí sim, essa é a formação talvez hoje mais apropriada. Nós conseguimos acho que definir bem até, a fase inicial é um conhecimento muito geralzão, legal, do paradesporto, da natação paralímpica, como ela acontece, as classificações e etc. Já dali para frente é uma responsabilidade muito mais técnica especificamente, treinador tem que ser treinador. Essa é a minha visão do que tem que acontecer de capacitação hoje.

15. Em sua opinião é possível construir carreira no desporto paralímpico? Por que?

R: Hoje é. Eu diria que quando eu entrei em 99, muito mais por glamour, por descoberta, por estar instigado, por gostar do alto rendimento. Hoje já você, você tem condições de sobreviver, não é uma maravilha, mas você consegue hoje, há clubes, há instituições que pagam profissionais para serem treinadores, e se ele investir na carreira provavelmente terá bons frutos. Eu conheço vários que vivem disso hoje. Em 99 talvez não pudéssemos sobreviver disso. Hoje você tem um leque bastante acentuado, bastante grande de profissionais que vivem do paradesporto.

G. Diferenças entre desporto olímpico e paralímpico na intervenção profissional

16. Em sua opinião o que você considera como principais diferenças na intervenção profissional entre o esporte paraolímpico e esporte convencional?

R: Sem sombra dúvida. A gente pode começar pela acessibilidade. Isto interfere, se ele consegue chegar prontamente e em boas condições na piscina,

por exemplo, ou no ambiente de treinamento dele. Segundo: Você tem que entender a deficiência que ele tem, se ele tem uma deficiência físico-motora, ele é um paralisado cerebral, ele é um lesado medular, ou ele é um amputado, é má-formação, é congênito. Você tem que entender primeiro essas deficiências porque elas vão interferir nas respostas que você quer de treinamento. Esses é um dos focos importantes. No convencional não né, no convencional você não tem que entender a deficiência, porque ele não tem. Você tem que entender... você não tem que entender muito, ele tem características de resistência, ele tem características explosivas você vai encaminhá-lo e pronto. Agora até você entender que o paralisado cerebral, qual é a característica que ele tem, se ele é um atleta de mais resistência, se ele é um atleta de explosão ou de velocidade, você leva um bom tempo. E hoje nós não temos ferramentas muito adequadas ainda, falta muita coisa para as universidades estarem, é um leque muito grande para se pesquisar. Como é que eu vou descobrir num paralisado cerebral se ele é tem característica de velocidade ou de resistência. Tudo bem, eu posso fazer uma miotipologia, fazer uma biópsia muscular talvez, para detectar, mas essas são grandes diferenças. E aí a outra é você adaptar todos esse processo, o conhecimento, aí sim que não é diferente, a metodologia de treino, as metodologias, as repostas fisiológicas, a princípio são todos seres humanos, e aí sim a princípio são todos seres humanos, mas com algumas características, e essas características precisam serem muito bem entendidas. Como é que essas repostas fisiológicas que se espera dessas características, aí você tem de entender isso. Esta é uma dificuldade muito grande. É uma dificuldade, mas ao mesmo tempo é instigador, porque que ele está dando esta resposta? Se na literatura você está esperando uma resposta um pouco diferente. Então neste sentido eu acho que é diferente sim. Eu posso usar tudo que se fala na metodologia de planejamento de treinamento como lá o atr, se é Bompa, se é Matveev, se é sei lá quem, se ela é em bloco, ela funciona. Eu posso buscar esses teóricos e me servem muito bem, a fisiologia do exercício me serve muito bem, posso pegar qualquer literatura, mas eu tenho que saber interpretar e fazer essas coisas conversarem. E aí é que é totalmente diferente em relação ao convencional. Além das técnicas, biomecânica. Eu não posso pensar que um

atleta paralisado cerebral vá nadar igual ao Phelps ou igual ao Cielo, ou igual, não vai. Lesado medular, vai ele tem um arrasto enorme e não sei o que, paralisado é o lado esquerdo todo comprometido e aí? Então, são essas as nuances que diferem totalmente do convencional. A única coisa que é similar é a hemodinâmica né, a flutuação é igual para todos, os princípios de flutuação, a parte física é idêntica. E aí você tem que lidar com essas coisas todas.

Treinador: T_{10N}

A. Identificação pessoal – Dados Gerais

1. Idade: 54 anos.
2. Você possui formação em ensino superior? (X) sim () não
3. Em qual curso você se graduou? Licenciatura (X) Bacharelado (X)
4. Quanto tempo de formado? R: *Na Licenciatura, 31 anos. Ano de Conclusão: 1984.*

No Bacharelado, 1 ano. Ano de Conclusão: 2014.

5. Possui pós-graduação? (X). Sim () Não; (X) Especialização; () Mestrado; () Doutorado; Ano de Conclusão: 1985. R: *30 anos.*
6. Por gentileza, especifique para cada curso de pós a sua especialidade? R: *Natação e Tênis de Campo (convencional).*

B. Identificação: ocupacional, tempo de carreira e participações em Jogos Paralímpicos (JP) – Caracterização da amostra

7. Qual é a sua situação profissional atual? R: *Treinador nacional do CPB sem vínculo empregatício e trabalho com um projeto de natação em Bragança. Eu que fundei ela em 2001. Cansei de trabalhar em academia, juntamos uns pais e fundamos uma associação de convencionais. Eu tinha um atleta muito bom paralímpico desde 98. A gente nadava pelo CPSP aqui de São Paulo por não ter uma associação. Aí quando eu fundei a associação em 2001 junto com o pais, a gente trabalhou com convencional. Federados, campeonato brasileiro, paulista. E os bons atletas lá de Bragança eu acabei passando para a UNISANTA e para o Corinthians. Em 2006 quando meu atleta atual surgiu eu não quis mais saber de trabalhar com o convencional, mais particular mesmo, muita dor de cabeça, a molecada é difícil de lidar. Eu trabalhava desde mirinzinho até adulto, tinha muita gente na equipe, viagens todo o final de semana, não que agora não tenha, mas. Era muito, era uma loucura. E aí eu resolvi parar quando meu atleta atual apareceu em 2006 e quando o outro foi embora para São Paulo em 2004. Eu estava com um pé nas olimpíadas de Atenas, mas ele tinha um problema sério com o pai dele. E o pai dele três meses antes da preparação final para Atenas, ele tira o menino de Bragança e leva para São Paulo para a academia fórmula. Tinha acabado de chegar um*

cubano com o Willian para trabalhar com os convencionais, e pai dele era doente. Cara foi atleta o pai, e com a deficiência do filho, a conclusão que a gente tinha é que ele era meio louco, e queria que o filho fosse o que ele não foi. Aí esse cara foi para São Paulo e na verdade é assim, perdi o gosto mesmo. Puta que saco, a gente trabalha que nem louco, de manhã, de tarde, de noite, faz competição, viaja, programa tudo, é associação né? Faz rifa, faz pizza no final de semana, faz almoço, faz jantar, a gente se virava muito com isso para poder pagar a federação que era bem alta. Aí eu desisti e em 2006 daí eu abracei e agora é aqui filho, não quero mais convencional, vou dar uns treininhos aí, mas eu vou trabalhar com o paralímpico. Aí comecei a buscar os paralímpicos em Bragança e outro treinador que trabalhava comigo e ele já tinha um trabalho com a prefeitura mais com a reabilitação, aí ele começou a gostar mais pelo lado da competição, e a gente começou a formar um grupo legal de paralímpico. E aí desde 2006 a gente está junto.

8. A quanto tempo atua com esporte paralímpico? *R: 17 anos.*
9. Quantas participações em Jogos Paralímpicos? *R: Pequim/2008; Londres/2012; Rio/2016.*

C. Início de carreira no desporto paralímpico

10. Como se deu o seu ingresso no desporto paralímpico? *R: Foi em 98 com o Jordan Ludke, porque o pai dele nadava máster comigo. E quando ele me apresentou o menino ele tinha quatro anos de idade e tinha uma má formação em uma das pernas, perna mais curta e com o outro pé aqui assim sabe? Ele usava uma prótese, um pé lá embaixo da prótese e o outro pezinho aqui pequeno. E a Jaqueline que sofreu acidente de moto com 16 anos perdeu uma das pernas, então foi em 98 que eu comecei. Daí eu vinha para São Paulo no CPSP (Clube dos Paraplégicos de São Paulo) e porque a gente não, o comitê estava começando, começou em 94,95, os campeonatos brasileiros eram de outro formato, não tinha patrocínio, não tinha loterias caixa, era bem simplzinho. Então a gente está desde o começo, quase vinte anos. Aí eu fui para várias competições. E em 2006 quando o Daniel apareceu, no primeiro mundial que ele foi na África do Sul no final do ano, a gente começou um trabalho em janeiro e em maio teve uma seletiva em São Caetano e ele*

conquistou uma vaga. Ele era classe S6 classificado aqui pelo Brasil. Aí ele foi convocado para ir ao mundial no final do ano em Durban na África do Sul. Aí chegou lá baixou de classe. A primeira classificação internacional ele caiu de 6 para 5. Aí arreventou, bateu recorde mundial na primeira competição. Ganhou três medalhas de ouro, duas de prata, nadou muito lá. E aí a gente começou um trabalho e aí comecei a buscar outras pessoas. E hoje eu tenho o Andrei que é também seleção e vai agora para Sóchi. E apareceu agora o Andrei também que começou comigo desde 9 aninhos e está com 18 e vai para o mundial de jovens agora semana que vem em Sóchi na Rússia. Então a gente tem uma turminha boa lá. E a ideia é levar os atletas para morar lá em Bragança. A gente quer ter tipo um alojamento de quatro a seis atletas para fortalecer a equipe e fomentar. A gente quer ter um trabalho com jovens muito grande. Tem bastante criança lá. Até se você quiser ir um dia lá. Tem muita criança de 13, 14, eu tenho anãozinho, eu tenho pc, deficiente intelectual, visual, tem múltiplo, tem duas crianças que tem, físico, intelectual e visual. Da até dó cara, se você os irmãos, complicado, pai morreu. Só que a gente tem um grupo grande lá. Eu trabalho para o comitê, eu era técnico nacional e isso continua na minha carteira né, sou CLT contratado pelo comitê e quem paga o meu salário é o time São Paulo. O governo estadual montou um time e contratou vários atletas. E eu e o Felipe Domingues somos técnicos contratados pelo comitê. O Felipe é técnico do André Brasil e eu do Daniel Dias. Então eles pagam um salário para agente para treinar os meninos. E em todas as competições a gente é convocado também para ajudar o grupo. Tem outros técnicos e a gente é um deles também. E aí eu tinha um emprego na prefeitura desde 2006 como comissionado pelo trabalho que a gente sempre fez com a natação e depois com os deficientes. Até fizeram uma piscina para a gente toda adaptada, um projeto meu e do Miguel, fomos lá e dissemos: queremos isso, isso e isso, banheiro assim, rampa aqui, rampa ali, e eles aprovaram e fizeram para agente. Aí eu estava agora na Escócia, em Glasgow, hora que eu olho assim no meu celular no WhatsApp, duas chamadas do secretário de esportes, aí liguei né. Aí o cara já começou: “Hã, desculpas, vão falar que eu sou o culpado.” Marco: “O que você está falando cara? Você sabe aonde eu estou? Eu estou de férias e estou no mundial. Eu tirei férias e entreguei duas

declarações para você me deixar viajar e colocar outra pessoa no meu lugar, e o comitê manda, a convocação oficial, já mandou a aclimatação de Tenerife, do mundial e do Parapan. Aí eu entreguei tudo para ele e tirei trinta dias de férias. Aí o cara ficou falando no telefone: “ Ah não, mas você foi cortado. ” Aí todo mundo descendo a lenha cara e isso aí corre no facebook que nem água. Aí as pessoas viram no jornal né, porque as pessoas colocam lá, rescisão, como é que é? Tem um nome lá, quando é cargo público é, demissão, exoneração, isso. Aí minha mulher falou assim: “ Aí bem está aqui. ” Aí eu disse: “ Tira uma foto. ” Eu não acredito cara, eu no mundial com o melhor atleta do mundo, fazendo um puta trabalho em Bragança Paulista e o cara pega e me manda embora. Aí eu voltei e fui atrás dele e falei um monte. Aí ele falou que: “ Não, a gente cortou, fizemos uns critérios. A gente acha que você ganha muito dinheiro com o Daniel e eu falei pô e juntou para mim, junto para mim. Eu falei: “ O Daniel não me dá nada. ” Aí ele falou: “Caiu os conceitos. ” Esse é um problema seu cara. Eu tenho o meu emprego como técnico do comitê, e o Daniel me ajuda na medida do possível, mas não me dá nada. Quem me paga é time São Paulo. Secretário: “ A gente não sabia e perdeu os conceitos com o Daniel. ” Marco: “ É problema seu. ” Aí eu fiquei muito chateado né. Cidade pequena as pessoas muito próximas do esporte. As rádios am e fm, jornal, desceram o pau no cara porquê Saiu um secretário e entrou esse aí, Jorge Negretti, o negócio dele é motocross. Ele ficou dois meses. Nestes dois meses ele construiu uma pista em Bragança com dinheiro público. Levou os patrocinadores, Suzuki, Yamaha e não sei o que para montar aquelas barracas no evento, ganhou 60.000 reais e uma semana depois pediu exoneração do cargo. Aí o cara me mandou embora. Aí eles falaram: “ Ah, mas em janeiro talvez chama de novo. ” É isso aí. Eu sou técnico nacional e sou técnico do projeto do Daniel Dias. E também tenho um salário do ministério do esporte, uma verba né para o projeto e eles podem me contratar.

D. Histórico pessoal da formação inicial em EF em relação ao esporte paralímpico

11. Como foi a sua formação em relação ao esporte paralímpico? *R: Lá trás de 82 a 84 não tinha nada, ninguém sabia o que era esporte paralímpico. E agora*

que fiz o plano de estudos na FESB, eu tive aula de esportes adaptados, justamente com o Miguel que trabalha com a gente, ele que dava esporte adaptado. Todas as modalidades, não era específico, todos os esportes. São quatro semestres, e aí nestes últimos dois anos, 2013 e 2014 que eu fiz aula na faculdade de adaptada. E a gente fez pelo comitê, através da academia paralímpica que é lá em Uberlândia e que tem uma parceria como comitê, eles fazem aqueles cursos de nível né, nível I, nível II e nível III até hoje não saiu. A gente já fez o nível I e II, está todo mundo aprovado e tive lá entregar uns horários de estágio. E o nível III eles querem fazer acho que ano que vem.

E. Elementos da formação inicial em EF para atuação no desporto paralímpico

12. Em sua opinião qual a formação você considera ideal para atuar com esporte paralímpico? *R: Como todo o esporte você tem que ter uma iniciação, depois o aperfeiçoamento e depois o treinamento de alto rendimento. Então vamos supor, o Miguel que dá aula na FESB lá, então ele começou com aulas normais de adaptada. Dois anos depois, esse ano ele conseguiu agora um laboratório onde ele vai levar todas as modalidades para os alunos presenciarem o que é aquilo. Ele está agora com laboratório de bocha. Aí depois vai trazer o laboratório de goallball, laboratório de basquete. Então eu acho importante você conhecer todos os esportes não só um. O cara que está estudando, ele tem hoje, são quatro anos de bacharel aí, então nesses quatro anos a cada semestre tem que dividir as modalidades, e não adianta saber uma só. E dentro de cada modalidade você saber trabalhar desde a iniciação até o alto rendimento. Eu acho que é por aí. Não sei se você concorda, mas é o que eu vejo. Não adianta eu já pegar um atleta aí, a não ser que ele já tenha, sei lá, foi atleta e sofreu um acidente e perdeu uma perna, isso tem bastante, e aí volta para a piscina ou para o atletismo e começa a entrar no alto rendimento direto como ex-atleta. Mas o ideal é você pegara criançadinha e começar a trabalhar desde a iniciação até com quem tem potencial para treinamento. Então você vai treinar. Ou você vai para a natação, ou a gente pode sugerir: “Vai para o atletismo.” Pode indicar né.*

F. Elementos de uma capacitação profissional para a construção de carreira no desporto paralímpico.

13. Qual a capacitação você considera ideal para trabalhar com esporte paralímpico? *R: Treinamento de alto rendimento. Hoje tem aí hoje pós, mestrado de treinamento, eu acho isso aí é o que eu quero fazer também. Específico. Eu acho que não vai, o que eu quero fazer o que estou vendo aí é Lisboa, lá é treinamento de alto rendimento, não fala se é paralímpico ou olímpico, é treinamento. Aí você vai adaptar com a sua realidade.*
14. Em sua opinião é possível construir carreira no desporto paralímpico? Por que? *R: Com certeza. Hoje tem muito atleta, muito aluno, tem muito deficiente. E a visão que o comitê dá para o esporte paralímpico com a construção do centro de alto rendimento, com as olimpíadas aqui agora em 2016, os resultados fabulosos do Parapan desde 2007, 2011 e 2015. Então é assim, tem muito campo para o professor de educação física. O cara só não consegue trabalhar com deficiente se ele não quiser. Hoje qualquer cidade tem uma associação. A prefeitura dá um apoio pequeno, mas dá. Se você realmente gostar, você começa a buscar as coisas. Tem vários projetinhos pequenos que você consegue montar na sua cidade para começar a iniciar um trabalho. Eu vejo assim. Nestes últimos anos a ascensão e o crescimento do esporte paralímpico, principalmente na área profissional é excelente. O atleta do convencional não ganha o que os paralímpicos ganham, o salário, a não ser o futebol, o futebol não dá para se comparar com nada. Mas se você pegar vôlei, basquete, tênis, os atletas paralímpicos de ponta ganham muito mais que esses atletas olímpicos. E a visão é muito maior. Hoje se você falar, quem vai se dar bem no Rio 2016? Paralímpicos. Brasil no olímpico é muito fraco ainda. Se investe dinheiro, mas o retorno está muito devagar. E no paralímpico sempre se investiu dinheiro, bem no lugar certo né, bem centralizado, o presidente é um cara assim fora de série, que ele levantou o movimento. Trouxe muito dinheiro. Trouxe competições. Agora com este centro, e eu fui quarta feira lá, é fora de série, é absurdo. Eu já fui em tudo que é centro, fui na Alemanha, fui na Espanha, fui na China e em outros lugares, nestes centros de rendimento do próprio país fui na Espanha, porque a gente já foi em dois, um na altitude e um a nível de do mar, Tenerife e vários lugares. O que tem aqui?*

Nossa. O pessoal a hora que ver as fotos do negócio funcionando? Os caras vão ficar louco. Vão querer vim todo o dia aí. Tem um alojamento para 280 pessoas, para o cara morar lá, treinar lá. Tem duas piscinas, tem mais quatro de hidroterapia, de fisioterapia, de hidromassagem e de gelo. Eles falam que são seis piscinas no total. O negócio é fabuloso. Muito dinheiro, 300 milhões ou bilhões, eu não sei. Palavra do Geraldo lá, acho que 300 milhões, 300 milhões? 300 milhões de reais. Então isso aí, esse centro vai alavancar mais ainda pesquisas na área de medicina do esporte, na área de alto rendimento, laboratoriais, geral, vai ter tudo. Então eu acho que o caminho já foi criado. Só não vai mesmo quem não quer. Tem espaço para todo mundo.

G. Diferenças entre desporto olímpico e paralímpico na intervenção profissional

15. Em sua opinião o que você considera como principais diferenças na intervenção profissional entre o esporte paraolímpico e esporte convencional?

R: Então eu acho que eu comentei no começo da entrevista aí. Eu trabalhei muito com esporte olímpico. Eu trabalhei nos melhores clubes de São Paulo, no Pinheiros. Formei atletas que eram o segundo do país Rafael Teixeira que perdia só para Rogério Romero, aí depois Talita Ribeiro, vários atletas de seleção se formaram comigo no Pinheiros. Mais especificamente com dois, três atletas paralímpicos, você percebe que te dá muito mais alegria de você trabalhar com o convencional. O convencional também te traz vários momentos felizes, só que eu comecei a largar mão, porque eu tinha muito problema, principalmente com pai e mãe destes atletas convencionais, o que eu nunca tive com os paralímpicos, a não ser um pai que por ser ex-atleta e estava meio pirado com a situação, mas foi o único e o restante são todas as pessoas que te dão apoio, dão apoio para os filhos e não te cobram nada. Agora o olímpico a cobrança é constante, o cara de manhã, de tarde e de noite, pai te ligando e querendo resultado, querendo saber aonde que é a competição, o que que ele vai fazer para melhorar, então é uma cobrança muito maior. E no paralímpico eu não tive isso. Não é que que isso aí vai me dar trabalho, muito pelo contrário, dava trabalho, mas me dava muita satisfação, muita alegria. O Daniel especificamente é fora de série. Então tudo que eu aprendi com o Daniel nestes

dez anos me surpreendeu. Todo o trabalho que eu fiz com o convencional parece que deletei porque é outra coisa. Isso para mim né. É uma coisa pessoal. Então eu não sei, hoje eu tenho muito mais satisfação em trabalhar com o paralímpico. Se precisar trabalhar no olímpico eu volto a trabalhar, mas não vou ser feliz. Eu acho que eu só vou continuar sendo feliz se continuar trabalhando com o paralímpico. Então é isso aí, a alegria que eles te dão na borda e no treinamento e no dia a dia. Não reclamam, estão sempre à disposição, não faltam nos treinos, te respeitam e te trazem resultados mais positivos no final de um período, de seis meses a um ano. No convencional é difícil. Os moleques te desafiam de 13, 14 anos, xingam você, não tem respeito nenhum. Eu nunca tive isso cara, com o Daniel nunca precisei levantar a voz num treino, essa é a diferença que me conquistou entendeu? O pouquinho que eu estava fazendo desde 84 até 98 trabalhando no convencional, e depois formei uma equipe de 2001 a 2006, e só fiquei louco, stress geral. E depois de 2006 eu desacelerei e fiquei mais contente com os resultados, com as competições, com as conquistas. Porque a gente busca um lugar melhor, todo mundo é assim. Hoje com 54 anos de idade eu agradeço muito o trabalho que eu tenho com o Daniel, não só com ele, mas o trabalho que veio junto com ele. O que eu acho que eu não teria com o convencional, eu vejo isso.

Treinador: T_{11N}**A. Identificação pessoal – Dados Gerais**

1. Idade: 37 anos.
2. Você possui formação em ensino superior? (X) sim () não
3. Em qual curso você se graduou? Licenciatura (X) Bacharelado (X)
4. Quanto tempo de formado? R: 7 anos. Ano de Conclusão: 2008.
5. Possui pós-graduação? (X). Sim () Não; (X) Especialização; () Mestrado; () Doutorado; Ano de Conclusão: 2010. R:5 anos.
6. Por gentileza, especifique para cada curso de pós a sua especialidade?
R:Atividades aquáticas.

B. Identificação: ocupacional, tempo de carreira e participações em Jogos Paralímpicos (JP) – Caracterização da amostra.

7. Qual é a sua situação profissional atual? R: *Eu tenho atleta. Eu tenho um atleta da seleção, só que ele é lá de Brusque. Ele é de Brusque e envio a planilha para ele, e como tem a semana de treinamento mais assim, não esporadicamente, antigamente era esporadicamente agora tem mais vezes que eu encontro com ele, se não eu ia para lá e ficava um final de semana. Agora não, agora eu fico na semana de treinamento com ele.*
8. A quanto tempo atua com esporte paralímpico? R: 10 anos.
9. Quantas participações em Jogos Paralímpicos? R: *Pequim/2008; Londres/2012; Rio/2016.*
10. Em qual ou quais? 1 de bronze em Pequim/2008; 1 de bronze em Londres/2012 e 1 de bronze no Rio/2016. Quantas medalhas conquistadas em Jogos Paralímpicos? R:3.

C. Início de carreira no desporto paralímpico

11. Como se deu o seu ingresso no desporto paralímpico? R: *A minha irmã é cega e desde criança ela já nada. Ela já participou de Atlanta 96, Sidney 2000, 2004 Atenas e 2008 China, e eu era atleta profissional também de natação, só que eu parei e o último ano foi em 99. Aí 2000 a 2004 fui no Japão e voltei. Assisti a paralímpiada em 2004 na Grécia. Aí que fui conhecer melhor o esporte, porque até então a gente nem conhecia o esporte. Tinha a irmã cega que ia*

para as competições, mas a gente não ia para as competições, não vivia isso. Aí em 2004 queria trabalhar mais com deficientes. E antes eu fazia engenharia eletrônica, aí agora, e depois de 2004 aí fui fazer educação física. Não terminei engenharia eletrônica e fiz educação física.

D. Histórico pessoal da formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico

12. Como foi a sua formação em relação ao esporte paralímpico? *R: Assim, foi muito fraco. Assim, no meu nível a gente sabia mais que os professores principalmente na parte da natação. Eu conhecia muito mais e até tinha que ensinar o professor às vezes né por estar vivendo o esporte desde 2005 e eu fiz faculdade em 2004 eu entre, de 2004 a 2007. Então, até a minha monografia eu fiz sozinho porque ninguém sabia nada e eu fui indo atrás.*

E. Elementos da formação inicial em EF para atuação no desporto paralímpico

13. Em sua opinião qual a formação você considera ideal para atuar com esporte paralímpico? *R: Eu assim muito suspeito assim, mas é, eu acho que se a pessoa for, vai querer ser um professor de natação, para mim ele tem que saber nadar, saber quais são as dificuldades, qual e o que ele tem que corrigir, o que ele tem que ensinar e como ensinar. Porque não tem como você ensinar uma coisa que você não sabe. “Faz uma virada?” “Você consegue fazer?” Se você não consegue fazer, você fica falando: “É fácil, faz aí, faz aí.” Tipo, não sabe quais são as dificuldades, o que a pessoa passa por isso. Então, eu acho que primeiramente a pessoa tem que, se ela vai querer, vou ser professor de natação, vou ser de atletismo ou qualquer coisa, primeiro tem que vivenciar muito bem, fazer um estágio bem feito, conhecer bem tanto a parte teórica como a prática, e poder depois estar conseguindo a carreira no que quer né.*

F. Elementos de uma capacitação profissional para a construção de carreira no esporte paralímpico.

14. Qual a capacitação você considera ideal para trabalhar com esporte paralímpico? *R: Acho que o que eu falei da outra vez, que a pessoa tem de estar atrelada também com outros profissionais para conhecer cada vez mais, e conhecer bem a deficiência, não só uma deficiência, mas todas as deficiências, porque cada atleta é diferente. E também vivenciar muito a prática né. Tem que ter a prática, se não tiver a prática você vai ficar um pouco de mão atada, não saber, não sabe qual a limitação e o que pode fazer para ele. Conversando com o fisioterapeuta, não, pode fazer mais força que ele vai aguentar, pode fazer isso, pode estimular que um dia ele vai conseguir fazer. Em sua opinião é possível construir carreira no esporte paralímpico? Por que? *R: Hoje em dia é. Há dez anos atrás não. Por muito mais por esta valorização do esporte que teve em nível nacional e internacional. Desde 2004 o Brasil começou a melhorar. Na parte da mídia 2004 começou a ficar muito forte, 2008 melhorou, 2012 mais ainda. E agora com o Parapan, e agora com as olimpíadas sendo televisionada pelo globo, graças a Deus, vai melhorar, assim, vai começar a ter esse centro de treinamento que vais ser inaugurado em São Paulo, por exemplo, vão ter que ter os treinadores que vão ter que estar lá sempre. Não só os treinadores, mas outras áreas também, parte de fisioterapia, preparação física. Então, há um caminho. Hoje em dia tem também estes projetos que as associações têm com a ajuda do ministério, com o dinheiro que vem do ministério. Assim, existe essa possibilidade, muito mais do que antigamente que não existia. Antes você trabalhava e não, mas são para poucos ainda, não são para todos né, mas existe.**

G. Diferenças entre esporte olímpico e paralímpico na intervenção profissional

15. Em sua opinião o que você considera como principais diferenças na intervenção profissional entre o esporte paraolímpico e esporte convencional? *R: Eu acho que existe, não é que existe. Os olímpicos, é que tem, cada, no paralímpico cada um tem uma certa deficiência, por exemplo, eu vou falar no caso do meu atleta que é cego. Eu intervi em 2011 para ele ter mais*

independência, começar a se locomover sozinho e não depender de ninguém, porque ele tem que fazer tudo sozinho né. Não é os outros que vão ter que fazer a mala dele, aprender a dobrar roupa, lavar roupa, se locomover dentro de um centro porque você vai ficar lá confinado, a gente ficou confinado três semanas, é o mesmo caminho todo o dia, então vai aprender sozinho. Não precisa eu ir levar ele para tal lugar. Ah, eu vou fazer fisio, eu vou levar ele para a fisio. Essa parte eu acho que intervi. No olímpico, por exemplo, tem aqueles relaxados, se você não fala: “ Vai fazer isso, vai fazer aquilo. ” Também assim é um outro tipo de intervenção, mas de acordo com cada deficiência pode estimular um pouco mais o atleta né. Você tem condições de fazer isso. Então é independente, tem acessibilidade, é acessível aqui, então vamos lá, vamos trabalhar, melhorar também na vida, na vida cotidiana dele tentar melhorar esta parte para ficar mais independente. Mas trabalhando também essa parte com os cegos, também começa a melhorar outras partes, parte de percepção espacial, noção espacial, parte de ritmo e vai como se diz? Vai somatizando tudo. Eu acho que essa parte é importante né. Tem que ter né.

Treinador: T_{12N}**A. Identificação pessoal – Dados Gerais**

1. Idade: 39 anos.
2. Você possui formação em ensino superior? (X) sim () não
3. Em qual curso você se graduou? Bacharelado () Licenciatura (X)?
4. Quanto tempo de formado? R: 16 anos. Ano de Conclusão: 1999.
5. Possui pós-graduação? (X). Sim () Não; (X) Especialização; () Mestrado; () Doutorado; Ano de Conclusão: 2007. R:8 anos.
6. Por gentileza, especifique para cada curso de pós a sua especialidade?
R: *Fisiologia do exercício.*

B. Identificação: ocupacional, tempo de carreira e participações em Jogos Paralímpicos (JP) – Caracterização da amostra

7. Qual é a sua situação profissional atual? R: *Treinador de atletas com deficiência fora do CPB.*
8. A quanto tempo atua com desporto paralímpico? R: *5 anos.*
9. Quantas participações em Jogos Paralímpicos? R: *2.*
10. Em qual ou quais? *Londres/2012; Rio/2016.*
11. Quantas medalhas conquistadas em Jogos Paralímpicos? R: *3 de ouro em Londres/2012; 2 de prata em Londres/2012 e 4 de prata no Rio/2016 e 3 de bronze no Rio/2016.*

C. Início de carreira no desporto paralímpico

12. Como se deu o seu ingresso no desporto paralímpico? R: *Até tem a ver um pouco com o Head Coach da seleção brasileira. Em 2010, ele era o meu assistente e a gente tinha eu acho dez atletas olímpicos e eu nunca tive atletas paralímpicos desde então. E ele foi convidado para trabalhar com um nadador paralímpico, porque o técnico dele não podia. E o Head Coach Leo fazia esta parte. No final de 2010 ele falou: “Você não quer dar treino para o meu atleta paralímpico?” Falei: “Vamos conversar. Conversei com o atleta e vamos para o pau.” Vamos ver o que ele pode e o que ele quer e a gente traçou alguns objetivos. Mas, eu trabalhava no olímpico e fui conhecendo o lado do desporto paralímpico, do desporto adaptado.*

D. Histórico pessoal da formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico

13. Como foi a sua formação em relação ao esporte paralímpico? *R: Eu tive na faculdade. Eu me lembro que eu tive adaptada. Na universidade que eu fiz a adaptada tinha sempre que organizar um evento para pessoas adaptadas. Isso eu lembro muito bem porque a gente trabalhou igual um camelo né. Mas eu lembro muito bem, eu tive adaptada na escola. Não me lembro se eu tive alguma coisa na minha parte de treinamento esportivo na minha especialização. Acho que eu não tive, é muito raro. Mas como eu falo, como eu trabalhei sempre com classe alta, trabalho com classe alta. A linha do meu treinamento é igual se fosse um atleta olímpico. Eu já tive, por exemplo, atletas olímpicos treinando com o André. O André Brasil este ano foi para Los Angeles treinar com o Thiago Pereira, um dos melhores atletas do mundo. A nossa linha não é muito de, ah ele é deficiente. Eu se se tivesse um classe baixa, a gente ia ter um processo com o classe baixa, mas o treinamento sempre visando o alto rendimento do atleta. Porque muita gente fala que não tem alto rendimento. Tem alto rendimento, tem alto rendimento. Então a nossa visão do treinador, e acho que todos os treinadores falaram, sempre a visão do alto rendimento, de tirar o máximo do atleta independente da sua deficiência. O Daniel tem uma deficiência, a Edenia tem outra deficiência, o Talisson tem outra deficiência, o André tem outra deficiência, o Mateus que é atleta do Rio ele tem outra deficiência. Mas todos têm um objetivo em comum que é o topo, uma pirâmide, a gente busca sempre buscar o topo, porque é um ganha-ganha, o CPB ganha, o treinador ganha e o atleta ganha e a sociedade ganha. A sociedade não está sabendo ganhar, mas ganha.*

E. Elementos da formação inicial em EF para atuação no desporto paralímpico

14. Em sua opinião qual a formação você considera ideal para atuar com esporte paralímpico? *R: Eu acho que a formação ideal para trabalhar com esporte paralímpico, teria que ter uma matéria acho que isso ligada ao comitê e o comitê dando um suporte. Porque quando eu fui trabalhar com o meu atleta*

paralímpico eu não sabia nada de classes: “ Pô, mas como disputa com o outro? ” Então você fica, então eu acho que teria que ter uma vivencia deste tipo, pô você quer ser treinador de atleta com deficiência, tinha que ter tipo uma matéria especifica nisso aqui. Eu acho que, tudo bem pô, a fisiologia é um pouco diferente e tudo, mas o corpo humano é igual, tem as deficiências, mas a gente trabalha semelhante o treinamento. Um treinamento de força, é um treinamento de potência, eles fazem. Só que se aumenta o tempo de esforço. O André faz 8 de 50 forte, se eu tenho um atleta de classe baixa eu não vou dar 8, mas eu vou dar 3, o tempo vai ser bem similar da série, o ganho vai ser bem similar. Então eu acho que para você numa área acadêmica, eu acho que precisaria ter trabalhos dentro até mesmo da adaptada, trabalhos dentro da adaptada que fosse falar sobre um pouco de fisiologia, um pouco sobre treinamento de força, um pouco sobre treinamento de força, dividir classes altas e classes baixas, tetra e para, amputado, entendeu? Para ter essa divisão. Não sei se o comitê, eu acho que até o comitê poderia dar um auxilio porque muita gente, e eu dou o exemplo do Rui, o Rui é essencial para seleção brasileira, mesmo não tendo atletas numa seleção brasileira. É quem mais tem o domínio, o contexto do desporto paralímpico é o Rui, dentro da comissão técnica da seleção, é o que tem mais experiência. Então eu acho que teria que ter algo assim, a cadeira de adaptada na universidade um contato maior com o comitê paralímpico, porque o professor da cadeira não tem tanto essa vivencia né. Então eu acho que poderia. E dentro da adaptada ter blocos, primeiro trimestre a gente vai trabalhar isso aqui: fisiologia, treinamento. No segundo trimestre trabalhar isso aqui. E dividir dentro da adaptada alguns conceitos para ter o trabalho. Eu lembro que dentro da universidade de adaptada de lesões de mergulho na cervical, paraplegia e tetraplegia. Eu entreguei o meu trabalho em espanhol para o professor e o professor aceitou, incrível. Até mesmo os professores não levavam a sério. E agora a gente está vivendo um momento do desporto paralímpico que acho que vai ajudar a todo mundo que tem deficiência a ter uma visão, eles não são pobrezinhos, eles não são, eles estão querendo uma oportunidade para trabalhar, uma oportunidade para ser integrado de novo numa sociedade. Então eu acho que isso, teria que ter tipo dentro da adaptada alguma coisa assim também de fisiologia, de filosofia, de

psicologia, entendeu? Para a pessoa, para o aluno trabalhar com essa pessoa, porque às vezes o que você fala para um não serve para o outro. O que eu falo para o André talvez não sirva para um classe baixa. Normalmente serve. Normalmente o papo que eu tenho com eles, é o papo que eu tenho com um classe baixa dentro de uma seleção brasileira, mas a gente está falando do mais alto nível de rendimento, a gente está falando de uma seleção brasileira que tem os melhores. Mas eu vejo que, eu acho que é mais nesse ponto eu acho do lado mais acadêmico de estar é trabalhando, mas não ter muito essa diferença do cara convencional para o cara que tem a deficiência. Porque eles se sentem meio assim entendeu? Então eu acho que, pô tem algumas restrições, tem e a gente sabe que tem, mas eu acho que tem que focar mais num trabalho num todo né, num trabalho geral, e eu acho que a gente até tem, eu acho que a gente até tem alguns casos específicos no caso dos cadeirantes tudo, o retorno venoso, um trabalho na perna dele, isso tem que ter uma diferença, mas eu acho que isso já é passado, eu acho que é mais um comitê que tem uma gana aí, gana de aumentar essa, o desporto, fomentar o desporto. E também fomentar a acessibilidade no país e estar mais junto das universidades, das faculdades para expandir as ideias. É impressionante o que eles fizeram no centro de treinamento aqui da imigrantes. E eu conheço bastante centros de treinamento e é impressionante o que tem. Eu acho que já teria que ter um projeto para trazer a sociedade para dentro do centro. A sociedade também, tem que estar junto.

F. Elementos de uma capacitação profissional para a construção de carreira no desporto paralímpico.

15. Qual a capacitação você considera ideal para trabalhar com esporte paralímpico? *R: Eu acho que até o comitê paralímpico está no caminho certo. A academia brasileira paralímpica está num caminho certo. Eu acho que precisa a primeira coisa, mais divulgação dentro das universidades para aquele cara que é formado ter um campo de trabalho. Às vezes a pessoa fala: “ Eu não quero trabalhar, porque eu vou ganhar pouco. ” Não, é um campo de trabalho igual aos outros. A nossa profissão, pô é muito difícil de a gente*

arrumar um técnico ou um treinador, ou um professor rico assim. Na nossa profissão a gente tem que trabalhar, entendeu? Tem que trabalhar. Então é um campo de trabalho que se abre e é uma oportunidade de você ver a vida de outro modo entendeu? Então eu acho que a capacitação teria que ter um marketing em cima disso e o comitê desenvolver esses cursos e ter uma pós-graduação, não sei se tem de adaptada? Eu acho que tem muito assunto para desenvolver uma pós-graduação de adaptada com um selo do comitê paralímpico brasileiro para fortalecer isso aí entendeu? Mesmo esse trabalho que é feito, por exemplo, no comitê, ser um pouco mais abrangente, por exemplo, eu estou falando de um curso que eu fiz de dois anos. Eu ficava quinze dias enfurnado no Rio de Janeiro no comitê olímpico brasileiro. Você faz, acho que no comitê você faz 3 dias. É muita informação para pouco tempo. Então muita você pega, muita coisa você não pega e muita coisa não é passada para você. Então formatar um curso num formato de curso melhor, e ter os melhores profissionais dando o curso. Porque é muito, eu vejo, não sei, posso até estar falando bobeira, mas eu vejo a coisa mais caseira. E como eu fiz cursos, pô eu fiz o curso de gestão, eu fiz o curso no COB, eu fiz outros cursos. É um negócio mais profissional. A gente precisa de melhores treinadores, mestres e doutores e treinadores dando o curso de treinamento e isso não acontece, isso eu tenho certeza. A gente esteve no curso olímpico, dois treinadores de fora, uma semana das 8 da manhã às seis da tarde, dando curso para a gente, trocando experiências com a gente, isso não acontece no comitê paralímpico entendeu? Eu não vejo o treinador do melhor nadador paralímpico do mundo dando um curso. Não é possível que a gente tem o melhor nadador do mundo e o treinador dele no Brasil, e ele não faz parte da academia brasileira paralímpica. Isso é inadmissível. Não é possível que ele não consiga. E ele nem precisa fazer parte, mas ele tem que quando chegar o alto rendimento, ele tem que ter um módulo, o que que ele faz com o Daniel Dias? Alguém sabe? Só ele sabe. A gente tem que ter um histórico do nadador. O que que o Felipe faz com o André Brasil? O que que o técnico da Joana está fazendo com a Joana que ganhou e foi a outra medalhista de ouro no último mundial? A gente precisa saber disso. E isso quem vai passar é o treinador. Então a gente precisa também ter essa vivência, a gente tem a teórica, mas a

gente tem que ter a prática. Se a gente conseguir ligar, e eu vejo o Marcos, eu conheço muito, eu fico com ele no quarto nas viagens, e ele tem a parte teórica e a parte prática. Ele anota tudo que acontece com o Daniel. Então eu acho que tem que ter essa oportunidade e aproveitar o que a gente tem de muito bom e de excelente no mundo. A gente tem dois atletas que estão entre os cinco melhores do mundo, entre os dez melhores do mundo. Então a gente tem que aproveitar esses treinadores desses atletas melhores do mundo para passar para essas pessoas que querem ter uma capacitação o que que é feito. Passar também o lado da pessoa que trabalha com deficiente e ver que ele pode ganhar dinheiro com isso também. Porque às vezes a pessoa não entra, porque: “Ah não vou ganhar dinheiro com isso.” Então passar, pô você consegue ganhar dinheiro. Se você se capacitar e tiver formação você vai começar. Porque o esporte de alto rendimento tem em qualquer lugar. Você chega num mundial olímpico e paralímpico, “ ah eu vim só participar”, ah não, não veio, principalmente no paralímpico. Você veio ganhar. E eu acho que é isso, eu acho que o comitê está numa linha certa, mas eu acho que tem que ser mais profissional. E eu no modo acadêmico de universidades, de faculdades, de universidades, a fazer uma, ou até mesmo com a chancela do comitê do comitê, uma pós-graduação, é o lato mesmo, porque é difícil fazer um mestrado, mestrado depende muito do tema que você escolhe. Acho que, porque acontecendo isso as pessoas vão começar a procurar mais. Até fazer mestrado, doutorado em cima do desporto paralímpico, do desporto adaptado. Eu acho que falta isso.

Em sua opinião é possível construir carreira no desporto paralímpico? Por que? *R: Sim. Porque eu acho que eu peguei uma fase muito boa, primeiro ponto. Eu acho que eu peguei uma fase muito boa do desporto. Acho que antigamente era muito difícil ter a remuneração que você tem hoje. Eu vejo os meninos do centro, o Leo, o Felipe e o Henrique saindo de grandes clubes. O Leo e o Henrique saíram do Corinthians, e o Felipe do Paineiras, então eles estavam empregados. Mas por uma proposta muito boa do comitê e vislumbrando o futuro, eles saíram e então isso acho que só engrandece o desporto, mas eu vejo que tem, tem oportunidades, tem muitas oportunidades agora entendeu? Para você trabalhar e você ser remunerado né. É, tanto numa*

base como num alto rendimento, eu acho que todo mundo que trabalha com esporte vislumbra ser, você pega uma seleção brasileira e um dia chegar na seleção brasileira. Nem todo mundo vai chegar a isso porque é uma pirâmide, são poucos os que chegam. E a gente está num, e os técnicos que você falou e eu, a gente está no topo da pirâmide, mas eu vejo sim que tem como ter uma carreira com o trabalho com deficientes né, e eu acho que quanto mais você é qualificado, você pode trazer novas ideias e conseqüentemente você pode ser melhor remunerado. O que não pode ter é, ele tem isso então ele vai fazer só isso, não. Vai pesquisar, vai estudar. No mundo a gente vê coisas extraordinárias, há acessibilidade normalmente nos lugares que a gente passa nos países de primeiro mundo. A gente pode construir isso aí, porque a gente tem eu não sei quantos por cento de deficientes no Brasil. A gente tem que parar de falar: “ Puta, coitadinho. ” Aqui na academia tem alunos deficientes que fazem musculação, que fazem tudo. Porque não ter alguém dentro da sala de musculação especializados para eles? Então tem que ter, tem que procurar e se você é especializado e você é especialista nisso, lógico que você vai ser bem remunerado. Então depende muito da gente, de querer e de ter esse conhecimento né, mas às vezes o cara não quer. É muito mais fácil ele pegar um aluno de personal, “ah não vou ganhar com aluno de personal, vou dar aquele trabalho de básico”, não, vai estudar. É como eu falei, é um campo de trabalho que se abre para o profissional de Educação Física, mas tem que estudar, mas se você, você está fazendo doutorado, você vai ganhar melhor na sua aula melhor que o mestrando, que o mestrado, que o mestre, porque? Porque você está se especializando, você está buscando conhecimento. É a mesma coisa. Se eu sou especialista no desporto adaptado, eu vou cobrar mais para trabalhar do que o outro que não é. Mas tem que ter esse conhecimento, tem que ter essa experiência. E nesse contexto eu acho que tem espaço para todo mundo. Falando até do centro de treinamento, vai precisar de profissional, é imenso aquilo. E vai abrir seleção para profissional, quem o comitê vai pegar? O cara especializado ou o cara não especializado? O cara especializado. ” Ah mas vai trabalhar com...”. Vai trabalhar com formação, vai trabalhar com rendimento, eu divido, formação, rendimento e alto rendimento e elite. E elite são poucos ali que a gente tem, mas o alto

rendimento tem bastante, o rendimento mais ainda entendeu? Então, mas o comitê vai procurar entendeu? Os melhores especializados, os melhores não especializados, mas vai especializar eles, porque a gente não tem e eu vejo na seleção, a gente não tem ninguém, talvez o Rui, mas ninguém especialista no desporto adaptado. Os meninos que estão agora no centro de referência não são. A formação deles é Educação Física. O Leo trabalhou com o André Brasil numa época da carreira dele. O Felipe trabalhava no mirim do Paineiras. O Henrique trabalhava no refis e na preparação física do Corinthians. O Hiro teve a irmã, e o Hiro é especialista em visuais, mas não trabalha, ele tem um restaurante. É impressionante, entendeu? O Marcão era aqui do pinheiros, trabalhava no pinheiros, aí foi para Bragança conheceu o Daniel e começou. A gente não tem, mas a gente pode fazer um trabalho de especialista nisso aí. Eu também não venho do desporto adaptado. Nunca pensei em trabalhar com desporto adaptado. E isso acontece na vida da pessoa. Então a gente vai buscando, a gente vai buscando, a gente estuda. Pô, como a Camile pode fazer a melhor saída? Na classe dela tem menina que tem as duas pernas. Nos 50 livre, pô, 40% está na saída. Então a menina vem buscando, vem buscando e acabou a prova. Então o que que a gente faz, a gente vai melhorar a saída da Camile, mas a gente vai jogar nos 400 livre. A saída ali não reflete no resultado. O que que a gente vai melhorar nela? UM trabalho de virada, um trabalho de submerso. É isso que é o legal do desporto. Então o mercado está aí aberto para tudo. Eu acho que tem vagas, O comitê vai estar precisando. Eu acho que tem treinador do olímpico que podem vir a agregar conhecimento no paralímpico, porque é muito mais fácil o cara estar no olímpico e vim parar no paralímpico. Ele vai ser melhor remunerado, infelizmente ainda no olímpico do que no paralímpico. Ele vai preferi trabalhar num clube, mesmo num clube pequeno do que numa associação. Isso é cultural. Então eu acho que isso a gente pode começar a mudar, entendeu?

G. Diferenças entre desporto olímpico e paralímpico na intervenção profissional

16. Em sua opinião o que você considera como principais diferenças na intervenção profissional entre o esporte paraolímpico e esporte convencional?

R: Existe. Vou dar alguns exemplos. Vou falar dos meus quatro atletas. André Brasil não existe. Mas já vou explicar o porquê. Ele treina com os melhores do mundo, é igual. O que ele perde um pouco é o trabalho de pernas, tal vez tenha que diferenciar o intervalo. Ele tem uma poliomielite na perna esquerda. A perna e o pé dele são menores, mas ele treina igual a um olímpico ou até melhor às vezes. Aí vem o sim, a diferença, Carlos e Leticia são visuais. Às vezes você tem que pegar no cara. Você tem que pegar no cara e falar: “Eu quero isso. Eu quero assim, eu quero assado.” Pô, eu quero a posição de streamline que é a posição de saída de borda de piscina com o braço esticado. Às vezes a sensação dele é com o braço flexionado, espreme a cabeça, não consegue. Para na borda e aí eu pego a mão dele e falo: “Eu quero isso Carlos. Eu quero isso Letícia.” A Letícia é nova e a Letícia tem muito gesto técnico errado. Então ela, eu falei assim para o Sami: “A gente vai ter muito trabalho. Porque a gente vai pegar mais, sentir mais.” E a Camile a diferença é que ela é amputada. A diferença são as séries de pernas, que são mais lentas. A saída de bloco tem que ajustar. Mesmo as séries de pernas, você tem que trabalhar o psicológico dela porque ela não gosta de fazer, entendeu? Você tem que dar uma motivada quando tem série de perna no treino, porque você sabe que ela não gosta de fazer, mas você tem que falar para ela: “Isso é importante.” Isso vai fazer ela provavelmente disputar um mundial, disputar paralímpiada, e isso vai fazer com que ela ganhe o Parapan. Então você tem que mostrar para ela qual é o ganho disso. E para atletas convencionais atletas olímpicos você não precisa. Você não precisa diferenciar um treino de um menino e de uma menina, talvez de volume. Na Camile, por exemplo, a gente diferencia, às vezes um volume de perna um pouco menor, um trabalho técnico de saída um pouco diferenciado, porque ela só tem só um pé lá no apoio, um trabalho de equilíbrio, tanto fora, como dentro da água, porque uma pessoa que é amputada a tendência é ela sempre compensar do outro lado. Então o trabalho técnico é diferenciado né. Mas é isso, são essas as diferenças.

Treinador: T_{13N}**A. Identificação pessoal – Dados Gerais**

1. Idade: 30 anos.
2. Você possui formação em ensino superior? (X) sim () não
3. Em qual curso você se graduou? Bacharelado (X) Licenciatura (X)?
4. Quanto tempo de formado? R: 8 anos. Ano de Conclusão: 2007 .
5. Possui pós-graduação? (X). Sim () Não; (X) Especialização; () Mestrado; () Doutorado; Ano de Conclusão:2010. R:5 anos.
6. Por gentileza, especifique para cada curso de pós a sua especialidade?
R: *Especialização em Fisiologia do Exercício.*

B. Identificação: ocupacional, tempo de carreira e participações em Jogos Paralímpicos (JP) – Caracterização da amostra

7. Qual é a sua situação profissional atual? R: *Eu não sou técnico permanente da seleção. Eu sou técnico convidado. É, eu fui convidado para o pan desse ano, para o mundial agora Quito. Para um outro internacional que teve no começo do ano e a semana de treinamento da seleção de jovens, mas eu sou exclusivo do paralímpico aqui da equipe de Indaiatuba. Não trabalho com convencional, só trabalho com a equipe de alto rendimento paradesportivo.*
8. A quanto tempo atua com esporte paralímpico? R:9 anos.
9. Quantas participações em Jogos Paralímpicos? R: Rio/2016.
10. Em qual ou quais?

C. Início de carreira no desporto paralímpico

11. Como se deu o seu ingresso no desporto paralímpico? R: *Em 2006 quando eu ainda era atleta houve o convite para começar o projeto aqui em virtude da necessidade da cidade por conta dos jogos regionais e abertos, e aí eu comecei a fazer o trabalho com um atleta. E hoje eu comando uma galera de 37.*

D. Histórico pessoal da formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico

12. Como foi a sua formação em relação ao esporte paralímpico? R: *Eu tive esporte paradesportivo mais relacionado com atividade física adaptada. Eu me formei*

em Itu, mas eu comecei o trabalho, a faculdade lá em Maceió que eu sou de lá. Estagiei e fiz um projeto piloto num hospital psiquiátrico durante seis meses. Trabalhei numa escola só de Down e salvo o projeto piloto que a gente fez na cadeira de psicologia do esporte é, as outras disciplinas apenas deram umas pinceladas sobre o esporte adaptado nada profundo.

E. Elementos da formação inicial em EF para atuação no desporto paralímpico

- 13.** Em sua opinião qual a formação você considera ideal para atuar com esporte paralímpico? *R: Em se tratando de esporte de alta performance eu acho que não tinha que ser separado não, porque quanto mais separado você trata o esporte paradesportivo menos resultado você tem. Então eu tratando de esporte de alto rendimento eu acho desnecessário você ter uma separação, porque o treinamento é igual para todos. Logicamente que existe algumas exceções né. Trabalhar com lesado medular que você tem pontuações que você precisa realizar no seu macrociclo de treinamento em relação à diferença de centro de gravidade. É, você pega um paralisado cerebral que ele tem que uma parte de desenvolvimento proprioceptivo, de conseguir ter um ganho num lado que não é acometido, ainda mais com a, o desequilíbrio que vai ser gerado, vai tendo um desenvolvimento muito maior. Aí eu acho que não precisa tanta separação assim não. Você vai para o alto rendimento e você vem para a parte de, da parte de inclusão, aí você tem que pegar uma aula de educação física escolar, uma aula numa escolinha de esportes, você tem que fazer uma aula adaptada para fazer mexer com todos e sem segregar né. Aí são duas vertentes diferentes e tem que ser tratado de maneira diferente.*

F. Elementos de uma capacitação profissional para a construção de carreira no desporto paralímpico.

- 14.** Qual a capacitação você considera ideal para trabalhar com esporte paralímpico? *R: Vai fazer uma especialização em fisiologia, vai fazer uma especialização em biomecânica, vai fazer uma especialização em treinamento desportivo. Não tem algo específico para o paradesporto. Acho desnecessário. Acho que você vai entender o que precisa ser feito com seu atleta, cargas,*

tempo de descanso, vai fuçar isso aí porque é o que precisa. Não precisa procurar cabelo em ovo. Você tem de entender de treinamento desportivo e fisiologia para poder aplicar um treinamento mais eficiente para o seu comandado.

15. Em sua opinião é possível construir carreira no desporto paralímpico? Por que?

R: Hoje eu tenho uma alegria de analisar é, os nossos companheiros técnicos de outras equipes e ver que, qualquer técnico desses que está trabalhando como head Coach da sua equipe ou qualquer técnico, por exemplo, que foi para o pan e isso é motivo do seu contato comigo, ele já dirigiu uma equipe de convencional ou teria espaço em qualquer equipe de natação convencional. O próprio head Coach da seleção veio do Corinthians, já trabalhou no Pinheiros. Hoje o técnico que trabalha com o André também trabalha com outros atletas convencionais. O técnico do Daniel já foi técnico do Pinheiros. Então eu vou, hoje a possibilidade profissional no esporte paradesportivo ela é tão boa quanto no esporte convencional, desde que você mostre resultados e evolução com os seus atletas né. Então antigamente você tinha os profissionais trabalhando no paradesporto por não ter espaço no esporte convencional. Era um tapa buraco e não era uma escolha. Hoje você tem muitos profissionais que estão no paradesporto por escolha. “ Eu quero trabalhar, eu quero fazer isso como atividade profissional. ” E a partir do momento que você tem essa possibilidade você começa a ter reconhecimento porque você começa a mostrar o valor do seu trabalho. E você mostrando o valor do seu trabalho você consegue se solidificar na profissão.

G. Diferenças entre desporto olímpico e paralímpico na intervenção profissional

16. Em sua opinião o que você considera como principais diferenças na intervenção profissional entre o esporte paraolímpico e esporte convencional?

R: Eu não julgo como diferenças, eu julgo como algumas adaptações. Então, se você for trabalhar com o atleta que é classe alta, uma pessoa que tem uma deficiência, S12, S13, que são visuais e que é baixa visão e visão subnormal. Você trabalhar com atletas S9, S8, S10 que são atletas de classe mais alta não

tem tantas adaptações assim. Pegando um atleta mais baixo, um lesado medular, você tem algumas coisas relacionadas à própria saúde do atleta né. Então são coisas que você precisa saber lidar, na incidência de infecção urinário, por exemplo, nos lesados medulares que necessitam passar sonda, que mais? Você precisa adaptar uma série para um cara que não tem um membro. Colocar um palmar no lado que só tem um pedaço do braço, no coto que a gente chama né. Então a hora que você precisa colocar no seu programa de treinamento, você precisa pensar um pouco em relação a isso, mas o trabalho que a gente faz aqui com preparação física, trabalho com biomecânico, trabalho com nutricionista, eu trabalho com a parte de preparação mental. Os profissionais trabalham não tratando esporte convencional e paradesportivo e sim tratando com atleta de alto rendimento. Então quando você necessita, quando você puxa para a vertente da natação competitiva ela é uma linha bem próxima da linha da natação competitiva convencional. Então na hora de você realizar algumas atividades, algumas intervenções necessitam de pequenas intervenções, mas não uma intervenção totalmente diferente do que seria realizado no esporte convencional.

Treinador: T_{13N}**A. Identificação pessoal – Dados Gerais**

1. Idade: 30 anos.
2. Você possui formação em ensino superior? (X) sim () não
3. Em qual curso você se graduou? Bacharelado (X) Licenciatura (X)?
4. Quanto tempo de formado? R: 8 anos. Ano de Conclusão: 2007 .
5. Possui pós-graduação? (X). Sim () Não; (X) Especialização; () Mestrado; () Doutorado; Ano de Conclusão:2010. R:5 anos.
6. Por gentileza, especifique para cada curso de pós a sua especialidade?
R: *Especialização em Fisiologia do Exercício.*

B. Identificação: ocupacional, tempo de carreira e participações em Jogos Paralímpicos (JP) – Caracterização da amostra

7. Qual é a sua situação profissional atual? R: *Eu não sou técnico permanente da seleção. Eu sou técnico convidado. É, eu fui convidado para o pan desse ano, para o mundial agora Quito. Para um outro internacional que teve no começo do ano e a semana de treinamento da seleção de jovens, mas eu sou exclusivo do paralímpico aqui da equipe de Indaiatuba. Não trabalho com convencional, só trabalho com a equipe de alto rendimento paradesportivo.*
8. A quanto tempo atua com esporte paralímpico? R:9 anos.
9. Quantas participações em Jogos Paralímpicos? R: Rio/2016.
10. Em qual ou quais?

C. Início de carreira no desporto paralímpico

11. Como se deu o seu ingresso no desporto paralímpico? R: *Em 2006 quando eu ainda era atleta houve o convite para começar o projeto aqui em virtude da necessidade da cidade por conta dos jogos regionais e abertos, e aí eu comecei a fazer o trabalho com um atleta. E hoje eu comando uma galera de 37.*

D. Histórico pessoal da formação inicial em EF em relação ao desporto paralímpico

12. Como foi a sua formação em relação ao esporte paralímpico? R: *Eu tive esporte paradesportivo mais relacionado com atividade física adaptada. Eu me formei*

em Itu, mas eu comecei o trabalho, a faculdade lá em Maceió que eu sou de lá. Estagiei e fiz um projeto piloto num hospital psiquiátrico durante seis meses. Trabalhei numa escola só de Down e salvo o projeto piloto que a gente fez na cadeira de psicologia do esporte é, as outras disciplinas apenas deram umas pinceladas sobre o esporte adaptado nada profundo.

E. Elementos da formação inicial em EF para atuação no desporto paralímpico

- 13.** Em sua opinião qual a formação você considera ideal para atuar com esporte paralímpico? *R: Em se tratando de esporte de alta performance eu acho que não tinha que ser separado não, porque quanto mais separado você trata o esporte paradesportivo menos resultado você tem. Então eu tratando de esporte de alto rendimento eu acho desnecessário você ter uma separação, porque o treinamento é igual para todos. Logicamente que existe algumas exceções né. Trabalhar com lesado medular que você tem pontuações que você precisa realizar no seu macrociclo de treinamento em relação à diferença de centro de gravidade. É, você pega um paralisado cerebral que ele tem que uma parte de desenvolvimento proprioceptivo, de conseguir ter um ganho num lado que não é acometido, ainda mais com a, o desequilíbrio que vai ser gerado, vai tendo um desenvolvimento muito maior. Aí eu acho que não precisa tanta separação assim não. Você vai para o alto rendimento e você vem para a parte de, da parte de inclusão, aí você tem que pegar uma aula de educação física escolar, uma aula numa escolinha de esportes, você tem que fazer uma aula adaptada para fazer mexer com todos e sem segregar né. Aí são duas vertentes diferentes e tem que ser tratado de maneira diferente.*

F. Elementos de uma capacitação profissional para a construção de carreira no desporto paralímpico.

- 14.** Qual a capacitação você considera ideal para trabalhar com esporte paralímpico? *R: Vai fazer uma especialização em fisiologia, vai fazer uma especialização em biomecânica, vai fazer uma especialização em treinamento desportivo. Não tem algo específico para o paradesporto. Acho desnecessário. Acho que você vai entender o que precisa ser feito com seu atleta, cargas,*

tempo de descanso, vai fuçar isso aí porque é o que precisa. Não precisa procurar cabelo em ovo. Você tem de entender de treinamento desportivo e fisiologia para poder aplicar um treinamento mais eficiente para o seu comandado.

15. Em sua opinião é possível construir carreira no desporto paralímpico? Por que?

R: Hoje eu tenho uma alegria de analisar é, os nossos companheiros técnicos de outras equipes e ver que, qualquer técnico desses que está trabalhando como head Coach da sua equipe ou qualquer técnico, por exemplo, que foi para o pan e isso é motivo do seu contato comigo, ele já dirigiu uma equipe de convencional ou teria espaço em qualquer equipe de natação convencional. O próprio head Coach da seleção veio do Corinthians, já trabalhou no Pinheiros. Hoje o técnico que trabalha com o André também trabalha com outros atletas convencionais. O técnico do Daniel já foi técnico do Pinheiros. Então eu vou, hoje a possibilidade profissional no esporte paradesportivo ela é tão boa quanto no esporte convencional, desde que você mostre resultados e evolução com os seus atletas né. Então antigamente você tinha os profissionais trabalhando no paradesporto por não ter espaço no esporte convencional. Era um tapa buraco e não era uma escolha. Hoje você tem muitos profissionais que estão no paradesporto por escolha. “ Eu quero trabalhar, eu quero fazer isso como atividade profissional. ” E a partir do momento que você tem essa possibilidade você começa a ter reconhecimento porque você começa a mostrar o valor do “seu trabalho. E você mostrando o valor do seu trabalho você consegue se solidificar na profissão.

G. Diferenças entre desporto olímpico e paralímpico na intervenção profissional

16. Em sua opinião o que você considera como principais diferenças na intervenção profissional entre o esporte paraolímpico e esporte convencional?

R: Eu não julgo como diferenças, eu julgo como algumas adaptações. Então, se você for trabalhar com o atleta que é classe alta, uma pessoa que tem uma deficiência, S12, S13, que são visuais e que é baixa visão e visão subnormal. Você trabalhar com atletas S9, S8, S10 que são atletas de classe mais alta não tem tantas adaptações assim. Pegando um atleta mais baixo, um lesado

medular, você tem algumas coisas relacionadas à própria saúde do atleta né. Então são coisas que você precisa saber lidar, na incidência de infecção urinário, por exemplo, nos lesados medulares que necessitam passar sonda, que mais? Você precisa adaptar uma série para um cara que não tem um membro. Colocar um palmar no lado que só tem um pedaço do braço, no coto que a gente chama né. Então a hora que você precisa colocar no seu programa de treinamento, você precisa pensar um pouco em relação a isso, mas o trabalho que a gente faz aqui com preparação física, trabalho com biomecânico, trabalho com nutricionista, eu trabalho com a parte de preparação mental. Os profissionais trabalham não tratando esporte convencional e paradesportivo e sim tratando com atleta de alto rendimento. Então quando você necessita, quando você puxa para a vertente da natação competitiva ela é uma linha bem próxima da linha da natação competitiva convencional. Então na hora de você realizar algumas atividades, algumas intervenções necessitam de pequenas intervenções, mas não uma intervenção totalmente diferente do que seria realizado no esporte convencional.

Treinador: T_{14N}**A. Identificação pessoal – Dados Gerais**

1. Idade: 28 anos.
2. Você possui formação em ensino superior? (X) sim () não
3. Em qual curso você se graduou? Bacharelado (X) Licenciatura (X)?
4. Quanto tempo de formado? R: 7 anos. Ano de Conclusão: 2008 .
5. Possui pós-graduação? (X). Sim () Não; () Especialização; (X) Mestrado; () Doutorado; Ano de Conclusão:2014. R:1 ano.
6. Por gentileza, especifique para cada curso de pós a sua especialidade? R: *Ciências da saúde.*

B. Identificação: ocupacional, tempo de carreira e participações em Jogos Paralímpicos (JP) – Caracterização da amostra.

7. Qual é a sua situação profissional atual? R: *Eu sou técnico do CPB contratado em regime CLT, mas eu também sou contratado pelo PRAIA CLUBE. Técnico da equipe paralímpica de natação do PRAIA CLUBE aqui de Uberlândia.*
8. A quanto tempo atua com esporte paralímpico? R:8 anos.
9. Quantas participações em Jogos Paralímpicos? R: *Rio/2016.*
10. Em qual ou quais?

C. Início de carreira no desporto paralímpico

11. Como se deu o seu ingresso no desporto paralímpico? R: *Eu participava de um projeto pela faculdade de Educação Física que era um projeto de atendimento a pessoas com deficiência. E aí eu fui convidado para direcionar o trabalho da equipe paralímpica de Uberlândia. E aí eu fiquei até o final de 2008 lá, como técnico da equipe paralímpica de Uberlândia. Depois eu fui contratado pelo PRAIA. No outro ano eu fui contratado pelo PRAIA. Aí depois eu fui contratado pelo PRAIA e aí depois eu fui convocado para participar de alguns eventos pela seleção em 2011, e em 2013 fui contratado pelo CPB.*

D. Histórico pessoal da formação inicial em EF em relação ao esporte paralímpico

12. Como foi a sua formação em relação ao esporte paralímpico? *R: Eu acredito que a Faculdade de Educação da UFU ela é muito diferente das demais, porque ela tem matérias específicas para o paradesporto. Então eu tive bastante orientação para trabalhar com a pessoa com deficiência desde o início da minha formação. E acho que facilitou bastante eu querer trabalhar com a área né, porque eu sempre tive contato. Então vários estágios que a gente fez era com pessoas com deficiência, por conta desse projeto que tinha na faculdade.*

E. Elementos da formação inicial em EF para atuação no esporte paralímpico

13. Em sua opinião qual a formação você considera ideal para atuar com esporte paralímpico? *R: Olha o ideal é que a gente tenha muita prática, porque na teoria é muito geral demais você falar da pessoa com deficiência, mas na prática é muito diferente, por exemplo, se você tem dois atletas, dois alunos seus, os dois são lesados medulares e às vezes eles são lesados medulares do mesmo nível, a lesão no mesmo nível, mas eles se comportam completamente diferentes em todos os meios né, porque leva muito do histórico do paciente, se ele já foi atleta, se ele não foi né, que tipo de acometimento que teve a deficiência, se foi congênita ou se foi adquirida. Então eu acho que a prática leva muito a gente para adquirir o feeling para trabalhar com eles. Porque eu acho que a gente fica muito preso na teoria né. E eu acho que a gente se prende muito na teoria porque não tem professor capacitado para instruir o aluno. Então na faculdade, por exemplo, eu tinha muitos professores, mas eu vejo que os outros professores que trabalham no paradesporto, as pessoas que trabalhavam com eles nem sempre tinham a capacidade de ensinar realmente o que que é necessário para trabalhar com a pessoa com deficiência.*

F. Elementos de uma capacitação profissional para a construção de carreira no esporte paralímpico.

17. Qual a capacitação você considera ideal para trabalhar com esporte paralímpico? *R: Olha eu também acredito que seja bem na linha que eu falei*

em relação à universidade. Eu acho que, eu acho que nesse curso de capacitação a gente tem muito pouco de prática né. E eu acho que é um curso prático. Porque na teoria todo mundo estuda na faculdade. Eu acho que na hora que você vê o deficiente, que você se enbana no que você precisa fazer com ele. Então eu acho que deveria ser mais prático e não tanto teórico.

18. Em sua opinião é possível construir carreira no desporto paralímpico? Por que?

R: Eu acredito que sim, eu acho que o esporte paralímpico está desenvolvendo cada dia mais e está tendo um crescente muito grande. E por mais que eles tentem comparar o esporte paralímpico com o convencional e às vezes falar que a gente só aparece de quatro em quatro anos, eu acho que o comparativo para a gente é ainda muito positivo porque o resultado é muito positivo. Então mesmo que na mídia apareça de quatro em quatro anos a gente tem uma aparição muito positiva né. E eu vejo muito as pessoas querendo se capacitar para trabalhar com o esporte paralímpico, porque teoricamente não é tão fácil trabalhar assim com a pessoa com deficiência né, então você não tem tantas pessoas querendo trabalhar, mas hoje eu vejo uma mudança de paradigma em relação a isso. Eu vejo as pessoas mais atentas a isso, principalmente na questão do investimento, que o esporte paralímpico está tendo um investimento muito grande. Então a carreira do profissional que trabalha com o esporte paralímpico pode mudar para melhor. Então as pessoas, os profissionais estão se atentando a esse fato, e querem começar a trabalhar com paradesporto.

G. Diferenças entre desporto olímpico e paralímpico na intervenção profissional

19. Em sua opinião o que você considera como principais diferenças na intervenção profissional entre o esporte paraolímpico e esporte convencional?

R: Olha, eu acredito que tem sim. E eu acho que a maior diferença que existe, é em relação ao tratamento com as pessoas com deficiência, e as referências que eles fazem né. Por exemplo, eu já trabalhei com o esporte convencional, e eu vejo que a grande diferença é que os atletas paralímpicos, eles não veem a gente somente como treinadores né. Eles enxergam na gente uma figura mais paternalista. Então isso é uma coisa que às vezes atrapalha um pouco o trabalho. As referências deles em relação à gente não são só de técnico, é

muito de pai, às vezes mãe. Então eu acho que é uma coisa que é muito diferente. A necessidade de atenção deles também é muito maior né. Eles são muito egoístas, porque eles querem a atenção da gente, toda para eles. Acho que essas são as maiores diferenças. E em questão de treinamento em si eu acho que não tem diferença. Tem diferença das adaptações que a gente faz em relação às deficiências, mas as bases fisiológicas que a gente utiliza para trabalhar com a pessoa com deficiência é a mesma da pessoa convencional.